

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Maristela Sousa e Freitas

**O processo de identidade de jovens que passaram por acolhimento
institucional**

Mestrado em Psicologia Social

São Paulo

2018

Maristela Sousa e Freitas

O processo de identidade de jovens que passaram por acolhimento
institucional

Mestrado em Psicologia Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação do Professor Doutor Antônio da Costa Ciampa.

São Paulo

2018

Banca Examinadora

CONDIÇÃO DE BOLSISTA

PROGRAMA CNPq: PROSUP/Bolsas

NÚMERO DO PROCESSO: 130.260/2017-7

TIPO DE PROCESSO: Bolsa país

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Adentrar no mestrado em Psicologia Social foi uma experiência muito instigante e desafiadora, sobretudo porque venho de uma formação acadêmica distinta da psicologia, tendo como graduação o bacharelado em música e a especialização em musicoterapia. Embora tenha o pé na psicologia com a especialização, os conteúdos observados desde os primeiros encontros neste lugar foram novos para mim.

Fui percebendo, no trajeto entre as várias disciplinas, que dissertar academicamente exigia desta que escreve muito mais empenho e cuidado do que inicialmente havia pensado. Foram vários degraus subindo e muitos descendo para buscar o que faltava até chegar a este texto que agora você tem em mãos, cuidando de não me perder nas palavras, fundamentações teóricas e epistemológicas que se fazem necessárias a uma boa condução na arte de escrever, sobretudo, academicamente.

Assuntos novos exigiam empenho e dedicação... muitas descobertas. Todavia, tenho certeza que há muito ainda a apreender e desvelar. Percebi que este é um processo que demanda tempo de maturação para cada leitura, cada conceito, desta tão rica concepção teórica. As disciplinas, as conversas nos corredores da universidade com os meus pares, professores, com os colaboradores do núcleo de pesquisa me fizeram reformular algumas vezes o próprio projeto. Tenho certeza que lá na frente olharei para este texto e direi: *poderia ter sido melhor*, mas isso também faz parte.

Tenho muito a agradecer. Foram tantas as contribuições que tenho receio de me esquecer de alguém que fez parte deste caminho. Em primeiro lugar, meu agradecimento especial a Deus por me permitir estar neste espaço de tantos aprendizados, por colocar ao meu lado tantos colaboradores que me fizeram crescer muito, não só no conhecimento, mas, sobretudo, como pessoa nas relações que estabeleci, nas metamorfoses que foram muitas e que com certeza posso afirmar “termino esta etapa muito diferente de como iniciei”.

Meu profundo agradecimento ao prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa, meu orientador que nos presenteia com a “Estória de Severino e a História de Severina” ao qual é fonte de inspiração para conhecermos o Sintagma-identidade-metamorfose-emancipação. E que, com sabedoria, ao apresentar

outros tantos exemplos das muitas histórias narradas por seus orientandos, faz-nos ampliar nossos conhecimentos, olhares e reflexões acerca da identidade.

Minha profunda gratidão à Profa. Dra. Cecília Pescatore Alves ao qual tive o privilégio de tê-la como coorientadora. Suas orientações me permitiram descobrir o caminho, caminhando.

Não posso deixar de agradecer aos órgãos de fomento representados pela CAPES e CNPq dos quais fui bolsista durante o período de mestrado, e que com certeza sem este apoio, não o teria concluído.

Agradeço muito à minha parceira do TCC Neusa de Oliveira, assistente social, que se tornou uma grande amiga de percurso. Ela me introduziu no âmbito social, muito aprendi com ela e continuo aprendendo até hoje. Seu apoio e ajuda para que eu ingressasse no mestrado foi importantíssimo, o qual me permitiu que hoje eu esteja aqui escrevendo essa dissertação.

Meu agradecimento especial à grande amiga Ana Paula Cascarani que colaborou, e muito, revendo meu pré-projeto para pleitear uma bolsa, orientando-me na organização das ideias, meu muitíssimo obrigado.

A minha amiga, xará e ex-professora da musicoterapia, a qual viramos companheiras no núcleo, Maristela Smith, suas contribuições e dicas para meu ingresso no mestrado foram fundamentais.

A minha família, em especial ao meu filho Rafael, que precisou exercitar a paciência ao ter que conviver com a minha divisão no tempo de atenção para com a família e com as pesquisas, leituras e dedicação à escrita necessária a elaboração desta dissertação.

Não posso deixar de mencionar o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade Metamorfose (NEPIM), lugar este de ricos aprendizados e “metamorfoses”. Muito obrigada à Mariana Serafim, Pricilla Gunutzmann, Débora Laís Oliveira, Marcelo Alves dos Santos, pelas contribuições nas reflexões.

Meu profundo agradecimento ao Prof. Dr. Juracy de Almeida com suas ricas contribuições ao compartilhar profundos conhecimentos conosco, do qual tenha a certeza, produziram grandes metamorfoses nesta que aqui escreve.

Meu agradecimento à Laís Claro Oliveira, minha parceira de núcleo, pelas trocas e debates nas várias disciplinas que realizamos juntas. Meu agradecimento particular à Diane Portugueis e à Suélen Cristina de Miranda, que se colocaram sempre disponíveis a esclarecer minhas dúvidas, ajudar na

compreensão das fundamentações teóricas, assim como um bom ouvido para compartilharmos nossas angustias, incertezas do caminho solitário da escrita acadêmica e nos fortalecermos nas/pelas relações. Não posso deixar de mencionar Vinicius Furlan, Thalita Catarina Poker, Nathali Estevez Grillo e Natache K. C. Oliveira pelas trocas, nos temas em comum, dos acolhimentos institucionais, instituição total e criança/adolescente.

Meu agradecimento a todos os professores que tive o privilégio de conhecer e assimilar seus conhecimentos, nas distintas disciplinas, seja no programa de Psicologia Social, seja nos outros programas (Comunicação e Semiótica e Ciências Sociais) dos quais participei dentro da pós-graduação da PUC-SP.

Agradeço as muitas contribuições, trocas e aprendizados de vários colegas de outros núcleos de pesquisa da universidade. Vocês podem ter a certeza que foram muito importantes neste meu processo de metamorfose enquanto pós-graduanda.

À Marlene Camargo por ajudar a cuidar dos processos burocráticos, tornando-os menos complicados e à Cibele Bitencourt pela disponibilidade e sua rica contribuição, meu carinho especial.

Meu agradecimento particular à Profa. Nilma Renildes da Silva pelas significativas sugestões no exame de qualificação.

Ao Artur Daniel Ramos Modolo pela revisão cuidadosa do texto.

Não poderia encerrar estes agradecimentos sem mencionar as narradoras das histórias de vida que contribuíram para que fosse possível esta dissertação.

Agradeço à Rosilda, mediadora das relações estabelecidas com as participantes da pesquisa de campo. A todas vocês que gentilmente contribuíram narrando suas histórias de vida e que tornaram possível a realização desta dissertação. Suas histórias narradas contribuíram, não só para este estudo, como me enriqueceram muito como pessoa. **MUITO OBRIGADA!!!!**

Desejo de coração que a produção deste conhecimento sirva de apoio a tantos outros pesquisadores deste tema, bem como de abertura para a criação de mais políticas públicas que contribuam favoravelmente aos maiores interessados neste processo: crianças e adolescentes que vivenciam as realidades dos acolhimentos institucionais.

“Sempre há quem enfrente alguém, mesmo sendo mais forte, mais alto, mais violento; recusando viver o que não merece ser vivido; procurando viver o que merece ser vivido”.

(Antonio da Costa Ciampa)

RESUMO

FREITAS, Maristela Sousa e. **O Processo de identidade de jovens que passaram por acolhimento institucional.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2018

Este estudo buscou investigar o processo identitário de jovens que passaram pelo acolhimento institucional em alguma fase de suas vidas. Ao apreender os sentidos revelados, trouxemos o quanto ser institucionalizado impede movimentos de metamorfose em direção à emancipação e quais outras possibilidades de caráter emancipatório, ao entorno destes jovens, permitem se constituírem diferentes e se autodeterminarem vencendo as adversidades. Partimos do empírico, por meio das narrativas de história de vida e do materialismo histórico dialético, como método para tornar visível um grupo social. De todas as histórias ouvidas que contextualizaram esse trabalho, escolhemos uma delas para fazer um estudo do processo identitário. O arcabouço teórico está sustentado pelo sintagma-identidade-metamorfose-emancipação de Ciampa (1987; 2011), além de outros autores, Goffman (1961), Habermas (1987), Berger e Luckmann (2014) e outros que trouxeram contribuições alinhadas à Psicologia Social Crítica. Da análise de uma das histórias com características emancipatórias, a história de Sofia revelou-nos que as categorias atividade e emancipação são o foco deste estudo. A história de Sofia possibilitou compreender que em sua narrativa ocorreram várias dificuldades que produziram o processo de *mesmice* durante muito tempo. A *mesmice* foi vencida apenas quando Sofia começou a ser escutada e reconhecida pelos outros, em seus direitos. Ao desempenhar suas atividades e se ver reconhecida, a narradora foi se modificando, permitindo metamorfoses com sentidos emancipatórios. Ao ser reunido em seu entorno, as possibilidades de ser amada e querida por uma família, Sofia chegou a uma qualidade na metamorfose indicada como *mesmidade*, a integração do pensar/fazer. A singularidade da história de Sofia, representando o universal, revelou que metamorfoses com fragmentos emancipatórios são possíveis se houver possibilidades no entorno do sujeito.

Palavras-chave: identidade; metamorfose; fragmentos emancipatórios; atividade; reconhecimento.

ABSTRACT

FREITAS, Maristela Sousa e. **The Process of identity in young people who have been institutionalized** (Dissertation) Masters in Social Psychology – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2018.

This study aims to investigate the identity process of young people who have been institutionalized in some period of their lives. By apprehending the meanings which were disclosed, we highlight how much being institutionalized hinders metamorphosis movements toward emancipation and which other emancipatory possibilities, around these young people, allow them to constitute and self-determine themselves overcoming the adversities. We stem from the empirical experience, using life trajectory narratives, and historical materialism as method to make a social group visible. From all histories heard which contextualized this work, we chose one to conduct a study on the identity process. The theoretical framework is sustained by the sintagma identity-metamorphosis-emancipation of Ciampa ([1987] 2011), besides other authors such as Goffman (1961), Habermas (1987), Berger and Luckmann (2014) and others who brought contributions aligned to the Critical Social Psychology. In the analysis of one of the histories with emancipatory characteristics, Sofia's revealed that emancipation and activity are the focus of this study. Sofia's story made possible to understand that in her narrative, there were many difficulties which produced the process of sameness for a long time. Sameness was only overcome when Sofia began to be heard and recognized by others in her rights. By performing her activities and being recognized, the narrator kept modifying herself, allowing metamorphosis with emancipatory direction. When gathered the possibilities around her, of being loved and cherished by a family, Sofia came to a quality in the metamorphosis indicated as *mesmidade*, the integration of thinking/doing. The singularity of Sofia's history, representing the universal, revealed that metamorphosis with emancipatory fragments are possible if there are possibilities around the individual.

Keywords: identity; metamorphosis; emancipatory fragments, activity; recognition.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. Procedimentos para a elaboração e apresentação da dissertação.....	18
2. ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL.....	24
2.1. Dados históricos do acolhimento de crianças no Brasil.....	24
3. A HISTÓRIA DE SOFIA.....	43
3.1. Infância com mãe protetora e irmãos.....	43
3.2. Sofia “filha abandonada”.....	51
3.3. A personagem abandonada-escrava que dá espaço à personagem acolhida.....	70
3.4. A personagem acolhida já é capaz de proteger o irmão.....	79
3.5. A personagem acolhida, ao proteger o irmão, percebe que não pode e sofre novo abandono.....	82
3.6. A personagem acolhida repõe a abandonada ao ser encaminhada para o serviço de acolhimento institucional.....	86
3.7. A personagem abandonada que reage denunciando a violência sofrida revela que se transformou e relata novas questões de sua história.....	102
3.8. A personagem abandonada que reage denunciando a violência adquire a característica de órfã.....	105
3.9. A personagem órfã que retorna à casa da avó.....	106
3.10. A personagem órfã repõe a abandonada ao ser encaminhada à uma instituição total, confirmando o círculo de má-infinidade.....	110
3.11. Sofia-abandonada-órfã já começa a fazer as suas escolhas e se recusar a determinadas tarefas.....	117
3.12. A personagem abandonada se manifesta, agora como abandonada-revoltada.....	128

3.13. A abandonada-revoltada que vai dando lugar a Sofia-reflexiva capaz de julgar segundo sua consciência.....	133
3.14. A personagem adolescente que retorna à casa da avó, contudo, ainda é Sofia-abandonada.....	140
3.15. A Sofia-abandonada que ao ser encaminhada ao acolhimento descobre outro tipo de instituição e passa a gostar de ser acolhida.....	141
3.16. A personagem abandonada vai se permitindo ser a Sofia-acolhida-institucionalmente que pode aprontar como adolescente.....	145
3.17. A Sofia-acolhida-institucionalmente se vê obrigada a competir com o irmão, por um emprego.....	148
3.18. A personagem acolhida, que se permite questionar e refletir começa a pensar no futuro, ao ingressar no mercado de trabalho.....	153
3.19. Sofia-adolescente descobre que é possível sonhar com o futuro profissional e vai se descobrindo na atividade que realiza.....	156
3.20. A Sofia-que-gostou-de-ser-acolhida vê seus sonhos de futuro ameaçados por ser obrigada a sair do acolhimento.....	160
3.21. Diante das incertezas do futuro, surge a personagem trabalhadora na luta para manter o sonho.....	161
3.22. A trabalhadora que adquire poder de compra e de ir e vir.....	164
3.23. A personagem acolhida institucionalmente, trabalhadora, teme a proximidade de ser “desabrigada”.....	168
3.24. A adolescente institucionalizada apresenta críticas à condição do estigmatizado.....	170

3.25. A saída do acolhimento institucional faz surgir a personagem “Sofia-mulher”.....	172
3.26. A Sofia que outrora foi a “abandonada”, hoje começa a vislumbrar outras possibilidades ao ser recebida com carinho por uma família.....	179
3.27. A personagem abandonada vai se transformando na acolhida-em-casa-de-família, o que lhe permite tornar-se a filha-de-família que sempre quis ser.....	180
3.28. A Sofia-acolhida-em-casa-de-família descobre que não existe a família perfeita que ela sempre idealizou desde a infância o que a faz rever sua história.....	183
3.29. A Sofia de hoje, percebe que não mais se manifesta enquanto personagem acolhida-em-casa-de-família e tão pouco repõe a Sofia abandonada, porque esta foi superada.....	185
3.30. A Sofia de hoje nega todas as determinações que lhe foram dadas e passa a ser representante-de-si-mesma, com a Sofia-mulher que adquiriu autonomia de ser-para-si.....	190
3.31. A Sofia mulher que adquiriu autonomia de ser-para-si descobre que pode estudar e resolve entrar na faculdade. Surge a personagem universitária.....	191
3.32. A personagem universitária que consegue falar do passado e dar novo sentido aos fatos vividos.....	195
3.33. A Sofia mulher universitária prestes a concluir a faculdade, autodeterminada, traça planos para o futuro.....	201
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	204
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	210
ANEXO A - COMPROVANTE DE RECEPÇÃO DO COMITÊ ÉTICA.....	217
ANEXO B – OFÍCIO DE APRESENTAÇÃO.....	218

ANEXO C – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	219
ANEXO D - FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO ÉTICO.....	222

1. INTRODUÇÃO

Estudar jovens que viveram em instituição de acolhimento foi um desafio iniciado em 2000 quando realizei o TCC (*stricto sensu*) na especialização em musicoterapia. Em decorrência deste trabalho várias inquietações surgiram:

1. Como as crianças e os adolescentes que passaram pelo acolhimento seguiram suas vidas? 2. Como estão constituindo suas identidades? 3. Qual o significado de terem vivido um tempo na instituição? 4. Até que ponto a instituição se constitui como referência identitária?

A partir dessas questões, formulamos o problema que orienta o caminho desta dissertação: *Como se constitui o processo de identidade de jovens que passaram pelo acolhimento institucional durante a infância e/ou adolescência?*

Estudar o processo de identidade, destes jovens, nos possibilita dar voz a eles, isto é, poderem falar sobre suas perdas, angustias, sofrimentos, queixas, vitórias ou derrotas após serem acolhidos institucionalmente. Nesse sentido, configura-se como objetivo deste estudo: compreender o processo de identidade de jovens que passaram pelo acolhimento institucional.

A concepção de Identidade pressuposta para esta dissertação fundamentou-se na Psicologia Social Crítica, mais precisamente na teoria (em desenvolvimento) de Ciampa ([1987] 2011).

Silvia Lane ao perceber que as tendências predominantes (cognitivista e behaviorista) dos anos 50 e 60 não se adequavam à realidade brasileira desenvolveu estudos a fim de superar tal limitação.

De acordo com Lane (2012), precisávamos de uma nova forma de interagir com o indivíduo, onde este *“pudesse recuperar o subjetivismo enquanto materialidade psicológica”* (p.15). Assim, nos anos 70, surgiu a psicologia sócio-histórica, baseada nas premissas do materialismo histórico dialético, ao qual o indivíduo deve buscar sentido às suas experiências, e ao conscientizar-se das relações estabelecidas com aqueles que lhe são significativos, conseguir superar as contradições existentes e criar projeções para o futuro.

Segundo Almeida (2012):

[...] A Psicologia sócio histórica aposta na historicidade, no compromisso social de transformação da realidade, fundamentando uma crítica das relações ideológicas (de

dominação) que sublinha a importância da conscientização dos sujeitos e dos grupos (p. 135).

Para Lane (2012), esta nova concepção tem o objetivo de estabelecer uma forma crítica de pensar a realidade e apresentar uma visão comprometida com a luta pela vontade e autonomia, perante as imposições da sociedade moderna imperadas pelo capitalismo.

Neste contexto, a Psicologia Social Crítica se institui a partir de uma concepção que entende o ser humano como um produto histórico e social, numa lógica dialética.

Esse caminho percorrido para a constituição de uma nova psicologia social buscou compreender os ditames da sociedade. Tendo sua origem na sociedade burguesa capitalista, a sociedade atual pensa apenas em atender as necessidades do capital, do lucro e da produtividade. Reis (2012) analisa que um pequeno grupo chamado de classe dominante luta para manter-se no poder política e economicamente, à custa de uma ideologia construída, representada e naturalizada, nos distintos segmentos, como o único caminho possível.)

Como bem destaca Lane (2012, p.34), “a classe dominante detém o poder de pensar e conhecer a realidade” e as adéqua aos seus interesses, trabalhando com valores aos quais ela naturaliza como ideologicamente universais.

Este cenário no nível macro se repete nos demais segmentos institucionais até chegar ao homem como representação do singular no universal. A ideologia capitalista dominante perpassa pelos diferentes territórios, mantendo como característica as regras de dominação e poder.

As lutas por emancipação giram em torno de vencer estas contradições impostas pela ideologia. Para isso, Lane (2012) defende a produção do conhecimento e o comprometimento com a transformação social.

Nesse contexto, configuram-se as categorias de análise fundamentais para a Psicologia social: atividade, identidade, consciência e afetividade. Ao tratarmos aqui, nesta dissertação, sobre o estudo da identidade na perspectiva de Ciampa ([1987] 2011), não se pretende ignorar as demais categorias.

Ciampa (2007), ao referir-se à Silvia Lane, quando escreveu *Novas Veredas da Psicologia Social*, afirma que ela sempre os incentivava a contribuírem para a psicologia social brasileira, no esforço de transformação da

sociedade. Neste sentido, destacam-se as quatro categorias (atividade, identidade, consciência e afetividade):

[...] valoriza tanto a atividade [...] como a de sistematização teórica, propondo uma psicologia que sempre considere a questão da linguagem como fundamental, no estudo da atividade, da consciência, da afetividade e da identidade, “não esquecendo jamais que estas categorias estão em mútua interdependência (LANE, 1995, apud CIAMPA, 2007, p. 18).

Para o referido autor, o processo de identidade se evidencia pelo sintagma identidade-metamorfose-emancipação, cujo movimento, da forma personagem no desempenho das atividades, revela-se nas representações e pelas inter-relações com os outros.

Os estudos de identidade trazidos por Ciampa ([1987] 2011) revelam que é no processo histórico que a individualidade se constitui como movimento de metamorfose. A ação das várias personagens constitutivas deste processo irá revelar as lutas por reconhecimento, por autonomia e emancipação e é pela articulação da diferença e da igualdade nas diferentes personagens, durante o processo histórico, que se produz o movimento de metamorfose e que tem a possibilidade de ser em busca de emancipação.

De acordo com Habermas (1983), implica em apreender o instante em que se atinge a identidade do Eu, segundo ele é na adolescência que o Eu se torna reflexivo e o indivíduo pode adquirir a capacidade de julgar e fundar normas com base nos princípios interiorizados - não mais segue as normas pré-existentes, e sim, julga segundo os seus princípios morais. Para o autor, o processo de formação da “identidade do Eu” se realiza de modo descontínuo, sendo marcado por uma crescente autonomia, contudo isto é uma mera possibilidade.

Em Ciampa ([1987] 2011), a determinação permite ao indivíduo superar as adversidades, fazendo com que as possibilidades (potencialidades) possam tornar-se realidade, concretude da identidade-metamorfose. Afirma o autor (1987; 2011): “Podemos definir a realidade como uma possibilidade já realizada e a possibilidade como a realidade em potencial” (p.156).

Ciampa ([1987] 2011) indica que as possibilidades de metamorfose existentes na realidade do sujeito no seu cotidiano são atribuídas à identidade e à possibilidade do movimento de concretização de si, ao tornar-se para si.

Nesse sentido, ao ocorrerem ao mesmo tempo, indicam ao sujeito que este deve integrar o que pensa com o que faz, ou seja, integrar a subjetividade com a objetividade.

A integração da objetividade (o mundo externo) e da subjetividade (como se expressa para o mundo) indicam transformações, portanto, metamorfose conforme Ciampa ([1987] 2011).

Para Ciampa ([1987] 2011), compreender-se como homem-sujeito, revela no processo de identidade-metamorfose-emancipação a superação das determinações da realidade social, o que leva o indivíduo a compreender-se como criador de sua própria realidade, ou seja, “ser sujeito da história”, como bem destaca o autor (1977) desde seus primeiros estudos sobre identidade.

1.1. Procedimentos para a elaboração e apresentação da dissertação

Tendo já delineado que partimos do materialismo histórico e dialético como método, cabe-nos expor quais os procedimentos adotados para a coleta deste material empírico que transita também pela temporalidade, passado-presente-futuro e contribua de forma efetiva com o nosso propósito.

As narrativas de história de vida se constituem no procedimento para a coleta dos dados. Segundo Alves (2017), as narrativas de histórias de vida revelam o método de investigação dialético de maior afinidade ao processo de produção e construção de conteúdo, porque oferece ao sujeito que narra a possibilidade de sentir-se à vontade para narrar e ser sujeito de sua própria história, criador e criatura.

Conforme a autora, as narrativas de histórias de vida, com sua estrutura de trazer o passado para o presente com perspectivas para o futuro, já se constituem como uma abordagem dialética, na medida em que expressam a dinâmica da temporalidade passado-futuro, coexistindo no presente da narração.

Pelo processo narrativo de suas histórias, damos espaço também para revelarem e expressarem espontaneamente suas lutas por reconhecimento, por

direitos frente aos processos de dominação e de resistência e dos aspectos regulatórios das políticas de identidade presentes nas instituições.

[...] o narrador não utiliza para se definir, atributos ou características, mas relata atividades, representações, relações com os outros, assim como revela sentimentos, angustias, alegrias, etc., mergulhados e eclodidos nas relações no mundo, no desempenho da atividade (ALVES, 2017, p.35).

A circularidade hermenêutica também se faz presente e ativa. As narrativas de história de vida partem do empírico no próprio processo de narrar, porém não ficam atreladas a este, muito pelo contrário, é na apreensão, interpretação e análise das personagens constitutivas da narrativa que se encontram os elementos teóricos que revelarão o processo da identidade enquanto movimento-metamorfose. Um movimento circular contínuo e expressivamente ativo até atingir o indivíduo concreto; até esgotarem-se todas as contradições postas e possibilidades reais contidas na narrativa.

Para a narrativa de história de vida, o entrevistador está munido de um equipamento para a gravação das narrativas, cabendo a ele a responsabilidade de convertê-las para texto, o que implicará rigor na apropriação da técnica de abordagem e também na transcrição dos dados. Segundo Queiroz (1988), o gravador como meio técnico do registro tem um caráter neutro, que anula o possível desvio do pesquisador.

De acordo com Lima (2014), “ao se tornar documento, este texto pode ser decomposto, fragmentado nos elementos essenciais ou recortado de acordo com os propósitos do pesquisador” (p.17).

Queiroz (1988,) elucidada que a “história de vida recolhe um material bruto que precisa ser analisado, e para isso, este deve ser fragmentado, dando-nos a possibilidade de revelar o que é exterior e ao mesmo tempo interior do narrador” (p.30), ou seja, apresenta o sentido que o narrador dá aos fatos por ele narrado, e, portanto, um instrumento nas mãos do pesquisador.

Enquanto pesquisadores temos duas perguntas disparadoras para conduzir às narrativas: Quem é você? E qual seu projeto de vida?

Segundo Ciampa ([1987] 2011), a pergunta: “Quem sou eu?” capta o aspecto representacional da noção de identidade como um processo de

identificação das formas personagens, apresentadas nos diversos papéis e ações desse sujeito no decorrer de sua narrativa (p. 159).

Na pergunta sobre o projeto de vida vale destacar, como engendrado por Alves (2017): quais são os projetos de futuro? O propósito é falarem sobre suas perspectivas profissionais, suas atividades, no sentido de perguntar “o que você quer ser?”.

Para o universo desta pesquisa, pessoas que passaram pela condição de acolhimento institucional, é uma pergunta bastante interessante. Ela nos deixa espaço para questionamentos, reflexões e análises sobre o contexto social em que estão inseridos estes jovens/adultos, tanto do acolhimento no passado, quanto da sociedade em que vivemos.

O narrador, ao apresentar sua história e seus projetos de futuro, possibilita ao pesquisador captar as relações com as instituições, com os outros significativos no seu processo identitário, assim como, seus medos, inseguranças e incertezas quanto as suas escolhas e desejos.

Seguiremos, durante a presente introdução, apresentando as pessoas que contatamos para comporem a pesquisa de campo. Desde aquela que mediu os contatos até a escolha final daquela cuja narrativa constituiu nosso campo para a análise.

Pela acessibilidade, a mesma pessoa que nos mediu no trabalho anterior está conosco nesta etapa. Trata-se de um acolhimento institucional, na verdade uma ONG em parceria com a Prefeitura de São Paulo, localizado na região da zona leste da cidade de São Paulo, ao qual nossa mediadora era coordenadora. Vale ressaltar que esta instituição (acolhimento institucional) não existe mais, suas atividades foram encerradas.

No projeto inicial, tínhamos como propósito trabalhar com alguns dos sujeitos do TCC¹. A meta para o recrutamento e seleção dos participantes era trabalhar com quatro jovens, hoje adultos. Dois representantes masculinos e dois

¹ No ano 2000, quando realizei minha especialização em Musicoterapia, tive contato pela primeira vez com esta realidade social dos acolhimentos institucionais. Neste projeto foi desenvolvido um trabalho de atendimento musicoterápico com crianças/adolescentes residentes em um dos acolhimentos. Nossa intenção inicial no mestrado era trabalhar com alguns desses adultos, que na época haviam passado pelo processo de musicoterapia que culminou na elaboração do TCC.

representantes femininos seriam os produtores da construção do nosso saber sobre o objeto.

No planejamento inicial faríamos três encontros com cada um dos participantes. Estimava-se que cada encontro tivesse aproximadamente duas horas de duração, e que, conforme já havíamos indicado ao Comitê de Ética, seriam realizados no período entre setembro e outubro de 2016.

O Comitê de Ética aprovou, ao final de julho de 2016, a realização da pesquisa. Estes documentos se encontram em anexos ao final desta dissertação: i) o formulário para obtenção do consentimento livre e esclarecido (TCLE); ii) o ofício de apresentação do projeto de pesquisa; iii) o comprovante de recepção junto ao comitê sob o número 070448/2016 e iv) o comprovante de aprovação de número 1.681.850 emitido pelo comitê.

Tendo a ex-coordenadora como mediadora, marcamos um encontro para formalizar o convite a estes jovens que manifestaram interesse em participar. Das informações recebidas tínhamos oito jovens previsíveis a participação. Assim poderíamos encontrar entre os previsíveis sujeitos, os quatro que aceitassem efetivamente contribuir com a narrativa de sua história de vida.

No primeiro encontro, marcado na praça de alimentação no Shopping Tatuapé, apenas duas moças compareceram, irmãs de sangue que moraram um tempo nesse acolhimento. Como ambas manifestaram interesse em participar deste projeto, embora não estivessem no anterior, optamos por tê-las conosco, sobretudo porque não sabíamos quais seriam as outras pessoas interessadas em participar.

Cada uma recebeu uma cópia do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) para estarem cientes dos objetivos do estudo, bem como dos procedimentos por nós adotados: um encontro para recolher a narrativa de história de vida e possíveis outros encontros (dois ou três) para ajustar esclarecimentos e dúvidas surgidas da narrativa e obter autorização para o uso de suas narrativas após lerem nossas transcrições.

Vale uma observação, no intuito de preservar suas identidades, todos os nomes, locais, cidades e mesmo nomes de escolas e/ou instituições mencionadas no decorrer deste estudo são fictícios.

Participaram desta pesquisa cinco mulheres. Destas cinco, uma delas após o primeiro encontro, depois da devolutiva na transcrição, começou a

apresentar indícios de não querer mais participar. Após várias trocas de mensagens e telefonemas, optamos por desconsiderar sua participação, sobretudo, porque não havia seu consentimento de divulgação, na medida em que afirmava termos registrado alguns dados errados de sua narrativa, mas ao mesmo tempo, não marcava outro dia para corrigirmos estes erros.

Destas quatro participantes que narraram suas histórias, escolhemos para a análise uma que na singularidade expressou a pluralidade da realidade vivida pelas outras três.

Sofia foi quem, através de sua narrativa, nos trouxe mais elementos que possibilitaram atingir os objetivos traçados nesta dissertação. Entendemos que sua história riquíssima de detalhes e reflexões nos dão os elementos empíricos necessários à análise nos vários pontos que constituem o referencial teórico de Ciampa ([1987] 2011).

Como parte do procedimento, após ter as narrativas transcritas, partimos para a análise deste material empírico.

O objetivo foi organizar as personagens expressadas nas narrativas, para construir uma trajetória individual, articulando com as diversas personagens, como indicado por Lima (2014). Seguindo o mesmo autor, as fórmulas que expressam juízos e valores são diferenciadas enquanto: “i) características descritivas (sentidos e experiências vividas) e ii) características argumentativas (reflexões sobre a legitimação dos eventos) ” (p.27). Estas múltiplas personagens vivenciadas indicam o modo de produção da identidade, seja esta se conservando, se sucedendo ou se alternando.

Tendo exposto o procedimento adotado e apresentado ao leitor como foi o processo para encontrar na particularidade de uma história a representação do universal das muitas outras histórias de crianças/adolescentes. Indicamos, na sequência, os capítulos constitutivos desta dissertação.

O próximo capítulo trata sobre o acolhimento institucional. Abordamos os aspectos históricos da infância no Brasil, com ênfase à infância abandonada, desde a roda de expostos até a criação do *Estatuto da Criança e do Adolescente* chegando à configuração de hoje, a dos acolhimentos institucionais. Consta também deste capítulo as informações sobre os mapas da violência e desigualdade apresentados em 2017, com base nos dados de 2016.

Na sequência, o leitor tem o capítulo da história de Sofia, capítulo este que, ao mesmo tempo que traz a descrição da história narrada, mescla a análise desta com os conteúdos teóricos que constituem nosso referencial.

Por fim, para concluir este estudo, as considerações finais indicam o ponto de chegada de nossa pesquisa, isto é, uma leitura possível que, longe de ser conclusiva, abre espaço para que novos pesquisadores desta temática tão abrangente possam trazer outras contribuições.

2. ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Este capítulo tem como propósito nortear o leitor no que se constituiu historicamente o atendimento a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade no Brasil. Ademais, traça-se brevemente alguns aspectos como a roda de expostos, os conceitos dados a esse serviço a partir da constituição do ECA e as políticas públicas que contribuíram para a criação do serviço abrigo ao qual chamamos hoje de acolhimentos institucionais.

Temos a contribuição crítica de Souza (2017) ao falar do caminho sócio-histórico com ênfase nas instituições, no processo de socialização que divide as pessoas por classes sociais, raça e gênero. Nascimento (2017) aparece brevemente para nos trazer informações sobre o branqueamento.

Faz parte desta contextualização apresentar algumas informações da desigualdade e violência da cidade de São Paulo e que perpassa na maioria entre jovens. Estes números foram extraídos do último levantamento, *Atlas da Violência de 2017*, bem como, indicam a diferença existente entre os serviços do acolhimento institucional e os propósitos da Fundação Casa.

Nessa caminhada histórica sobre a realidade vivida pela população brasileira, acerca das condições de acolhimento da criança, pretendemos reunir informações sobre o processo social e histórico que constitui o contexto atual destas crianças, a fim de possibilitar uma maior compreensão sobre como se releva as instituições em suas identidades.

2.1. Dados históricos do acolhimento de crianças no Brasil

Crianças e adolescentes que vivem em condições de vulnerabilidade e abandono, segundo estudiosos, como Marcílio (2006), começaram a ser estudados muito recentemente. Foi na década de setenta do séc. XX que surgiram os primeiros números indicativos de filhos ilegítimos, que se constituíram nas crianças abandonadas do continente americano. As pesquisas, nesse sentido, multiplicaram-se na década seguinte.

Lembremos que no início da colonização, século XVI, o controle da sociedade estava nas mãos da igreja, ao qual determinava que os comportamentos e atitudes das pessoas deveriam ser baseados nos preceitos

estabelecidos por esta instituição, entre eles, como elucidado por Marcílio (2006), a proibição dos relacionamentos fora do casamento.

De acordo com Souza (2017), foi a igreja cristã que, enquanto instituição, teve durante séculos o controle e direção das ideias dominantes. Era através dela e de seus representantes, sacerdotes e religiosos, que se determinavam e se constituíam as percepções de mundo, de comportamentos e de atitudes dos indivíduos. Tendo a igreja o controle dos mais distintos segmentos da sociedade, tinha na família também implícita sua autoridade. Conforme o autor, “prêmios e castigos institucionais, não necessariamente físicos”, determinavam as atitudes que as pessoas deviam apresentar (p.39).

Pelos preceitos da igreja cristã, o modelo de família monogâmica, indissolúvel, era o oficialmente estabelecido como modelo padrão. Afirma Marcílio (2006) que “o catolicismo europeu regulamentou, minuciosamente, cada aspecto da moralidade familiar e da sexualidade” (p.42). A instituição do casamento religioso aparecia como único meio de reprodução da espécie, sendo considerado concubinato qualquer união fora do casamento e seus filhos ilegítimos.

As crianças ilegítimas, segundo Marcílio (2006), passaram a ser estigmatizadas. A igreja tolerava o abandono de crianças, mas proibia o aborto e o infanticídio. Assim, surgiu na Europa deste período, a assistência aos bebês expostos e abandonados, através das beneficências, dos leigos, obras de caridade e obras de misericórdia. Posteriormente no Brasil, conforme nos traz a autora, o concubinato, a mestiçagem, a ilegitimidade e o abandono de crianças foram se desenvolvendo ao longo tempo.

Embora não fizesse parte da cultura dos povos indígenas e africanos abandonar crianças, como destaca Marcílio (2006), a miséria, a exploração e marginalização que os indígenas e depois os africanos foram submetidos, levou-os a repetirem os mesmos exemplos de abandono.

Sabemos, como indicado por Reis (2012), que desde a infância os olhares de aprovação e reprovação dos pais indicarão aos filhos quais atitudes e ações são consideradas corretas e adequadas e quais não. Souza (2009) afirma que os padrões de comportamento são construídos pela dinâmica das relações estabelecidas. Berger e Luckmann (2014) elucidam que, depois dos pais, outras

peças que façam parte das relações das crianças também podem determinar atitudes e ações.

Segundo Priore (2015), haviam castigos físicos às crianças desde o tempo da colônia no séc. XVI, introduzido pelos padres jesuítas, entre eles o uso da palmatória como instrumento de correção.

Conforme sinalizado por Souza (2017), o processo de socialização, iniciado na instituição família e estendido pela instituição escola (formação do indivíduo na sociedade), configura-se no aspecto fundante para a dinâmica das relações que o indivíduo terá ao longo da vida. O que for constituído neste período terá repercussão em todo o processo das/nas relações, sejam estes pessoais ou profissionais.

Priore (2015) afirma que “desde cedo a criança deveria ser valorizada por meio da aquisição dos rudimentos da leitura e da escrita [...] da doutrina cristã” (p. 100). A formação das crianças tinha o objetivo de transformá-la em indivíduos responsáveis. Desde o início da colonização, segundo a autora, não havia o interesse em dar assistência à criança abandonada.

No período colonial havia, por parte dos jesuítas, a preocupação de construir colégios-seminários para os meninos índios, mas para estes colégios foram também enviados os filhos dos proprietários da colônia para receberem a educação jesuíta. Eles construíram colégios nas principais vilas e cidades: Salvador, Porto Seguro, Vitória, São Vicente, São Paulo, Rio de Janeiro e Olinda. Depois, conforme indicado por Marcílio (2006), ampliaram para Recife, São Luiz e Belém do Pará;

Depois de várias pesquisas em diferentes documentos, Marcílio (2006) aponta três fases da assistência à infância abandonada no Brasil: (1) de caráter caritativo e durou até meados do século XIX; (2) de caráter filantrópico, esteve presente até a década de 60 no século XX e (3) a que surgiu com o Estado de Bem-estar Social nas últimas décadas do século XX.

No período caritativo da assistência, a roda dos expostos era um meio de evitar o infanticídio e o aborto, sendo essencialmente urbana, estavam a cargo das Misericórdias, ligadas às Santas Casas de Misericórdia. Essas rodas eram geralmente instaladas nos muros das instituições e havia uma pessoa chamada de vigilante ou rodeira, que cuidava de recolher a criança colocada na roda, não sendo identificada a pessoa que a colocava.

As primeiras instituições à infância desvalida surgiram no séc. XVIII, limitando-se a três cidades até a Independência: Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Eram rodas de expostos e recolhimento para meninas pobres. Estas Rodas de Expostos foram sendo instaladas e integradas aos hospitais, não sendo todas as Casas de Misericórdia que tinham obras assistenciais. Marcílio (2006) identifica que existiram Rodas de Expostos nas cidades de São Paulo (SP), Vitória (ES), Porto Alegre (RS), Desterro (SC), Cachoeira (BA), Campos (RJ), Olinda (PE), São Luiz (MA), São João Del Rei (MG) e Cuiabá (MT).

Neste período, segundo a autora, além das rodas de expostos, havia outra forma de proteger e cuidar das crianças abandonadas e desvalidas. As famílias mais abastadas encontravam em suas portas crianças recém-nascidas abandonadas e as recolhiam para cuidar.

As famílias que acolhiam crianças abandonadas, deixadas em suas portas, não só levavam o aspecto da caridade cristã como regra, mas também porque viam nos expostos acolhidos e criados por elas, chamados de “filhos da criação”, uma forma de ter mão-de-obra não assalariada em casa. Como bem destaca Marcílio (2006), “em uma sociedade escravista [...] os expostos incorporados a família representavam um complemento ideal de mão-de-obra gratuita” (p. 137).

Assim, com esse objetivo, havia famílias que agregavam mais de um exposto. Segundo Marcílio (2006), comparada às crianças abandonadas nas rodas de expostos, as que eram criadas nas casas de família tinham mais chances de sobrevivência e melhores possibilidades para o futuro ao se tornarem adultas, isso porque as condições dos expostos institucionalizados sempre foram de muitas dificuldades, sendo consideradas suas acomodações insalubres, pequenas, com pouca ventilação e luz insuficiente. Nestas condições, muitas das crianças expostas ficavam desamparadas e acabavam morrendo sem assistência adequada.

Os recolhimentos, uma forma de acolher crianças no período da educação (crianças dos 4 aos 7 anos), eram instituições femininas de reclusão, construídas para meninas pobres e tinham como propósito resguardar a virtude e a honra da mulher, oferecendo às meninas todo o preparo voltado ao casamento.

As Misericórdias, segundo Marcílio (2006), recebiam legados para os dotes das meninas pobres, procurando condições para que estas encontrassem um bom matrimônio, caso não fossem para uma casa de família.

Marcílio (2006) aponta que mudanças significativas na assistência às crianças nos Recolhimentos ocorreram a partir de 1857 com a chegada das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paula, uma educação centralizada nas mãos da superiora, havendo controle e disciplina como elemento fundamental à ordem e regularidade das meninas recolhidas.

A disciplina e ordem no cotidiano com sinos e horários foram impostos pelas irmãs, onde o dia se organizava rigorosamente em horários:

Levantar-se às 5 horas da manhã e deitar-se às 8h da noite [...] consagrarão 4h destinadas ao estudo outras tantas para trabalho manual intercalados pelas refeições e recreios”, cujos objetivos era o de “prepará-las para serem mães de família e/ou empregadas domésticas instruídas e bem treinadas (MARCÍLIO, 2006, p. 172-173).

Um aspecto extremamente importante para entendermos a desigualdade social que já se configurava no período colonial, a partir de identificar e nomear as diferenças entre as crianças abandonadas e as crianças que viviam com suas famílias, está relacionado ao sistema de formação. Segundo Marcílio (2006), havia dois sistemas distintos na formação, o:

[...] das elites, que preparava as meninas para serem mulheres ilustradas, mães de família bem preparadas e com o domínio de boas maneiras [...] e o ensino popular que procurava tornar as meninas úteis a si e à sociedade [...] dóceis e disciplinadas (p. 177).

Um exemplo disso aparece claramente após as primeiras leis da Abolição da Escravatura e a extinção do sistema escravista. Os recolhimentos passaram a ser vistos como a salvação das famílias abastadas e poderiam oferecer domésticas bem preparadas a um bom preço ou gratuitamente.

As diferenças de gênero em relação ao cuidado e atenção também estavam presentes no período colonial. Os meninos abandonados, por não haver a preocupação da virtude e honra, como havia com as meninas, tiveram destinos bem diferentes. Aponta Marcílio (2006) que, neste período, foram

pouquíssimas as instituições construídas para protegê-los, em especial após o período de criação.

O destino dos meninos pobres e abandonados começou a se configurar diferente, somente após a criação da Casa dos Expostos de Educação em Salvador, destinada exclusivamente a eles. Marcílio (2006) esclarece que ainda no século XVIII foram criados outros seminários (colégios internos) na Bahia, para que esses meninos expostos e órfãos aprendessem com o projeto pedagógico e profissionalizante algum ofício.

Eles recebiam aulas de armas e manejo e depois eram encaminhados a aprenderem o ofício de mecânicos na casa de artesãos. Venancio (2015) relata que havia, entre os Expostos da Roda, crianças que eram enviadas para trabalharem em navios mercantes com dura disciplina, usando de métodos violentos como o da chibata, com alimentação precária à base de farinha de mandioca e charque, fatores esses que propiciavam a esses meninos, uma saúde bem precária.

Até 1840 havia muitos abusos, maus tratos e exploração dos menores, e, segundo Marcílio (2006), os meninos ditos como incorrigíveis, com sérios problemas de disciplina e de conduta, eram enviados para as Companhias de Aprendizizes Militares porque achavam que os fortes castigos e a rígida disciplina resolveriam seus problemas.

Souza (2017) contribui para essa contextualização, apresentando um olhar crítico do que se constituiu o caminho sócio-histórico da nossa nação, com ênfase às instituições e ao processo de socialização que divide as pessoas por classes sociais, raça e gênero.

O autor nos fala de dois tipos de racismo, o fenotípico relativo à cor da pele e dos traços fisionômicos para explicar o comportamento das pessoas e do racismo culturalista, que aparece como forma de hierarquizar indivíduos, classes e países.

Dessa forma, partindo desse pensamento culturalista, encontramos distinções entre países ricos e países pobres e entre as classes, onde até mesmo, indivíduos da mesma “ralé”² conseguem se distinguir como diferentes

² Ralé é definida por Souza (2009) como a classe baixa da sociedade brasileira, apresentada como uma classe excluída de todas as oportunidades materiais e simbólicas de reconhecimento

ao se apresentarem. O indivíduo (honesto), que se coloca como diferente, procura se distanciar do tipo mais derrotado, aquele que segundo ele é o desonesto e desrespeitoso. Como afirma o autor, “a “opção” é tentar se afastar dos últimos lugares da “fila moral” de vencedores e derrotados” (SOUZA, 2009, p.245) como uma luta constante contra o rebaixamento.

O culturalismo racista, apontado por Souza (2017), tem sua força na sociedade através das elites e classes dominantes. No Brasil, são elas que controlam ocultamente atrás do Estado os seus verdadeiros interesses, lutando em todos os sentidos para manterem-se no poder. Para isso, elas contam com o apoio do próprio Estado e das instituições que respondem diretamente, ainda que de forma subliminar aos seus interesses. Entre estas instituições, tem destaque a família com o processo de socialização de seus integrantes.

O oculto por trás de todo o processo competitivo se forma a partir do processo de socialização, iniciado na instituição família. Neste caminho temos a constituição da nova identidade de classes sociais que acaba estigmatizando certos grupos (classe/raça)

Todas as classes sociais reproduzem seus capitais sociais adquiridos, capitais esses que facilitam ou dificultam a vida na sociedade capitalista e competitiva. Os capitais sociais, segundo Souza (2017), são adquiridos na socialização e se distinguem entre as classes. Além dos recursos materiais (econômicos) há os recursos imateriais (prestígio, reconhecimento, respeito e beleza).

Segundo o autor, são três capitais fundamentais para reproduzir privilégios: (1) capital econômico; (2) capital cultural e (3) capital das relações sociais.

São as famílias que propiciam ao indivíduo desde a mais tenra idade a possibilidade de concentração, dedicação total a escola, sem ter que se preocupar em trabalhar, possibilitam que se desenvolva o pensamento prospectivo, ou seja a percepção de que o futuro é mais importante do que o presente. Fazer um planejamento para a vida é fundamental para o sucesso.

social, em SOUZA, Jessé J. F. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Jessé de Souza; colaboradores André Grillo et al. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009, p.25.

Fazem parte também deste cenário, segundo Souza (2017), o desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança, disciplina e autocontrole.

Estes elementos presentes na vida do indivíduo, conforme o autor, agregam e propiciam no futuro a possibilidade de melhores empregos e desempenho profissional. Em contraponto, o pobre e negro que é excluído por preconceito, estigmatizado acaba reproduzindo aquilo que ele vivencia no seu contexto social familiar. Em seu contexto familiar ele não recebe estímulo para desenvolver a concentração e tão pouco a autoestima, disciplina e autocontrole. Dessa forma, não encontra estímulo na escola para os estudos, o planejamento para a vida fica comprometido, não encontrando sentido no pensamento prospectivo, como nomeia Souza (2017).

Todo o racismo “precisa escravizar o oprimido no seu espírito e não apenas no seu corpo. Colonizar o espírito e as ideias de alguém é o primeiro passo para controlar seu corpo e seu bolso” (SOUZA, 2017, p. 24).

A instituição família tem grande valor para compreendermos o processo sócio-histórico brasileiro no que tange às diferenças estabelecidas, principalmente entre raças e classes. Nos estudos desenvolvidos por Souza (2017), ela ganha notoriedade para compreendermos o escravismo presente na estrutura brasileira até os dias de hoje. Viemos de uma sociedade escravocrata e continuamos ainda pensando e agindo dessa forma, naturalizando esta condição.

Para falar de família, Souza (2017) foi buscar referências na obra de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*. Em Freyre, o autor encontrou os elementos que precisava para compreender a estrutura familiar do tempo colonial. O chefe de família, senhor das terras e de escravos detinha o poder em sua fazenda, em seu território. Afirma Souza (2017) que:

O patriarcalismo de que nos fala Freyre tem esse sentido de apontar para a extraordinária influência da família como alfa e ômega da organização social do Brasil colonial (p. 42).

No patriarcado da época, destacado pelo autor, fazia parte dessa estrutura não só a família nuclear (pai, mãe e filhos), mas também os vários bastardos e dependentes, os escravos domésticos e da lavoura. Essa estrutura

patriarcal reunia em si toda a sociedade que a constituiu através de seus vários personagens (de filhos aos escravos).

Souza (2017) destaca uma passagem de Freyre: “os portugueses adotaram a escravidão [...] a maneira árabe” (FREYRE, 1969, p.180 apud SOUZA, 2017, p. 44), vendo na poligamia uma forma de aumentar a população na qual essa estrutura aparece como despótica e segregadora.

O aumento de mestiços, em sua maioria filhos ilegítimos dos patriarcas, destacado por Souza (2009), viam duas possibilidades de vida, serem reconhecidos como naturais filhos ilegítimos, ou negados ao serem vendidos. Em muitas dessas situações havia, por trás da atitude de aceitação dos ilegítimos, o interesse dos patriarcas de que estes ilegítimos (parte da família estendida) atuassem em seu favor, seja na captura de escravos fugidos ou nos serviços militares em brigas por limites de terra.

Para Souza (2017), a mestiçagem gerou a “ambiguidade entre possibilidade de ascensão social para os mestiços no familismo patriarcal em troca de identificação com os valores e interesses do opressor” (p. 55).

Marcílio (2006), ao destacar o racismo desse período, menciona que só podia ir para a Marinha “rapazes de 16 a 20 anos solteiros, robustos e que não fossem pretos” (p. 186).

Outros aspectos que identificam claramente as desigualdades de classe são expostas por Priore (2015) ao elucidar como era a educação das crianças no século XVIII. Os pais procuravam ensinar as crianças desde cedo a serem responsáveis e os códigos de comportamento e cuidado com o aspecto exterior eram importantes. Aquele período, identificado como de estruturação, estabeleciam códigos diferenciados aos diferentes núcleos sociais.

No patriarcalismo rural, apontado por Souza (2017), as crianças circulavam livremente entre a Casa Grande e a Senzala, sem serem muito importunadas e proibidas nestas atitudes. Nas Minas Gerais, por ser uma capitania urbana e mineradora, Scarano (2015) destaca que a rua fazia parte da vida como um espaço coletivo, por onde circulavam as crianças livremente. Segundo a autora, enquanto os escravos viviam nas senzalas, as crianças circulavam por todos os espaços, inclusive a casa dos seus donos, em especial quando as mães ali trabalhavam.

De acordo com Scarano (2015), o duro trabalho de mineração colocava os homens na condição de viverem por si, por conta do trabalho, em condição de “individualismo” e não tinham tempo para olhar as suas famílias. Assim, a direção da família ficava por conta da mulher que tinha os filhos sob sua guarda, sendo comum as crianças terem um distanciamento do pai.

Na capitania das Minas Gerais a taxa de miséria era muito grande, principalmente após a euforia da mineração, onde havia vilas e arraiais que viveram de esmolas, produzidas por uma sociedade desigual. Scarano, (2015) indica que os filhos tidos fora do casamento apareciam como os desfavorecidos e marginalizados, sendo que a maioria era de gente pobre e sem recursos, filhos de homens brancos e mulheres negras que acabavam indo parar em irmandades religiosas.

De todo o caminho apresentado, observamos que o cenário da infância pobre no Brasil, nos diferentes contextos e distintas configurações de atenção por parte da sociedade, foi moldado pelas instituições, sempre segundo os interesses das classes dominantes.

O patriarcalismo escravocrata rural na sociedade brasileira foi alterado consideravelmente quando houve a mudança do poder para as cidades, em especial quando da chegada da Família Real ao Brasil. Algumas mudanças ocorreram quando houve a separação entre Igreja e Estado com a quebra do monopólio religioso na assistência social e os avanços da legislação social pró-infância.

Quando o poder saiu da mão da Igreja e passou a ser exercido pelas instituições do mercado capitalista competitivo³ e do Estado burocrático centralizado, o patriarcalismo teve que se subordinar a nova ordem e mais intensamente após a libertação dos escravos em 1888.

Na segunda metade do século XIX, aponta Marcílio (2006), ocorreu a passagem para a fase de assistência filantrópica. Nesse período, as instituições para as crianças abandonadas e órfãs se multiplicaram. Houve neste final de século também mudanças significativas na história do Brasil, entre elas a libertação dos escravos e a proclamação da República.

³ No período destacado, chegada da Família Real ao Brasil, esse mercado aparecia como o incipiente “mercado capitalista comercial”, segundo aponta Souza (2017, p. 58)

Consideramos importante destacar a visão dos intelectuais e da classe dominante desde a constituição da República, entre as posições assumidas uma delas, na atitude do primeiro ministro das Finanças, Rui Barbosa em 1899. Informações colhidas por Nascimento (2017) indicam que o ministro ordenou a incineração de todos os documentos, financeiros, estatísticos e demográficos referentes a escravidão no Brasil. Segundo o autor, era uma forma de “apagar a “mancha negra” da história do Brasil” (p. 93).

De acordo com Nascimento (2017), uma forma de coibir os negros de buscarem sua identidade e dignidade, assim como um jeito de eliminar o movimento de conscientização, era não permitir ao negro de esclarecer-se e compreender-se como sujeito.

Interessava à classe dominante e às autoridades governamentais, embranquecer a pele negra e a cultura do negro como afirma Nascimento (2017) ao mencionar Gilberto Freyre. Segundo o autor, Freyre ao usar o termo “morenidade”, em sua obra *O mundo que o português criou*, traz como objetivo o:

[...] desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto fisicamente, quanto espiritualmente, através do malicioso processo de *embranquecer a pele negra e a cultura do negro* [...] uma sofisticada espécie de racismo [...] a ponto de se tornar uma qualidade [...] natural do “branco” brasileiro (p. 49-50, itálico nosso).

Afirma Nascimento (2017) que “a manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil” (p. 112-113).

Este capítulo não tem como objetivo se aprofundar nas questões de branqueamento ou sobre os aspectos que constituem os problemas existentes no Brasil do racismo mascarado, como cita Nascimento (2017), mas não poderíamos deixar de pontuá-los. Para finalizar esta discussão com o autor, trazemos estas duas frases de sua autoria: “o negro no Brasil está sendo rapidamente liquidado nas malhas difusas, dissimuladas, sutis e paternalistas do genocídio mais cruel dos nossos tempos” (p. 115) e:

[...] um descendente africano, para ter acesso em qualquer degrau da escada social, é porque já não é mais um negro: trata-se de um assimilado que deu as costas às suas origens, ou seja, um *negro de alma branca*” (p. 116, itálico nosso).

Desse período pós-proclamação da república, observamos que o aumento dos centros urbanos fez aumentar a pobreza, as favelas e cortiços, bem como a exploração do trabalho infantil e da mulher. O crescente aumento de menores pobres e desvalidos circulando pelas cidades, fez surgir as políticas públicas em favor do menor, discutindo a infância desvalida e delinquente.

Segundo Marcílio (2006), a ideologia da época incluía oferecer à infância desvalida instrução elementar, formação cívica e capacitação profissional. Os interesses da elite eram o de manter a mão de obra na área agrícola e doméstica. Apesar dos avanços na assistência, as chamadas crianças abandonadas eram inseridas em instituições junto com as que cometiam delitos. Aponta Rizzini (2011a) que ao receberem menores em suas colônias, mantinham-se juntos “menores criminosos, vagabundos, órfãos e miseráveis” (p. 230).

Foi nessa época que surgiram, segundo Marcílio (2006), os “ensaios agrícolas em Fazendas do Estado e obras públicas com pequenos jornais”, cujo objetivo para estas crianças era o de estarem “habilitados para só dependerem de seus braços e de sua habilidade” (p.193).

A autora indica que os médicos higienistas e os juristas conseguiram extinguir a Roda dos Expostos em 1927, muito embora as Rodas de São Paulo e Bahia só fossem ser extintas na década de cinquenta.

A filantropia tinha como meta preparar o indivíduo para ser o “cidadão normatizado e disciplinado”, preparando-o para o mundo do trabalho, ao formá-lo como “bom trabalhador”.

Segundo Rizzini (2011a), o lema da elite dominante era “*salvar a criança para transformar o Brasil*” (p. 20). Nesse sentido, foi constituído todo um aparato médico-jurídico-assistencial com as funções de prevenção, educação, recuperação e repressão, culminando na criação do Código de Menores de 1927, onde a criança deixou de ser preocupação de cunho privado e passou a ser de competência do Estado e patrimônio valioso da nação.

A responsabilidade penal que havia sido reduzida para nove anos de idade no código criminal de 1890, mudou para os 18 anos, no Código de Menores de 1927. Justificou-se que:

[...] a infração infantil se devia aos responsáveis que não souberam dar aos tutelados a boa educação que os livraria dos

germes do crime [...] a saída era retirar essas crianças da vida social [...] cercadas de pessoas viciosas (MARCÍLIO, 2006, p. 220-221).

Rizzini (2011a) assinala que a constituição da República fortaleceu as diferenças entre a criança rica e a pobre, sendo dado à segunda apenas a possibilidade de submissão à tutela vigilante do Estado. As classes inferiores representavam um problema de ordem moral e social para os governantes e a elite, eles não se encaixavam no ideal de nação. Foi nesse período que se construiu a categoria específica do “menor”, indicando, aquele que é pobre e potencialmente perigoso, vicioso e pervertido.

Segundo Passeti (2015), havia carências de vários tipos: econômicas, culturais, psíquicas e sociais que direcionava os “menores” à delinquência e criminalidade, na medida em que vinham de uma família desestruturada.

O Instituto Disciplinar de São Paulo, no bairro do Tatuapé, aberto em 1902, tinha a finalidade de recuperar os menores abandonados e infratores. Rizzini (2011a) afirma que a ideia era promover instrução profissional, industrial e especialmente agrícola. Esta instituição tinha como princípio ser modelo de disciplina, comportamento e cultura.

O ideal de nação concebia sermos um povo culto e civilizado. O negro e o pobre eram vistos como ignorantes e bárbaros, pois não faziam parte dessa ideia. Vimos em Nascimento (2017) que as noções de eugenia e aprimoramento da raça foram associadas à prática do branqueamento. O objetivo era o controle do pobre através da moralização, impedindo a essa classe e raça, espaço para a cidadania. Assim, a política da assistência e proteção aos menores, era dar “instrução mínima que permitisse domesticá-los para o uso de sua força de trabalho” (RIZZINI, 2011a, p. 145).

Nos internatos, informa Rizzini (2011b), havia abusos de poder e corrupção em favor da ideologia nacional cuja proposta era o de estabelecimentos fechados e regime ditatorial, inclusas as repressões aos delinquentes.

Foi no período entre as duas ditaduras (Estado Novo, de 1937 a 1945) e a Ditadura Militar (1964 a 1984), de acordo com Passeti (2015), que houve maior expansão das ações governamentais com políticas sociais às crianças e aos

jovens provenientes das classes sociais mais baixas, caracterizadas como abandonadas e delinquentes.

A *Declaração Universal dos Direitos das Crianças* na década de sessenta, segundo Marcílio (2006), fez surgir outra concepção de que toda a criança deveria ter considerada a proteção e bem-estar como direito adquirido e dever do Estado. Para isso, criou-se o *Estatuto do Menor* em 1979 e a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-estar do Menor). Os governos estaduais ficaram responsáveis pelo internamento da infância desamparada e com desvios de conduta, em instituições totais, como a FEBEM (Fundação Estadual do Bem-estar do Menor).

O êxodo rural só fez aumentar a pobreza ao trazer para a periferia das grandes cidades muitas famílias, fazendo surgir as regiões metropolitanas. A própria FUNABEM destaca o processo de marginalização, que tornou-se posteriormente um problema de políticas públicas.

[...] Uma situação de baixa renda, de pouca participação no consumo de bens materiais e culturais, de incapacidade de trazer a si os serviços de habitação, saúde, educação e lazer” (VOGEL, 2011, p. 291),

Surgiram muitos movimentos em favor da criança/adolescente. Entre eles, a Pastoral do Menor e os grupos de defesa dos direitos das crianças, que culminaram na criação do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) em 1990, que atribuía, conforme indicado por Marcílio (2006), direitos básicos garantidos a todas as criança e adolescentes e se tornando uma resposta ao que a nova Constituição do Brasil de 1988 havia estabelecido.

O *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) instituiu os Conselhos Tutelares como responsáveis por cuidar e zelar pelo respeito aos direitos das crianças/adolescentes. Foi por meio do ECA que surgiram as leis de proteção, garantindo um número máximo de crianças por instituição, saindo definitivamente dos alojamentos gigantescos nos quais se mantinham os adolescentes em conflito com a lei junto com as crianças órfãs e em situação de vulnerabilidade.

Nesse novo contexto surgiram os serviços destinados a acolher as crianças e adolescentes, os chamados abrigos. Por determinação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2012) - ECA, art. 101 de 13 de julho de

1990 o abrigo institucional⁴ é um serviço destinado a acolher provisoriamente crianças e adolescentes como medida de proteção, sempre que os seus direitos forem ameaçados ou violados, em quaisquer das hipóteses constantes no art. 98 do estatuto: I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III – em razão de sua conduta.

O local físico do acolhimento institucional tem aspecto semelhante à de uma residência, inserido na comunidade em áreas residenciais, ao qual deve ter características semelhantes do ponto de vista geográfico e socioeconômico, da realidade de origem das crianças e adolescentes acolhidos. Deve oferecer atendimento em pequenos grupos de no máximo 20 crianças/adolescentes por unidade de acordo com o que consta nas Orientações Técnicas (BRASIL, 2009).

Cada acolhimento institucional deverá ter um coordenador, uma equipe técnica (psicólogo e assistente social), (2) educadores/cuidadores para atender as vinte crianças/adolescentes e (1) auxiliar de educador/cuidador para cada dez crianças/adolescentes, por turno.

Segundo as Orientações Técnicas (BRASIL, 2009), todos os esforços devem ser empreendidos para preservar e fortalecer os vínculos familiares e comunitários das crianças/adolescentes atendidos em serviços de acolhimento, permitindo-lhes visitas e encontros com as famílias e com as pessoas de referências da comunidade. Devem-se garantir espaços privados, objetos pessoais e registros, inclusive fotográficos, sobre a história de vida e desenvolvimento de cada criança e adolescente, como forma de preservar suas histórias. O objetivo é manter, na medida do possível, o vínculo com suas famílias de origem, a fim de cuidar do posterior retorno dessa criança/adolescente à família.

As Orientações Técnicas ainda sugerem que acolhimento Institucional deve oferecer atendimento especializado, inclusivo e de qualidade, mantendo os vínculos familiares que houver (não separação de irmãos, primos etc.) e diversificação dos serviços ofertados. Deverá haver articulação com políticas

⁴ A lei nº12.010, de 3 de agosto de 2009 revogou os dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, através do código civil e da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Nesta nova lei o termo “abrigo” caiu em desuso, sendo substituído por acolhimento institucional.

públicas que proporcionem respostas efetivas às diferentes demandas dos usuários (BRASIL, 2009).

O serviço do acolhimento institucional, ao qual estamos considerando em nosso estudo, diferencia-se do prestado aos adolescentes em conflito com a lei. Para estes, outra medida foi indicada no estatuto através do art. 103 e a eles foram aplicadas medidas socioeducativas realizadas em outros espaços específicos para estes atendimentos.

A Lei Federal 12.594, sancionada em 18 de janeiro de 2012, instituiu o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) que regulamenta os princípios e normas para a execução das medidas socioeducativas destinadas ao adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nºs 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943⁵.

O SINASE é o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de medidas socioeducativas, incluindo-se nele, por adesão, os sistemas estaduais, distritais e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atendimento ao adolescente em conflito com a lei, conforme consta na lei que a regulamenta⁶.

As medidas socioeducativas têm como objetivos: i) a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação; ii) a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento e iii) a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei⁷. A Fundação CASA (Centro de atendimento socioeducativo ao adolescente) tem o

⁵ Conteúdo integral da Lei disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm (Acesso em 11/07/2018)

⁶ Ibidem, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm

⁷ § 2o. da Lei n. 12.594 de 18 de janeiro de 2012

papel de receber estes adolescentes que praticaram ato infracional e oferecer os serviços com os objetivos socioeducativos conforme consta no seu regimento interno⁸.

Não faz parte do objetivo deste estudo discutir sobre os propósitos da Fundação Casa, das medidas socioeducativas específicas ao atendimento de jovens em conflito com a lei, mas não podemos deixar de mencionar sua existência, no sentido de pontuar a diferença estabelecida entre os dois tipos de serviços.

Tendo explicitado o que se constitui os acolhimentos institucionais, com serviços bem diferentes dos oferecidos pela Fundação Casa, julgamos importante destacar alguns dados extraídos de pesquisas, entre eles os apresentados por Marcílio (2006). Indicam-se, nesse estudo, quem são estas crianças/adolescentes que passaram e continuam passando pelos acolhimentos institucionais. Seus estudos apontaram que, desde o tempo colonial, entre a população de expostos há predominância de mestiços, negros, ilegítimos e abandonados ao nascer. Essas variações de cor se modificavam nos diferentes estados brasileiros. Para a Bahia sempre predominou maior número de negro e pardos.

Ao buscarmos referências sobre as taxas de violência no Brasil, consultamos o *Atlas da Violência* do ano de 2017 (BRASIL, 2017). Nele encontramos as seguintes informações: segundo o Ministério da Saúde, entre 2005 e 2015⁹ houve um aumento de 17,2% na taxa de homicídios de indivíduos entre 15 e 29 anos. Desse índice, segundo os dados, 92% são homens.

Outros números sobre a violência estão relacionados à raça, segundo as mesmas fontes (BRASIL, 2017), a cada 100 jovens que sofrem homicídio, 71% são negros, sendo um dado oficial que o cidadão negro possui 23,5% chances a mais de sofrer assassinato em relação a cidadãos de outras raças (p.32). Portanto, em termos de proporção entre negros e não negros houve um aumento de 34,7% na diferença de letalidade contra negros (p.58).

⁸ Dados extraídos no site da Fundação Casa: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br> que disponibiliza o regimento interno e outros documentos pertinentes a legislação (leis de sua criação, SINASE, ECA, etc.)

⁹ Dados extraídos das tabelas 4.1 e 4.2 sobre a violência com jovens (2017, p. 29-30)

Entre outras variáveis relacionadas à desigualdade, constata-se o quesito da violência cruzado com o de raça, quando encontramos um crescimento de 18,2%¹⁰ na taxa de homicídios de negros entre os anos de 2005 e 2015 e, em contrapartida, uma diminuição de 12,2%¹¹ de homicídios de pessoas não negras, no mesmo período, prova suficiente para revelar desigualdades (BRASIL, 2017, p. 33).

Observamos, portanto, neste mapeamento que o perfil das pessoas que sofreram homicídio no Brasil é o de, em sua maioria, homens, jovens, negros e com baixa escolaridade.

Dos resultados apresentados no *Atlas da Violência* (BRASIL, 2017), destacam-se como possíveis causas:

[...] a falta de oportunidades educacionais e laborais que condenam os jovens a uma vida de restrição material e de anomia social, que terminam por impulsionar a criminalidade violenta (p. 28).

Observamos neste percurso sócio-histórico, por meio da população que frequentou os recolhimentos (do período colonial), os internatos, os externatos, os abrigos que compreendiam a criança pobre, muitos da raça negra, cujas famílias muitas vezes eram dirigidas por mulheres em condições de pobreza. Esta realidade pode ser observada em relação à criança/adolescente que frequentam os acolhimentos institucionais na atualidade.

As desigualdades sociais a princípio são causa de preconceito de classe e/ou raça. No preconceito de classe, os seus representantes são constituídos de todas as cores (mulatos, negros e brancos), porém, para o preconceito de raça, o negro aparece como anomia e não pertencimento social, classe essa chamada por Souza (2017) de ralé brasileira, a classe dos novos escravos, que ainda tenta se impor entre o pobre honesto e o delinquente.

Neste cenário complexo, em que se mistura raça e classe, o que podemos entender do processo de socialização possível a essa população? A eles lhes é tolhida ou dificultada a possibilidade de adquirir capital cultural (formação educacional, letramento e profissional). Sem capital econômico e sem capital cultural as possibilidades de uma visão promissora de futuro ficam

¹⁰ Dados da tabela 5.2 (2017, p. 37)

¹¹ Dados da tabela 5.1 (2017, p. 36)

comprometidas, incluso neste caminho as enormes dificuldades para mobilidade social.

Repetem-se as mesmas condições, sem projetos de futuro, fechando o círculo de má infinidade, perpetua-se o complexo de vira-lata, apontado por Souza (2017), ao entender que somos incapazes de quebrar esse círculo, vendendo-nos como inferiores e impossibilitados de se expressar diferente.

As crianças/adolescentes que acabam indo parar nos acolhimentos institucionais, sejam por questões econômicas, sejam por desestruturação familiar e ou situações de violência, muito provavelmente encontraram ou encontram problemas no processo de socialização em seu contexto sócio-histórico e cultural. Tendo comprometido essa fase tão importante da vida na sociedade, acabam encontrando também dificuldades na aquisição de capital cultural e, conseqüentemente, acabam chegando à fase adulta sem as condições de competir no mercado profissional.

Ao apontarmos estes aspectos históricos e sociais, tivemos o propósito de introduzir o leitor ao tema investigado e trazer aspectos críticos sociais a fim de contextualizar o estudo proposto do processo de identidade através do Sintagma-identidade-metamorfose-emancipação.

3. A HISTÓRIA DE SOFIA

A história de Sofia, narrada por ela mesma, norteará a reflexão no decorrer deste capítulo.

O desvelar de seu processo identitário no acolhimento institucional nos indicará os aspectos e elementos necessários ao entendimento do que é este lugar vivido por todos aqueles que, por necessidades específicas, são obrigados a passar pelo (SAICA) Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes. Neste aspecto, o estudo tem muito a contribuir.

A narrativa de Sofia revela o caminho que trilhou, contudo, podemos entender que é apenas uma de tantas outras crianças e adolescentes que viveram e vivem boa parte de sua infância e adolescência nos serviços de acolhimento institucional. Um caminho supostamente diferente dos que passam o período de socialização no núcleo familiar (pai, mãe, irmãos).

Sofia, como singularidade, expressa o particular contido no universal. A narradora se constitui como porta-voz desse movimento. Ao narrar sua história de vida, ela representa o singular materializando o universal, o que se relaciona com o postulado por Ciampa ([1987] 2011). Ao observarmos sua história, temos condições de visualizar o universal da experiência no acolhimento institucional, compreender como se constitui este processo, as referências recebidas e como estas interferem na constituição do que ela está sendo hoje.

É importante destacar que Sofia ao narrar, o passado, no presente, revela o sentido que atribui a cada passagem de sua história. Neste movimento, podemos observar a dinâmica do cotidiano vivido, assim como o sentido que atribui aos conteúdos de sua própria história e seus projetos de futuro. Contudo, a história aqui narrada é uma coautoria de Sofia com a pesquisadora.

Sua história de vida é, segundo a própria narradora, constituída de muitas fases. Iniciemos este caminho a fim de compreendermos quem é Sofia, como expressa quem é, como se reconhece em sua trajetória de vida.

3.1. Infância com mãe protetora e irmãos

Sofia inicia sua narrativa se autoapresentando, dizendo seu nome e relatando que irá contar sua história do começo da sua infância e das diversas fases pela qual passou.

Meu nome é Sofia [...] É vou falar um pouco da minha infância, começo da minha infância, das fases da minha vida¹².

Sofia fala dela - no hoje - com a segurança de quem sabe quem ela é, ao iniciar a narrativa dizendo seu nome. É a Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem, tendo clareza que sua trajetória de vida foi constituída de muitas fases.

Ao se apresentar pelo nome Sofia, está se auto identificando por ele, relevando-nos que se reconhece por esse nome. Como nos apresenta Ciampa ([1987]2011), identificamo-nos com nosso nome, tornamo-nos nosso nome. O nome é nossa identidade social, é por meio dele que se inicia a fala quando se quer falar de alguém especificamente.

Nosso nome é apenas a porta de entrada para revelar nossa identidade e todos os outros aspectos, papéis e personagens que nos constituem. Alves (2017), baseada nos estudos e experiência profissional, indica que:

[...] identidade é um processo de formação social que, se dá como metamorfose no movimento histórico em busca de emancipação, que constitui o humano concreto em individualidades e coletividades, articulando como história da sociedade e da natureza. (, p.34)

Ao se identificar pelo nome e dizer que irá contar do começo da sua infância (processo de formação histórico social) e as diversas fases pela qual passou, Sofia ratifica a afirmativa de Alves.

Conforme Ciampa ([1987] 2011), afirmamos que é no processo histórico que a individualidade se constitui como movimento de metamorfose e nos torna humanizáveis. É nesse movimento que a pessoa se firma enquanto individualidade e coletividade

Ainda em relação ao nome, Ciampa ([1987]/2011, p. 137) afirma: “[..] o nome não é a identidade, é uma representação dela”. Sofia se identifica e se reconhece pelo nome que lhe deram.

Voltemos a sua história. Sofia continua sua narrativa, contando-nos sobre sua infância com a mãe e com os irmãos. Porém, não nos apresenta muitos aspectos desse período em que viveu com eles. Vejamos na sua própria fala:

¹² As transcrições das falas de Sofia foram feitas de modo a registrar as marcas de oralidade da língua portuguesa falada. Ademais, utilizam-se marcas gráficas como o itálico, travessão e aspas em momentos em que há a transcrição de falas dentro da narrativa e de caixa alta em momentos nos quais há aguda emoção e/ou o volume da voz se encontra acima da média.

Eu lembro que eu morava com a minha mãe, né. Morava com a minha mãe, minha mãe ficou um tempo com a gente.

Tudo indica que levava uma vida feliz e digamos “normal” como toda a criança na presença da mãe e irmãos.

Sofia nos conta das visitas que sua mãe fazia com eles a casa de seus tios e tias.

[...] ela levava a gente (respira fundo), na casa dos “*meus tios*”. Que quando minha mãe era viva, a gente tinha um [...] um ritmo familiar, pode-se dizer familiar. Contato com as irmãs da minha mãe.

Do pouco que ela traz, indica que tinha uma infância feliz (sentia-se protegida) com a presença da mãe e dos irmãos. Percebe-se claramente a proteção da mãe para com os filhos, nesta narrativa:

Porque a minha mãe, não deixava a gente ficar na rua, na casa das pessoas. Era sempre com ela. Onde ela tava, ela sempre levava a gente. A gente não podia nem ficar na rua que ela não deixava a gente ficar.

Sofia nos dá indícios que, em sua família, a mãe era a cuidadora e superprotetora para com eles. Observamos nesta narrativa que alguns aspectos da estrutura familiar já se delineiam.

O cuidado da mãe para com os filhos, em mantê-los sob o seu olhar e cuidado, longe da relação com os outros. Ao proibi-los de ficar na rua, indica-nos uma das características do modelo de família nuclear ao qual fazemos parte.

Aponta Reis (2012) que a família burguesa constituída no séc. XVIII se fecha em si mesma, tornando-se a família nuclear: pai, mãe, filhos, no início do século XIX, modelo este padrão até os dias de hoje. A educação e o futuro dos filhos passam a ser prioridade da família nuclear. A divisão do trabalho entre os papéis de pai e mãe também se diferenciam. A figura do pai, como provedor da família, configura-se no trabalho fora do lar denominada como vida pública. O pai/marido exerce a autoridade dominante e tem autonomia e o controle sobre a família.

A figura da mulher/mãe simboliza o espaço exclusivo da vida emocional. A mulher é a responsável pela vida doméstica, por cuidar e educar os filhos, representante da vida privada. Os filhos, por sua vez, ficam exclusiva e totalmente dependentes dos pais. As referências parentais são as únicas para a socialização da criança no modelo de família nuclear. É nela que a criança aprende a relação de afetos e cuidados, sobretudo, na figura da mãe para suprir

essas necessidades. Reis (2012) ratifica que, para a sociedade moderna capitalista, o modelo de família nuclear (onde todo o processo de formação do indivíduo é realizado no âmbito da esfera privada) se constitui como modelo importante para a função de reproduzir a ideologia dominante e de corporificá-la.

Entretanto, este não foi o único modelo existente. Os modelos “primitivos”, anteriores ao modelo nuclear burguês, determinavam à mulher um papel de igualdade frente ao homem e a comunidade onde esta vivia. O fruto do trabalho feminino era comunitário, portanto, socialmente necessário. Além disso, a educação dos filhos também se dava de forma comunitária com o auxílio de outros integrantes da comunidade, mais especificamente de outras mulheres que ajudavam neste processo. Portanto, as referências de socialização recebidas pelas crianças não estavam estritamente ligadas aos seus genitores. De acordo com Moraes (2017), a educação era socializada no contexto da comunidade, desta forma, os jovens tinham interiorizado os preceitos morais do trabalhar em comunidade, ou seja, do trabalho coletivo dedicado ao bem comum.

Havia, porém, um interesse para que o modelo nuclear burguês predominasse em relação aos outros, chamados de “primitivos”.

Partindo desse pressuposto, afirma Reis (2012), qualquer acontecimento (contradição) que coloque em risco a noção idealizada de família, materializado por opressão, dominação ou quaisquer outros conflitos, são rapidamente dissimulados para que continue a transfigurar na família a ideia de harmonia e proteção para todos os seus membros. A ideologia dominante quer preservar esta harmonia para que tudo permaneça como está, e a classe dominante possa manter-se neste lugar.

Voltando a narrativa de Sofia quando esta afirma que a ““mãe não deixava eles ficarem na rua, e para onde ia, os levava consigo””, revela-nos o caráter de proteção e cuidado da mãe para com eles, característica essa, presente no modelo de família nuclear. A mãe desempenhando o papel de cuidadora e protetora dos filhos é o sentido naturalizado e atribuído por Sofia. Uma visão idealizada de família que Sofia internalizou como única possibilidade real.

Na continuidade da história narrada, observa-se uma grande mudança na vida de Sofia: sua mãe descobriu que estava doente.

Aí teve um certo dia, que eu lembro que minha mãe, ficou sabendo que ela tava doente. Que ela tava com tuberculose na época. Que na época tuberculose... era uma doença muito (respira fundo) tipo que nem aids, né. Que nem aids que ninguém podia chegar perto. Não tinha remédio pra nada... Ela ia morrer assim... eu lembro que eu fui lá no hospital. Não sei se é o Hospital São José. Quando ela recebeu a notícia, eu lembro que ela ficou desesperada. (em tom de choro novamente) Desesperada, sem chão. (retoma o tom normal da voz) Ficou que nem, na verdade... eu vou dizer a verdade. Que nem uma louca.

Sofia nos conta que não entendiam direito o que estava acontecendo, ela e seu irmão mais novo que a acompanhavam ao hospital. Ao receber o diagnóstico de tuberculose da mãe, Sofia-de-hoje demonstra o seu próprio desespero ao expressar em “tom de choro” a revelação da doença. Assim como ao descrever o desespero da mãe “ficou que nem uma louca” com a notícia.

O diagnóstico de doente com tuberculose (um predicado duro e difícil) atribuído a sua mãe, tornou-se a referência de quem ela era. Destaca Ciampa ([1987] 2011) que quando nos é dado algumas predicções e as tomamos como nossa, estas se tornarão nossa identidade perante o outro.

A mãe, ao tomar como sua esta predicação de “doente com tuberculose”, presentificou a doença. Esta passou a ser sua condição dali por diante, bem como o reconhecimento dessa predicação como verdade e, portanto, real por parte de Sofia.

Uma nova condição externa se desenhava a partir da aceitação daquele diagnóstico. O descontrole emocional diante da notícia provocou atitudes por parte da mãe que Sofia não previa de antemão. Isso a chocou muito.

A atitude da mãe, na ocasião, era interpretada por Sofia como rejeição. Com muito sofrimento, ela nos narra a seguinte passagem:

Eu lembro que ela falava assim: - *Vai embora! Pega a minha bolsa e vai embora! Vai pra casa.*

O sofrimento por ouvir essa fala é manifestado na narrativa e nos sinais que expressa corporalmente através do interromper da narrativa, da alteração de voz, do respirar fundo e do engolir seco.

E eu lembro que eu (suspende a fala por um instante) peguei a bolsa dela, (respira fundo) e vim embora, pra minha casa. (engole seco)

Esta narrativa tão carregada de emoção nos indica o grau de sofrimento que Sofia passava naquele momento. É a Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-

ontem, emocionalmente abalada pela atitude da mãe. O sentimento de abandono era objetivado pelo que ouvira. Essa atitude é uma contradição à visão idealizada que Sofia tinha da figura materna, internalizada como protetora.

Movida pelo desespero de ter voltado para casa ficado sozinha o resto da tarde e não ter notícias da mãe até o fim daquele dia, Sofia foi atrás de seu irmão mais velho (o Jota) contar o que ocorrera. Falou ao irmão que a mãe não retornara do hospital até aquele momento e que Dinho, seu irmão caçula, havia ficado com ela.

Neste ponto da narrativa, Sofia nos apresenta outros elementos que indicam quem era sua família. Conta-nos que o irmão mais velho também ficou desesperado atrás da mãe, mas que não sabiam onde procurá-la, eram todos crianças:

A gente era tudo de menor, criança não sabia onde procurar.

A narradora revela que só depois descobriu que a mãe perdera os sentidos e devido a isso tinha sido levada para a delegacia, retornando para casa só no dia seguinte com seu irmão caçula e com um policial.

Sofia, porém, diz que a mãe já desconfiava que estava doente. No seu entender, era por desconfiar da doença e por se preocupar em não contaminar os filhos que ela os levava ao médico com frequência para fazer alguns exames.

Porque quando a gente era criança, minha mãe sempre levava eu num [...] a gente no médico né. Pra saber se gente sempre tinha alguma coisa. E ali eu nunca entendia. Eram várias e várias vezes, que a gente tinha que levantar cedo. E eu sempre perguntava na época: - *Mãe porque que a gente tem que ir?* Ela falava: - *Não, rotina.* Sempre era essa história de rotina né.

E conclui ela:

Eu só fui entender essa história de rotina, depois que a gente descobriu que a minha mãe estava doente.

Outro ponto destacado por Sofia, que indica a mesma desconfiança de sua mãe a respeito da doença está relacionado a mãe leva-los para passar as férias na casa do tio Tito.

Observemos sua própria narrativa nestas passagens:

[...] (Ela mãe) já tava ciente, que tava [...] com suspeita de tuberculose. Suspeita de [...] que ela poderia ficar na cama, e ela não queria mostrar aquilo pra gente, que ela tava doente.

E nesta:

Que antes de a gente morar com ele (tio), ela falava que a gente ia passar as férias [...] Que era uma maneira, (engole seco, e parece ter um nó na garganta e puxa pela respiração) da gente querer ficar, com eles.

Estes fatos parecem deixar Sofia confusa com a postura da mãe, pois se, por um lado, ela não deixava os filhos ficarem na casa das pessoas e nem na rua, por outro, suspeitava de que estivesse doente com essa enfermidade antes deste episódio, porque os preparava para aceitarem ficar na casa dos tios e se acostumarem com o local indo passar férias com eles.

Contradição posta, por um lado, pela mãe ideal protetora, cuidadora dos filhos e, por outro, pela mãe que rejeita os filhos e manda Sofia embora do hospital. Estes são os sentidos captados por Sofia. Para apresentar uma justificativa a esta contradição, na nova postura da mãe, a Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem nos indica que a mãe foi obrigada a fazer isso por causa da doença. Ademais, também devido à doença, não queria mostrar aos filhos que era uma pessoa fraca.

Esse pensamento é confirmado por esta narrativa:

- Que minha mãe sempre foi forte, batalhadora.

A visão idealizada que Sofia tinha da mãe e de seu papel na família indica que a “figura materna” era tida como provedora de todas as necessidades dos filhos e que nada devia faltar a eles. Para ela, a doença da mãe mudou o cenário de uma família feliz e indica o início e “causa” do grande sofrimento que perduraria boa parte de sua narrativa. Se não fosse a doença da mãe, continuaria sendo a família feliz, a família sonhada e idealizada.

A partir deste episódio, pode-se evidenciar o surgimento de uma nova Sofia: a menina abandonada pela mãe.

Retomando as concepções de Ciampa ([1987] 2011) sobre identidade, verifica-se que o conceito de personagem é utilizada para identificar a manifestação da identidade no empírico e que esta forma possibilita identificar o movimento do indivíduo no decorrer das narrativas.

A “forma personagem” tem um valor importante para compreensão deste movimento. Ela se configura na chave para o movimento de metamorfose das personagens e para compreendermos os possíveis fragmentos de emancipação do indivíduo. Isso posto, porque a “forma personagem”, segundo o autor, permite apreender o momento exato (em que o ator e autor da narrativa) se integram em “um”.

Interessante observar que, ao consultarmos o significado da palavra identidade no dicionário de filosofia, encontramos uma estreita relação com a “forma personagem”. Na filosofia, Sperber (1957) elucida que o conceito de identidade é relacionado ao termo “pessoa” ao qual está ancorada na ideia do teatro, *dramatis personae*, onde o ator usa máscaras, sentido literal de *personae*, relacionado aos diferentes papéis que ele desempenha (ação).

Segundo Stanislavski (1996), a caracterização da forma personagem “é a máscara onde se esconde o indivíduo ator” (p. 53); Ele próprio acrescenta que “[...] o ator é observador de sua própria atuação enquanto atua” (p. 198).

Um aspecto importante sobre a produção da identidade na forma de personagens está na diferenciação entre ator e autor. Ciampa ([1987]2011) destaca que o ator é um eterno dar-se (é o fazer e o dizer). Contudo, o autor não existe como sujeito porque ele é a própria obra. Ao criar a obra, o autor fala de si em um tempo histórico, fala no tempo presente de um passado (dele mesmo) e renunciando o seu próprio amanhã. “[...] a Severina-de-hoje renuncia a Severina-de-amanhã e fala da Severina-de-ontem como se fala de outra pessoa”. (CIAMPA, [1987] 2011, p.161).

Observemos que Sofia (autora), ao narrar sua história, observa a sua narrativa. Ao observá-la, capta os aspectos de sua própria atuação (enquanto atriz) e pode analisar sua atuação (de atriz) no contexto histórico e social que envolve sua atuação. O que afirmamos com isso?

Que a Sofia-de-hoje está observando o seu ontem, nos contando sobre seu passado e ao mesmo tempo analisando sua atuação, trazendo questionamentos e/ou críticas observadas com o olhar de hoje. Estes movimentos indicam a chave para analisarmos o processo metamorfose de sua identidade. Eles indicam os sentidos que Sofia atribui a cada momento de sua narrativa contada no hoje.

A partir da compreensão da importância desta ferramenta, podemos seguir com as narrativas de Sofia. Quais personagens surgirão nesta história e quais movimentos se farão presentes com sua atuação.

Relembrando a história de Sofia: ao descobrir que a mãe estava com tuberculose, a narradora entende que uma nova fase, muito difícil e dolorida, apresenta-se em sua vida. Assim, a personagem “filha cuidada pela mãe” se transforma na “filha abandonada”.

3.2. Sofia “filha abandonada”

Com muito pesar e forte emoção Sofia prossegue sua narrativa:

Foi daí que começou... a (respira fundo) a faseee [...] pior da vida, que foi quando eu tive que se separar da minha mãe. Né, que eu tive que morar com os familiares [...] Aí, (engoliu seco) a gente foi morar com o Tito que é [...] o irmão da minha mãe, mais velho [...] e a minha tia, que morava na mesma casa que ele. Só que um (e/e) morava em cima e ela morava em baixo. E a gente ficou com o Tito [...] A gente, o Dinho, o Samuca e eu fomos morar com eles.

A Sofia-abandonada pela mãe doente passa a viver momentos de grande sofrimento. A intensidade da dor é revelada pela narrativa expressa com a voz embargada pela emoção e marcada por uma respiração profunda e suspiro:

Aí foi (dá um suspiro misturado com riso) Foi o INFERNO. O INFERNO. Foi uma fase criança... Horrível morar com familiar, (puxa pela respiração com o nariz umedecido) porque a gente apanhava lá [...] Os “primos batia” na gente, ensinava a gente a fumar. Porque a gente tinha que fumar cigarro, às vezes, porque senão eles batiam na gente. E a gente era menor.

Percebe-se que a Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem já começa a apresentar seus primeiros questionamentos sobre o vivido naquele período. Segundo ela, não era correto que tivesse passado, juntamente com os irmãos, por aquela violência, pois eram menores de idade. Ao questionar o comportamento da família, achando errada a atitude, manifesta que compreende, hoje, que na fragilidade de criança, a única coisa que poderiam fazer era concordar para não apanhar.

Habermas (1983), ao estudar o desenvolvimento moral e a ““identidade do eu””, indica-nos a importância das crenças e valores para o indivíduo no processo de socialização. No nível chamado por ele de pré-convencional,

aponta-nos o autor, que o indivíduo segue a orientação como obediência no sentido de evitar punição. Na posição em que se encontrava Sofia e os irmãos, a única possibilidade de não ter punição era a de obedecer. Apesar da “atitude errada” ter partido “dos outros”, e não propriamente “deles crianças”. A vulnerabilidade a que estavam expostos, em uma casa que não entendiam como deles, essa era a única possibilidade atribuída por Sofia para diminuir o sofrimento.

A narradora critica a atitude do tio, durante o período em que permaneceu na casa dele, pois, no seu entender, aquela não era a postura esperada de uma família.

E a gente, no começo, eles sempre falavam que era a família dele, né. Que ele tinha dois filhos, a esposa dele, ele e mais a gente [...] Não tinha como [...] porque está dentro da casa deles, e a gente tinha que fazer. A gente [...] Na verdade a gente era meio que empregado deles, sabe.

Podemos compreender que Sofia ao narrar tais fatos expressa indignação sobre o tratamento dado a ela e aos irmãos pela própria família.

É a Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem e já anunciando outra condição que se delineava para a sua vida, a Sofia-abandonada se tornando também a Sofia-escrava. Mas vamos ver esta nova condição nas palavras da narradora:

Nesse decorrer que a minha mãe tava doente eu já sofria [...] apanhava deles, tinha que fazer o que eles queriam [...] o irmão da minha mãe sempre agredia a gente, sabe. Sempre deixava a gente trancado [...] a gente não podia sair, não podia brincar.

Na condição de criança, longe da mãe, sendo obrigada a morar com o tio, não encontrava outra possibilidade a não ser obedecer, ainda mais porque apanhava deles. A personagem abandonada e abrigada pela família adquire características de escrava ao se submeter a trabalhos impostos e ficar presa dentro de casa, sem poder brincar como esperado para uma criança.

Em seus estudos sobre identidade, Ciampa ([1987] 2011) afirma que “identidade é metamorfose” (p.133) “. Ele está falando das diversas transformações, dos movimentos-metamorfose pelas quais passam as personagens narradas na história de Severina. O mesmo identificamos com Sofia: é através do movimento das personagens reveladas na narrativa que podemos apreender esse movimento de metamorfose.

Sofia, ao narrar sua história, revela-nos as imposições sociais reunidas no seu entorno que possibilitaram o surgimento das personagens vividas: ao ser separada coercitivamente da mãe doente, vive a personagem abandonada, ao ir morar com o tio, o cenário que se delineia neste espaço a obrigava a adquirir novas características possibilitando que a personagem abandonada se transforme. O abandono na casa do tio a obrigou trabalhar para a nova família e a ser explorada como trabalhadora doméstica, pois apanhava e vivia trancada apenas para atender as exigências da família representadas pelas figuras do tio e primo. A tia morava lá, mas não propriamente com eles. Isso ocorria porque a casa tinha mais de um andar, a tia ficava na parte de baixo em uma vida separada deles. Sofia e os irmãos moravam com o tio no andar de cima. A única possibilidade oferecida a Sofia na ocasião era a de se submeter as exigências do tio, fazendo o trabalho doméstico.

Nesta condição, é fácil indicar que a identidade de Sofia está representada pelo que ela faz. Sofia torna-se o que faz, a atividade revela quem ela é. Ao realizar todas as atividades domésticas impostas e sem nenhuma liberdade, Sofia, no seu papel de sobrinha – acolhida e submissa, submete-se a condição de escrava como única possibilidade naquele momento, naquele espaço e com aquelas pessoas. Surge, assim, a personagem escrava.

Encontramos em Ciampa ([1987] 2011) referências teóricas que nos explicam esse movimento da personagem constituir-se na atividade. Afirma o autor([1987] 2011) que “o indivíduo não é algo, mas sim o que faz, o fazer é sempre atividade no mundo, em relação com os outros” (p.142).

Observa-se que a relação com o outro é condição para a atividade. No caso de Sofia, ela como Sofia-escrava vivia essa condição em relação e na relação com o tio e familiares.

Leontiev (s/d), ao estudar o desenvolvimento do psiquismo nos animais e no homem, aponta que em observações com animais é possível notar que o sentido biológico se desenvolve e modifica-se com o processo da própria atividade. Cada grau de desenvolvimento psíquico nos animais corresponde à passagem por novas condições exteriores de existência. A “atividade” se faz presente desde um simples reflexo automático a uma elaboração mais complexa advinda do desenvolvimento da memória na busca da satisfação de suas

necessidades. Para os animais, as leis que governam a consciência são as leis de evolução biológica (instintiva).

Para o ser humano, segundo o autor, desenvolvimento sócio-histórico predomina sobre o biológico, assim sua consciência está condicionada ao seu “ser social”, portanto, entra em relação com o “objeto” objetivo da sua relação e com a própria relação. Neste sentido, observemos o que ocorria com a narradora.

Sofia-escrava desenvolvia sua atividade de “escrava” devido à relação que se estabelecia entre sua “atividade com os outros” ao seu redor. É na atividade cotidiana que a personagem escrava se manifesta, isto é, ao se submeter ao imposto no contexto sócio-histórico do seu cotidiano, faz-se escrava no processo de relação.

Entretanto, Sofia não encontrava o significado dos motivos que a mantinham como escrava. Não queria aquela vida, não era o que desejava para si.

Na tentativa de fugir desta condição, Sofia foge da casa do tio. Eles moravam na parte baixa de um bairro que mais ao alto havia umas represas. Atrás da casa tinha um terreno baldio que dava acesso a uma área de mata, a qual nomeou de “tipo floresta”. Conta Sofia que, certa vez, correu lá para cima, nessa mata, fugindo porque não queria mais voltar.

Ali eu não queria ficar mais. “Os portão” tudo trancado. Quando eles saiam, deixava a gente trancado.

Sofia narra este fato, dizendo que seu irmão foi gritando atrás dela para buscá-la. A Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem disse que tinha medo e não sabia voltar. Foi seu irmão que a trouxe de volta.

Acompanhemos sua história mais um pouco. Sofia-escrava sentia falta da mãe e queria vê-la. Nesse desejo de quererem vê-la (Sofia e os irmãos) pedem ao tio para visitá-la. Apesar de todas as características ruins atribuídas ao tio, Sofia encontra uma atitude positiva da parte dele. Sofia fala que o tio Tito nunca negou a eles a possibilidade de verem a mãe doente:

E ele sempre falava: - Quando vocês quiserem e sentirem falta da sua mãe. Você avisa, porque o tio leva. Leva vocês pra ver a mãe. Porque a mãe estava (fala bem devagar e espaçadamente) doente, não pode ficar com vocês. E teve um dia que a gente [...] num parque né. [...] A

gente falava: - *Ah tio, pode [...] Eu queria ver minha Mãe.* Ele nunca negou essa parte assim. Dizia ele: - *Tá bom, a gente vai ver a sua mãe.*

Chegou o dia em que Sofia e os irmãos foram visitar a mãe. Este dia foi marcado, mais uma vez, por enorme sofrimento para Sofia. Nos conta ela:

Aí quando eu cheguei lá, chegou eu e "*meus irmão*". E ela tava lembro que ela tava numa cama, né. Na nossa cama mesmo, que era uma das nossas cama beliche. Mas fizeram uma cama. E ela tava [...] E tava toda coberta com [...] um cobertor, que ela cobria todo o corpo dela.

Mais uma vez a Sofia-escrava por um momento se liberta da condição de escrava, se vê apenas como a Sofia-abandonada. O abandono, a rejeição por parte da mãe só fazia aumentar a dor do afastamento:

E ela falava assim: - *Leva eles embora! Leva eles embora! Eu não quero que eles vejam [...] vejam eu assim! [...]* E eu lembro que eu falei isso: - *Mãe!* E ela falava: - *Não, filha, vai embora! Não quero ver vocês! A mãe não quer [...] não quer ver vocês!*

Sofia passa a revelar de forma reiterada que a condição de abandono possibilita a escravidão. As personagens de abandonada e escrava se integram pelo que se reúne no seu entorno. Este é o cenário que se configura neste momento.

O sofrimento de ser abandonada pela segunda vez se intensifica e, de alguma forma, ela tenta encontrar justificativas para a ação da mãe, uma forma de amenizar a dor que sentia e, ao mesmo tempo, manter a imagem idealizada da mãe superprotetora e atenciosa com os filhos:

Eu sempre entendi [...] Não porque ela não queria tá com a gente, é porque ela tinha vergonha, (engole seco) e (voz embargada) da doença dela [...] na época.

Para Sofia, era muito difícil ser abandonada pela mãe.

Aí a gente (fica novamente com a voz embargada) [...] Na verdade eu não entendia muito sobre a doença e porque estava afastada dela. E a gente queria tá com ela. Porque pra gente, independente da doença, é minha mãe. Quero tá com ela. (puxa a respiração com o nariz umedecido).

Sofia buscava para si, argumentos que justificassem a atitude da mãe. Na idealização da figura materna se materializava uma espécie de heroína forte o suficiente para colocar-se como a protetora dos filhos em todos os sentidos.

Nessa perspectiva é, mais do que natural, os filhos quererem a companhia da mãe. Estar com ela independente da doença.

Acompanhemos seu relato:

E ali eu chorava, e me tiravam dela, e eu ia. (continua falando chorando). E eu falava: - *A gente não vai demorar.* (alterna para a fala da mãe) - *A mãe vai cuidar de vocês. A mãe vai ficar melhor.* (Respira fundo, puxando pela respiração e em choro prossegue) E aí eu falava: - *Tá bom, mãe. A gente vai ficar aqui.*

Percebe-se nesta parte da narrativa que a mãe quer de alguma forma consolar a dor da filha, indicando que aquilo é passageiro, quando diz:

- A mãe vai cuidar de vocês. A mãe vai ficar melhor.

E como resposta a Sofia-abandonada diz:

- Tá bom, mãe. A gente vai ficar aqui.

É como se dissesse ““nós não vamos embora, estamos aqui cuidando para você sarar logo”“.

Mas outra força maior, a realidade objetiva se impõe e Sofia é arrancada da mãe:

... e me tiravam dela, e eu ia.

Mais uma vez ela tem que se submeter a essa condição e ser obrigada a ficar afastada da mãe, a única realidade imposta, ser a Sofia-abandonada.

Na tentativa de amenizar o afastamento forçado, a Sofia-abandonada faz uma última fala a mãe:

A gente não vai demorar.

Quando mencionamos uma força da “realidade objetiva” arrancando Sofia da mãe, estamos na verdade trabalhando com um dos movimentos presentes neste processo de interação do indivíduo com o seu meio. Do indivíduo com os outros que interagem com ele no contexto sócio-histórico onde ele está inserido.

Estamos falando do processo de socialização pela qual todos nós passamos para nos tornarmos quem somos hoje dentro da sociedade em que vivemos.

Para discutir esse assunto, trazemos os autores Berger e Luckmann (2014) que estudam a construção da realidade. Eles podem nos esclarecer o que se constitui essa realidade objetiva. Segundo os autores:

[...] a socialização é produzida pelo homem através da sua contínua exteriorização. Para eles a socialização não é dada biologicamente, e tão pouco no ambiente natural do homem, mas sim ela existe unicamente como produto da “atividade humana”. E só existe, na medida em que a atividade humana continua a produzi-la, sendo, portanto, um produto humano (p. 74).

Afirmam ainda os autores que o processo de socialização se concretiza mediante três movimentos dialéticos: a exteriorização, a interiorização e a objetivação.

A exteriorização é o movimento da ação do sujeito, da atividade deste no seu meio social e cultural. Ele se expressa nesse mundo, agindo nele através da exteriorização, através dos papéis que desempenha no seu ambiente. Em contrapartida, absorve do meio em que está inserido através dos outros que com ele interagem, os significados que lhe fazem sentido subjetivamente, se constituindo na interiorização indicadas por Berger e Luckmann (2014). O indivíduo no processo de interiorização consegue atribuir significado a aquilo que ele observa em seu mundo externo. Assim, ao dar sentido a estes aspectos, ele os interioriza como seus significativos subjetivos.

Ao analisarmos o relato de Sofia, observamos o contexto como um “todo” e não o fato isolado. Ela estava ali para visitar a mãe. Sua condição ““posta”” é de que era a ““Sofia-abandonada””, e que por isso tinha que morar com outros familiares, o tio.

Retomando o conceito de “ser-posto”, apresentado por Ciampa ([1987] 2011), refere-se ao ser social que se apresenta com uma predicação no seu contexto social e é reconhecido por este como tal.

Sofia havia se reconhecido como a Sofia-abandonada. O contexto sócio histórico em que ela está inserida a apresentou com esta predicação, que uma vez aceita (interiorizada) esta posição passa a ser como “dada a ela”.

Nesse universo simbólico, a única possibilidade dada à Sofia foi a de Sofia-abandonada, que foi interiorizada (aceita) por ela e posteriormente

exteriorizada com suas ações. Como afirma Ciampa (1977), o universo simbólico se exterioriza pelas nossas ações.

Todavia, voltemos a nossa primeira questão. Estávamos discutindo o sentido de realidade objetiva. Para que uma realidade se objective, temos que considerar dialeticamente os três movimentos da socialização: exteriorização, interiorização e objetivação.

Como já vimos, a exteriorização é o movimento da ação do sujeito, constitui-se na sua atividade no meio em que se encontra. Interiorizar “é levar para o interior as estruturas externas organizadas pelo universo simbólico” (HABERMAS, 1978, p. 34 apud SASS, 2004, p. 259).

A objetivação se constitui, portanto, a confirmação objetiva dos movimentos de exteriorização e interiorização presentes no universo simbólico.

A sociedade e o processo de socialização devem ser entendidos de forma dialética. Como nos destacam Berger e Luckmann (2014), a realidade social é objetivada pelas ações humanas, o homem é o produtor dessa realidade e, ao mesmo tempo, um produto, na medida em que vive e interage com esta realidade social no seu cotidiano.

As circunstâncias históricas e sociais do momento objetivam-se e, nesse sentido, revelam-se através da mãe e dos outros que a rodeiam como única alternativa. Sofia interagiu e vivia com essa realidade social no seu cotidiano. Essa era sua realidade objetiva. A única personagem permissível a ela naquele momento era a de Sofia-abandonada que se fazia escrava quando na casa do tio.

Embora Sofia tenha finalizado sua fala com a mãe dizendo que não iria embora, a realidade objetiva a arrancava da mãe. A realidade objetiva cruelmente lhe confirmava, por meio do seu entorno, a sua triste condição de abandonada. Não podia mais ser aquela da infância feliz no seio familiar, junto com sua mãe e irmãos.

E quando a gente chegou na casa, eu olhei tudo. Tudo o que a minha mãe tinha comprado. Tudo, não tinha mais.... é tipo uma casa vazia, quando a gente fica doente... As pessoas tiram tudo que parece que está tudo infectado.... (ainda em choro prossegue) [...] A minha casa era tão feinha. Mas sabe.... era nossa. E aí você chega e (respira fundo, puxando por ar) as pessoas, né, ali do lado. (puxa a respiração duas vezes) Em vez de querer ajudar, não, elas queriam assim, tipo... prejudicar [...] E o que eles fizeram? A primeira coisa que a vizinha fez foi querer achar, que poderia cuidar da minha mãe. Então ela tirou tudo

[...] Tacou FOGO em TUDO. (engole seco e mantém a voz embargada pela emoção) Em ROUPA. É [...] tudo da minha mãe. Tudo. Tudo, tudo, tudo. TUDO.

Diante desta realidade, o que reverbera dentro de Sofia é a realidade do abandono, a fala de sua mãe os mandando embora, não querendo vê-los, revelado no modo pelo qual sofridamente a Sofia-de-hoje nos fala de seu passado:

[...] eu olhava aquela casa escura e [...] a cena que eu tenho é como se eu visse ela aqui na minha frente [...] E ela falando: - *Pode ir embora. A mãe não quer ver vocês. A mãe não quer que vocês!* [...] *Não quero parecer fraca pra vocês. A mãe tá doente! A mãe tá DOENTE!*

É com a memória desta cena que Sofia e os irmãos retornam à casa do tio Tito. A abandonada novamente se revela como escrava.

A condição de escravidão dentro daquela casa trancada, tendo que se submeter a todos os serviços impostos por eles e de não poder sair, incomodava tanto a Sofia que ela e seu irmão novamente resolveram fugir. Inventaram uma mentira de que iriam ao Shopping e assim os três juntos fugiram:

[...] a gente mentiu pra eles. Foi eu, o Dinho e o Samuca. Que “é os meus dois irmãos” que morou com ele (tio). E a gente falou que queria dar uma volta no shopping. O meu irmão acho que tinha uns 16 anos, 17 na época [...] Aí a gente pegou e falou que foi pro *shopping*. Na verdade, a gente não foi no *shopping*, a gente foi pra nunca mais voltar. A gente voltou pra casa da minha mãe [...] a gente foi atrás do nosso irmão mais velho, que é o Jota, pra contar a história do que estava acontecendo. Mas ele mandou a gente voltar. A gente chegou lá, contou e ele ligou pra eles vir buscar a gente. A gente tinha motivo. Ele achava que a gente tava mentindo. Né [...] a fase das mentiras, sabe? Da criança? Que acha que sempre a criança está mentindo e não acredita? Então foi isso que aconteceu. Aí ele ligou, e o irmão da minha mãe veio buscar a gente.

Vale um destaque para o trecho em que a narradora indica ter ido conversar com o irmão mais velho (o Jota), contar o que ocorria com eles, e que o irmão não acreditou nela e mandou eles voltarem para o tio. Ele acabou ligando para o tio que veio buscá-los.

Tem um aspecto deste episódio que merece nos determos um pouco. Diz respeito ao irmão (Jota) não acreditar nos fatos que Sofia contava e julgar como mentira, atribuindo à fase das mentiras de crianças. Esse fato parece contribuir muito para com o sentimento de abandono relatado tão enfaticamente pela narradora.

Berger e Luckmann (2014) afirmam que a criança na socialização primária entende que as referências apresentadas pelos adultos ao seu redor representam a única verdade. Ela as entende como absolutas, não as questionando e as compreendendo como o único caminho possível.

A criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais. Quaisquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação. A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os tornando-os seus. [...] Por meio dessa identificação com os outros significativos a criança torna-se capaz de identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível (BERGER e LUCKMANN, 2014, pp. 170, 171).

Segundo Berger e Luckmann (2014), a criança nos primeiros anos de vida experimenta suas ações, e com o reconhecimento dos outros significativos por suas ações, ela os interioriza como seus e passa a repeti-los. Os “outros significados” têm como representatividade os “outros indivíduos” que com ela interagem, por exemplo, na relação dela com a mãe.

Se os outros (tio, tia, avô, avó etc.) reforçarem o reconhecimento de seu ato, expressado pela mãe, a criança entenderá e apreenderá como seu esse movimento, interiorizando-o, para posteriormente exteriorizá-lo novamente. Se houver rejeição, ela (criança) compreenderá que não deve repetir aquele gesto e/ou ação. Assim, o “outro” tem fundamental importância como processo de interação no social no ambiente onde ele (indivíduo) troca informações, no qual ele é chamado a compreender essas interações com a estrutura da qual faz parte.

No contexto sócio-histórico apresentado por Sofia, os “outros significativos” estão representados pela mãe, o irmão mais velho com os quais ela busca reconhecimento do que ela própria faz, fala ou sente. Ou seja, ela foi buscar no irmão mais velho o reconhecimento que confirmasse sua afirmativa do que relatara. Um reconhecimento que aceitasse o que ela apresentava como circunstância real e verdadeira.

A abandonada que adquiriu a condição de escrava tenta se libertar buscando ajuda de outro significativo (o irmão), mas este, ao não lhe dar crédito, impossibilita o surgimento de nova personagem e ratifica sua condição posta. Abandonada também pelo irmão, só tem um lugar para ficar na casa do tio,

submetendo-se às imposições deste. A abandonada-escrava se manifesta novamente:

Aí voltamos pra casa do... do irmão da minha mãe. (retoma a narração lenta e com tom de pesar) E ali a gente... foi estupidamente, né... agredidos, *“foi tentado”* abuso sexual. Começou de mim. Eu fui abusada sexualmente não chegou a concluir, mas [...] eu fui [...] eu lembro que quando eu, quando aconteceu isso foi uma vez [...] E quando a gente chegou lá, ele tentou bater no meu irmão, nos meus dois irmãos. E eu comecei a chorar. [...] (ele/tio) levou o meu irmão lá pra dentro, os dois e ficou comigo depois. (A) deixou no carro. Depois [...] ele voltou pro carro e eu fiquei lá [...] foi dali que ele tentou passar a mão em mim, passar a mão na minha perna. E eu ficava com medo porque eu era criança. Eu não sabia, eu tinha uns dez anos ali [...] E fui. Aí eu voltei chorando, né. E ele falou: - *Você não conta pra ninguém*. Só que ele não tentou [...] humm, começou a passar a mão no meu peito, e eu fiquei naquele desespero. Porque o quê que eu ia fazer [...] Um bruta monte daquele lá. Né... comigo. Então eu fiquei com medo, eu voltei chorando, aí ele falou: - *Engole o choro. Não é para você contar, que eu não fiz nada com você. E porque você está chorando?* Aí tá bom. Eu fiquei quieta.

A vulnerabilidade submetida se intensifica na narrativa. A figura da mulher na sociedade contemporânea é tão suscetível a vários tipos de violência, inclusive a sexual e a ter de ocupar lugares hierarquicamente inferiores, que a violência narrada não retrata apenas um caso isolado. Na singularidade do narrado, Sofia nos traz uma questão que infelizmente representa o universal, quantas outras meninas, adolescentes vivem situação semelhante? Na fragilidade da criança e da adolescente a violência sexual se constitui uma violação dos direitos e dignidade humana. Fazem-se necessárias políticas públicas que olhem para esta temática.

A história de Sofia nos oferece a possibilidade de compreender como se produz e reproduz as concepções e os atributos sobre as discriminações e, fundamentalmente, como a ideologia dominante se perpetua.

Partimos do pressuposto de que o ser humano produz suas condições de existência a partir do movimento histórico dialético como afirma Ciampa (2012), o homem não está liberto de sua condição sócio-histórica e tão pouco separado da sociedade ao qual vive. Assim observado, temos que levar em consideração o contexto social inserido, sob que condições estamos afetados e o quanto as relações pessoais e familiares nos atingem.

Reis (2012) assinala que há de se considerar que a família participa diretamente na formação do indivíduo, nos papéis que seus membros desempenham tanto no interior da família nuclear, quanto depois no contexto

extrafamiliar. Como nos aponta o autor,) “a família teria por função desenvolver a socialização básica numa sociedade que tem sua essência no conjunto de valores e de papéis” (p. 100).

Na história narrada, podemos observar o contexto histórico em que Sofia está inserida. Uma menina de dez anos, filha de mãe doente que não pode cuidar dela e tampouco de seus irmãos. O significado social atribuído é de filha de mãe doente que não pode cuidar dos filhos e de sobrinha que deve ser cuidada pelo tio. Contudo, as condições vividas possibilitam a narradora atribuir a este significado o sentido de ser abandonada pela mãe e escravizada e abusada pelo tio. Dessa forma, que referências de autoestima e reconhecimento ela pode internalizar no seu meio social? Que condição emocional/afetiva está sendo reunida no entorno de Sofia como referência de quem ela está sendo?

Não há o reconhecimento dela como portadora de direitos, o irmão mais velho, que talvez fosse o único que poderia ter lhe dado abrigo, acolhido, também se nega a reconhecê-la em suas necessidades. A casa que era seu lar feliz, dos primeiros anos da infância com a mãe antes da doença, objetivamente não existe mais, foi destruída, o que lhe resta?

Não deixa de ser representativo quando Sofia-de-hoje fala da Sofia-de-ontem nestes termos:

Eu nem sabia a minha identidade. Eu não sabia nem quantos anos eu tinha. Eu não sabia a data do meu aniversário. Eu não sabia nem quando fazia aniversário. (para pensando) Nada, nada, NADA. Era como se eu [...] Eu não existisse [...] Foi uma infância assim terrível.

Se observarmos as narrativas de Sofia, houve uma mudança drástica em sua vida desde o momento em que a mãe soube estar doente. Da mãe protetora e acolhedora dos filhos à mãe que descobre estar doente, que não quer ver os filhos, que não quer a presença de Sofia e a manda embora.

Porque a minha mãe, não deixava a gente ficar na rua, na casa das pessoas. Era sempre com ela. Onde ela tava, ela sempre levava a gente. [...] (QUANDO SOUBE DA DOENÇA) Eu lembro que ela falava assim: - *Vai embora! Pega a minha bolsa e vai embora! Vai pra casa!* [...] (NA VISITA) E ela falava assim: - *Leva eles embora! Leva eles embora! Eu não quero que eles vejam [...] vejam eu assim!* [...] E ela falava: - *Não, filha, vai embora! Não quero ver vocês! A mãe não quer [...] não quer ver vocês!*

Considerando a afirmativa de Berger e Luckmann (2014), a criança na socialização primária entende que as referências apresentadas pelos adultos ao seu redor representam a única verdade e único caminho possível.

Vemos que Sofia tem como resposta na exteriorização daqueles que lhe são significativos, apresentadores de uma realidade bastante cruel, reforçando psicologicamente a descrença em si e o sentimento de inferioridade.

A abandonada que se escraviza é abusada. Depois que o tio a tranca dentro de casa e vai embora, Sofia nada contente com o que ocorrera, chama pelo irmão mais velho que estava ali com ela, o Samuca e fala baixinho:

Eu falei: - Eu preciso contar uma coisa. Aí ele falou: - *O que foi Sofia? Fala! Mas eu [...] tô com medo.* (ele irmão) *Fala! [...]* Eu falei: *O tio passou a mão na minha perna, passou a mão no meu peito.* Aí ele falou: - *O quê?* (um instante de silêncio)

O que Sofia não imaginava é que seu tio não havia ido embora e escutava atrás da janela:

E ele estava atrás [...] O irmão da minha mãe, tava atrás da janela... escutando. No que eu contei pra ele (irmão) o que ele (tio) fez? Ele abriu a porta com tudo, pegou eu pelo braço. (fica novamente com a voz embargada pelo choro e prossegue) Tinha um quatinho onde ele guardava as ferramentas. Né, ele me jogou lá dentro. É onde passava rato, barata. Sabe onde fica "as ferramenta" velha? E me deixava ali. (puxa pela respiração e segue) Me deixava ali! E ela era grudada com a parede do quarto. E eu gritava, chorava. Chorava, chorava e falava: - *Me tira daqui, me tira daqui, me tira daqui.* Porque eu tinha muito medo de rato. Eu tive que dormir no chão. Ele só foi me tirar lá no outro dia. No outro dia quando ele. Ahmmm [...] que [...] A mulher dele trabalhava a noite né. E ela que me tirou de lá. Me tirou e levou pra dentro.

O abuso de autoridade por parte do tio, ao trancá-la no quatinho de ferramentas deixa mais marcas, medos e desconfianças para o futuro. Na condição de criança precisaria exatamente do contrário, ser acolhida, viver de forma saudável, convivendo com a sociedade.

Porém, observou-se que a abandonada-escrava, apesar de ter sido ameaçada pelo tio para não contar o ocorrido, o desafia e conta ao irmão. Ela não aceita essa condição em que vive, por isso tentava encontrar na figura do irmão uma proteção, um apoio, uma acolhida. Possivelmente uma forma de amenizar de alguma forma sua dor e sofrimento.

Analisando este ponto com as referências apresentadas pela constituição de família, lembremos que, na ausência da mãe, foi “dada” ao tio a autoridade para cuidar de Sofia e dos irmãos. Ao menos está pressuposto que deva ser esse o papel desempenhado pelo tio, o de cuidador. Como bem revela Sofia nesta fala:

Porque ele era irmão da minha mãe. Então, eles tavam achando que ele tava cuidando da gente. E minha tia lá de baixo, que morava em baixo. Não sabia do que estava acontecendo, lá em cima. Porque a gente nunca contava, nunca contava.

Neste contexto, o tio “outro significativo” aparece como representante da figura do pai, como Reis (2012) esclarece, é a figura de autoridade que deve ser obedecida, pelo modelo da família nuclear burguesa.

Vale frisar que não estamos aqui apoiando a posição tomada pelo tio, justificando sua ação pela referência teórica de modelo padrão de família em nossa sociedade. Na qualidade de coautores, temos o papel de desvelar os sentidos atribuídos pela Sofia narradora e autora, bem como apresentar nosso olhar crítico dos fatos e do contexto histórico e social que está sendo narrado. Na qualidade de observadores e críticos dos elementos presentes na narrativa, os aspectos críticos por nós apresentados são para refletir conjuntamente.

Sofia-escrava continua não aceitando essa condição e junto com os irmãos tramam uma forma de fugirem novamente. Os fatos narrados por Sofia indicaram o intento e os resultados da ação tomada:

Aí foi quando a gente decidiu (deu uma pausa) Fugir de casa, da casa dele e novamente voltar pra casa da minha mãe. Tentar procurar ajuda. Foi uma forma da gente gritar ali. Que a gente não tinha ajuda, a gente não tinha parente. Porque ele era irmão da minha mãe. Então, eles tavam achando que ele tava cuidando da gente. E minha tia lá de baixo, que morava em baixo. Não sabia do que estava acontecendo, lá em cima. Porque a gente nunca contava, nunca contava [...] Aí aconteceu isso. Aí eu lembro que no outro dia, eu fui pra escola. Eu e os “*meus dois irmão*” [...] E nesse dia a gente resolveu ir embora [...] depois da aula, a gente resolveu ir embora. Então agora que a gente vai ter que... FUGIR. Porque o tio tá trabalhando, então ele, ele não vai saber [...] Só que nesse dia, ele foi buscar a gente na escola [...] A gente tinha acabado de pegar o ônibus. Como lá em Ville Grand ele conhecia todo mundo, a parte dos cobradores, coisa e tal. Ele conhecia todo mundo, “porque ele era policial” na época. [...] e ele viu que a gente estava dentro do ônibus, porque a gente estava assim [...] encostando a cabeça no vidro do ônibus. Então ele viu. E ele pegou e parou o carro no meio da rua. (para por um instante) Parou o ônibus e falou. Entrou

dentro do ônibus e falou: - *Desce Sofia, desce Dinho e o Samuca continua a vida dele.*

A nova fuga foi malsucedida. Mais uma vez, Sofia não conseguiu concluir seus planos e sair da condição de Sofia-escrava. A realidade objetiva não lhe permitiu essa possibilidade ainda. Apesar de manter sua personagem de Sofia-escrava, a cada tentativa de fuga e retorno, algo em Sofia está diferente, algo que a impulsiona a tentar de novo e de novo.

Sofia-de-hoje fala do ontem ao explicar o motivo pelo qual o tio resolve liberar o irmão mais velho (Samuca) que estava com ela e ficar apenas com Sofia e Dinho, o irmão caçula.

Porque ele era um dos mais velho. Da gente ele era o mais velho né... era como se ele levasse a gente pro mau caminho. Pra onde que eu ia, eu... O Dinho que é o menor, né. *E eu ia pra onde?* O outro podia continuar que era esperto. A gente era criança. Então ele podia dominar eu e o Dinho. O Samuca ele não conseguia dominar. (respira fundo)

Novamente entra em discussão a relação de autoridade/poder que concede ao tio, a autoridade presente em nossa sociedade, nos diferentes terrenos e segmentos, como consequência, e porque não dizer apoio, ainda que inconsciente, do modelo padrão de família nuclear burguesa determinado e aprovado pelas classes dominantes.

O modelo patriarcal onde a figura do pai é autoridade, embora tenhamos grandes avanços nos últimos anos, onde as famílias não levam tão rigidamente estes papéis, sobretudo depois que a mulher começou a trabalhar fora e conquistar seus direitos na sociedade, há mais flexibilidade dentro das famílias no que tange aos papéis desempenhados pelo pai/mãe e até nas relações com os filhos.

Sigamos acompanhando a narrativa de Sofia a partir da intervenção ao ônibus no qual Sofia e os irmãos fugiam e o tio os pegou, interceptando o ônibus e obrigando Sofia e Dinho a voltarem com ele para casa, liberando apenas Samuca.

O tio os deixou em casa, dizendo que iria ficar com os dois e que iria cuidar deles. E depois saiu para o trabalho.

Só que o meu irmão não foi embora. O meu irmão desceu no próximo ponto. (respira fundo e com voz embargada prossegue) [...] No que ele (tio foi trabalhar) o meu irmão tava ali perto já da casa dele. Ele não

viu meu irmão. Meu irmão viu ele saindo, e entrou pra dentro da casa. Passou pelo corredor da minha tia e subiu. E falou: - *Sofia eu vou te levar. Você é mulher, né. E eu vou deixar o Dinho, porque eu não consigo levar os dois comigo.* (fez nova pausa) *Só vai eu, só vai você e o Dinho fica, depois eu venho buscar ele.* Aí a gente foi embora. Ele me levou.

Notemos neste trecho, dois aspectos que requerem destaque para reflexão e análise. Samuca foi o primeiro, em toda a narrativa contada por Sofia, a apoiá-la, a reconhecer que ela precisava de ajuda e não poderia ficar sem a sua intervenção. Observamos que se reúne, em torno de Sofia, a possibilidade para se libertar.

O segundo aspecto relaciona-se com as diferenças de sexo intensamente enfatizadas na sociedade capitalista patriarcal. Sofia-menina-mulher, vive em uma sociedade em que a mulher se encontra em condição de inferioridade, vulnerável em relação à figura masculina. Talvez por isso Samuca tenha deixado o irmão Dinho e levado apenas Sofia, destacando o fato dela ser mulher.

É a Sofia-de-hoje falando do medo do irmão:

[...] ele (Samuca) não conseguiu voltar pra buscar (Dinho). Ele não teve coragem de buscar, na verdade, né. Porque ele sabia [...] o que ele tinha feito.

Samuca dá a demonstrar à Sofia seu medo de retornar a casa do tio Tito para buscar Dinho. Esse é o entendimento que Sofia tem quanto à falta de coragem do irmão, atitude essa que ela não questiona, ao contrário, aceita naturalmente.

Depois que Samuca tirou Sofia da casa do tio, ele a trouxe para a casa de uma vizinha de sua mãe doente. Sua narrativa nos traz alguns elementos para entendermos que espaço novo é esse e as relações lá estabelecidas.

Quando eu cheguei lá, eu fui pra casa da minha avó, que na verdade não é a minha avó. De sangue nem mãe do meu pai nem mãe da minha mãe. É uma vizinha, que [...] hoje eu considero como minha avó. Minha família, né [...] são vinte e cinco anos de história junto [...] Desde quando começou com ela. E eu fui morar, fui passar uns dias com ela.

A relação que Sofia passa a estabelecer com essa senhora foi ganhando força e importância no decorrer do tempo, como ela mesma diz.

O retorno àquela casa, a proximidade como vizinha da casa da mãe, também lhe trazia lembranças da casa em que fora feliz com sua mãe e que não existia mais. Ela fala de suas memórias com grande pesar:

[...] eu lembro que a vizinha que eu falei no começo da história [...] que tacou fogo na minha casa, tacou fogo nos fios. Tirou tudo da minha casa, queimou tanquinho. TUDO da minha mãe! Nossa roupa, meus brinquedos [...] meu primeiro brinquedo que eu lembro, que eu nunca esqueço que eu ganhei da minha mãe, que foi no dia das crianças - um liquidificador da Elee. E eu lembro que, quando eu cheguei lá a primeira coisa que eu fui olhar era se o liquidificador estava lá. E ele estava bem no cantinho. Lá e é como se [...] eu visse ele hoje.

Sofia-de-hoje traz as lembranças da Sofia-de-ontem narradas no presente com uma intensidade de detalhes pelo vínculo afetivo que tudo aquilo representava para ela. Essas eram as últimas lembranças que Sofia trazia na memória, desde o último dia em que esteve ali visitando a mãe. Um ponto a destacar destas lembranças está no detalhe que ela dá a figura materna, desde os tempos em que era parte de uma família feliz.

[...] meu primeiro brinquedo [...] eu ganhei da minha mãe, que foi no dia das crianças. Que a minha mãe sempre dava pra gente.

O gesto da mãe protetora, carinhosa com os filhos, preocupando-se em dar os mimos (presentes) para o dia das crianças, lembranças essas que retornam com muita intensidade neste momento da narrativa. Entretanto, são apenas lembranças. A infância feliz não existe mais, assim como a casa nos moldes de lar de outrora. Para se definir, Sofia sente a necessidade de recordar o que foi.

De abandonada à escrava, transitando entre as duas personagens possíveis, observa-se que com a mudança de contexto, convivendo com alguém que passa a chamar de vó e que considera sua família, novas configurações se tornam presentes. Novas possibilidades se objetivam para Sofia se metamorfosear, sair da condição de mesmice, de re-posição das personagens “abandonada” e “escrava” em um processo infundável com aparência de não metamorfose (CIAMPA, [1987] 2011).

Contudo, mal chegou à casa da avó (de consideração), como ela mesma nomeou e a “vizinha taca fogo”¹³ criou toda uma trama para que Sofia fosse morar com ela. Apesar de desejar ficar com a avó, acabou cedendo e foi ficar com essa vizinha. As possibilidades de metamorfose não se concretizam e a personagem escrava é reposta.

¹³ Nome atribuído por nós, em virtude de sua ação “*ao pôr fogo*” em tudo o que era da casa de Sofia. Esse será nome dado a ela daqui por diante, quando ela for mencionada por Sofia.

No que eu fui pra lá, ela me fazia de empregada. (da nova pausa) Me deixava trancada. Não deixava sair pra rua, não deixava nada. Eu tinha que limpar a casa dela, como se na verdade fosse uma troca de favores, sabe? Como se eu fosse [...] Mais, eu acho que é [...] troca de favores, na época. Eu penso hoje que era uma troca. Eu ficava na casa dela, ela me dava um prato de comida. E eu cuidava do filhinho dela, de dois anos, o Roni, que ele acabava me arranhando. Sabe Criança agressiva? Ele era uma criança agressiva, me arranhava e eu tinha que ficar com ele. Eu vivia com o meu rosto arranhado. Todo o mundo falava: - *o quê que era isso no meu rosto?* E eu falava: - *Aí é que... era o Roni, o Roni que me arranhou.* Eu tinha que ficar lá. Se eu não ficasse lá dentro, ela me batia. (nova pausa). Ficava presa lá. (engole seco)

Esta passagem de sua história nos faz lembrar Ciampa ([1987] 2011), quando descreve o período do noivado de Severina, ao qual afirma: “a escrava sempre se concretizando e se reproduzindo em cada momento de sua peregrinação, a despeito de seu esforço e de sua vontade em fugir dessa condição” (p. 64).

Se observarmos os estudos de identidade desenvolvidos por Ciampa ([1987] 2011), encontramos um movimento da identidade que o autor chama de re-posição da personagem. Quando o indivíduo vive uma personagem e não consegue superá-la, ao invés disso, a conserva, há uma re-posição da personagem.

Para falar de re-posição da personagem, Ciampa ([1987] 2011) nos apresenta o ser social como um “ser-posto”, aquele que se apresenta com uma predicação no seu contexto social e é reconhecido por este como tal. Assim, ao ser reconhecido e ele objetivar essa predicação, esta se concretizará como dada e, portanto, como “ser-posto”.

Ciampa ([1987] 2011), ao estudar o movimento da re-posição, traz outro conceito aos estudos de identidade, o conceito de “mesmice”. Afirma o autor que, ao repetir essa re-posição permanentemente, como dada a ele, esta se sustentará como “mesmice”, ou seja, a identidade que uma vez posta está sendo re-posta.

Até que o sujeito não se identifique mais com essa personagem e se apresente com nova personagem, estará confirmando o círculo de má infinidade - a não superação da identidade dada e posta. Estará, de acordo com Ciampa ([1987] 2011), mantendo a *mesmice* na re-posição da personagem.

Sofia mudou de casa, de ambiente, mas continua reproduzindo e concretizando a personagem escrava. Ademais, como em Ciampa ([1987] 2011),

há um movimento da personagem escrava, algumas coisas ela repete, perduram as funções de cuidar da casa, na condição de presa, sem permissão para sair, enfim, manter-se escrava. Um novo formato se estabelece, porém, agora ela tem que cuidar de um menino de dois anos, que vivia lhe arranhando o rosto.

Segundo Ciampa ([1987] 2011), para manter-se na “mesmice” requer muito trabalho do indivíduo, pois constantemente somos impulsionados a metamorfoses (transformações), ainda que em aparentes não-metamorfoses. A conservação da personagem (re-posição) da Sofia-escrava está levando-a a manter a aparência de não-metamorfose.

Continuemos acompanhando sua narrativa, a fim de apreender o movimento da personagem escrava que a narradora ainda não conseguiu superar:

Aí eu lembro que teve uma brechinha, eu sai correndo. E fui pra casa da minha avó. No que eu fui pra casa da minha avó, eu grudei nela. Eu falei: - *Eu não quero vó, eu não quero ir pra casa da vizinha taca fogo! Não quero!* [...] Ela (vizinha taca fogo) foi buscar eu lá. Falou que eu tinha saído, que eu era malcriada, falou um monte, uma porção de coisas. Sendo que as pessoas viam da janela, eu gritando que queria ir embora de lá [...] A filha dela via várias vezes eu trancada lá. Que eu falava pelo vidro, (engole seco novamente) então não era uma coisa que eu estava exagerando.

Parece que algo novo se esboça neste período. Sofia se recusa agora a continuar vivendo a “escrava”. Ela correu para a casa dessa senhora, que começou a chamar de vó. Tendo sido acolhida por ela quando da fuga e chegada da casa do tio e agora, ao ser reconhecida sua queixa, um laço de amizade e de confiança começa a se formar. Novas características se agregam a personagem escrava.

E assim, nasceu a minha avó. De verdade nasceu a nossa história [...] Neste período, minha mãe [...] Eu não lembro exatamente quanto tempo minha mãe ficou doente. Eu não lembro. Eu sei que foi muito tempo. Ficou doente (respira fundo) [...] E na época, depois que eu fui morar com a minha avó, eu tinha acesso a minha mãe. Eu poderia ir ver a minha mãe.

Um ponto que vale destacar é sobre as relações que havia entre sua mãe (antes da doença) e essa vizinha que Sofia passou a chamar de “avó de consideração”.

Conta-nos Sofia que sua “avó de consideração”, no tempo que sua mãe era saudável, não havia amizade entre elas. Segundo Sofia, elas brigavam:

O destino é tão engraçado, que... (respira fundo) a gente acabaaa... falando que a minha mãe não gostava dela. Né... E quem cuida da minha “*mãe foi ela*”. E quem cuidou da gente (deu nova pausa) foi ela.

É nesse período que Sofia indica viver outra fase em sua vida quando passou a morar com essa “avó de consideração”. Ao encontrar alguém que se preocupe e cuide dela e de sua mãe, reúne-se em torno de Sofia a possibilidade de metamorfose.

3.3. A personagem abandonada-escrava que dá espaço à personagem acolhida

Tudo nos indica que foi um período importante para o fortalecimento dos laços com a avó de consideração.

Mas deixemos a própria Sofia narrar essa história:

Minha mãe vivia chorando, gritando. (engole meio que um choro e com voz embargada prossegue) Chamando a gente, porque tava com fome. (pausa novamente) Que o portão era trancado. Eu tinha que pedir autorização pra ela (vizinha taca fogo), pra poder ver minha mãe [...] E às vezes, minha mãe tava sem comer. Ela enchia a minha mãe de remédio [...] Minha mãe, assim quando você sabe que a pessoa é agressiva. A pessoa, de alguma forma ela grita, ela belisca. Fala que não gosta, fala que maltrata. Um doente é assim [...] Uma pessoa que tá doente e a outra pessoa que cuida. Se é uma pessoa que dá amor, a pessoa pode até dar um beliscão, beliscar ou machucar, mas não, minha mãe só vivia reclamando. Vivia reclamando que ela batia na minha mãe, deixava a minha mãe com fome. Minha mãe caia no banheiro. Minha mãe não tomava sol. Minha mãe NADA.

Sofia destaca a importância do cuidar de uma pessoa doente. A necessidade de dar amor, expressar esse amor. Sofia não sentia que a vizinha “taca fogo” cuidava bem de sua mãe, por exemplo, ao enchê-la de remédios, era desse trato que Sofia estava se referindo, pelo menos ao dizer que a mãe trazia muitas queixas dela, deixando-a passar fome etc.

Sofia relata que a vizinha “taca fogo” insistiu muito para ser a cuidadora de sua mãe. No início da doença era sua avó quem cuidava dela, mas pela insistência da vizinha “taca fogo” sua avó acabou deixando.

Porque o interesse dela não era cuidar da minha mãe, na época. Era... tomar o terreno. E ela fazia. Tava fazendo toda a papelada pra ficar com o terreno da minha mãe. Então por isso que ela, tinha...bloqueado nosso acesso.

Observa-se que Sofia no ato de narrar sua história vai compreendendo as circunstâncias ao seu redor, abrindo-se a novas relações e significações, revelando novos sentidos ao que acabou de ser narrado. Como indica Ciampa ([1987] 2011,) ao falar do poeta-em-obra: “a significação do mundo na imagem brota do próprio mundo, como apreensão do poeta-em-obra” (p.160), ou seja, o sentido (significação do mundo) atribuído a narrativa (imagem) surge na própria narrativa (autor observando sua obra).

Sofia, ao narrar sua história, vai desvelando os sentidos que se acham ocultos na própria narrativa. São as múltiplas significações que vão sendo geradas e reveladas no processo de observar a narração.

Nesta outra passagem:

As pessoas vinham até a mim e falava: - *Sofia, sua mãe está gritando seu nome*. Que às vezes eu passava lá. E ela: - *SOFIA!* Parecia que [...] Toda a vez que eu estava passando, parecia que ela sentia que eu passava. E ela falava: - *SOFIA! SOFIA!* E na verdade, às vezes, eu ouvia, e ficava parada assim no portão. Mas o portão estava trancado, e eu tinha medo. (dá uma pausa como que para pensar)
Por quê? Porque eu tinha MEDO da minha mãe, sabendo que ela estava doente? [...] Que aí vai passando o tempo [...] E eu não lembro exatamente a idade [...] Aí vai passando o tempo, você fica com medo, né. A criança fica com medo. Parece que vai machucar. (respira buscando ar e engole seco) Que era esse sentimento que eu tinha. Eu queria ver minha mãe, mas na verdade eu tinha medo, de ela fazer alguma coisa. De ela me bater.

Parece-nos que Sofia está relacionando o medo à ideia da mãe agressiva. Na verdade, Sofia está dividida, ela parece não ter tanta certeza de que a mãe não está agressiva, indicada pela vontade de ver a mãe, mas, ao mesmo tempo, pelo medo dela lhe bater.

Na sequência da narrativa, Sofia procura esclarecer o que aconteceu:

Porque se a gente achava que ela era agressiva. Ela tava agressiva. Então as pessoas falavam pra mim que minha mãe... (respira fundo) tava louca. (busca ar, engole seco) Me colocavam na minha mente que a minha mãe tava louca, tava doente, tava agressiva. Aí eu já... A criança cria isso na sua cabeça. Aí ela vai me machucar, ela vai me bater. Então isso já tem a expectativa da pessoa ali. Já fica assim...

Ao falar da Sofia-de-ontem, a Sofia-de-hoje nos apresenta o relato de que as pessoas que lhe eram significativas estavam colocando em sua cabeça que a mãe estava louca e agressiva, e ela, na condição de criança acreditava, no que os outros falavam. Novamente, os “outros significativos” atuaram sobre Sofia

e tentaram legitimizar a posição de mãe-agressiva, mãe-louca na cabeça de uma criança.

A dúvida da narradora, por um lado, não lhe permitia acreditar na agressividade da mãe, tendo em vista que ela (mãe) narrou os maus tratos nos cuidados com ela, como deixá-la com fome e enchê-la de remédios. Por outro lado, a fala dos “outros significativos” ao seu redor insistia na posição de sua mãe estar louca e por isso agressiva.

Estes eram os pensamentos de Sofia na época, quando batia a vontade de ver a mãe e ao mesmo tempo o medo de ser agredida por ela.

A forma que a narradora buscou alento à sua angústia e sofrimento foi buscar auxílio daquela pessoa que começava a ser seu “porto seguro”, a sua avó.

Assim ela pede que interceda:

Aí eu voltava e falava: - Vó a minha mãe tá chorando. A minha avó: - Eu te levo lá, levo lá. Aí eu pegava, minha avó vinha, e levava a gente lá. Falava para ela abrir o portão e a gente entrava lá. Aí via minha mãe. TODA coberta. E falava: - Oi filha. Oi a mãe tá com fome. Vizinha “taca fogo” não trouxe nada. Aí ela falava o que a vizinha taca fogo fazia com ela.

Na continuidade da narrativa, Sofia nos apresenta sua própria conclusão em relação à mãe:

Porque minha mãe era boa da cabeça, normal. Então... (engole seco) A gente já via a história dela, já via o que ela fazia comigo. E [...] Os vizinhos (dá uma pausa) todos, viram o que ela fazia com a minha mãe. Minha mãe não era uma louca, ela só tava doente. Tinha uma doença que era infec [...] infectava tudo, mas não era umaaa louca, agressiva que batia em todo mundo.

Ainda como para reforçar a ideia de que a mãe não era louca, dá informações sobre a família, sobre a mãe e os filhos ali no bairro, com esta frase:

Porque ali a gente nasceu. Nasceu ali na verdade. Então muita gente conhece.

Sofia começa a estabelecer outras relações com a experiência que vive, observando-a com os valores que já tem interiorizado. Berger e Luckmann (2004) afirmam que o sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências. Sofia parece estar apreendendo novos sentidos captados nas relações que estabelecia.

Segundo os autores (2004), o núcleo da experiência precisa se separar da vivência para encontrar o seu sentido. Neste aspecto, a narrativa de um passado contado no presente, revela ao seu narrador o sentido dessa experiência, podendo esta ter conotação de boa ou ruim, pois são as relações estabelecidas com esta experiência que trarão o sentido à pessoa que o narra.

Assim prossegue Sofia a narrativa de sua história de vida. Relata-nos sobre essa fase ruim relativa à vizinha “taca fogo” e sua mãe doente. Porém, agora era a Sofia-acolhida, por isso estes detalhes eram mais fáceis para administrar, na medida em que podia contar com sua avó.

Na sequência de sua história, Sofia traz mais um episódio que envolve a vizinha “taca fogo”, sua mãe e todos à sua volta:

Teve uma vez que eu fui comprar o pão. Eu passava na frente da minha casa, (puxa a respiração com o nariz umedecido) minha mãe de novo gritando: - *Tô com fome! Tô com fome!* (pausa um instante e prossegue) Aí eu lembro que ela gritava, gritava desesperada. E eu cheguei lá na casa da [...] da minha avó. E a filha dela estava lá, que é a Biba [...] E eu falei: - *Biba, a minha mãe está chorando, desesperada... O quê que deve ser? Vamos lá! Vamos lá ver!* Aí eu cheguei. Na hora que eu fui lá com ela, o portão tava trancado. E aí a gente foi na casa dessa vizinha “taca fogo” que cuidava da minha mãe, e ela não tava lá. Tava tudo fechado [...] (dá uma pausa) E minha mãe, já fazia dois dias que não tinha comido. E a gente não sabia. [...] porque a gente não podia nem chegar. Não podia nem ter acesso a minha mãe. Parece que era um acesso bloqueado. Como se minha mãe fosse uma indigente, um NADA. Sabe o que ela tinha feito, essa vizinha? Ela foi pra Bahia, deixou a minha mãe três dias sem comer. E não avisou ninguém. (Engole seco e segue) E minha mãe estava três dias. Três dias sem comer, sem água, sem NADA.

Era uma forma de Sofia trazer para nós os aspectos que mais a indignavam nesta passagem de sua história. Ela queria destacar este ponto pela importância que tinha para ela e também pela gravidade do acontecido. Deixar uma pessoa acamada, sem água e sem comida por três dias, sendo ela a responsável por cuidar, na concepção de Sofia, era muito grave, era um erro terrível. Ainda mais por essa pessoa doente ser sua mãe. Ela não aceitava isso e dá destaque a indignação narrando o fato ocorrido com muita emoção.

Esta forma de pensar de Sofia, em relação ao que é errado, o que não pode ser feito, nos evoca as crenças e valores que a pessoa interioriza no seu processo de socialização, ao que ela aprendeu a reconhecer como certo ou errado, em quaisquer circunstâncias.

Ciampa (1977), nos seus primeiros estudos sobre identidade, procura compreender as condutas humanas mediante às crenças e aos valores. Para este fim, ele se vale dos estudos de Scheibe ao definir crença como:

[...] a capacidade de o homem antecipar suas atividades e atribuir peso às alternativas de conduta e valores referindo-se ao que é desejável o que é melhor ou preferível, o que deve ser feito, ambos definidos como processos (CIAMPA, 1977, p. 23).

Sofia avaliou a conduta da vizinha “taca fogo” como errada e inadequada ao confrontá-la com os valores e crenças que já estão internalizados.

A narradora prossegue trazendo mais alguns aspectos do ocorrido, quando nos indica que precisou da ajuda de um amigo que passava na rua para quebrar o cadeado, na medida em que era a vizinha “taca fogo” quem tinha a chave e a mesma não se encontrava em casa. Após ele ter quebrado o cadeado, Sofia não teve coragem de entrar sozinha:

Eu lembro que eu chamei a minha avó. A minha avó foi lá. Quando eu entrei, minha mãe estava caída no chão. Sem roupa. Sem nada. Estava no chão. E ela falou: - *Oi, vizinha. Eu tô com fome!* [...] E ali... ali já desabava [...] Que eu falei: *Caramba! E a vizinha taca fogo?* E ela falava assim: *Há três dias que ela não vem aqui. Três dias eu tô sem comer, sem nada.* E pra quem tem essa doença, estava só isso aqui. (e mostra o dedo mínimo da mão). Fraca, fraca, fraca, fraca. Acho que foi de Deus que ela chamou e a gente parou tudo, pra abrir a porta. (engole seco) Ela tava (engole novamente) Ela tava (com a voz de choro segue) mal aquele dia. Foi uma cena [...] (puxa pelo ar, novamente com o nariz úmido). Aí eu falei: (respira fundo) – *Vó, vamos fazer alguma coisa pra minha mãe!* [...] -*Faz um leite pra ela só, eu fico aqui com ela.* Aí eu fiquei e a minha avó foi lá. Eu lembro que a minha avó veio com um pratinho e uma xícara. E aí ela: *Aí, vizinha. Como a senhora é tão boa!* [...] *Eu não quero ser cuidada pela vizinha taca fogo, ela me machuca. E às vezes eu dou “uns beliscão” nela!* [...] Aí ela... (engoliu seco novamente) pegou e deu comida. A gente colocou ela sentada na cama.

Este fato chamou a atenção da vizinhança porque Sofia havia gritado no portão pedindo ajuda. Aos poucos foram chegando outras pessoas ali e logo um monte de gente se juntou para saber o que havia acontecido com sua mãe.

A vizinha “taca fogo” também retornara da viagem naquele dia. E ao chegar e ver todo aquele movimento, resolveu entrar também na casa, conforme nos conta Sofia:

E na hora que ela entrou com tudo no portão, eu dei de cara com ela. E ela falou: - *O que está acontecendo aqui?* Aí eu falei assim: - *Você deixou a minha mãe, sem comer. Três dias!* [...] *Minha mãe estava chorando, gritando.* Aí eu falei pra ela, eu falei assim: - *Como você sai*

e não avisa a minha avó! Não avisa ninguém! Ela falou: - *Pode ir embora daqui vocês. Pode ir embora!* [...] E aí entrou com tudo. E falou assim para minha avó: - *O que você está fazendo aqui?* [...] Aí a minha avó começou a discutir com ela. Aí eu fui correndo, porque eu achei que ela ia bater na minha avó. Então eu comecei a chamar um monte de gente. Eu falei: *Ajuda!* Pedi ajuda, porque elas iam brigar lá dentro. Aí ela pegou o prato da minha avó. Porque a minha mãe já tinha comido. E jogou. Agora eu falei: - *Agora ela vai bater na minha avó.*

Sofia-de-hoje falando sobre o que a preocupava em toda aquela discussão. Sua grande preocupação era porque havia em sua casa, um barranco. E ela pensava que se a vizinha “taca fogo”, do jeito que é maldosa, empurraria sua avó nesse barranco e provocaria a sua morte.

O pensamento de Sofia é que não acreditariam que foi a vizinha quem a teria empurrado. Seria preferível acreditar que ela caiu sozinha. Por conta dessa preocupação, Sofia correu em direção à rua gritando e pedindo ajuda. Conta-nos que até seu irmão “Jota” apareceu por lá. Para a indignação de Sofia, seu irmão ainda defendeu a vizinha “taca fogo”, dizendo que ela cuidava direito da mãe deles.

A fim de justificar a posição do irmão, Sofia prossegue sua narrativa com este argumento:

[...] ela (vizinha “taca fogo”) levava como se a gente fosse um bicho, pro meu irmão [...] e a minha avó também fosse um bicho [...] Sendo que minha avó tava [...] Cuidando, da minha mãe, cuidando do Samuca e do Dinho.

Uma diferença importante vale ser ressaltada, anteriormente a opinião de seu irmão Jota tinha um peso muito grande para Sofia. Não contar com o reconhecimento dele, era a morte para ela. Isso ocorria, porque antes ela não tinha ninguém que a apoiasse, a defendesse e a acolhesse. Nesse momento, Sofia tem a acolhida de sua “avó de consideração”, fator irrelevante para não provocar constrangimentos maiores. Tanto que este fato não teve impacto para ela, pois ao narrar, passou por ele como se fosse qualquer outra pessoa que tivesse defendido a tal vizinha, embora fosse seu irmão.

Ser Sofia-acolhida fazia toda a diferença. É perceptível sua mudança, mais madura, reconhecendo os erros dos outros, menos fragilizada. A força afetiva recebida da relação com a avó, melhorou sua confiança, sua autoestima.

Foi este acontecimento com a vizinha “taca fogo” que uniu Sofia a sua avó, bem como seus irmãos. Segundo ela, se não fosse a intervenção de sua

avó, sua mãe teria ficado com a vizinha “taca fogo”. Se não fosse ter sido acolhida por ela, os laços de família entre eles não teriam se objetivado.

Eis o relato do momento em que se firmam estes laços. Ouçamos da própria Sofia:

Foi aí que a gente começou a nossa história com ela de verdade, de família. De ter um lar na verdade.

As possibilidades oferecidas à Sofia produziram as metamorfoses. A possibilidade de ter sido acolhida naquele momento pela avó propiciou a metamorfose de Sofia-abandonada-escrava em Sofia-acolhida e, como consequência, todas as outras transformações.

Em seus estudos, Ciampa ([1987] 2011) compara metamorfose a possibilidades. Para que essas possibilidades se concretizem, há de ter um esforço, uma autodeterminação do sujeito para um vir a ser suas pretensões (identitárias) como pessoa, o que almeja, o que sonha para seu amanhã.

Como nos apresenta o autor: “Podemos definir a realidade como uma possibilidade já realizada e a possibilidade como a realidade em potencial” (p. 156).

Sofia almejava sair da condição de abandonada – escrava, sonhava ter uma família, viver em uma família de verdade.

Para vencer e concretizar suas necessidades, o indivíduo busca realizar seus objetivos traçados para superação daquilo que o aliena, daquilo que o mantém preso às necessidades sem vislumbrar a concretude delas.

Para Ciampa ([1987] 2011), o concreto é:

[...] a síntese de múltiplas determinações, o desenvolvimento da identidade de alguém que é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais dadas, incluídas as condições do próprio indivíduo (p.205) ”.

Sofia nos conta que sua avó sustentava dois netos de sangue, além de Sofia e seus irmãos. A situação, segundo ela, começou a apertar e sua avó chegou a pedir ajuda a alguns familiares de Sofia, na ocasião ela entendia que a avó não iria mandar eles embora, não iria ter coragem.

Foi nesse período que sua avó os colocou na escola, Sofia e seus irmãos. Foi nesta fase também que seu irmão Dinho, que havia ficado na casa do tio, apareceu ali naquela casa com eles.

Com muito sofrimento Sofia narra tudo o que se passou com seu irmão Dinho, após ela ter fugido da casa do tio:

Aí teve um certo dia que eu fui [...] Que eu ficava no CJ. CJ é tipo um... ai como é que eu posso falar? Que a gente passa o dia inteiro [...] Na hora que eu estava indo, tem uma vizinha do lado da minha avó [...] Ela chegou e me chamou. Ela falou: - *Sofia onde você vai?* Eu falei: *eu vou pro [...] Pra Ville Boy, no CJ., né.* Que era conhecido lá, no bairro. Ela falou: - *Sabe por quê?* Eu falei: *Por quê?* Ela falou: - *O Dinho taí.* Aí eu falei: - *O Dinho? O neném?* Aí ela falou: *É o neném.* Que o apelido dele era neném. Aí eu falei: - *Aonde? Ele tá caído ali, você não viu?* Eu falei: - *Como assim? Aonde, caído?* Aí quando eu fui ver, era o Dinho. Ele tava sentado. Assim encostado só que não tinha força pra nada. Com duas sacolas. Aí eu fui lá. *Dinho o que foi?* Aí quando eu olhei [...] Ele estava todo deformado [...] o rosto dele. Ele tinha uma bola de sangue aqui (e aponta para o olho, logo acima do olho). (A voz começa a ficar embargada pelo choro) o maxilar dele, todo torto. Aqui inchado (mostra a perna) [...] Super inchado nele. (respira fundo e prossegue) A mão dele? Tava enorme, enorme [...] Tava deslocado aqui dele (e novamente aponta para o corpo, desta vez no maxilar) É melhor talvez nem tocar. Aí eu logo corri. E falei assim: - *Dinho o que você tá fazendo aqui?* Ele falou: *ó, a tia mandou, mandou eu embora. A tia mandou eu embora porque ele tava me espancando lá.*

Sofia prossegue nos contando que não aguentou ver seu irmão naquela condição. Ela mesma fez questão de frisar que naquela época tinha mais idade e compreendia melhor as coisas. Autodenominou-se como “mais madurinha”. Foi buscar ajuda e encontrou a filha de sua avó na casa. Contou-lhe o que havia acontecido e ela também foi ajudar a trazer o Dinho para dentro de casa. Segundo Sofia, ele foi trazido de ônibus e largado ali. Como ele estava sem forças para andar até a casa, ficou sentado na calçada. Elas o pegaram e trouxeram para dentro de casa, o alimentaram e esperaram ele ter forças para contar o que havia acontecido.

Conta-nos Sofia que o tio havia espancado seu irmão por várias vezes:

Ele deu um soco aqui (mostra com a mão no maxilar). Deu um soco nele aqui, porque ele estava inchado, isso daqui (mostra o maxilar) e... todo torto, sabe? Uma criança, eu acho que ele tinha [...] Eu não me lembro exatamente a idade, que ele tinha, não lembro, não consigo lembrar. Mas ele já era grande acho que ele tinha uns dez anos ou nove. Não lembro mesmo [...] Ele tinha uns nove anos pra [...] pra dez. Aí eu falei: - *O quê que foi?* – *O quê que o tio fez?* Aí ele falou assim: - *O tio me bateu.* Eu falei: - *Mas por quê?* Ele falou porque ele sempre fazia isso [...] Sempre ficava me batendo, na época.

Sofia manifesta indignação diante do ocorrido com seu irmão.

Aí ele falou: *Sofia eu vou no banheiro. Eu falei tá bom, mas não sai daqui.* Ele falou: *tá bom.* – *Sofia! Sofia!* Começou a falar: - *Vem aqui!* Aí eu vi que ele estava demorando no banheiro e eu falei: - *O que foi?* Ele falou: - *Eu queria te mostrar um negócio.* Aí eu falei: *abre a porta!* Ele falou: *Mas eu estou com medo.* Eu falei: - *Abre a porta.* (respira fundo puxando por ar, e ainda com o nariz úmido) Aí no que ele abriu, ele mostrou o saquinho dele. O pipi dele. Tava roxo, roxo escuro! Escuro, de tanto que ele apanhou [...] *Mas porque você não contou pra tia o que estava acontecendo?* Ele falou: - *Eu não podia contar. Porque ele falou que ia bater ni mim. Ia furar o meu [...]* (se emociona novamente e com voz embargada prossegue) [...] *o meu saco com agulha quente.* (Fica uns instantes em silêncio e respira fundo) Aí eu falei assim: - *Mas como assim?* [...] *Mas ele fez mais alguma coisa?* (respira fundo, puxando ar e com nariz úmido) Aí ele falou: *fez.* Eu falei: *Mas o quê? Conta pra mim [...]* eu falava: *conta pra mim o que que ele fez. Eu não vou contar pra ninguém. A gente vai chamar a polícia pra pegar ele. Você não vai mais sair daqui. Você vai ficar aqui.* Aí ele falou assim [...] *Ele tentou colocar o [...]* Eu não sei que expressão é melhor eu usar [...] *Tentou é [...]* *introduzir o pau de vassoura, sabe [...]* Dentro dos anus dele.

O abuso de autoridade por parte do tio é elemento fundamental para destacarmos alguns aspectos presentes na sociedade paternalista. As diferenças enfatizadas por Souza (2009) em *A ralé brasileira – quem é e como vive*, remete-nos para isso.

Apointa-nos o autor que as classes mais baixas têm naturalizadas algumas posturas dentro da família que acabam se tornando características da estrutura familiar desta classe social. É o caso, por exemplo, da naturalização do estupro e da violência, algo que, neste estudo, revelam-se nas narrativas de Sofia, sobretudo nos episódios de violência sofrida por ela e depois por seu irmão caçula.

Segundo Souza (2009), a aprendizagem é transmitida afetiva e silenciosamente no ambiente familiar, “o aprendizado familiar é afetivo, ele só existe porque existe também a dependência e a identificação emotiva e incondicional dos filhos em relação aos pais” (p.45), aspectos estes referendados por Berger e Luckmann (2014) ao tratarem da socialização.

Pensando nos papéis sociais, independente de quem esteja desempenhando o papel de pai neste processo, os seus valores, crenças e perspectivas de futuro são apresentadas no ambiente familiar. Dessa forma, as crianças as absorvem, sejam estes de cunho positivo ou negativo.

Levando em consideração esta afirmativa, que sentido de autoconfiança pode adquirir uma criança e levar para a sua vida, depois de vivenciar na infância momentos tão difíceis? Que sinais afetivos ele (Dinho) terá como referência?

Souza nos destaca em seus estudos que é na socialização que tudo é internalizado, que cada classe social tem as suas características peculiares que a diferenciam das demais.

Os sinais afetivos de autoconfiança, segurança, todas as heranças simbólicas, valorativas, morais e existenciais são passadas neste processo da socialização com diferentes formas e conteúdo, dependendo da classe social em que está inserido o indivíduo. Para Souza (2009), já somos diferenciados no berço, no primeiro ambiente que nos recebe, a família ou quem exerça este papel.

A naturalização dessas concepções possibilita a reprodução da desigualdade pelas instituições sociais, inclusive pela família.

Sofia havia perguntado a Dinho como ele havia chegado ali naquelas condições. Vejamos sua narrativa:

Eu falei: Neném! Porque quê [...] Como que foi que você chegou até aqui? Aí ele falou: a tia me trouxe. E ela falou pra eu ir embora. Antes que eu ia morrer lá na mão do tio. Que [...] ele ia acabar me matando. Que ela não estava aguentando mais. Ele fazendo isso comigo.

A Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem tenta nos apresentar uma justificativa para a atitude da tia:

Porque ela se submetia a ele também. Porque talvez na época, ele batia nela também. Podia ser né... Que eu não tava presente, mas a gente deduzindo [...] uma podia ser que ele fazia isso com ela.

Esta justificativa trazida por Sofia nos faz pensar novamente na sociedade paternalista em que vivemos. Um aporte à violência doméstica que se faz presente em muitos lares, sem que a própria mulher na condição de vítima tenha coragem de denunciar o que ocorre dentro da família, submetendo-se à violência imposta pelo homem sem nada fazer. Entretanto, essa é outra história, algo que não nos compete discutir neste momento, mas que não podemos deixar de mencionar.

3.4. A personagem acolhida já é capaz de proteger o irmão

Ao continuar a narrativa, Sofia relata que seu tio retornou naquela mesma tarde para buscar Dinho:

[...] o quê que ele fez? Ele parou (puxa a respiração) o carro na esquina e mandou a minha tia vir atrás. Aí a gente chamou os vizinhos. Os vizinhos já cercaram o portão. E falou que ele (Dinho) não ia sair dali [...] O meu irmão não ia sair de lá [...] e minha tia voltou lá pro carro e ele veio junto. Todo querendo ser o dono da razão [...] (tio) falou que o meu irmão tinha fugido, que ele tinha apanhado na escola. Que aquilo não tinha sido ele que tinha feito [...] (tio) falou assim: - *fugiu*. Mas aí eu olhei a sacola, eu falei: - *Desculpa mais, quem foge não ia deixar roupa arrumadinho. Quem foge, ia enfiar tudo numa sacola, não ia pegar duas sacolas de roupa. Ia pegar uma troca de roupa. E não ia deixar arrumadinha. Tava tudo dobradinho e passadinho*, eu falei... então ele tava falando a verdade. Aí todo mundo não deixou ele entrar [...] Aí minha avó entrou no meio e falou: *Daqui ele não sai! Ele não sai daqui, daqui ninguém tira ele. Ele vai ficar aqui. E a gente está indo pra delegacia*.

Percebemos que Sofia intervém em favor do irmão. Ela questiona a argumentação do tio, afirmando que Dinho havia fugido. A Sofia-acolhida agora com mais idade, tem mais maturidade para intervir. Não é mais aquela menina submissa que se cala diante dos fatos. Além disso, sabe que tem o apoio de todos ali, de sua avó, de seu irmão “Jota” que estava acompanhado de sua chefe e dos vizinhos que ali se encontravam.

A Sofia-acolhida sabe que a atitude do tio foi errada e ela denuncia a “mentira da fuga”, apresentando sua percepção sobre a realidade. A experiência adquirida, no decorrer dos acontecimentos vividos, possibilitou a narradora reinventar o desempenho do papel social de irmã. Seu universo de significações havia se ampliado, pois nesse momento tinha a escola, a casa da avó e todas as pessoas que ali moravam, os amigos com quem brincava etc. Berger e Luckmann (2014) fala do “outro generalizado”¹⁴, aquele outro que também é significativo para a pessoa.

O “outro generalizado” aparece quando a pessoa, no processo de socialização, passa pela crise de sentido e percebe que aquela regra ou aquela informação que aprendeu no pequeno grupo (da primeira socialização representada, na sua maioria, pela família nuclear, ou quem a substitua neste processo) que tem sentido para si, também está representada em outros ambientes com outras pessoas que também a reconhecem como significativas.

Portanto, o mundo concebido inicialmente não é o único existente e amplio os meus conceitos em relação ao mundo social. Esta ampliação significa ter generalizada a regra ou informação recebida. É neste momento que se inicia

¹⁴ Expressão utilizada por Georg Mead e que tem a mesma função dos “outros significativos” mencionados por Berger e Luckmann.

a socialização secundária, indicadas por Berger e Luckmann (2014). Quando a consciência estabelece uma relação simétrica entre a realidade objetiva (externa) e a subjetiva (interna).

Não podemos nos esquecer de que Sofia também passou por violência semelhante quando fugiu da casa do tio, fato este que ao ser internalizado e a partir do conjunto das novas experiências e relações afetivas, a possibilitaram compreender que a violência sexual não deveria ocorrer e, ao ocorrer, deve ser denunciada.

Assim prossegue Sofia:

Você acha que uma criança dessa que passou uma vi [...] ia inventar uma história dessa? Que o tio, o próprio tio tentou introduzir [...] Da onde que ele ia tirar, que se ele falasse pra alguém, ia furar o saquinho com agulha quente, me fala [...] Ele podia até inventar uma história, mas não falar que se você contar eu vou furar o seu saquinho com agulha quente. Aí você vai ver o que é bom pra tosse [...] É difícil [...] É difícil você engolir tudo isso.

Especialistas tanto da educação, psicólogos, psicopedagogos e como do poder judiciário costumam detectar sinais de violência sexual, quando crianças, em idades semelhantes aos do irmão de Sofia, trazem desenhos, depoimentos de fatos que não são naturais à sua idade, seja por desconhecimento ou por incapacidade de preparar um discurso dessa natureza. Ainda mais quando seguido de ameaças, tal como foi o apresentado por Dinho.

Os sinais de violência sexual podem ser detectados através de testes de desenho projetivo. Embora, não seja o foco deste estudo, trouxemos como referência alguns nomes que são reconhecidos nesse campo de estudo. Segundo Albornoz (2011), Di Leo (1991) e Campos (1990), o desenho destaca-se dentre as técnicas gráficas. Os testes mais comuns são desenho da figura humana (DFH) pertencente ao Sistema de Wechsler¹⁵ (2003) e o teste da casa, árvore e pessoa (HTP) atribuído a Buck (1948). Segundo Campos (1990), no desenho infantil:

O indivíduo pelo tamanho, localização, pressão do traço, conteúdo do desenho, etc., comunica o que sente em adição ao

¹⁵ Este teste foi reconhecido como válido na primeira publicação em 2003 pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Os dados foram retirados de ALBORNOZ, Ana C. G. Desenho da Figura Humana: Indicadores de abandono, abuso sexual e abuso físico em crianças. Tese de Doutorado em Psicologia pela UFRGS, 2011. "Este teste é um dos mais citados nas publicações científicas nacionais e internacionais". (p. 21)

que vê. Seus aspectos subjetivos definem e dão cor às suas intenções objetivas. (p.19)

Após este aporte, sigamos com a história de Sofia. A narradora dá espaço, mais uma vez, ao seu irmão “Jota”. Narra sua participação neste período quando acompanhou e interveio com ações em defesa do irmão (Dinho), levando-o a delegacia para fazer exame de corpo de delito.

Aí rapidamente veio o meu irmão e a chefe dele. Pegou e foi fazer [...] Levou ele pra delegacia, pra fazer o corpo delito.

Após o empenho de todos, o tio consegue fugir:

Aí fez o corpo delito nele. Passou horas, horas. Acho que um dia inteiro lá. Aí avisou a polícia [...] a polícia chegou a ir até a casa (do tio) [...] Quando chegou lá eles já tinha ido embora. A família inteira [...] (Engoliu seco) e com voz de choro repete: - *Tinha ido embora*. Eu falei: *Caramba! Mas nem pra pegar ele*.

Sofia lamenta profundamente que seu tio não tenha sido preso e pego pela polícia quando bateram em sua casa. Essa era a sua maior mágoa: ele não ser punido por tudo o que havia feito.

3.5. A personagem acolhida, ao proteger o irmão, percebe que não pode e sofre novo abandono

Como já mencionado anteriormente, sua avó estava encontrando dificuldades financeiras nesta época e já havia recorrido aos parentes de Sofia, pedindo-lhes ajuda. Agora com a chegada de Dinho, mais uma boca para alimentar, ficava ainda mais difícil.

Assim, a ajuda oferecida pela madrinha de Sofia acaba sendo muito bem-vinda. Acompanhemos a narrativa:

Aí minha madrinha entrou em contato. Falou que pegaria ele pra [...] cuidar dele. Aí minha avó ficou contente e tudo. Aí [...] (respira fundo) [...] a gente não tinha como ir sempre na casa da minha madrinha pra visitar e nem a minha madrinha vinha. Por que? Porque ela [...] descobriu que tinha diabetes. E nessa diabetes dela, (puxa o ar, com o nariz umedecido) ela [...] (fala com pesar e muito sentimento) ficou cega. Perdeu a visão por causa da diabetes. Então o meu irmão continuou morando com ela. Ela via pouco, mais era vulto. Era vulto. Só que ela tinha um filho. Que ele chamava Ruas. (respira fundo e com voz embargada segue) O meu irmão, ele [...] acabou de novo passando

a mesma história que ele passou na casa do meu tio. (um silêncio grande se faz e segue depois) Esse [...] como minha, minha tia era cega. (respira fundo) O filho dela pintava e bordava. Então ele acabava batendo no meu irmão. Várias e várias vezes. Várias e várias vezes, nesse que passou TODA essa situação. Desde um lar que não teve amor, não teve nada. Veio (com a voz emocionada segue) Aí [...] ficou lá [...]

Dinho seu irmão, uma criança segundo Sofia de uns nove ou dez anos, após todo o sofrimento de violência na casa do tio, tem revivida a mesma circunstância na casa da madrinha de Sofia.

Sofia fica abalada ao tomar conhecimento das circunstâncias, mas se sente impotente para ajudar o irmão.

Aí uma vez eu lembro que [...] nesse período. Acho que depois [...] Um ou dois anos que ele deve ter ficado com ela. A gente não sabia de nada que tava acontecendo [...] Que a gente não ligava, então tava tudo bem. Sabe quando você fica distante e parece que está tudo bem? Mas não, o meu irmão já tava passando um processo difícil lá com eles. Na verdade, era mais com ele. Porque a minha madrinha era cega. Então ela via vultos. Então [...] Acontecia várias coisas. (respira fundo) [...] já tava vindo acontecendo várias coisas. Várias e várias coisas. Aí teve um dia que a minha [...] (puxa o ar com o nariz úmido e fala emocionada) que minha madrinha ligou na casa da minha avó. Falando se o meu irmão estava lá. Ai a gente falou: - *Por quê?* Ela falou: *Porque ele tacou fogo na casa.* (faz se um silêncio grande)

Ao nos contar essa parte da história, imediatamente ao narrado Sofia, quer nos mostrar o sentido que ela atribuía ao ato cometido pelo irmão. Diante de todo o sofrimento e violência que já passara, agora tem de lidar com mais essa situação. Na opinião de Sofia, era mais do que “natural” ele ter uma reação. Assim, justifica sua ação com a seguinte narrativa:

[...] De RAIVA, né [...] Que ele já era [...] um pouquinho mais velho e [...] Então tacou fogo na casa. Aí tipo [...] como aparentemente parecia que o meu irmão era uma criança rebelde [...] (novo silêncio) né [...] Mas na verdade, não era porque ele que ele estava sendo rebelde. Foi uma forma dele GRITAR ali. Tentando botar fogo na casa [...] Falaram que o que estava acontecendo, é porque ele era [...] era muito de guardar as coisas. Ele não falava, igual eu. Por exemplo, eu falava. Ele não [...] Então ele já vinha sofrendo. Vários abusos lá dentro da casa. E ninguém tava vendo. Nem minha própria madrinha. Porque? Porque ou [...] ela ouvia. Ou se fazia [...] É difícil você falar assim [...] algumas coisas. E ele tacou fogo. E [...] ela falou que depois disso que ela não ia ficar mais com ele. (novo grande silêncio se faz) Aí minha avó falou: - *Então [...] Deixa ele aqui.* Eu falei: *Vó deixa ele aqui. Ele nunca morou com a gente. Deixa ele aqui.*

Para Sofia, a atitude do irmão não tinha nada de rebelde como alguns atribuía. Em seu entendimento, o irmão havia colocado fogo na casa como

“sinal de protesto” em relação às agressões sofridas. Era, em sua opinião, uma forma de pedir “socorro” pelo que vinha passando ali dentro, não apenas uma atitude de revolta. Ela destaca que as reações do irmão frente às adversidades, eram completamente diferentes das dela. Enquanto ela colocava para fora, expressava-se contra o que ocorria de ruim, ele apenas guardava tudo, não externalizando qualquer reação/sentimento ou sinal de expressão. O que nos dá a entender que, para Sofia, chegaria um momento que ele não aguentaria mais e teria uma reação mais explosiva em relação ao que passava.

Outro ponto destacado tem relação à idade do irmão, ali ele já era mais velho e não era mais a mesma criança submissa, teria que reagir de alguma forma. Foi o que ocorreu, uma reação que Sofia atribui como “natural”.

Temos que considerar que o processo de identidade que está sendo analisado não é de seu irmão Dinho, mas o de Sofia. Muito embora, ela também seja afetada pelo que ocorre com o irmão (seus papéis e atitudes), no próprio processo dinâmico da identidade como metamorfose, identificando-se e absorvendo para si aquilo que lhe é significativo.

Percebemos desse período que a Sofia de agora se constitui diferente de outrora. Ela questiona todo e qualquer ato ou situação errada ao seu entorno, em especial quando envolve aqueles que lhe são significativos: seus irmãos, sua mãe, sua avó, protegendo-os. Ademais, a todas as circunstâncias relatadas, ela apresenta justificativas muito claras de acordo com tudo o que experienciou.

O processo dialético de interação com o outro a fortalece com as novas experiências. Foi significativo para Sofia se constituir no que é hoje, o fato de ter sido reconhecida pela avó.

A afirmação de Mead (1972), refletida por Souza (2006)) é importante a nossa reflexão:

O sujeito, para se conhecer, precisa perceber a existência do outro em si. O *self* envolve a consciência de si a partir do reconhecimento do outro; não resulta de uma experiência individualizada, mas de uma vivência coletiva (p. 58).

As interações sociais permitem ao indivíduo apropriar-se dos universos simbólicos presentes e gerados pela socialização e posteriormente desenvolvidas na individualização, como afirma Habermas (1983). Esses elementos que apresentam algum significado ao Eu, ao serem interiorizados e internalizados, permitem que o sujeito possa desenvolver sua consciência. A

consciência não existe por si, ela está sempre atrelada a algo, seja um objeto ou um objetivo.

Para Sofia, fundamentalmente, ter sido reconhecida pelo outro (avó), permitiu que ela encontrasse sentido nas experiências das relações com seus significativos e seu entorno. Assim, Sofia dialeticamente ampliou a consciência de si, corroborando para constituir a mulher que ela é hoje.

Apesar de não conseguir privar o irmão da violência, defende-o ao tentar compreendê-lo. As metamorfoses na identidade de Sofia são manifestadas empiricamente nas personagens, portanto, parte do que se constitui a Sofia-de-hoje.

Como havíamos mencionado, antes da chegada de Dinho à casa da avó de Sofia, eles já estavam passando algumas dificuldades financeiras, levando-os ao ponto de solicitar ajuda aos outros familiares.

Aí já era mais uma boca né [...] água, luz. Aí foi quando minha avó foi procurar assistente social. Aí foi quando começou a nossa fase (dá uma rápida pausa) em abrigos. A primeira vez que eu fui para um abrigo [...] (respira fundo e fica em silêncio).

Prossegue Sofia, falando de sua nova fase na vida, do que antecedeu a essa fase, como ela entendeu esse período:

Aí, só que minha avó ia escondido da gente. (respira fundo novamente) pra assistência social. Aí eu lembro que [...] que uma vez [...] Eu não sei falar o nome. Eu não lembro o nome e como que fala na verdade. A do juiz [...] acho que [...] é assistência social, né? Que vai com o motorista buscar “as criança”. Aí ela chegou lá, eu tava no portão. Ela falou assim: - É aqui que mora a Sofia e o Dinho? (parou um instante de silêncio) Aí eu falei: - Éeeee.... Ela falou: - *Oi tudo bem? A D. Gorete está aí?* Eu falei: - *Tá, mas quem é você?* Ela falou assim: - *Eu posso falar com a D. Gorete?* Eu falei: - *Pode.* Eu fui lá: - *Vó! Toda inocente: Vó tem gente te chamando.* Aí minha avó ia. E ela conversava [...] Aí conversou com a minha avó, na época eu tava... brincando. Aí foi quando minha avó, falou: - *Olha vocês vão pra uma casa, que eles são assim né. Você vai pra uma casa onde tem piscina, onde tem brinquedo pra você brincar. Vai estudar.* E ela falava assim: - *Aí você vai para um abrigo. A tia vai levar você pra um lugar e tal [...]* E eu sempre disse sempre, sempre, sempre... Sempre: - *Eu não quero ir, eu não quero ir. Eu não quero ir, eu não vou. Eu quero ficar com a minha avó.*

Sofia questiona a posição da avó de fazer os trâmites preparatórios à ida para o acolhimento institucional de forma escondida. O sentimento dela é como uma traição. “Eu confiei nela e agora ela me abandona. Quem eu mais amo e

confio me trai e me abandona em um abrigo”. Esse sentimento do abandono volta com muita força e por isso Sofia questiona, como que se perguntando, em quem eu posso confiar agora? Se aquela que eu mais amo e mais confio me abandona. É como se voltasse tudo, em sua subjetividade, em sua memória. Lembra do abandono de sua mãe e o quanto sofreu por isso. Agora que estava tudo bem, havia encontrado acolhida, tudo se repete.

Sofia não apenas sente, mas objetivamente foi novamente abandonada, desta vez pela avó com quem havia criado vínculos. Ela era seu apoio em todas as circunstâncias. Apesar da dor sentida, Sofia busca razões para essa atitude:

Ah! Eu já morava com a minha avó [...] ela não tinha condições “mesmo” (destacou com muita ênfase nesta palavra: Mesmo). Apertou mesmo e [...] fora que a [...] Uma filha dela tinha praticamente ciúmes da gente. Né, porquê? Porque morava com a minha avó. Minha avó não era aquela supermãe. Ela como ela era das antigas, a forma de dar carinho, era não faltar nada na mesa. Não era tipo uma palavra, não era, né. Não era isso. Era... da água, comida, roupa. Era isso, não faltava nada. A gente comia simples porque ela não tinha nada para oferecer de mistura. E sempre a gente nunca exigiu também mistura. Ah! Vó quero isso. Nunca a gente foi pedir, nunca, nunca. Nunca a gente pediu nada. A única coisa que a gente queria como criança [...] era ter a nossa infância. Brincar no barro, que lá era barro antigamente. Brincar no barro, ficar na rua brincando com as crianças ali perto. Era isso que a gente queria. A gente não ligava pra comida, pra melhor comida. Não, a gente nunca foi assim. (puxa pelo ar em uma respiração mais profunda)

Assim, a Sofia-abandonada surge novamente, um papel que ela pensava nunca mais ter que representar, mas agora é levada para um serviço de acolhimento institucional que, no tempo em que Sofia frequentou este serviço, chamava-se “abrigo”.

Em respeito à sua narrativa, continuaremos chamando de “abrigo”, quando for parte do relato de Sofia, já quando for para indicar referências nossas a esse serviço, o chamaremos de acolhimento institucional, nome oficialmente atribuído por lei a partir de 2009¹⁶.

3.6. A personagem acolhida repõe a abandonada ao ser encaminhada para o serviço de acolhimento institucional

¹⁶ A lei nº12.010, de 3 de agosto de 2009 revogou os dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, através do código civil e da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Nesta nova lei o termo “abrigo” caiu em desuso, sendo substituído por “acolhimento institucional”.

Ela nos conta sua experiência no primeiro acolhimento institucional por onde passou. Acompanhemos:

Aí teve um primeiro que eu fui. Eu só chorava. Eu só chorava. Eu ficava doente, passava mal. Aí não lembro o nome. Foi um primeiro, bem antigo. Aí passou um mês, eu vegetava. Eu vegetava. O meu irmão ainda ia, desenvolvia lá com as crianças, mas eu não. Eu só vegetava, chorava. Queria ficar no quarto. Queria ficar no quarto porque eu sentia a falta da minha avó. Parecia que faltava algo dentro de mim. (deu uma breve parada) Mesmo criança, né. É que você acaba entendendo algumas coisas. E [...] eu, aí passou um tempo, eu não lembro o nome do abrigo também. Eu sei que era uma casa. Uma casa de criança. Eu lembro das outras crianças (que) ficavam lá, mas muito pouco dessa casa. E eles me trouxeram de volta. De volta, não podia ficar comigo lá, mesmo saindo a vaga. Porque você tem que... ir aonde sai a vaga. Né, eu acho que na verdade é isso. Aí pegou recolheu a gente. E devolveu pra casa da minha avó.

Observa-se que a narrativa contempla o sentimento de Sofia devido à ausência da avó. As condições do abandono são outras, o espaço onde se encontra é outro, novo e inaceitável para Sofia.

Ciampa ([1987] 2011) nos afirma que em cada momento da existência nos apresentamos como um personagem vivendo determinado papel. Este papel vivenciado não me representa por inteiro, é uma parcialidade de mim. [...] “em cada momento manifesto uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito (CIAMPA [1987] 2011, p. 177) ”.

Nesse momento, Sofia-abandonada está se apresentando como tal, mas não se constitui tudo o que é Sofia, tudo o que foi quando Sofia-abandonada-escrava na casa do tio, ou da Sofia-abandonada pela mãe doente. A cada nova circunstância externa, uma nova representação se constitui. A identidade é um contínuo processo de identificação presentificada em suas predicções. Conforme afirma Ciampa ([1987] 2011): “apresento-me como o representante de mim mesmo” (p.177).

Ao encaminharmos nosso olhar para a instituição “acolhimento institucional”, temos que falar também sobre a socialização. Neste aspecto, mais especificamente da socialização secundária, onde a pessoa já está preparada para outras experiências, como destaca Goffman ([1961] 2015), ao estudar as instituições sob o ponto de vista sociológico.

Geralmente, os internos ou internados já chegam a instituição tendo passado pela socialização primária, seja no contexto familiar ou outro, o que lhes

dá segundo Goffman ([1961] 2015, p.23), uma “concepção tolerável do eu”, permitindo-lhes formas de defesa exercidas por sua vontade, para enfrentar conflitos, dúvidas e fracassos. [1961] 2015

Alinda nas palavras de Goffman ([1961] 2015), uma concepção tolerável do eu só será possível se o indivíduo tiver algo a que pertencer ou, ao menos, um sentimento de ter um eu que pode vir de pequenas formas de resistência ao ser colocado em uma unidade social maior. Lembremos que o processo de socialização é dialeticamente constituído pelas três etapas: interiorização, exteriorização e objetivação. Sofia chega no acolhimento institucional com um contexto histórico que diz quem é, que registros de subjetividade foram interiorizados pela sua trajetória, suas perdas, seus medos, suas angústias, suas vitórias, tudo isso a constitui.

A sensação de pertencimento a alguém foi quebrada bruscamente. Querer manter-se em seu quarto, não se relacionar com o meio onde foi colocada, dá-lhe a sensação de “vegetar”, termo escolhido por ela própria.

Goffman ([1961] 2015), ao estudar as instituições, fala dos conflitos que se configuram na chegada à instituição. O autor chama de “momentos iniciais de socialização”, ele (interno) é, na maioria das vezes, submetido ao “teste da obediência”, ou até a um desafio de quebra de vontade. Aquele que se mostre insolente pode receber castigo ou até terá que pedir perdão e se humilhar (p. 26). A reação inicial do indivíduo pode ter variações, desde ser submisso e humilde, podendo também exercer atitudes de isolamento e, até mesmo, a do revoltado que pode atuar com agressividade.

A narradora questiona a forma pela qual as pessoas apresentam os acolhimentos institucionais às crianças e aos adolescentes:

[...] na verdade, eu acho errado isso. Iludir a criança. Não sei se chama a criança que é pior. É mais fácil você conversar, dizer a verdade do que assistente social.... iludir né. Porque quando a gente chega lá, não tem nada disso. Nada.

Um protagonismo à “ilusão” de como são apresentados os serviços de acolhimento.

Sofia, após ter passado um mês no primeiro acolhimento institucional, retorna à casa da avó (como ela mesmo se expressou, “recolhida” à casa da avó):

Aí passaram mais uns dois, três meses. (um tempo de silêncio) A minha avó já tinha ido na outra assistente social. Aí ela pegou (engoliu seco) e falou: - *Olha hoje eu vou visitar uma casa em tal lugar.* Eu sempre perguntava: *onde a vó foi? A vó foi em tal lugar [...]* Aí eu já imaginava. Ela foi na assistente, no juiz. Porque eu sempre achava que era o juiz. (respira fundo) Aí pegou e foi. No que ela foi, deu dois meses saiu a vaga.

Novamente Sofia busca o conforto para este momento, justifica a atitude da avó atribuindo-a à questão financeira:

Porque ela não tinha mees...mo condições. Não foi porque ela não quis cuidar da gente. Porque ela tem [...] Ela nunca abandonou[...] Nunca. Nunca, nunca.

Pelo Art. 23 do ECA,

[...] a falta de recursos materiais por si só não constitui motivo suficiente para afastar a criança ou o adolescente do convívio familiar, encaminhá-los para serviços de acolhimento ou, ainda, para inviabilizar sua reintegração [...] o convívio familiar deve ser preservado e a família, obrigatoriamente, incluída em programas oficiais ou comunitários de apoio, e demais medidas previstas no artigo 101 do ECA (BRASIL, 2009, p.18).

Embora conste no artigo que a falta de recursos materiais não seja condição para a criança ser tirada do convívio familiar, não foi o que ocorreu com Sofia, nem tampouco com a maioria das crianças institucionalizadas.

Uma alternativa dada à Sofia é a de idealizar as figuras da família, provavelmente como uma forma de amenizar sua dor e sofrimento presente na objetividade. Porém, o sentimento de abandono permanece. A repetição de que a avó nunca a abandonou nos possibilita pressupor esse sentimento.

A realidade objetiva, mais uma vez ofertada a ela, enquanto possibilidade real, é a de ser a Sofia-abandonada. Estaria ela simplesmente vivendo a mesma de repor a personagem abandonada, como diria Ciampa ([1987] 2011)?

Acompanhemos então, nas palavras de Sofia, que outro lugar é esse ao qual ela e os irmãos são encaminhados:

No abrigo aqui que era o São Lucas, mas antes não era o abrigo da [...] Não sei se é V. Prado que fala. Aqui o dá [...] (para por um instante, respira fundo) Aí não lembro não. Daqui [...] O São Lucas. Não era abrigo, né [...] Era casa de passagem. Aonde tinha [...] Aondeee [...] eu fiquei acho que [...] (parou um instante em silêncio) Acho que por dois meses. Que era casa de passagem, só que eu podia ficar dois ou era três meses, depois te encaminhava ou pra casa, retornar a família, ou

eles colocavam num abrigo onde você morava permanente e saia de lá com dezoito anos. Então eu fui morar lá... (engoliu seco) é... É a assistente social foi buscar. E [...] nós é [...] nós três. Né, que era eu, o Samuca e o Dinho. Aí a gente foi (um momento de silêncio).

Sempre, em sua narrativa, a ideia de não aceitação de ir para o acolhimento institucional perdura. Sofia expressa isso a todo o momento quando fala sobre o sentido que ela atribui a esse serviço e o quanto não quer estar ali. Enfim, acompanhemos seu argumento:

Eu nunca quis entrar no abrigo, nunca. Eu acho que parecia que eu tinha trauma. Já sabia que aquilo pra mim era ruim. (novo instante de pausa) Eu sempre quis [...] não como uma casa onde tinha brinquedo, onde tinha piscina. Onde eu ia ser feliz. Eu nunca olhava isso. Era como se [...] tipo eu criei pra mim, eu não vou me apegar a ninguém porque [...] vão me tirar. Né, então pra mim, minha avó era o porto seguro. É como você tirar o leite da criança. Era o que acontecia isso comigo...E eu falava: - Eu não quero. Eu não quero ir pra abrigo nenhum. Eu quero ficar aqui, eu quero ficar aqui. Porque com todo [...] (tudo aquilo que eu já tinha passado, com a história da minha mãe, difícil [...]) Mas eu éee [...] É de certa forma a gente era a criança, era feliz ali. Pra mim estava bom. Aquilo, por mais que eu [...] passei nesse período que eu [...] falei agora. Eu era uma criança feliz. Feliz com várias marcas, né. De uma história difícil, maas eu sempre vivia sorrindo. Sempre brincando.

Alguns pontos merecem nosso olhar com uma observação mais ampliada sobre o que Sofia nos contou.

O primeiro deles diz respeito a esta frase que destacamos a seguir “eu não vou me apegar a ninguém porque [...] vão me tirar [...] minha avó era o porto seguro. É como você tirar o leite da criança”. Notamos que a ideia da perda, de abandono, perpassa por esta frase. A experiência que ela internalizou do abandono é muito forte e deixou-lhe uma marca, como ela própria relata mais à frente. Ela não cogitava sequer a ideia de se “apegar novamente a alguém ou lugar” e ter de ser arrancada dele sem a sua vontade, sem o seu desejo.

A despeito disso, a Sofia-abandonada é outra Sofia, é diferente e está diferente. Houve uma metamorfose, apesar de ainda ser Sofia-abandonada. Ela não quer mais estabelecer vínculos afetivos. Agora é a Sofia-abandonada-e-solitária. É uma forma de proteção, de não sofrer, ou, ao menos, de sofrer menos. Tudo indica que seu comportamento diante do novo espaço será diferente, pois ela é outra Sofia. É a Sofia que não quer se apegar a ninguém para não sofrer depois com um afastamento futuro.

Sofia teve a experiência de viver com quem se preocupa com ela, com quem ainda considera seu “porto seguro”, apesar de tê-la deixado ir para o acolhimento. Ela justifica que foi apenas devido ao fato da avó não ter condições financeiras. Porém, no demais, não há abandono, nenhum tipo de abandono, enfatiza Sofia.

O sentido verdadeiro de ser acolhida e se sentir em pertencimento vale mais do que todas as coisas materiais que o acolhimento institucional lhe pode oferecer. Ela destaca isso na sua própria narrativa, porque de fato o seu desejo era estar junto daqueles que a queriam bem e a reconheciam como criança, com seus desejos de estar livre com outras crianças, brincando na rua, na lama, como ela mesmo já anunciou anteriormente.

Neste ponto, a Sofia-de-hoje nos traz parte de sua história, do que é viver em acolhimento institucional. As dificuldades e angústias do processo que é ser institucionalizado:

E nesse abrigo, (respira fundo) [...] infelizmente tinha um educadores (puxa pela respiração) que eles não, não tavam preparado para ter aquela função. Né, quando eu comecei nesse abrigo. Que era [...] Não lembro os nomes, dos coordenadores. Eu lembro só da [...] Vita que era uma das vice-coordenadora né, e tinha a diretora que era a [...] Eu não lembro agora, seu [...] não [...] Tá aqui pra falar, mas eu não consigo lembrar, o nome dessa coordenadora. Que na verdade não era diretora. Ela era só mais uma [...] do governo... que tirava de crianças que precisavam ali. *Entendeu?* Tipo [...] A Vita, que era a (vice) coordenadora [...] ela pra mim ela nunca foi [...] (pausa por um instante) vice-diretora, de pessoas adequadas para tá numa função daquelas. Porque era vira e mexe, era gritaria. Dos próprios [...] os diretores do abrigo. “*Das diretora*” [...] A diretora em si, ela nunca tava lá. Nunca ficava lá. (uma pausa breve) Ela só ia num dia de audiência, com a família, isso que eu presenciei dela lá.

A Sofia-de-hoje, ao narrar sobre a instituição de acolhimento, manifesta reclamações com relação ao comportamento de quem trabalhava ali dentro. Desde a coordenação que era ausente, pouco fazia pelas crianças e adolescentes que ali estavam, comparecendo ao local, como ela mesma diz, só em dias de audiência. Da vice-coordenação que segundo ela também não tinha preparo algum, até os educadores, que não exerciam seus papéis como deveria ser.

Sua fala, destacando os gritos (da diretoria) que se faziam presentes no cotidiano da instituição, mostra o despreparo emocional dos profissionais para lidar com as crianças e adolescentes que vivem no acolhimento institucional.

Vamos interromper a narradora para alguns aportes referente aos direitos advindo com a criação do *Estatuto da Criança e do Adolescente*.

O *Estatuto da Criança e do Adolescente* (Art. 101 - ECA) afirma que os acolhimentos institucionais se constituem em medidas provisórias e protetivas da criança e/ou adolescente que, por necessidades específicas, em situação de abandono ou que por diferentes motivos foram afastadas do convívio familiar.

Este afastamento se dá como forma de transição para posterior reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade (BRASIL, 2009).

Após a criação do ECA e da Constituição de 1988, o novo paradigma afirma que tanto a criança, quanto o adolescente são considerados “sujeitos de direitos”, sendo reconhecido “a família e a comunidade como referências fundamentais” para qualidade no “seu percurso em direção a projetos de futuro” (BRASIL, 2012, p. 11)¹⁷.

Segundo o documento de *Orientações Técnicas*¹⁸ (OT), quanto às orientações metodológicas, é fundamental ao acolhimento institucional ofertar à criança/adolescente um ambiente e cuidados facilitadores ao desenvolvimento, de modo a favorecer, dentre outros aspectos:

(1) Seu desenvolvimento integral; (2) A superação de vivências de separação e violência; (3) A apropriação e ressignificação de sua história de vida e (4) O fortalecimento da cidadania, autonomia e a inserção social (BRASIL, 2009, p. 24).

Portanto, “os serviços do acolhimento devem prestar cuidados de qualidade, condizentes com os direitos e necessidades físicas, psicológicas e sociais das crianças/adolescentes (BRASIL, 2009, p. 21) ”.

Faz-se necessário amenizar “o impacto do abandono ou do afastamento dos familiares”, assim, deve-se ofertar um serviço de acolhimento de qualidade onde a prioridade seja “propiciar experiências reparadoras” à criança e ao adolescente visando a retomada do convívio familiar (BRASIL, 2009, p. 13). Acrescenta-se, no mesmo documento, que a construção de um elo de confiança

¹⁷ INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA, São Paulo, *A formação dos profissionais em serviços de acolhimento*, 2ª. Edição, 2012. Disponível em <https://fazendohistoria.squarespace.com/s/Formacao_web.pdf > Acesso em 26 dez. 2017.

¹⁸ BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília-DF: CNAS, 2009.

através da acolhida afetuosa a cada criança e adolescente que ali chega é fundamental pois muitas delas reagem com agressividade, incerteza, choro, insegurança etc. (BRASIL 2009).

Isso deve partir da equipe técnica, educador/cuidador, fator esse que permite a criação dos primeiros vínculos. Assim, a criança/adolescente se sentirá mais segura e confiante para estabelecer diálogos. Neste mesmo documento há um destaque para a importância dos diálogos entre a criança/adolescente para com a equipe técnica (educador/cuidador).

Permitir que a criança/adolescente fale sobre suas impressões e sentimentos relativos ao fato de estar afastado do convívio familiar, que se expresse sobre suas angústias, medos, sentimentos e desejos confere a ela o direito de ser escutada (BRASIL, 2009).

Ao dar-lhes espaço para que possam falar sobre suas histórias de vida antes de vir para o acolhimento e informações sobre a situação familiar, estes profissionais abrem também espaço para pensarem e criarem estratégias para melhor atender as necessidades de cada criança/adolescente.

Por outro lado, a criança/adolescente ao se sentir bem acolhida na instituição, terá uma convivência mais adequada com melhores relações, aspectos estes favoráveis ao seu desenvolvimento.

Ainda nas *Orientações Técnicas* (BRASIL, 2009), encontramos que os profissionais que atuam nos serviços de acolhimento devem receber capacitação inicial de qualidade. Este treinamento deve ser adaptado às necessidades e demandas específicas de cada serviço e também ofertado a formação continuada a estes profissionais, a fim de alcançar a qualidade no serviço prestado.

Destacamos um dos itens que tem relação direta com nosso estudo, as necessidades de conhecer e aplicar “práticas educativas de como ajudar a criança/adolescente a conhecer e a lidar com os sentimentos, fortalecer a autoestima e contribuir para a construção da identidade” (BRASIL, 2009, p.58).

Voltando a narrativa de Sofia e o que ela tem para nos contar sobre este espaço para onde foi encaminhada:

Chegavam doações, (para novamente em silêncio) era guardado num banheirinho [...] Num quarto [...] onde ficava as meninas. Que era o maior, e tinha um banheiro, tipo uma suíte. E ali guardava as doações. E tinha dentro do quarto, tinha um armário marrom, que [...] (engole

seco) eu presenciei [...] Era com cadeado. E às vezes, as pessoas doavam as coisas. Mas tem pessoas que doam roupas novas. Roupas muito boas, né. E ela separava. Ela separava. Eu já vi essa diretora pegando. Pegar e vestir os filhos dela com aquelas roupas. (fica em silêncio novamente) E é verdade [...] eu via e a gente não podia falar nada. Ela pegava as roupas e separava [...] Separava as melhores, e você [...] nunca via mais as roupas. Depois a gente via o que chegava. Que a gente ficava feliz. Aí chegou roupa nova. A tia vai dividir. Porque era assim que elas faziam. Chegava e dividia, cada uma [...] Sempre teve o seu armário, a sua cama, o seu cobertor. Isso a gente tinha lá dentro do abrigo. Tinha a mulher que limpava. Né... e a gente tinha que fazer a comida pra gente. Tinha tudo isso, não faltava. (respira fundo)

Ao mesmo tempo que Sofia destaca que não faltava nada em relação as necessidades básicas de alimentação, roupa, sapatos etc., ela faz uma denúncia de que a própria diretora ao receber as doações de roupas, separava o que lhe interessava e levava embora para a sua família.

No que tange às roupas desviadas da instituição, não temos nenhuma evidência mais pontual que confirme o furto e que a diretora de fato as passava para seus filhos. Aqui estamos apresentando sob um olhar crítico, os sentidos atribuídos por Sofia as suas experiências dentro da instituição.

Em relação a receber alimentação, roupas tanto pessoais como para cama e demais necessidades, Sofia destaca nesta narrativa que estes itens não faltavam, pois tinha tudo. As queixas da parte de Sofia são de outra ordem: sua relação com o ambiente onde se encontra e nas relações “nada afetivas” que lá estabelece.

Ancorado no processo de socialização, um aspecto importante destacado por Berger e Luckmann (2004) em relação à fase inicial da vida de uma criança e as relações e interações que ela estabelece com o seu meio, é de que estas relações podem se constituir em experiências negativas para o seu processo de socialização e de identidade, gerando crises de sentido:

[...] A identidade pessoal da criança se forma ao perceber o reflexo de seu comportamento na ação das pessoas que lhe estão mais próximas. Por isso uma certa coerência no agir dessas pessoas é o pressuposto mais importante para o desenvolvimento de certa forma imperturbável da pessoa. Não se verificando esse pressuposto, aumenta a possibilidade de surgirem crises subjetivas de sentido (p. 77).

Quando a criança/adolescente chega ao acolhimento institucional, ela busca referências e pontos de apoio. Quando não os encontra, as crises de sentido surgem podendo deixar marcas para o resto da vida.

Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem. Em contraste a tudo o que recebia do ponto de vista material e que já apontamos, a narradora nos apresenta qual a “falta sentida”, o que não recebia no serviço de acolhimento. Acompanhemos na voz da própria narradora:

Falta de [...] habilidade, sabe? [...] Das pessoas lá dentro, saber lidar com as crianças. Os próprios diretores, educadores, tiravam né [...] aquilo que as crianças já não tinha. Porque você vai para um lugar desses achando que você vai [...] Vai descansar, vai começar a ver outras coisas. Vai [...] vai estar no lugar onde você pega amor, carinho, alguém que se importa com você. Alguém que te espera, que faz um carinho pra você dormir. (engole seco) Porque na [...] o quanto as pessoas sabem onde está, você é isso que elas falam. Que você vai para um lugar onde as pessoas vão te dar carinho, A tia vai te dar carinho. Vai ter café da manhã. Vai ter tudo isso. Na parte de alimentação eu não posso negar. O abrigo tem tudo certinho. Tem o café da manhã, tem o café da tarde, o almoço e janta. É certinho. Tem os horários pra você poder dormir. Ai tudo bem.

Sofia enfatiza a falta de habilidade dos profissionais dentro do acolhimento institucional em contraste ao atendimento material recebido. É claro que ser atendido nas necessidades materiais como vestuário, calçados e alimentação é importante. Contudo, para ela, os cuidados afetivos são fundamentais.

Se pensarmos no grau de importância dos “outros significados” de Berger e Luckmann (2014), o processo de socialização aplicado pelos responsáveis nos acolhimentos institucionais, aqueles que estão sendo os “únicos significados” dentro da instituição (os educadores e todos aqueles que exercem alguma atividade direta com os internos), ao atribuírem predicativos às crianças e adolescentes, estas afirmações acabam sendo internalizadas por eles, tonam-se sua realidade social.

Para Berger e Luckmann (2014):

Todas as definições da realidade socialmente dotadas de sentido têm de ser objetivadas por processos sociais [...] todos os universos simbólicos¹⁹ [...] são produtos humanos, cuja existência tem base a vida dos indivíduos concretos (pp. 164 e 166).

Ao estudar as instituições, Goffman ([1961] 2015) destaca a impessoalidade presente no ambiente da instituição. Todos são tratados de

¹⁹O Universo Simbólico é definido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais (BERGER e LUCKMANN, 2014, p. 127).

forma homogeneizada socialmente e não recebem sequer pequenos cumprimentos, atenção e acolhida aos seus desejos. Há uma racionalização das ações para controlar a vida diária e uma frieza nas relações.

Sofia encontra uma forma de denunciar o que de errado ocorria dentro do acolhimento institucional. Para ela, a forma de “gritar” e mostrar as “coisas erradas” era quando vinham visitas de familiares.

Vamos acompanhar sua narrativa mais um pouco:

A forma da gente de lá gritar, era quando tinha visita. Que era toda a segunda feira, na época [...] E a gente contava pra visita o que estava acontecendo. Era assim. Eu não tinha visita. Porque minha avó não podia ir. (com a voz emocionada segue) Então era [...] a gente acabava ficando com as visitas das outras pessoas, pra gente não ficar sozinha. Que era aquela amizade. E as tias isso também. Sempre levava bala, né [...] A gente contava, falava que a tia fez isso, olha... aquela educadora, que está ali nesse plantão [...] Que chama plantão, né, nos abrigos. Ela pegou isso, ela chegou, ah [...] empurrou aquela criança na es [...] falava assim. Aí tudo bem. (puxa pela respiração) Acontecia essas coisas né, lá dentro do abrigo.

Observemos que esta Sofia não está mais sendo a Sofia-abandonada de antes. Tão pouco a Sofia-abandonada-e-solitária. Agora ela questiona, ela busca meios para denunciar o que há de errado, ela interage no seu meio.

Apesar de não ser a Sofia-abandonada de antes, ela faz a observação na narrativa quanto à ausência da avó, a não presença dela durante as visitas à instituição e que, para não ficarem sós, eles se juntavam às outras crianças/adolescentes com suas visitas.

Aqui temos a tentativa de Sofia denunciar o que ocorria dentro do acolhimento institucional. Aproveitar a presença de outros adultos vindo de fora da instituição para contar as coisas erradas que percebia naquele espaço.

Por outro lado, ao analisarmos a Sofia deste período sob o olhar da teoria de identidade de Ciampa ([1987] 2011), temos que pensar em sua identidade como um processo contínuo de metamorfoses.

Como bem destaca Alves (1989), o processo de identidade caminha emparelhado às “internalizações sociais ocorridas desde a infância e com consequentes papéis assumidos e desempenhados até então” (p.3).

Como afirma a autora, após a crise de sentido vivida na passagem à segunda socialização, “o indivíduo adquire uma identificação consigo mesmo e alcança estabilidade e continuidade, [...] ele tem uma identidade subjetivamente aprendida como constante, coerente e contínua”, (ALVES, 1989, p.4). Assim, ele

integra as concepções que as outras pessoas, grupos e instituições têm dele como sua realidade social.

A realidade objetiva construída pela objetivação se constitui em universos simbólicos dotados socialmente de significado com capacidade de fornecer legitimação, tanto para a ordem institucional, quanto para os papéis sociais na vida cotidiana.

Sofia, em seu processo, antes de ser acolhida neste espaço, já passou por vários ambientes e interagiu com várias realidades fora do acolhimento institucional. Ela tem interiorizado e internalizado várias experiências que constituem seu universo simbólico desde então.

O leitor já deve ter se acostumado com nossas interrupções na história de Sofia. Interrompemos mais uma vez, dessa vez para trazer alguns subsídios teóricos que nos ajudem a compreender o processo de identidade da narradora, exatamente neste momento em que vive a experiência do acolhimento institucional.

Para o sociólogo e filósofo Georg Mead, criador do interacionismo simbólico, o indivíduo interage com sua realidade social através da aquisição da linguagem. Conforme Bazili et al. (1998), ele busca sentido às suas experiências, ao conscientizar-se das relações estabelecidas com aqueles que lhe são significativos.

Ainda em Bazilli et al. (1998), encontramos a afirmação de que o “self” é a categoria mais importante do Interacionismo Simbólico. O conceito de “*me*” (*self*) em Mead está associado aos “outros significativos”, tendo o mesmo significado que este, porém, Mead o chama de “outro generalizado”.

Para a teoria de Mead, a constituição tanto do indivíduo, quanto da sociedade, é vista em uma perspectiva processual, ambos vão se construindo nas relações que estabelecem (interações mediatizadas simbolicamente por um sistema de normas sociais chamado de linguagem). Na sua teoria, a linguagem tem um significado conceitual atuando como mediadora do processo de interação entre a sociedade e o indivíduo. A significação desta interação tem origem e se mantém no ato social. Este ato inclui o gesto simbólico e a reação do outro a esta ação.

Souza, ao estudar Mead (1972), destaca que:

O sujeito, para se conhecer, precisa perceber a existência do outro em si. O *self* envolve a consciência de si a partir do reconhecimento do outro; não resulta de uma experiência individualizada, mas de uma vivência coletiva (SOUZA, 2006, p. 58).

Em Sass (2004), o conceito de *self* utilizado por Mead aparece como “consciência de si” e ele tem forte influência de Hegel, que o traduzia como “autoconsciência”. Porém, Mead não segue a linha fenomenológica de Hegel, pois estuda o sujeito psicológico social que interage com o outro em um contexto histórico e social.

A Psicologia se propõe a elaborar a técnica que lhe permita encarar as experiências que o indivíduo possa ter em qualquer momento de sua vida, e que são peculiares a esse indivíduo. E o método de encarar semelhante experiência consiste em averiguar as condições em que ocorre essa experiência do indivíduo (MEAD, 1972 apud SASS, 2004, p. 113).

A autoconsciência, nesta abordagem de Mead, faz-se por meio da interação com o outro de fora para dentro, forma-se no encontro com o outro “*me*”. Esse outro é o “outro generalizado” discutido por Mead e os “outros significativos” na abordagem de Berger e Luckmann (2004) quando dissertam sobre a socialização: “O sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais” (p. 14).

Ciampa (1977) estuda a identidade social sofre influência de Mead, quanto ao conceito de linguagem e por James (1890) em relação ao conceito de “*self*”²⁰. Partindo destes dois conceitos integrados à teoria de papéis de Sarbin e Scheibe, Ciampa (1977) desenvolve seus estudos de identidade e afirma que:

[...] a existência do homem depende de como ele se localiza nas suas diversas “ecologias”, de como ele se coloca no mundo dos acontecimentos [...] uma delas a “ecologia social” ou sistema de papéis”. (p.55)

²⁰ Qualquer que seja a coisa sobre que eu esteja pensando, ao mesmo tempo sempre tenho um certo conhecimento de mim-mesmo (*myself*), da minha existência pessoal. Ao mesmo tempo, sou eu (I) quem tem o conhecimento; de tal forma que o eu-mesmo total (*the total self of me*), sendo como é dúplice, em parte conhecido e em parte conhecedor, em parte objeto e em parte sujeito, precisa ter dois aspectos discriminados os quais por brevidade chamarei de “mim” (*Me*) e de “Eu” (*I*) ...” (JAMES, 1950, p. 101 apud CIAMPA, 1977, p.51)

Ao questionar o que se passava dentro da instituição como forma de grito, de denúncia das ações e das atitudes ocorridas dentro da instituição, Sofia nos sinaliza que seus valores e princípios internalizados são diferentes do que observa neste espaço. Os papéis sociais das pessoas com as quais interagem dentro do acolhimento, mostram-lhe outros valores e princípios que entram em choque com os seus. Tendo a linguagem como mediadora, Sofia faz uso dela para apresentar seus questionamentos culminando na forma de denúncia.

Na sequência, sua narrativa apresenta mais questionamentos:

Teve um certo dia, que era dia do cachorro quente [...] na casa [...] casa de Passagem né. E falou assim: - *É [...] hoje a gente vai fazer de janta cachorro quente.* (deu uma breve pausa) *Aí eu não lembro da brincadeira, que um dos meninos [...] fez. E eu comecei a rir. A gente tinha duas mesas. E as meninas sentavam em uma e os meninos sentavam em outra. E eu lembro que [...] eu tava desse jeito que eu tô aqui. (ela estava sentada a mesa) e o menino tava [...] ele tinha acabado de comer e eu tava comendo o meu pão e tava com a salsicha na boca. Aí o menino pegou e brincou e eu ri. Porque a gente não podia conversar na hora que a gente estava comendo, né [...] Tinha que ficar quieto. E eu ri. Só que eu ri de boca cheia. Aí o tio falou: - *Sofia! Cala a boca!* Aí eu disse: - *Que era o Casa Nova [...] porque ele era um dos educadores lá, nessa casa de passagem [...] o Casa Nova [...] Mas eu não tô fazendo NADA tio...* Aí ele falou *tá sim.* Pegou me deu um tapa na cara [...] (parou um instante e respirou fundo, ficando emocionada) nessa casa de passagem. Aí eu comecei a chorar, comecei a chorar. Aí trocou o plantão, o meu irmão, o Samuca pegou porque era o mais velho, né [...] que eu tinha. Conversou com o educador lá [...] Falou: - *A gente não vai ficar mais aqui. A gente vai embora.* (deu uma pausa) *A gente não vai ficar mais aqui.* Aí ele começou... aí tinha um... um tio lá né, que ele era um dos técnicos do São Geraldo da [...] do jogo de futebol de São Geraldo. E ele parecia que ele seria o [...] mais ou menos ali, né. Aí meu irmão falou assim: - *Não a gente quer ir embora. A gente quer ir embora, vai levar a gente embora.* Aí meu irmão, alterou e o tio foi pra cima dele. (engoliu seco) Pegou e entortou o pulso do meu irmão. (deu uma pausa) Aí levaram para o hospital e tudo. Fez todo aquele processo... (engoliu seco) mais ele era muito amigo da diretora [...] Né [...] então o meu irmão não teve regalia [...] porque juntou os dois educadores e falou que na verdade foi o meu irmão que foi agressivo. Na verdade, todas as crianças viram, que ele me deu um tapa na cara. Mas a gente não podia correr pra ninguém. Pra quem que a gente ia correr? A única [...] a nossa [...] O que eu podia correr, era quando tinha visita. Que a gente ficava contando. (fica emocionada novamente) Aí, tudo bem.*

A Sofia-de-hoje questiona o ocorrido e faz a denúncia de ter “apanhado na cara”, por um educador da chamada Casa de Passagem. Naquele período, a forma que encontrou para denunciar foi contar para as visitas, não achava outro meio para informar o ocorrido. De qualquer forma, ela não conseguia ficar calada. Precisava falar para alguém o que ocorria ali dentro. Na compreensão

de Sofia, apanhar de um educador era algo completamente errado, por essa razão ela nos traz isso na narrativa.

O Artigo 90, inciso IV, do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) nos indica que toda a criança/adolescente que por necessidades especiais foram ameaçados ou violados pela família, pela sociedade ou pelo Estado, encontrem na medida de acolhimento institucional um serviço que provenha os seus direitos fundamentais, utilizando todos os recursos oferecidos pelas políticas públicas municipais para zelar por sua integridade física e emocional. Neste sentido, a atuação com qualquer tipo de agressão ou violência pelos profissionais que nestes serviços atuam, transgride todas as normas estabelecidas pelo ECA.

A elaboração das *Orientações Técnicas* (BRASIL, 2009) teve como finalidade regulamentar a organização e oferta de serviços de acolhimento institucional em todo o país. Estas OTs determinam que os educadores/cuidadores devem adotar uma postura que represente referências importantes ao desenvolvimento da criança/adolescente.

Para atender a esse propósito, foi elaborado o Projeto Político Pedagógico (PPP) que deve prever estratégias para seleção, capacitação e acompanhamento/supervisão dos profissionais que neles atuam.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) tem por objetivo orientar as instituições para as atuais legislações no campo social, que incluem educação e proteção às crianças e adolescentes. O educador/cuidador deve ter capacitação para desempenhar seu papel com autonomia, devendo estes ter apoio e orientação permanentes, bem como espaços para troca de experiências, refletindo sobre o trabalho que desenvolvem com as crianças/adolescentes.

Este Projeto Piloto Pedagógico (PPP) apresentado nas *Orientações Técnicas* (BRASIL, 2009) deve conter: planejamentos de intervenções, sendo assim, o educador/cuidador deve:

(1) vincular-se afetivamente com as crianças/adolescentes, contribuindo para a construção de um ambiente familiar, não com o sentido de substituir as relações com a família de origem, mas de contribuir para o fortalecimento dos vínculos familiares, no intuito de favorecer o processo de reintegração familiar ou o encaminhamento a família substituta;

(2) ter um cuidado individualizado para cada criança/adolescente, baseado na história de vida, nas condições emocionais e no impacto da violência

que as tirou do convívio familiar, permitindo promover a construção de estratégias para o enfrentamento de desafios pelas quais passam as crianças/adolescentes;

(3) potencializar aspectos favorecedores do processo de desenvolvimento, da autoestima e da autonomia das crianças/adolescentes;

Para o educador/cuidador deve-se oferecer formação continuada com atualização e supervisão, destacando-se entre estas ações:

(1) oferecer aos educadores/cuidadores a possibilidade de fazerem supervisão com a inserção de estudos de casos com a participação da equipe técnica a fim de refletir sobre o trabalho desenvolvido e as dificuldades encontradas, cujo objetivo é a melhoria do atendimento, das relações entre os educadores/cuidadores e as crianças/adolescentes;

(2) o educador/cuidador deve ter a sua opinião ouvida pela equipe técnica do serviço na tomada de decisões sobre a vida da criança/adolescente, seja na tomada de decisões sobre a criança/adolescente, seja na elaboração de relatório para alguma autoridade judiciária, quando de adoção ou reintegração familiar, principalmente daquele educador/cuidador ao qual a criança/adolescente tenha um vínculo afetivo mais significativo.

Sem a devida atenção a estes pontos aqui destacados, o serviço de acolhimento institucional não tem como atender com qualidade e estrutura adequada às necessidades de cada criança adolescente no que tange e demanda o *Estatuto da Criança e do Adolescente*.

O processo de formação e atualização do educador/cuidador²¹, bem como a equipe técnica que atendem as crianças/adolescentes nos acolhimentos institucionais, deve contemplar o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos técnicos desejáveis aos cuidados destas crianças/adolescentes. Eles devem ter noções sobre desenvolvimento infanto/juvenil, noções sobre *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), Serviço Único de Assistência Social (SUAS), sistemas de justiça e *Plano Nacional de Promoção, Proteção e*

²¹ INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA, São Paulo. *A formação dos profissionais em serviços de acolhimento*, 2ª. Edição, Disponível em <https://fazendohistoria.squarespace.com/s/Formacao_web.pdf> acessos em 26 dez. 2017.

Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes a Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC).

Ao retomarmos a queixa de Sofia quanto ao mau trato sofrido da parte daquele educador, destacamos dois artigos do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (BRASIL, 2012).

O art. 18 subscreve que é “dever de todos velarem pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (p.15); e o art.18A²² que destaca que:

[...] a criança e o adolescente têm o direito de serem educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014), (p. 26).

Portanto, Sofia percebe e narra atitudes do educador no acolhimento institucional contrária ao que determina o ECA (BRASIL, 2012) quanto aos direitos das crianças/adolescentes e as *Orientações Técnicas* (BRASIL, 2009) para o seu bom desempenho

O presente estudo não se propõe analisar as ações dos cuidadores, nem tampouco a afetividades das instituições, mas de como a criança que viveu essa realidade representa em sua narrativa essa experiência vivida, assim como essa vivência reuniu em torno dela possibilidades identitárias.

3.7. A personagem abandonada que reage denunciando a violência sofrida revela que se transformou e relata novas questões de sua história

Foi nesse período que algo pressuposto ocorre. Trata-se de sua mãe doente:

²² *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro, ed. atualizada, 2017. Disponível em: https://cedecarj.files.wordpress.com/2018/02/livroeca2017_022018.pdf. Acesso em: 18/07/2018.

E [...] dia dez do oito de mil novecentos e noventa e seis. Mil novecentos e noventa e seis [...] a gente teve uma reclamação nossa na escola. (deu uma breve pausa) e a [...] acabou que a tia mandou trazer a gente embora. Né, acho que é porque a gente a diretora sabia que a gente era do abrigo. Né [...] aí mandou a gente embora. Falou: - *Olha, a educadora do abrigo vai vir buscar vocês, tá bom*. Eu não lembro se [...] teve alguma coisa, reclamação nossa. (uma pausa rápida) ou a tia mesmo pediu pra tirar a gente da escola. Eu, o Dinho e o Samuca. Aí a gente veio embora. A tia buscou a gente. (respira fundo e para um instante) Lila e a Vita que eram coordenadoras do abrigo na época [...] da casa de passagem. E a Lila tava lá. E eu falei: - *tia Lila, você tá aqui! [...] Vamos subir lá pra cima. Vamos lá pra minha sala*. Aí eu falei: - *Tá bom*. Aí “sentou nós três”. Ela falou assim: *eu tenho um...* (respira fundo, puxando o ar) *uma notícia não muito boa, pra dar* (começa a falar mais lentamente) *pra vocês [...] Mas eu precisava conversar com vocês tá [...]* Aí ela [...] Eu falei: - *fala o quê que é. A gente não fez nada na escola [...]* É lembrei. A gente não fez nada lá na escola, tia dessa vez. (para mais um instante) Aí ela falou assim: - *Não...* (e continua falando bem lentamente) *Sofia, não é nada disso*. Aí ela falou assim: - *a mamãe de vocês faleceu*. Aí [...] aí eu falei: - *Como?* Ela falou: - *A mamãe de vocês faleceu. E a tia... A tia Duda vai levar vocês no velório dela*. Aí começou a conversar né [...] Aí ali [...] ali já foi meu chão. (deu uma breve pausa) Minha mãe já tinha sido velada, no dia nove. E na verdade [...] Tinham descoberto a morte da minha mãe. Dia nove [...] Então o velório já tava rolando, né. E foram avisar pra gente eraa [...] vai – onze e meia, onze, meio-dia. Aí eu comecei a chorar. A gente ficou desesperado, tipo (respira fundo) bem ou mal, minha mãe tava lá doente lá. Mas a gente sabia que tinha uma mãe, né. Não podia falar assim: *Ah, eu não tenho mãe, né...ô...* Né... aí a gente não tinha mãe. (puxa por ar com uma respiração profunda) [...] A tia pegou e falou: - *Vocês almoça e a tia Duda vai levar vocês*. (respira fundo) Aí eu falei assim: - *Ai, então tá bom*. Aí a gente chegou aqui no Cusco que é aqui em Ville Grand [...] e a gente foi no enterro da minha mãe. (fez uma pausa) Aí a gente [...] ficou lá e tava [...] todos os familiares da minha mãe. (respira fundo puxando ar e com o nariz úmido) Todo mundo, né. Todas, todos os familiares tava. Eu lembro que tava muito cheio. Porque a minha mãe conhecia várias pessoas, né. Que conhecia a gente... conhecia (respira fundo e dá uma breve pausa) a minha mãe. E a história da minha mãe. E a igreja da vizinha “taca fogo”, que cuidava da minha mãe, foi também. Né [...] (começa a falar com a voz embargada) Então tava meio cheio... Aí eu lembro que a gente ficou ali e todos os meus irmãos estavam lá. A assistente social também tava junto, nesse dia. Porque ela tentou resgatar algum dos familiares, pra poder [...] distribuir a gente. Que acredito, que nessa época não pode separar irmão. Nessa época, não podia separar os irmãos. Aonde um ia, todos deveriam ficar junto. [...] Aí a gente tinha que ficar. Aí nunca [...] Assim até o momento não [...] Ninguém quis ficar com a gente! Ninguém! [...] nesse período ali. Aí, minha mãe foi enterrada, tudo. A gente voltou pro abrigo. A gente não voltou pra casa da minha avó. A gente voltou pro abrigo.

Desta narrativa podemos observar alguns pontos significativos para a análise proposta sobre o processo de identidade de Sofia. O primeiro deles está relacionado à reação da narradora diante da revelação da morte de sua mãe. Observemos que relata que quando recebe a notícia, o desespero tomou conta dela e dos irmãos, na medida que agora, efetivamente, não tinham mais mãe.

Conclui a narradora, com uma respiração profunda, com um sentimento de pesar e de grande dor pela perda. O sentido de “perder o chão” resume tudo o que Sofia desejava manifestar sobre a morte da mãe.

A ida ao enterro acompanhada por seus irmãos e pela assistente social, assim como a recusa dos familiares presentes em acolher os três irmãos, representa para Sofia um contexto de solidão ainda não vivido. O pesar por este abandono geral é notório em sua fala, quando acrescenta: “a gente voltou para o abrigo, a gente não voltou para a casa da minha avó”. E repetindo: “a gente voltou para o abrigo”.

O sentido atribuído por Sofia é de total abandono que, a partir de agora, estava sem mãe e sem ninguém que queira ficar com eles. A única possibilidade apresentada a Sofia é a de ser a Sofia-abandonada-órfã. A ideia central do abandono prevalece, porém, agora um novo predicativo soma-se a esse - o de orfandade. Sofia e os irmãos agora não têm mãe.

A identidade como “processo de produção é entendida como o próprio processo de identificação” (CIAMPA, [1987] 2011, p. 166) e, neste sentido, podemos afirmar que Sofia se identificava como Sofia-abandonada-órfã. Assim sendo, retorna ao abrigo após o enterro de sua mãe.

Sofia pela primeira vez consegue nos contar quantos anos tinha nessa ocasião do falecimento da mãe. Acompanhemos:

Engraçado, eu lembro muita coisa. (respira fundo) Minha mãe faleceu eu acho que eu tinha treze anos. (faz uma breve pausa) [...] com treze anos, eu comecei pobre.

Chama-nos a atenção ela dizer: “minha mãe morreu quando eu tinha treze anos” e, logo em seguida, “com treze anos eu comecei pobre”.

Não tivemos a oportunidade de tirar esclarecimento sobre esta frase com Sofia, mas nos arriscamos em dar o nosso parecer sobre o sentido que ela tenha atribuído ao fato de “ter ficado pobre”. Sua mãe, apesar de ter estado um tempo doente, era sua referência de sustentação, principalmente emocional e financeira. Toda a morte revela transformação e grande mudança para a pessoa.

3.8. A personagem abandonada que reage denunciando a violência adquire a característica de órfã

Sofia perdeu a mãe, tornou-se órfã acolhida em uma instituição.

Aí depois de um mês que tinha acontecido isso. Que o tio deu o tapa na minha cara, né. Eu fui mandada embora de lá. A gente foi expulso né. A gente foi praticamente ex [...] expulsos da Casa de Passagem. Porque não acreditou na gente. Aí a gente voltou pra (fala rindo) casa da minha avó. Falou que [...] Que deu o tempo [...] não falaram o que tinha acontecido (do educador ter dado um tapa na cara de Sofia e depois outro torcido o braço de seu irmão Samuca). Foi quando [...] a gente contou, na casa da minha avó o que tinha acontecido.

Para o entendimento de Sofia, na época, a saída da casa de passagem sinalizava que os funcionários da Casa de Passagem não acreditaram em sua denúncia - de que havia passado por agressão por parte de educador dentro do acolhimento institucional - e este seria o motivo pelo qual ela estava sendo “expulsa” do acolhimento. Esse era o sentido atribuído por Sofia na época, porém, a Sofia-de-hoje relata que o fator que a fez retornar a casa de sua avó tem relação com as regras estabelecidas para cada serviço de acolhimento. Ela e os irmãos estavam em uma Casa de Passagem, desta forma havia um prazo para a permanência nesta casa.

Porque lá só poderia ficar três meses. E durante estes três meses [...] minha mãe faleceu, eu perdi minha mãe [...] Apanhei muito no abrigo [...] E o meu irmão [...] (para por um instante) tipo entortou o pulso dele [...] e a gente foi expulso porque [...] era isso né. Aí usaram como “DEU TEMPO”. (parou um instante) Não saiu nenhuma vaga em outro abrigo, então teve que retornar à família, à minha casa.

Contudo, ao mesmo tempo que entende que há prazos pré-estabelecidos para a permanência na Casa de Passagem, ela não consegue esquecer a agressão sofrida dentro dessa instituição. Assim, retomar esse assunto tem para Sofia uma conotação de “denúncia da violência existente dentro da instituição”. Ela faz questão de destacar este fato e revelar sua indignação pelas coisas erradas que aconteciam lá dentro: “apanhei muito no abrigo [...] e o meu irmão [...] entortou o braço dele”, narrativas essas permeadas de interrupções para refletir sobre o que narrava.

Sofia trouxe outros dados importantes para compreendermos o funcionamento desta instituição denominada por ela como “Casa de Passagem”.

Informações sobre a rotina da casa, no que se refere aos serviços de alimentação e limpeza do espaço após as refeições. Acompanhem esta passagem narrada por Sofia:

[...] A cozinheira deixava as “*coisas pronta*” e os educadores só montava. E a gente colocava a mesa. Porque a gente ajudava a limpar na noite né. Que eu achava mais que justo. Tinha uma escala, né, onde todas as crianças faziam isso. Só os mais velhos que dava pra fazer. Aí a gente fazia.

Ao tratar da rotina da casa, ela destaca os procedimentos adotados no período noturno em relação à refeição da noite. Segundo Sofia, as tarefas de arrumar a mesa, lavar a louça da refeição eram divididas entre eles e os moradores da casa. Aspecto que Sofia destaca como justo, na medida em que a cozinheira deixava tudo pronto para eles comerem. Tudo indica que neste horário ela já havia cumprido seu expediente de trabalho e retornaria no dia seguinte. As tarefas eram distribuídas em escala entre as crianças mais velhas da casa (cronologicamente).

3.9. A personagem órfã que retorna à casa da avó

Sofia fala da dificuldade de seguir com os estudos na escola, devido a ter que fazer transferência toda a vez que saia da casa da avó.

Aí tá bom. Fiquei com a minha avó. E eu sempre entrava [...] entrava na escola e tinha que mudar. Entrava na escola, eu tinha que ir para outro lugar [...] fazer tipo [...] transferência. Eu não conseguia terminar a escola. Por conta disso, né [...] todo mundo da escola conhecia a gente [...] eu e meu irmão.

Esta situação faz-nos reportar a Souza (2009) em relação ao conceito de “ralé brasileira”. Cita o autor que as dificuldades encontradas pelas classes sociais mais baixas no que tange ao aprendizado, surgem dentro da própria referência do que é a escola, no ambiente familiar e de exemplos pessoais.

Como destaca Souza (2009), mesmo quando recebem o estímulo para frequentarem a escola, isso não tem relação direta com o exemplo dos pais ou de quem os está substituindo, pois muitos sequer estiveram na escola. A situação se agrava ainda mais se considerarmos o que nos apresenta Sofia em relação a ter sido obrigada a ser acolhida institucionalmente e a mudar de escola

constantemente. Estas características dentro do ambiente familiar contribuem para que a pessoa não tenha autoconfiança necessária a traçar projetos de vida para o futuro.

E [...] (*por*) mais que a gente tenha nossas dificuldades, sempre [...] acredito que era Deus. Sempre Deus colocava pessoas ali, pra ajudar a gente. Eu lembro que [...] a escola, a diretora chamava a gente e a gente recebia várias doações. De roupas [...] roupas novas [...] edredom novo, eu tenho até hoje. E [...] lençol.

Para Sofia, eles, apesar das dificuldades, sempre recebiam ajuda quando a situação apertava. Havia doações vindas da escola que frequentava. Em uma particularidade, conta-nos sobre um desejo que tinha. Vamos acompanhar:

Eu sempre queria ter [...] um conjunto sabe? (se emociona e prossegue) Eu queria ter um conjunto que eu via [...] (dá uma pausa) as crianças terem e eu [...] não tinha, não podia ter. E eu falava: - *Aí vó eu queria um conjunto, tal [...] de moletom*. Que eu achava o maior bonito, né. E [...] *Aí ela falava: - Filha a vó não tem condições de te dar [...]* Eu falava: - *Tá bom, vó*. Eu sempre achava bonito na pessoa.

Seu desejo de ter o tal “conjunto de moletom” era tanto, que resolveu comentar com a diretora da escola:

Aí um dia eu comentei, né [...] para ela (diretora). Aí eu ganhei. Ganhava várias roupas. Eu não tinha meia, eu ganhava meia. Sempre [...] graças a Deus, não sei [...] Ele, Deus é [...] sempre colocou pessoas assim de [...] uma forma pra ajudar.

As dificuldades materiais se faziam presentes no cotidiano de Sofia. Sempre foi uma vida de muita luta para conseguir ter atendidas as necessidades materiais básicas. A toda ajuda, Sofia sempre fez referências a Deus. De receber o que necessitava porque Deus colocou a pessoa certa no seu caminho para ter o que necessitava. O sentido atribuído a essa confiança em uma força maior que rege tudo, fazia com que o seu entorno revelasse os resultados buscados para continuar o seu caminhar.

A história de Sofia é permeada por interrupções e transformações. Períodos como institucionalizada e períodos com a avó. Sofia nos conta como foi esse período após estar na Casa de Passagem, no qual ela retorna a casa da avó. Acompanhemos sua própria narrativa:

Aí... é [...] Eu voltei pra casa e passou um período. Eu não lembro quanto tempo [...] (puxa pelo ar novamente) seis, se foi sete, oito meses. Comecei a ficar na... casa da minha avó. Só que a minha avó,

já estava esperando vagas. Várias... instituição né... minha avó ia atrás. Chegou a sair em Saint Marie, numa associação em Saint Marie [...] Saiu (respira fundo e parou por um tempo maior) eu não sei dizer [...] Isso não acaba.

Percebemos a tensão de Sofia ao narrar este fato. Ela já estava prevendo que a avó estava procurando outro acolhimento institucional. A cada visita que a avó fazia, a tensão aumentava. São marcantes suas paradas na narrativa para gestos como a “puxada de ar e respiração profundo”, como se estivesse buscando alento de alguma forma para aquilo que ela não queria vivenciar novamente.

Porque, primeiro o que eles fazem? A assistente social... Eles levam a gente pra conhecer... pra tipo... ter aquele impacto, né. Aí eu lembro que toda a vez, eles marcavam de manhazinha. A gente saía de manhazinha. Eu, minha avó e meus “três irmãos”. Pra conhecer a instituição.

E prossegue Sofia:

Começava a levar a gente pra longe... Tipo pro interior de São Paulo. Aí teve uma instituição... uma em Saint Marie. Aí no dia em que a gente ia pra ficar, pra finalizar nesse Saint Marie... outra pessoa já foi e pegou a vaga. Que é assim... Quem vai fica, se não... outra criança vem e precisa. A gente não ficou.

Sofia prossegue falando da peregrinação da avó em busca de vaga, mesmo que mais distante como ela mesma citou, no interior de São Paulo:

Eu fui uma em Saint Croaux. Que eu lembro que era um abrigo, uma chácara bem grandona... que tipo... uma chácara vamos dizer... TOP na época, né. E tinha muitas crianças ali. Aí passou acho que um mês. (faz nova pausa) a assistente social (fala devagar) NOVAMENTE foi lá.

A angústia decorrente desta busca deixava Sofia cada vez pior. Revela aspectos deste contexto em sua própria narrativa ao dizer:

Pra mim ali [...] acabava tudo pra mim. Eu poderia não ter a melhor roupa [...] (respira fundo), mas ir para um abrigo pra mim sempre foi... a pior coisa do mundo. Na verdade [...] foi a pior coisa.

Esse tempo de espera por algo que não quer, que não deseja, parece ser um tempo que não passa e está expresso pela fala: “foi a pior coisa”. Será que dá para atribuir ainda que este tempo possa ser representado como o de Sofia-acolhida? A sensação é que, apesar de estar na casa da avó, ainda é Sofia-abandonada. Passando uns dias na casa da avó, mas ainda abandonada.

Ademais, como diz Ciampa ([1987] 2011) a re-posição permanentemente, como (dada a ela), sustenta-se como mesmice. Considerando a narradora, a mesmice até chegar o momento em que Sofia não se identifique mais com essa personagem e se lhe apresente uma nova, uma nova possibilidade, enquanto isso estará confirmando o círculo de má infinidade - a não superação da identidade dada e posta a ela.

Porém, deixemos Sofia nos contar mais sobre sua história. Sigamos sua narrativa:

Aí a gente foi numa... instituição em Gonçalo. Que foi no interior... A gente foi pro interior conhecer essa instituição. Aí a gente foi e conheceu. Era enorme, muito grande. Que era do padre que é o ANSPAES, que fala.... Que fala que era do padre Juca [...] Que era uma instituição católica. (respira fundo) E era muita.... Era enorme ela. Era GIGANTE. Gigante... tinha mais de trezentas crianças lá [...] Tudo pituchinha. Pequeninha. Aí tinha [...] cada casa lá, tipo [...] Tinha uma fase. Olha aqui mora as de dez a quinze anos. Ali já mora de dezessete a dezoito anos. Que tinha... isso lá, né. E dali de três a [...] cinco anos. E assim era lá. Menina com menina. E... menino com menino. (respira fundo fazendo uma parada) Aí tudo bem. (para novamente) Aí a gente ficou... a gente foi visitar.

Sofia nos conta como era a instituição, quanto ao tipo, tamanho, localidade e quantidade de crianças/adolescentes.

Observemos que Sofia nos indica logo nas primeiras falas sobre o espaço, o quanto ela considerava grande a instituição e ao mesmo tempo associa com a grande quantidade de crianças adolescentes que ali estavam separados por idade. Cada faixa etária tinha sua casa, seu espaço. As meninas e os meninos também não ficavam nos mesmos espaços. Cada um tinha seu canto, ou seja, eram todos separados por sexo/idade (determinada faixa etária).

Acompanhemos mais alguns aspectos desta instituição sob o olhar de Sofia. É a Sofia-de-hoje falando da Sofia-de-ontem, visitando um outro acolhimento institucional.

[...] tudo nessa instituição é por doação. Não tem ajuda do governo, não tem ajuda de NADA, de ninguém. É o padre que tem os seus... patrocinadores lá dentro, né... Que ele é da Itália, e ele [...] faz [...] fazia um projeto lá na Itália. E faz aqui no Brasil. Ele é muito conhecido [...] no interior, né. (puxa o ar, respirando fundo com o nariz úmido) Aí na primeira vez a gente não ficou, só conheceu.

Nas suas palavras, ela chama a atenção para o responsável pelo acolhimento. Diz-nos que ele era um padre muito conhecido no interior. Ao falar

da instituição, apresenta-nos a característica da instituição religiosa (católica) coordenada pelo padre que também já desenvolvia atividades semelhantes na Itália.

O medo e a insegurança para um futuro bem próximo era a de ser “abandonada” naquele espaço distante da casa de sua avó. Isso perturbava muito a narradora. Percebemos sua angústia, ainda que oculta, desvelar-se ao ver Sofia puxar pelo ar, respirar fundo enquanto nos descreve o espaço. Evidência maior quando nos fala esta frase: “Aí na primeira vez, a gente não ficou, só conheceu”.

3.10. A personagem órfã repõe a abandonada ao ser encaminhada à uma instituição total, confirmando o círculo de má-infinitude

Até que chega o dia que Sofia tanto temia:

Aí chegou uma hora, que saiu a vaga [...] Aí... A... assistente social entrou em contato. Aí foi a gota d'água. (respirou fundo e parou por um instante) Aí eu tive que ir...obrigada. Obrigada. Não tinha pra onde correr. Aí eu sei que a gente foi. Foi eu e o Dinho né, porque o Samuca já tava mais velho. Então ele foi viver a vida dele agora. (respira fundo) Aí foi eu ele... porque não podia separar irmão. Então se ele ficasse lá... eu tinha que ficar. Se eu ficasse, ele tinha que ficar. Aí eu fui. (respirou fundo e fez uma pausa breve) Aí... foi o verdadeiro inferno. Porque eu... não queria ficar. Eu nunca [...] Acho que eu passei quatro anos [...] nessa instituição. Eu... NUNCA quis ficar. Eu nunca me acostumei. NUNCA! Porque foram oito pessoas, na hora de... dar tchau. Foi... foi a [...]

A força emocional deste momento é tão marcante para Sofia, que a faz interromper a narrativa por duas vezes para respirar fundo, esperar um instante e retomar a narrativa.

A lembrança de Sofia sobre este dia foi tão forte, deixando-lhe uma marca profunda, que ela se lembra como se o “tempo passado” estivesse acontecendo no “tempo presente”, movida pela mesma emoção daquele dia. Como ela mesma diz:

É como se eu lembrasse agora... Eu debaixo de uma árvore... Todo mundo tentando me tirar do carro. Eu não sei de onde arrumei forças. Né... que eu tinha treze anos de idade. Né... já tinha passado o período da minha mãe que tinha falecido. E eu tinha que ir para um abrigo, conhecer outras pessoas, viver uma outra vida. Porque você não tem VIDA com a cidade. Com a sociedade. É... você e aquelas crianças.

As atividades [...] era tudo lá dentro [...] Escola, tudo lá dentro. Eu era OBRIGADA a viver aquilo. Não tinha uma escolha.

Sofia relata mais detalhes de sua chegada à instituição, assim como de sua reflexão de hoje, ao atribuir que aquele era o melhor lugar para ela, embora não entendesse na ocasião:

(respira fundo, puxando o ar e com o nariz úmido) Aí... Foram oito pessoas me tirando... E tiveram que me segurar para a minha avó poder ir embora. E ali eu passei acho que... dois meses chorando, chorando. E, eu lembro que era três horas da tarde. Minha avó tinha que ir embora com o meu irmão. Que eles tinha que.... é... o carro emprestado né. Para trazer as minhas coisas e as coisas do meu irmão. (respira fundo) Ele tinha que ir embora. E eu não aguentava, eu chorava, chorava, chorava. E aí quando a minha avó foi embora. Eu começava a correr. Porque era... uma....uma chácara, né... Tem aquelas estradinha de barro, muito de mato assim do lado. E eu corria.... E... Eu não tinha escolha... ali. Aí eu corria. Eu sei que eu chorava, eu chorava. Que... aí tava meio... mais ou menos frio. Eu corria atrás do carro. Mas não podia, né. Porque ali era o melhor pra mim na época... Né, mas eu não entendia. Às vezes você fica... Fica difícil você pegar.... Caramba era melhor pra mim?

Sofia sofre muito na chegada. Sua dor é perceptível no desespero de correr atrás do carro, no choro intermitente e até mesmo no próprio ato de narrar hoje, sendo sinalizado pela respiração profunda em busca de ar e nariz umedecido.

Aí eu lembro que... o padre... foi de moto atrás de mim. Ele falou: - Filha fica aqui, filha. Aqui vai ser melhor. "*Vamo voltar... Vamo voltar*". Aí eu... fui me acalmando. Sem força né, que eu já estava cansada. Estava sem comer... então aí eu sentei... Eu lembro (começa a rir um pouco) que eu sentei na estrada assim... Sabe quando você, não tem pra onde ir... (para por um instante) aí eu pensava. Pra onde eu vou... Chegava até o portão da saída. Como que eu vou passar lá? Porque tem câmera... E tinha a pessoa que abria o portão, né. Que era automático. (respira fundo) E como que eu vou... Vou pra onde? Se alguém me pegar... fazer qualquer coisa... Porque era... ela fica bem no meio de uma estrada, né.

Neste lugar, neste tempo e na reposição permanente de Sofia-abandonada não encontrava outra possibilidade, senão ficar ali.

Como sinal de revolta e forma de gritar em protesto por ter sido "largada naquele lugar", Sofia relata que passou a usar uma touca na cabeça, ao qual escondia todo o cabelo. Ela não queria revelar a fragilidade de uma menina, assim, entendemos que com a touca parecia menino. Era uma forma de se ocultar.

[...] eu colocava um gorro na minha cabeça. Parecia um... uma... um menino. Uma... sabe, um menino, na verdade. Uma maloca, na verdade. E eu colocava aquela toca, porque eu não queria que ninguém visse o meu cabelo. O meu cabelo era assim: (mostra a altura do corte com as mãos batendo a mão no pescoço) Mais curto que esse aqui. E era uma forma de eu gritar. Para as pessoas ver que eu não quero ficar ali. Que eu gritava, NINGUÉM tirava aquela... Eu lavava o cabelo e colocava.

A narradora prossegue sua história falando do começo, quando chegou ao acolhimento, um momento em que não comia e não se alimentava:

Aí... eu não comia. Eu não comia nada. E lá tinha... E eu saía andando assim. Eles me deixavam a vontade. Eu não comia no começo né... (respira fundo) E eu só ficava [...] Tipo lá perto dos... pé de laranja. Porque eu não conseguia. Eu não me alimentava, né. Então... De uma forma pra eu não passar mal... não cair. Eu comia laranja. Aí eu pegava do pé, e descascava c'a mão. E me alimentava de laranja. E fiquei um bom tempo... só assim. Aí eu comia pouquinho, (respira fundo) não me adaptava, né... E o tempo foi passando, aí você vai sendo OBRIGADO a se adaptar.

A Sofia que chega ao acolhimento está sendo rebelde? Observa-se na narrativa que o sentido atribuído às atitudes de Sofia na casa de acolhimento transcende o de rebeldia, na medida que revela o seu desagrado em ter sido levada para a instituição contra sua vontade, não deseja permanecer na instituição - seu desejo é não se adaptar à nova realidade.

Lembremos de Goffman ([1961] 2015), quando este pontua os “momentos iniciais de socialização”, nos quais o interno, na maioria das vezes, passa pelo desafio da quebra de vontade. E a (Sofia interna) demora um tempo “resistindo”, é um “estar sendo resistente”, mas com o tempo percebe que é obrigada a se adaptar.

Sofia neste período foi para um acolhimento institucional chamado por Goffman ([1961] 2015) de instituição fechada ou instituição total.

Segundo o autor ([1961] 2015, p. 16-17), há cinco agrupamentos com características de instituições totais: (1) criada para cuidar de pessoas. Ex. casas de cegos, velhos, órfãos e indígenas; (2) criadas para cuidar de pessoas que são incapazes de cuidar de si mesmas e que são ameaça a comunidade. Ex. Sanatórios para tuberculosos ou leprosos e hospitais psiquiátricos; (3) organizações para proteger a comunidade contra perigos intencionais e o bem-estar das pessoas das pessoas isoladas deixam de constituir problema. Ex.

prisões, cadeias, penitenciárias, prisioneiros de guerra etc.; (4) instituições para realizar determinados trabalhos. Ex. quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho e colônias e (5) estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo. Ex. instituições religiosas, conventos e mosteiros.

Interessa-nos, neste estudo, compreender a estrutura e funcionamento das instituições fechadas que funcionam como acolhimento institucional para crianças e adolescentes, neste caso, muito provavelmente esteja ligada às escolas internas, como menciona Goffman ([1961] 2015).

Nesta obra *Manicômios, prisões e conventos*, Goffman ([1961] 2015) analisa criticamente as instituições sob o prisma sociológico. Traz, como perspectiva sociológica, a seguinte afirmação:

[...] as instituições delineiam as prerrogativas pessoais de um participante [...] os processos cognitivos são invariavelmente incluídos, pois as disposições sociais precisam ser “lidas” pelo indivíduo e pelos outros para que encontre a sua imagem suposta (p. 49).

Partindo desta afirmação, não podemos deixar de trazer a discussão os autores Berger e Luckmann (2014) por tratarem do processo de socialização. Segundo eles, o indivíduo neste processo interage com o seu entorno por meio de movimentos dialeticamente constituídos, em sua fase de interiorização necessita do reconhecimento dos “outros” que são significativos para ele (sujeito) se concretizar.

Assim, ao externalizar a “imagem suposta”, expressão utilizada por Goffman ([1961] 2015), o sujeito confirma o que estão entendendo dele como sujeito da ação, conforme apontado por Berger e Luckmann (2014). Ou seja, o interno encontrou a imagem que ele agora representa nos “outros significativos”. Portanto, é essa “ação” que a instituição espera do interno, a de assumir a identidade imposta a ele e de ter atitudes correspondentes ao papel social de interno.

Esta é a “imagem suposta” (resposta) assimilada por Sofia no ambiente em que se encontrava. Isso é claramente exposto nesta afirmativa apresentada por ela:

[...] Eu tinha que [...] viver uma outra vida. Porque você não tem VIDA com a cidade. Com a sociedade. É... você e aquelas crianças. As

atividades [...] era tudo lá dentro [...] Escola, tudo lá dentro. Eu era OBRIGADA a viver aquilo. Não tinha uma escolha.

Vale a observação de que estamos defendendo a posição do homem como “construtor de sua realidade objetiva”. Assim, o olhar para estas instituições está ancorado pelo prisma de Berger e Luckmann (2014) que retratam a formação das instituições também como produto humano. Portanto, o homem, como construtor de sua realidade, construiu também as instituições.

Como postulam estes autores (2014), o ser humano está constantemente se exteriorizando através da atividade. Entendendo como um processo contínuo e dialético, estas ações constroem os hábitos. Por sua vez, a formação do hábito leva a uma especialização destas ações que acabam sendo institucionalizadas. Desta forma, passam a constituir um processo histórico pelo qual serão compreendidas e compartilhadas.

Com a aquisição da historicidade, as instituições adquirem objetividade (são cristalizadas) e passam a existir em si mesmas com uma realidade própria, pré-existente e fora do indivíduo. Compreendido desta forma, acabamos não a vendo como criada pelo homem, mas como determinação.

Indicam os mesmos autores (2014) que as instituições, ao serem observadas de fora por outros que não participaram de sua elaboração, podem apresentar-se como uma estrutura fechada (formas legitimadoras). Em especial, quando se trata do olhar de uma criança que vive a primeira socialização e que a entende a realidade como dada, inalterável e evidente. Estas legitimações se tornam normatividades que são incorporadas pelas instituições e entendidas como regras ou normas internas.

Mais uma passagem da narrativa de Sofia para termos mais elementos dos sentidos atribuídos por ela quando fala desta instituição, o que se relaciona diretamente com o que estamos discutindo e apresentando no momento:

Era... Hoje eu não quero fazer isso.... Não, eu tinha que fazer. Eu tinha uma rotina ali dentro. Eu tinha que rezar o terço. (respira fundo e engole seco e fala devagar) OBRIGADA. Eu tinha que ficar de joelho, OBRIGADA. Então aquela... instituição pra mim... em vez de me ajudar... Ela só foi criando... mais uma MARCA. Sabe uma marca... que nem um machucado, né. Você já tem uma marca... E aí você passa um remedinho. E ali você acha que sarou... (dá uma rápida pausa) Mas, na verdade não. Se você cutucar ela... Ela tá lá... Então... Eu criei mais

uma marca. E ali eu tive que ficar. (fala mais baixo em volume) Não tinha escapatória.

E ainda em:

Mas... na época ninguém perguntou pra mim se eu podia [...] Se eu queria[...] Porque a gente era meio que excluído [...] eles não deixavam a gente... viver. Era dentro da comunidade, era com as pessoas da comunidade. E a gente não tinha acesso... a outras coisas. Era aquilo ali. E a gente tinha horário pra tudo né. A gente tinha que acordar as seis horas da manhã. (faz uma rápida pausa) Rezar o terço, ave-maria. E [...] depois disso, a missa, de manhã, que a gente tinha que ir pra missa. Mesmo a gente não querendo. (então começa a falar mais rápido) Eu fazia de tudo para chegar atrasada [...] prá não ir. Porque eu queria dormir. Queria... não queria ir pra missa, porque... Eu nunca quis ficar lá... Então eu sempre, chegava atrasada.

Do ponto de vista do indivíduo que está interno nas instituições fechadas, assim se instaura o conflito. Isso porque está o tempo todo sob o olhar dos seus dirigentes (estado de vigilância como forma de controle). Conforme enfatiza Goffman ([1961] 2015), uma das principais características das instituições fechadas é que “as pessoas podem ser supervisionadas quando se movimentam e realizam as atividades em conjunto” (p. 18).

Essa interpretação é confirmada por Sofia, haja visto o que ela nos traz neste trecho de sua narrativa:

E eu era OBRIGADA a ficar de sabe regra ali [...] Você tem que ficar de joelho, você tem que [...] acho que quando você reza ave-maria, você fica de pé. Quando você tem o santo anjo [...] Não é santo anjo. A novena deles [...] É que eu não lembro [...] O nome, né. Aí eu tinha que ficar de joelho... Aí depois que passasse um... uma certa quantidade de ave-maria eu poderia ajoelhar. Eu tinha que ficar assim... Eu vou te mostrar. Assim... (ali demonstra corporalmente a forma como tinham que ficar). Eu tinha que ficar em pé, depois eu tinha que ficar assim ajoelhado, (demonstra com gesto corporal: sem apoiar o peso do corpo em cima dos tornozelos, nas pernas). Aí depois de um tempo eu poderia fazer isso: (demonstra novamente corporalmente o movimento - ajoelhado com o peso do corpo e pernas apoiadas sobre os tornozelos) Aí só vivia assim. Aí passava... Se a gente não ficasse de joelho, ou outra coisa parecida. A gente... (falando bem rápido) a tia levantava a gente... sabe? Ela puxava a nossa orelha se a gente não ficasse em pé. Porque eles eram assim. A criação deles lá.

Por se tratar de uma instituição católica, era atribuído ao interno determinadas regras e proibições. Regras estas que Sofia chamou de “doutrina”:

E quando se está em uma instituição, cada um tem a sua doutrina. Porque lá... escutar o que cada criança precisava ia muito além da doutrina deles né. Lá não podia isso porque a nossa religião não aceita. Não podia aquilo porque a instituição não aceita. A doutrina nada mais

é do que a igreja. Lá onde eu estive era uma instituição católica. E o que eles colocavam como regra já era errado. Assistir uma televisão era errado. Mas, ficar cinco, seis horas dentro de uma sala fazendo crochê para eles era bom. Então... Então são essas diferenças aí.

Souza (2017), em seus estudos sobre a sociedade brasileira e suas especificidades quanto a raça, classe, gênero, traz também referências sobre religião. Todas elas relacionadas, de alguma forma, com a ideologia dominante e de deter o poder e o controle.

Afirma o autor que os “seres humanos são construídos por influência das instituições” (p.27). São estas (instituições) que estão o tempo todo naturalizando os comportamentos adequados a se viver na sociedade, para se conseguir alcançar metas e objetivos, mas sempre mascarados pela ideologia dominante.

Lane (2012) destaca que a ideologia é articulada pelas instituições que respondem com suas atividades mediadas pela linguagem (articulações). As atividades determinam e são determinadas pela ideologia por meio das representações sociais que denotam valores e que imputam aos indivíduos determinados comportamentos sociais.

Neste sentido, o que é exigido da pessoa é que ela reproduza como “natural” o que foi criado social e historicamente. A essa naturalização Lane (2012) chama de alienação, o que impede a pessoa de qualquer ação transformadora.

Souza (2009) nos lembra que as sociedades pré-modernas recebiam influência da instituição religiosa. Já nas sociedades modernas, esse papel é atribuído ao Estado e o Mercado. A religião cristã (católica) teve muito tempo o controle do poder na sociedade por meio das instituições religiosas comandadas por monges, padres e outros religiosos. Era ela quem estabelecia as regras e valores a serem seguidos pelas pessoas.

Na sociedade moderna, embora esse controle tenha passado para a mão do Estado e do Mercado, as regras e determinações internas das instituições religiosas permanecem como naturalizadas a todos aqueles que passam por seus territórios. Não é diferente na instituição pela qual passou Sofia. Ao estar ali dentro, Sofia deve seguir os preceitos por ela estabelecidos como reais e únicos possíveis.

Doutrina, no dicionário Aurélio²³, significa “os princípios que servem de regra a um sistema filosófico, religioso, etc.”. Doutrinar significa instruir alguém em uma doutrina, ou seja, determinar quais os preceitos que devem ser seguidos por quem dela participa. Sofia tem clareza disso quando diz que cada instituição segue a sua doutrina e aquela era uma instituição católica que tinha suas normas internas.

3.11. Sofia-abandonada-órfã já começa a fazer as suas escolhas e se recusar a determinadas tarefas

Dando seguimento a sua história, Sofia destaca outras atividades que era obrigada a fazer, mesmo não querendo, entre elas, o artesanato. A Sofia-de-hoje, por conta da pressão daquela época, traz nitidamente sua aversão a este tipo de atividade, ao repetir enfaticamente sua repulsa.

Aí tinha que fazer artesanato. Hoje eu DETESTO artesanato! (em repete bem baixinho): - eu não suporto, eu não suporto. NOSSA eu detesto. Porque eu tive que fazer obrigada.

Ao ser capaz de selecionar o que deseja fazer e arrumar estratégias para realizar a atividade que se identifica, em detrimento de ser dispensada daquela ao qual não tem nenhuma identificação, Sofia revela que está em processo de metamorfose, a abandonada se transforma na estrategista criativa.

Aí eu inventava que eu queria [...] de marcenaria. Então pra mim, o que eu mais gostava era fazer a parte disso daí...aqui ó... (e bate na madeira de um móvel a sua frente). É de madeira [...] que eu tinha que lixar, que eu tinha que passar verniz. Então eu fazia muito bem isso daí [...] Aí... fiquei. Aí trabalhei... Lá trabalhei assim. Foi uma forma de eu fugir daquilo que eu não queria fazer... tipo artesanato.

E ainda outra estratégia para conseguir descansar e dormir um pouco:

[...] eu ficava cuidando das crianças num período, né. Na verdade [...] eu ficava com as crianças porque eu queria dormir [...] Eu queria ficar descansando. Porque eu tinha sono, a gente acordava muito cedo. Então dava meio-dia, eu ia tomava meu banho. Hora de almoçar... e ia pra escola. Que a escola era lá dentro... Aí eu [...] (respira fundo e engole seco) Essa era a nossa vida lá.

Lembremos que Sofia, nesta instituição, tinha treze anos de idade, período este em que, na condição de adolescente, busca conhecer-se a si

²³ Mini Aurélio - O Dicionário de Língua Portuguesa, Editora Positivo, 8ª. Edição, 2010.

mesma e trazer referências de suas inclinações a determinadas atividades. Os questionamentos fazem parte desta fase, sobretudo, por estar ampliando seu universo através do desenvolvimento moral e da aquisição de uma “identidade do Eu”, conforme postulado por Habermas (1983).

Afirma Alves (1997) que quando:

[...] capaz de pensar por hipótese e de abstrair o conteúdo dos discursos, o adolescente pode descobrir as pretensões de validade contidas nas normas e afirmações, entendendo-as como meras convenções [...] momento em que se inclui a possibilidade de criar princípios que libertem o desempenho dos papéis de uma heteronomia coercitiva, através de uma autonomia criativa. (p.4).

Sofia não aceita simplesmente seguir ao que lhe é imposto socialmente como atividade, ela já é capaz de escolher. Na medida em que está lhe sendo imposto algo que ela não quer, que ela não se identifica, ao menos tem a possibilidade de traçar estratégias para que possa exercer certa “autonomia criativa” para não a realizar, como enfatizou Alves (1997).

Baseado nestas proposições e observando o processo de desenvolvimento de Sofia, hoje como adolescente, a narradora começa não só a fazer distinções ao que lhe é imputado como norma de valor, como também a confrontá-los com seus próprios princípios.

Alves (1997) enfatiza que:

A consciência de seus princípios próprios emerge na atividade, que a insere no conjunto de relações, diante do outro e com o outro, processando assim a sua identidade em direção a uma “identidade do eu” [...] contudo [...] libertar-se da coerção dos papéis para desempenhá-los à luz de princípios próprios, é uma capacidade que surge no indivíduo como “*possibilidade*”²⁴ e não como inevitabilidade (p.4).

Sofia, neste processo, está questionando o que lhe é apresentado, está agindo, segundo o que considera “bom” para si.

Estando na instituição fechada, Sofia nos relata com notória tristeza, observada em sua respiração e no jeito de falar, as poucas vezes em que saiu, no período em que permaneceu por lá:

²⁴ Destaque em Itálico é nosso.

Eu passei quatro anos da minha vida dentro de uma instituição. Se eu falar pra você quantas vezes dali eu saí... No máximo era pra ir no dentista... De Kombi que eles levavam e traziam. No máximo. Fora isso... (respira fundo) Eu não saía. Não saía. (respira fundo novamente) Aí fiquei nessa casa... que era com as meninas de catorze anos a dezesseis, dezessete anos. Aí fiquei nessa... Aí fiquei lá na instituição e nessa casa. (puxa ar novamente com o nariz úmido).

Sofia relata como eram as atividades, traz informações sobre seus estudos ali dentro da instituição, concluindo com uma queixa – o fato de ter que fazer tudo lá dentro, de não poder estudar na escola da cidade:

Aí eu comecei a estudar lá... Acho que comecei a estudar quando eu estava na quinta série...Que eu tive que voltar o ano, né.... Letivo... Aí voltei...Fiquei na quinta série. Os professores, eles eram de fora. Eram pagos, né. Então [...] Eles iam até a gente. A gente não poderia estudar na escola da cidade. Eu acho que... faltou um pouco disso... também. Fique lá quatro anos da minha vida. Presa... Nada... Sabe. Quando está fora da realidade.

Vamos interromper a narrativa para mais algumas considerações teóricas do que se constitui uma instituição fechada ou total.

Segundo Goffman ([1961] 2015), é característica das instituições fechadas ter todos os aspectos da vida diária serem realizados dentro da própria instituição: dormir, brincar, estudar, trabalhar etc. Todas as atividades são elaboradas por seus dirigentes com regras formais explícitas a fim de atender os objetivos da instituição, rigorosamente estabelecidas em horários. Uma atividade segue-se a outra, sempre supervisionada por um grupo pequeno de funcionários.

Por isso a afirmação de Goffman ([1961] 2015, p. 18), de que “quando as pessoas se movimentam em conjuntos podem ser supervisionadas”, ganha peso como forma de controle e vigilância, porque é isso que é exigido deles: atuarem coletivamente nas mesmas coisas, sem nenhuma possibilidade de exercerem qualquer outra atividade diferente naquele horário.

Nesta concepção, a criança/adolescente que passa por instituições como essa, não só é tolhida de sua individualidade, como também lhe é negada “tornar-se uma individualidade”, visto que é na relação com o outro que a criança vai se apropriar de conteúdos para se “enriquecer”. Ao uniformizar as atividades e colocá-las num conjunto, não se respeita a fase de desenvolvimento humano na qual se encontra. Apesar de não ser objetivo deste estudo tratar sobre o

desenvolvimento do psiquismo²⁵, não podemos deixar de mencionar que negar os conteúdos necessários à subjetivação implica em não se trabalhar as determinações para o desenvolvimento do psiquismo dessas crianças/adolescentes.

Para Goffman ([1961] 2015, p.31), “um tipo de mortificação ocorre quando é obrigado a executar uma rotina diária de vida que considera estranha a ele – aceitar um papel com o qual não se identifica”.

Neste aspecto, Sofia traz referências temporais do período em que lá esteve, permanecendo isolada, fora da realidade externa à instituição:

Fique lá quatro anos da minha vida. Presa... Nada... Sabe. Quando está fora da realidade.

No contexto histórico vivido por Sofia, não podemos dizer que ela tenha tido uma “mortificação do eu”, porque sua história foi intercalada com fases distintas, com períodos como institucionalizada, em modelos diferentes de instituição e outros no ambiente familiar ou daqueles que fizeram esse papel. Porém, quantas tantas outras crianças/adolescentes só têm, como única possibilidade, viver apenas em instituições totais, todo ou quase todo o período de socialização, da infância à adolescência, neste sentido vale a observação.

Podemos voltar à história narrada pela própria autora. Sofia fala sobre as outras aulas que tinha lá dentro, assim como das “artes que aprontava escondida” como adolescente.

Aí tinha aula de datilografia, que é onde eu aprendi... Não tinha aula de computação, porque naquela época, a tecnologia não era tão avançada, igual é [...] é hoje. [...] E tinha uma sala de... (faz uma pausa breve) computadores lá. E... onde que eu fazia aula de datilografia, eu sempre tinha curiosidade de ligar o computador. Mas eu tinha que ligar escondido. Lá dentro... né então eu pegava a chave, e ia pra minha aula, fazer o meu exercício que a professora vinha, dava, fazia na frente dela e depois tinha que praticar. E eu (começa a rir) cheguei [...] eu queria jogar paciência. Que eu descobri que tinha esse joguinho, né. Aí eu... (começa a rir novamente) vou jogar paciência. Pegava fechava “os vidro”, porque o vidro era meio embaçado, então não dava para saber quem estava lá dentro. E tentava ligar o computador. Mas na maioria das vezes eu... queimava o computador. Porque... (começa a rir novamente) Eu não sabia ligar. Aí... outras pessoas iam lá... que

²⁵ Martins, L.M., Abrantes, A.A., Facci, M.G.D. (orgs) *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

sabiam mexer e falava... O computador da sala de computação está queimado... alguém queimou. E eu nunca falei que fui eu (começa a rir novamente). Nunca... Aí a gente recebia outras doações né. E assim ia, e assim eu queimava. Era muito [...] De dez computador, eu acho que eu queimei uns vinte computador lá dentro. E eu queimava... eu não sabia. Às vezes eu pegava ligado.... Aí eu conseguia jogar. (engole seco) Fazia as minhas coisas escondida. Ligava a televisão escondido. Eu era sapeca também, né... Não era santa. Ligava... assistia Malhação escondido. Quando eu via que a tia ia subir... que ela era meio que presidente, de lá de dentro. Ela vai visitando, vai... entra no escritório, né. Aí eu desligava porque uma via pela porta, e outra na janela, para ver se ela estava subindo. Aí a gente ia e desligava a televisão. Muitas das vezes, eu... A noite ela tava lá embaixo, que ela subia depois que organiza tudo na instituição... E a gente ficava escutando rádio na Gazeta FM. Pra saber qual que eram as música que tava passando, né. As atualidades, na época era Sandi Junior, que estava explodindo. Aí a gente colocava. E falava: - Aí a tia tá... A tia tá subindo, a tia tá subindo. Então a gente subia com tudo pro quarto. Pra ela achar que a gente está dormindo. Mas eu fazia essas coisas erradas... de Criança né... Aí tudo bem.

Ao mesmo tempo em que Sofia menciona as aulas que participava, ela traz outras informações do que não podia fazer naquele espaço e naquela instituição:

A gente não podia assistir televisão. A gente... a única coisa que a gente podia assistir que depois de uma época, depois de dois anos que eu passei lá... foi a copa. Que a gente assistia. Era o jogo do Brasil que a gente podia assistir... Que pra mim era uma curtição. Saí de casa a noite, lá... Mas à noite ia pra sala de ... TV. A sala de TV que a gente tinha. Aí sim, toda a comunidade ia assistir o jogo lá. Porque quem queria, podia ir assistir o jogo.

Interessante observar, porém, que algumas mudanças aparecem nesta narrativa. Alguma alteração ocorre no ambiente, na instituição ou com a própria Sofia que passa a falar “que era uma curtição”.

Logo a seguir neste outro ponto, quando afirma ser uma fase “mais ou menos legal”, ao narrar sobre a missa de cura cuja responsabilidade foi atribuída a ela, era de montar a mesa e vender os produtos que eles mesmos faziam. Aqui a narradora enfatiza: “era uma festa para mim”.

Aí foi nessa fase... mais ou menos legal, assim... vamos dizer. Mais ou menos... Aí passei todo esse período, estudei... (engole seco) a gente tinha aula de música e também aula de teatro lá, aula de canto. Porque as próprias crianças e adolescentes que tinham lá que tocavam na missa. Que... Uma vez por mês (engole seco) acho que é missa de cura que fala... Né que tem nas ‘igrejas católica’. Porque lá tinha... Aí as pessoas de fora vinham, muita gente de fora vinha [...] Era muito cheio, que era conhecida a associação. Só nessa época mesmo. Tudo

com o mesmo.... Então pra mim, era uma festa né. E a gente vendia... aquelas... Aaah! A gente fazia fantoche, a gente fazia cadeirinha de madeira, sabe aquelas coisa artesanal? A gente mesmo que fazia. E eu ficava responsável depois né... Eu fiquei responsável de... montar a mesa. Montar a mesa, colocar os produtos, pra vender. E eu ficava responsável disso. Todo o domingo era eu... Todo o domingo tinha que sair mais cedo.... tomar café mais cedo... Me arrumar e eu ia.

É perceptível na própria forma de narrar que algo mudou. Quem mudou? Sofia, a instituição ou foram ambas?

Temos que destacar detalhes sobre a Sofia-adolescente deste período. Enquanto características da adolescência podemos destacar a relação grupal, a busca por seus pares, aqueles que vivem na mesma condição que ela, a formação do grupo com os quais ela se identifica, as amizades constituídas, enfim, Sofia procura nos pares suas identificações.

Destaca Elkonin (1987 apud ANJOS; DUARTE, 2016, p. 198) “a adolescência tem duas faces: comunicação íntima social e atividade profissional/de estudo”. Neste sentido, abordando a comunicação íntima, pontua Elkonin (1987 apud ANJOS; DUARTE, 2016) que: a comunicação íntima pessoal está relacionada com a maneira do adolescente reproduzir com seus pares (outros adolescentes) as relações existentes entre os adultos. Entre elas, os pontos de vista gerais sobre a vida, sobre o futuro, e das relações entre as pessoas, chamado por ele de “código de companheirismo”.

Alves (1989) destaca que a “compreensão da identidade não pode ser desvinculada da identidade dos grupos e ou indivíduos com os quais conviveu e convive” (p.7).

Embora Sofia traga na narrativa a menção do que não podia fazer na instituição, ela revela que havia algum prazer e identificação com o que fazia. É a atividade apresentada como fundante de quem eu sou. É a importância de se sentir reconhecida e útil no que faz e realiza. Observemos que a ela foi lhe dada algumas responsabilidades “nestes encontros, atividades” e Sofia os fazia com satisfação.

Encontramos ainda em Elkonin (1960, apud ANJOS; DUARTE, 2016, p. 203) “o aumento da independência desenvolve os aspectos positivos, se ao mesmo tempo lhes aumentarem as exigências e responsabilidades”.

A instituição possibilitou aos adolescentes exercerem uma atividade e serem responsáveis por ela. Portanto, ao ser atribuída à Sofia a responsabilidade

cuidar de determinadas tarefas, o sentido atribuído por ela de ser útil e de ser reconhecida pelo que faz/realiza, aliado a relação entre seus pares, permitiu a Sofia se ver, “ser diferente” e sentir prazer naquele momento.

Lembremos que as instituições também são produto humano. A sociedade, as instituições, enfim, a realidade social deve ser compreendida dialeticamente. Sendo assim compreendida, ela se constitui histórica e socialmente.

Afirmam Berger e Luckmann (2004) que:

As instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele. As instituições criam programas para a execução da interação social e para a realização de currículos de vida. Elas fornecem padrões comprovados segundo os quais a pessoa pode orientar seu comportamento (p. 54-55).

E ainda em Berger e Luckmann (2014):

As instituições ocorrem sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores [...] As instituições têm sempre uma história da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida (p.77).

Assim, enquanto processo histórico e social, as instituições também se constituem em processo contínuo e movimento dialético.

Quanto as nossas perguntas iniciais, quem mudou? Ao serem parte de um processo histórico, social e dialético as mudanças, enquanto possibilidades, podem ocorrer em ambas as partes, instituição e narradora. Porém, cada uma delas diante de seus interesses e propósitos. Neste sentido cabe destacar esta proposição de Berger e Luckmann (2004) sobre os sentidos atribuídos:

[...] uma comunidade eclesial local, um grupo psicoterapêutico e mesmo uma Secretaria de Estado de Bem-Estar podem ser uma instituição realmente intermediadora para seus membros ou associados [...] mas da mesma forma de instituição pode ser também para o indivíduo uma força imposta, estranha a seu mundo, e inclusive, hostil. Ambas as formas comunicam sentido, mas só a primeira consegue minimizar as crises de sentido que possam surgir (2004, p. 71).

Em seu processo de desenvolvimento enquanto adolescente que almeja novos conhecimentos, novas possibilidades e experiências, Sofia viu atendida,

naquele momento, a sua necessidade de se sentir útil, ativa e produzindo. Assim, o sentido atribuído foi positivo. Todavia, poderia tê-lo sido negativo se a instituição não propiciasse atividades aos jovens e lhes atribuísse responsabilidades. Daí a importância da “atividade” para o ser humano. Sem ela, a pessoa não vê propósito de vida e de futuro, sobretudo, na fase do adolescente que quer e necessita “descobrir o mundo”.

Seguindo sua história, a narradora revela aspectos internos nos bastidores da instituição, como ela mesma destaca:

E as.... educadoras de lá... Era todas que... aí que faz castidade... sabe? Que elas não... ali elas ficam pra cuidar das crianças que não vão ter marido. Não vão ter família. Algumas que tem família... mas que se dedicam a... agora às crianças. Que eu não sei... usar o nome. Né que ficam em castidade. Mas... tinha castidade, mas faziam tudo.... tudo as coisas por trás.... Sabe? Tinha educadores também lá. Era tudo escondido. E muitas crianças... adolescentes... ficavam lá, viam... as coisas. Pegavam de uma certa forma lá as coisas... né. E a gente contava, né... pro padre, mas o padreee... nunca acreditava. Depois que começou a pegar mesmo. Aí foi quando ele descobriu isso... que passava dentro da instituição. A gente ficou sabendo por quê? Depois... da saída deles, né. Aí o padre falava, né. Do jeito que a gente podia entender. Aí passaram a acreditar né. Aí tudo bem... Aí quando eu... Eu fiquei quatro anos nesta instituição... Eu me lembro até a data mais ou menos.

Sofia-de-hoje é capaz de reconhecer e denunciar o que vê de errado dentro da instituição. E ela o faz. Seu desenvolvimento e capacidade de juízo moral a levava a denunciar o que via e percebia no interior da instituição.

A narradora lembra com carinho a fase em que teve seu “primeiro amor”. Assim, relata-nos quem e como eram as relações entre eles etc.

Aí lá nessa instituição, foi onde eu tive o meu primeiro amor. Né... foi onde eu comecei a gostar... na verdade, eu comecei num olharzinho. Sabe aquelas coisinhas de adolescente... E eu nunca esqueço... e ali...eu... foi quando eu tive, eu comecei a conhecer o filho de uma das educadoras de lá, que ele cresceu ali. Eles moravam ali. (deu uma pausa rápida) Muitos anos, e... não lembro... nada, de... Eu lembro queeee... ele chamava Tadeu, né. Chamava Tadeu. E ali foi... criando um sentimento... tipo que. Ah! Ele era o meu amor, meu primeiro amor, meu namorado. Só que a gente nunca fez nada. Nunca. A gente era... quando eu ia embora, a gente ia embora junto. Aí bati a mão assim sabe? (mostra corporalmente o toque que faziam esbarrando uma mão na outra) Tipo... ter carinho um do outro. É onde ele tava sentado. Eu ficava na direção que ele... Ele tocava né. E quando ele tocava, ele olhava pra mim. Sabe? Aquela coisinha de romance de criança. Aí eu ficava toda tímida. Aí “as meninas falava”: - É o Tadeu gosta de você... que não sei o quê [...] Quê? Eu não gosto dele... E ainda inventava [...] Mas na verdade, ele foi meu primeiro (deu uma pausa) Amor, né.

Considerando Sofia na adolescência, destacamos que a fase de desenvolvimento deste período é marcada por mudanças biológicas importantes ao ser humano, que movem o adolescente às primeiras vivências da sexualidade humana.

Segundo Knobel (1992 apud ANJOS e DUARTE, 2016), a adolescência é marcada pelo desenvolvimento relativo à sexualidade, influenciado pelas manifestações hormonais e mudanças sinápticas no cérebro, fenômenos esses que ocorrem na puberdade e que marca o início da adolescência.

Kalina (1976 apud ALVES 1997, p. 1) afirma que:

[...] a puberdade é um fenômeno predominantemente biológico e compreende fundamentalmente as transformações corporais, a aparição da menstruação na menina e da ejaculação no menino.

Neste sentido, Sofia está narrando situações e experiências comuns a todo adolescente, as quais não foram diferentes para ela.

Conforme Alves (1989), é na adolescência também que o indivíduo “sente a necessidade de recriar uma concepção de si mesmo [...] na busca de conhecer-se a si mesmo assimila valores que constituem o ambiente social e integra as concepções que os outros têm dele” (p.2).

Acrescenta ainda que “durante esta etapa do desenvolvimento o indivíduo tende a agrupar-se, porque é no grupo que encontrará a chance de integrar-se, e de definir sua identidade” (p.115). Segundo a autora (1989), é na adolescência que o indivíduo adquire “a capacidade de libertar-se de coerções que delimitam o eu [...] incluindo reformulações das internalizações coercitivas a partir da reflexão” (p.122).

Sofia fala da periodicidade das visitas na instituição total. A Sofia-de hoje encontra uma justificativa para o grande espaçamento dado a elas. Mas vamos deixar Sofia nos contar:

Na instituição [...] a visita lá era de seis em seis meses. Por que? Porque se você vai muito... Hoje eu acredito que consigo entender. Se você vai muito, a criança, ela fica... ansiosa. Atrapalha a educação dentro da instituição. A criança não consegue se adaptar. Aqui... Por quê? Porque a família vem sempre, vem sempre. Tá ali vendo... a saudade é muito mais, porque sabe que ela vai...aparecer. Então atrapalha na estrutura da... criança ali.

Para Sofia esta é uma razão bastante justificável para o espaçamento das visitas. Segundo Goffman ([1961] 2015) para fazer cumprir o propósito de “mortificação do eu”, a primeira atitude empregada por eles é afastar o sujeito da sua realidade anterior à instituição, afastá-lo do mundo externo. Isso pode se dar pela proibição inicialmente de visitas externas, pela intensa rotina de horários nas tarefas coletivas e pela separação dos bens que o indivíduo traz de fora para não ficar ligado a eles.

Afirma ainda o autor que este afastamento se dá quando ele (interno) recém-chegou a instituição. Segundo Goffman ([1963] 2013), este distanciamento tem por objetivo criar um grupo unificado de “calouros”.

Neste sentido, essa mortificação tem o caráter de destituir o indivíduo de seus papéis, quebrar a sequência de papéis que ele traz consigo, seja pelas atividades, seja pelas relações que estabelece.

Sofia também sofreu com esse procedimento da instituição, como pontua logo a seguir. Ela pensava que havia sido largada ali, pelo menos era esse o entendimento que tinha na ocasião. Depois de muito tempo, Sofia tem uma surpresa ao receber uma visita. A narradora relata o acontecido:

Eu sei que a minha avó foi [...] Eu achei que a gente ia ser largado lá. Nesses quatro anos que são [...] quatro vezes... você vê... Você passa quatro anos, pra visitar umas quatro ou seis vezes. E ela foi. Eu achava que ela não ia. Aí foi meus irmãos. Os dois irmãos meu e minha avó. E eu estava no período de férias da escola. E a minha avó teve um almoço lá e a minha avó chegou. E falaram: - *Ah Sofia, sabe quem tá aí? Sua família.* Aí eu falei: - *Sério?* Aí ia eu e meu irmão...lá. Aí a gente ficava tudo, com a minha avó e... Num certo dia... Aí tudo bem. A minha avó vinha e passava a tarde inteira com a gente, almoçava e ela ia embora. Aí... a gente ficava na instituição.

Sofia não nos pareceu encontrar dificuldades, após receber a visita da avó e dos irmãos. Quando eles foram embora, não apresentou nenhum indício de resistência para que eles ficassem mais um pouco, ou até para que os levasse embora com eles.

Entendemos que Sofia está mais amadurecida, tem melhor compreensão das regras da casa, muito embora não fale delas. A Sofia de então tem maior aceitação de sua condição e aceita livremente a partida da avó e irmãos. Será que as mudanças podem indicar o aparecimento de outra personagem? Contudo, ainda é cedo para estas conjecturas.

Observamos, de qualquer modo, pequenas metamorfoses na condição de Sofia-adolescente. Hoje ela questiona quando não concorda com o que lhe é apresentado, encontra estratégias para fazer “apenas” o que deseja, contudo, não podemos determinar ainda quem é a Sofia-adolescente. Pode ser a Sofia-adolescente-sonhadora, com um futuro promissor, mas pode ser apenas a Sofia-adolescente-conformada com a condição de abandonada, que exatamente por isso perdeu as forças para lutar para sair dali. Aceitou a sua triste condição de Sofia, agora adolescente-abandonada.

Vamos seguir com a história para ver se encontramos outros elementos que nos indiquem quem está sendo Sofia, no que ela se constitui nesse período.

Teve uma vez... uma.... Uma viagem dos meninos, numa chácara. E os meninos eram a criançada tudo... Eles aprontaram. E o meu irmão estava junto. E eu não lembro o quê que aconteceu. Foi numa chácara de um dos patrocinadores, que ajuda lá. Ele ficou bravo. Aprontou... Aprontaram feio lá. Fizeram coisas que eles não gostaram. E ele reclamou com o padre. E o meu irmão estava nesse meio. Só que o meu irmão era pequeno... E aprontou também junto. O que aconteceu? O padre chamou todo mundo lá na capela. Ficou dando bronca em todo mundo... Pensa os pequenininhos que estava na frente né, e os maiores atrás. Mais ou menos assim com a idade no meio e ‘os *grandão*’ atrás. E...o meu irmão sentava na frente. E nesse dia, ele estava bem na frente. O padre começou a falar... tá muito nervoso. Estava furioso. Pegou e... Levantou meu irmão. E pediu para o meu irmão abrir a mão, né. Aí o meu irmão abriu a mão. Assim oh, (e mostra a mão sua esticada aberta). Ele deu um tapão na mão do meu irmão. Nossa! Ele deu um tapa na mão do meu irmão. Aí ali eu já vi e eu não gostei. E me seguraram... Porque mexeu com o meu irmão. Não [...] é difícil [...] Já... tinha passado TODA aquela história...né. Todo aquele momento difícil e o meu irmão ali... Apanhou... na mão. Aí meu irmão abaixou a cabeça. E ele pôs o milho. E falou para o meu irmão ficar... de joelho no milho. (deu uma pausa por um instante) E ele ficou [...] E depois pediu para o meu irmão deixar meia hora no milho e... pediu para o meu irmão levantar. (deu uma rápida pausa e prosseguiu) Pegou uma vela acesa e colocou na mão do meu irmão assim. (mostra corporalmente a mão esticada e a vela por baixo da mão) Aí foi quando o meu irmão não aguentou e tirou. E ainda mandou meu irmão embora... dormir. Na frente de... 150 crianças. Era o que tinha lá. Estava gritando, na frente de todo mundo.

Ao presenciar este fato, Sofia não se contém. Ela fica revoltada com o ocorrido. Porém, nas palavras dela, naquela ocasião ela nada podia fazer.

E eu chorava, né. *O que eu podia fazer?* (aqui começa a narrar mais rápido, mais acelerado) Porque pra eles eu era... na verdade eu era uma revoltada. Porque eu tinha muita revolta dentro de mim... Aí aquilo ali pra mim já foi revoltante. Aí eu já comecei a brigar com todo mundo, a gritar com todo mundo. Porque eu era rebelde. Demais... Fiquei muito revoltada. De ver tudo de errado. Muito triste.

A angústia de ver o irmão passar novamente por violência é enorme. Observa-se na forma como Sofia narra o episódio. Ela acelera o ritmo entre as palavras, começa a contar mais rápido os relatos. É como se o “fato de acelerar a narrativa” trouxesse a Sofia um pouco de alívio à angústia e a agonia que sentia pelo ocorrido. Talvez, acelerar permitia a ela encerrar logo este ponto da narrativa que tanta dor lhe trazia às lembranças.

Sofia-de-hoje se apropria desse fato para denunciar a violência também na instituição católica, sobretudo feita pelo próprio padre que a dirigia.

Na sequência, há mais uma passagem que corrobora com este fato narrado por Sofia e nos traz outros elementos constitutivos da Sofia de outrora.

Porque eu passei por vários lugares dentro de mim, sem eu querer estar. Por vários lugares teve uma marca. Não foi abrigos que... me incentivaram. Nesse... Nessa instituição não incentivou.

Podemos observar aspectos novos do que se constitui Sofia, ao narrar este fato. A Sofia-adolescente-abandonada se manifesta como adolescente-revoltada. A Sofia que nunca quis estar ali e, se assim ficou, foi porque a obrigaram. Ali ela revela as duras marcas de ser institucionalizada, ter que viver uma realidade que nunca aceitou e quis para sua vida.

3.12. A personagem abandonada se manifesta, agora como abandonada-revoltada

A violência com o irmão serviu de estopim para acender novamente a revolta de estar ali. A Sofia-adolescente-abandonada e agora também revoltada se manifesta com novos fatos que a deixam indignada e a afetam profundamente.

De certa forma... eu aprendi muita coisa. Mas... também trouxe muita mágoa da instituição. Porque... Tudo o que a gente tinha que fazer ali... era obrigado. Eu tinha que tirar nota boa. A média lá era a média era sete. Se eu tirasse seis, eu tinha que ir lá na frente. Toda a semana, todo o domingo... Não, minto. Toda a sexta-feira... e no período de prova. Se eu tirasse nota...ahhh, no semestre, nas provas, eu tinha que... abaixo de sete, eu tinha que ir lá pedir perdão. Na frente de todo mundo. Acho que eu lembro que eu tive que pedir... Que eu falo: - Eu não vou pedir perdão, porque eu não fiz nada. Só porque eu não fui bem... Que eu já era mais desenvolvida, né. E eu falava: - Mas como que eu vou lá, pedir... Eu não fiz nada. Eu só não fui bem.... Eu tinha que ir BEM, nas matérias. Né, aí eu pegava e tinha que ir lá. Porque elogiava quem tirava dez, não sei o quê... e tal. E eu tirei umas três

vezes nota baixa. E fui. Aí eu não queria... Eu era obrigada a levantar e falar: - Peço perdão, pros meus irmãos que eu fui mau exemplo. Aí eu tinha que voltar para o lugar. Isso para mim era HORRÍVEL. Era muito humilhante pra mim. Humilhação ter que fazer essas coisas. E... lá. Era assim. Os professores particulares né. Escola particular na verdade, né. Eram poucas crianças na sala. Então eles exigiam que você tirava nota boa. Pra eles tinha que ser dez... A média mais alta que você podia tirar. Porque era quinze... a vinte alunos numa sala. Né, não era como é 50. Que é difícil...né. (engole seco e respira fundo)

Sofia neste relato traz a questão da humilhação. O quanto foi humilhante para ela ter que ir “pedir perdão” na frente de todos os colegas na aula por ter tirado nota abaixo da média exigida. A revolta de Sofia transparece também na condição da humilhação vivida, ao destacar o quanto foi “horrrível” o que teve que passar. Revela também que mudou neste período que viveu na instituição total.

Ela se recusa a pedir perdão. Afirma com todas as letras: “eu não vou pedir perdão porque eu não fiz nada”.

Para entendermos as mudanças de Sofia, diante dos conflitos gerados, vamos nos reportar a Habermas (1983) sobre o processo de individuação, um aporte teórico que se faz necessário.

Para Habermas (1983), o “eu” se constitui em três aspectos: pela capacidade de reconhecimento, na linguagem e na ação.

A linguagem vem como interlocutora deste processo de conscientização, reflexão e posterior individuação. Segundo o autor (1990):

O ‘*Me*’ da auto-relação prática não é mais a sede da autoconsciência originária ou refletida, mas a instância do autocontrole. A auto-reflexão assume aqui a tarefa específica de mobilização de motivos de ação e de controle interior dos próprios modos de comportamento. (p. 213)

O “*Me*” aparece na teoria de Mead como portador de consciência moral, do indivíduo que não atingiu a si mesmo, mas que indica possibilidades para o agir responsável. Eu dependo do “outro generalizado” para ter o reconhecimento daquilo que pretendo, quero ou desejo realizar.

Não podemos nos esquecer que Habermas (1983) considera que “o desenvolvimento moral é decisivo para a identidade do Eu”. (p.55). Para isso, Habermas (1983, p.57) estudou os esquemas de Kohlberg para avaliar a capacidade de juízo moral.

O primeiro nível é chamado pelo autor de “Identidade natural”, está associado ao nível de prazer e desprazer com a ação voltada a evitar dificuldades e satisfazer as necessidades do indivíduo, orientando a troca recíproca. É o entender e satisfazer expectativas singulares de comportamento. Corresponde ao primeiro ano de vida da criança.

O segundo nível denomina-se de Identidade de papel, cuja ação está orientada à aprovação e a agradar aos outros, conservando a ordem social, respeitando a autoridade, pela assimilação do universo simbólico representado e pelo entender e satisfazer as expectativas em um comportamento reflexivo, formação das competências interativas, indicado por papéis e normas. Corresponde ao período em que a criança aprende a viver os papéis sociais do meio em que está inserido, nas relações que estabelece com os outros significativos.

O terceiro nível chama-se de Identidade do Eu, onde a ação está associada a formação através da prática de interações, interpretação das necessidades com uso da crítica e justificação, adquirindo autonomia com ação voltada ao que sua consciência lhe indica. A orientação é a de manter os direitos individuais, a liberdade e a igualdade, segundo os princípios éticos universais. Deve compreender e aplicar as normas reflexivas, mas distinguir entre as normas impostas (herdadas) e as normas justificadas por princípios.

Segundo o autor (1983), o sujeito só se torna consciente de si na inter-relação com o mundo objetivo. O que nos faz reforçar a importância da socialização, dos “outros significativos” e “outro generalizado” nesta contínua interação do sujeito com o mundo externo. O reconhecimento do outro será constitutivo de significado para o indivíduo internalizar valores e conceitos e para a constituição do Eu.

Postula o autor que (1983) “as interações sociais permitem ao indivíduo apropriar-se dos universos simbólicos presentes e gerados pela socialização e posteriormente desenvolvidas na individualização” (p. 54)

Habermas (1990) nos aponta que Mead foi um marco importante para o desenvolvimento e entendimento do processo de individualização e individuação. Ele nos fornece as diferenças entre os conceitos:

No meu entender, a única tentativa promissora de apreender conceitualmente o conteúdo pleno do significado da

individualização social encontra-se na psicologia social de G. H. Mead. Ele coloca a diferenciação da estrutura de papéis em contato com a formação da consciência e com a obtenção de autonomia de indivíduos que são socializados, em situações cada vez mais diferenciadas. Em Hegel, a individuação depende da subjetivação crescente do espírito, ao passo que em Mead ela resulta da internalização das instancias controladoras do comportamento, que de certo modo imigram de fora para dentro. Na medida em que o sujeito que cresce através do processo de socialização e incorpora inicialmente aquilo que as pessoas de referência esperam dele, passando em seguida a integrar e a generalizar, através da abstração, as expectativas múltiplas, inclusive as contraditórias, surge um centro interior de auto-comando do comportamento, imputável individualmente [...] a individuação surge quando, no decorrer da história de nossa vida, se manifestam expectativas conflitantes. A individuação do “si mesmo” (*Selbst*) resulta do número, do alcance e da variedade das ações autônomas (que nos são imputadas normativamente) que nós iniciamos. Nela se realiza a capacidade para decisões individualmente imputáveis (HABERMAS, 1990, p. 185/186).

Segundo Habermas (1983), o desenvolvimento do Eu se realiza por estágios, sendo que só na adolescência o indivíduo é capaz de se libertar dos dogmatismos impostos nos estágios anteriores. É nesta fase que o Eu se torna reflexivo e o indivíduo adquire a capacidade de julgar e fundar normas com base nos princípios interiorizados. Ele não faz mais seu julgamento apenas pelas normas pré-existentes, ele questiona, argumenta, julga segundo os seus princípios morais.

Sofia, no seu processo, vem questionando as regras e normas estabelecidas dentro da instituição. Ela as julga segundo os princípios que internalizou de suas experiências. Durante a adolescência ela aprendeu a contestar a validade das normas pré-estabelecidas e de posse de argumentações se recusa a aceitar as ações coercitivas dadas a ela.

A narradora como portadora de consciência moral, embora não tenha atingido a si mesma, o que confirmaria a “identidade do eu”, segundo Habermas (1983), vem revelando capacidade de julgar com base em seus princípios. O seu agir responsável evidencia estar no processo para a individuação.

A partir destes conceitos apresentados, acreditamos que já podemos seguir com a narrativa. Lembremos que os últimos pontos trazidos pela narradora foram a violência sofrida por seu irmão e a humilhação de Sofia ter

que pedir perdão na frente de todos por ter tirado nota abaixo da média na escola.

Fatos que a deixaram muito revoltada, porém sigamos com a história narrada pela própria Sofia:

Aí eu lembro que... (para um instante pensando) teve uma situação lá na... Nesta instituição que a tia mandou eu fazer alguma coisa lá dentro. E eu não quis fazer. Aí ela disse pra mim... (para um instante) [...] *Você não vai fazer?* Eu falei: *Não. Eu não vou fazer. Eu não quero fazer isso daí.* Aí ela veio para cima de mim... Foi querer me bater. Aí eu falei assim: - *Tia você vai me bater? Vocês não podem me bater...* Aí ela foi para dar um tapa em mim. (deu uma rápida pausa) Aí eu fiz assim... E mostra corporalmente (levantar as mãos para cima sobre o rosto, protegendo) sabe quando você vai se defender. Eu fiz assim. E ela me deu um tapa. Aí eu falei pra ela: - *Eu vou embora daqui. Eu nunca mais vou voltar aqui.* Ela falou: - *Vai mesmo, vai embora.* Ai eu peguei e fui. Andei toda a instituição tipo uma escada de barro. Pulei o muro, e cai lá na rodovia. E nessa rodovia eu fui até a cidade de Gonçalo a pé. Sabe quando você pega uma estrada, tipo... como se você fosse para a praia. E aquela escuridão. Chovendo. Você uma menina. Uma menina. Eu lembro que eu estava com uma blusa preta... assim, com touca. Porque estava frio. Porque lá no interior faz (fala baixo) O frio é maior. E fui. Chorando, chorava, chorava. Chorava, chorava, chorava, desesperada... assim. Eu lembro que eu uma vez...duas três vezes eu fui numa casa de uma menina lá que morava na instituição. E a gente foi levar alguma coisa para ela. E eu lembro o caminho. E eu comecei a chorar, chorar, chorar. E... eu fui, porque a cidade é pequena. Então você consegue lembrar. E fui. Fui pra essa cidade, à pé. Acho que eu demorei umas duas horas pra chegar. Eu cheguei lá... eu sai era seis da noite (começa a contar nos dedos) Seis, sete, oito... Um e nove e meia eu cheguei na casa dela. Chorando e ainda perguntando aonde ela morava. Porque a cidade é menor e... então dá pra você ir... Eu falava mais ou menos o nome dela, da família. Aí eles me levaram até a casa dela. Aí quando foi... no dia seguinte, o padre estava viajando, estava em Monte Verde. Aí o padre estava viajando. Pegou e... voltou. E quando ele voltou. Ele mandou buscar. Aí ligou... na casa dela, porque sabia que eu tinha muita amizade com ela. Ela ia na igreja lá de domingo. Então eu ficava só com ela. Ele ligou e falou que eu tava lá. Aí foi quando eles foram me buscar...lá. Aí o padre chegou. Deu uns dois dias, ele me chamou. Ele falou assim: - *Filha, porque que você... Por que que você... desacatou a ... tia Mariquinha.* Aí eu falei: - *Mas eu não desacatei ninguém.* (respira fundo) *Ela veio me bater, me forçar a fazer uma coisa que eu não queria. E ela veio me bater e... falou para eu ir embora. Eu tava nervosa, com raiva e fui.* Aí ele pegou e falou assim: - *É, mas você está errada, né. A tia errou, mas você está errada.* Ele ia com todo o carinho, lá, porque ele era padre na época, né. [...] - *Eu fui embora porque eu fiquei revoltada, eu não quis ficar, ela me irritou. Ela mandou embora e eu fui.* Aí tudo bem...

Novamente a Sofia-adolescente-abandonada é constrangida por agressão dentro de um acolhimento institucional por parte da educadora.

Observemos que tudo teve início com a recusa de Sofia em fazer uma atividade proposta por eles.

Vale um destaque a este fato, Sofia “meio que desafia a autoridade” e sem medo responde a sua ação, contesta a atitude errada, quando diz: “Você vai me bater? Vocês não podem me bater”!

Este fato gera um conflito enorme em Sofia. Por que ela não tem o direito de escolher as atividades que quer fazer? Por que é obrigada a cumprir todas as atividades impostas por eles? Ela sente que tem direito à escolha e, talvez por isso, a Sofia-adolescente-abandonada que nunca quis estar ali se manifeste como Sofia-revoltada. Entretanto, é uma revolta no sentido de “indignação ao desrespeito a sua vontade” e a não permitir que ela tenha direito a escolhas.

3.13. A abandonada-revoltada que vai dando lugar a Sofia-reflexiva capaz de julgar segundo sua consciência

Sofia, ciente de seus direitos, sabe que não pode sofrer qualquer tipo de agressão e ela denuncia, de imediato, a própria educadora com sua atitude.

Aí teve uma reunião entre eles lá. Que eles já iam mandar algumas pessoas embora. (parou por um instante) E eu.. já tava nessa lista. Se eu... não fosse fazer o que eles estavam falando para eu fazer... aí tá bom. Aí ele pegou e falou assim: - *Eu dou uma semana pra você ...*(para um instante) *pedir... perdão pra ela.* (para novamente) Aí eu falei: - *Perdão?* Eu falei: - *Eu não vou pedir perdão.* (para novamente) Porque toda a semana a gente tem que se confessar. Até isso eu era obrigada a fazer. E eu falava: - *Eu não tenho nada para confessar.* (mais um instante de silêncio) E eu tinha que ir lá, inventar uma aí quero “se confessar” porque eu briguei com a tia. *Eu quero “se confessar” [...]* E se você não fosse era porque você estava no pecado. Aí... Ele falou: - *Dou uma semana.* Eu falei: - *Eu não vou.* (mais uma breve pausa) *Eu não vou.* Ele falou: - *dou uma semana, para você pedir perdão pra ela.* (respira fundo) Aí tá bom. Aí quando [...] deu uma semana... certinha, num sábado. (para por um breve instante) num sábado [...] é a tarde, eu não fui. E nem falei nada.

Novos questionamentos das regras internas da instituição são trazidos por Sofia: a obrigatoriedade da confissão semanal e a exigência proveniente do padre coordenador da instituição para que Sofia pedisse perdão à educadora pelo ato cometido.

Será que podemos dizer que é a Sofia-revoltada que está se recusando a não fazer, simplesmente para “ser diferente”?

Não entendemos assim. A Sofia-adolescente com a capacidade de abstrair o pensamento, de refletir sobre o que lhe é imputado coercitivamente, quer ser reconhecida como “ser de direito”. Ser reconhecida com a possibilidade de “fazer suas próprias escolhas”, do que gosta ou não, do que quer ou não fazer.

Partindo deste fato, trazemos para reflexão o posicionamento de Lima e Lima (2012) sobre a Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth.

Ao procurar compreender a proposta de reconhecimento trazida pelo autor, Lima e Lima (2012, p.57) destaca que a causa verdadeira dos conflitos sociais está na luta por reconhecimento onde o ponto de partida, segundo ele (Honneth), deve ser a “análise dos sentimentos de desprezo ou de não reconhecimento”.

Honneth, segundo Lima e Lima (2012), identifica-se com a teoria da intersubjetividade de Mead, apoiado pelos estudos que vem desenvolvendo sobre o tema. Destacamos a afirmativa de Mead, citada por Lima e Lima (2012), de que: “a identidade é formada por um processo intersubjetivo de luta por mútuo reconhecimento [...] o reconhecimento de sua individualidade” (p.59).

Pensando no que Sofia trouxe ao relatar o que ocorreu, destacamos o conflito desta experiência: Sofia não é reconhecida em seus direitos. Ela só queria ter a possibilidade da escolha. Ela está descobrindo que as atividades propostas não devem ser coercitivas. Ela requisita, com sua ação, o direito de respeitarem e reconhecerem sua individualidade.

Para Honneth, conforme destacado por Lima e Lima (2012), “todas as lutas por reconhecimento começam pela experiência do desrespeito, por ser fonte emotiva e cognitiva de resistência social e de caráter coletivo” (p. 61).

Assim como ela, outros adolescentes na mesma condição dentro das instituições devem ser respeitados em suas individualidades, interesses e escolhas. Nem todos os adolescentes chegam a esse nível de reconhecimento de Sofia, contestando o que lhes é imposto. Muitos apenas reproduzem o que recebem sem qualquer reflexão. Sofia teve outras experiências fora da instituição que possibilitaram ser quem ela é hoje.

Sofia já estava prevendo que iria embora do abrigo porque se recusou a pedir perdão a educadora.

Aí ele tocou o sino. Quando toca o sino várias vezes é porque aconteceu alguma coisa ou quer passar um recado geral pra todo mundo. Aí todas as casas foram para lá...Tudo. Todas as crianças. Aí foram lá. Aí falou assim: - *Infelizmente a gente vai ter que... mandar algumas crianças embora. Umas vai ter que pagar pelo erro. Que tem dois... é... dois irmãos que vão embora daqui. Vai ser o Dinho, que vai pagar por que a Sofia não quis pedir perdão. Não quis... E ele vai pagar por isso. Porque não podia separa irmão. É ... na época... Tudo bem. E o outro é porque a gente não quer mais ele aqui. Então vai embora. [...]* Pra mim foi a maior alegria. Foi MUITO. Foi uma alegria que eu não esperava. E aí todo mundo falou assim: - *Nossa Sofia! Você quer ir embora.* Eu falei: *Nossa! É tudo o que eu queria. Era ir embora daqui.* Eu fiquei quatro anos lá. [...] Algumas pessoas não sabiam porque que eu tava indo embora. Aí eu ... aí... *Por que que você está indo embora Sofia?* Eu falei; - *É... porque lembra o que aconteceu com a tia Mariquinha lá?* Então ele vai apoiar ela. [...] *eu sou só mais uma pessoa, mais uma criança que precisa de uma Mariquinha... Não, tá anos aqui. Você acha que ele vai mandar ela embora?* (para um instante) *Não! Ele vai mandar EU embora.* Aí falou... tudo. Falou assim: - *Você gostou né. Que era tudo o que você queria, né.* Eu falei: - *Sim, mas eu tenho dó do meu irmão.* Que o meu irmão teve que virar padre. Ele ia fazer ele virar. Sabe... aqueles coroinhas... Aquelas coisas lá. Nada contra tenho hoje, mas eu tenho uma visão muito dolorida, porque eu era forçada, né. A fazer tudo isso. Tudo. Aí eu fiquei feliz.

Sofia confirma na narrativa a sua saída e de seu irmão da instituição, o que lhe trouxe muita alegria. Ela não se continha de contentamento pela notícia, dando ênfase às palavras que representavam seu sentimento.

Sofia, porém, não perde a oportunidade para denunciar as coisas erradas que presenciava naquele momento. Ao falar que o padre prefere ficar com a educadora em detrimento dela. Que ela (educadora) era muito mais importante do que Sofia, assim como a coerção da instituição em obrigar seu irmão a ser coroinha mesmo que ele não o quisesse.

Sofia destacou outra vez o “não reconhecimento”. O quanto ela não é valorizada em sua individualidade e levada pelas atitudes dos outros a se ver como “um ninguém”. Podemos dizer que o sentido desse não reconhecimento, pontuado por Sofia, tem uma dimensão bem maior. Ela está revelando com sua vivência o quanto as crianças e adolescentes das instituições não são valorizadas enquanto seres humanos de direitos.

Neste nexos, trazemos novamente a reflexão e discussão sobre as instituições totais. Goffman ([1961] 2015) destaca que na interação entre os dirigentes (pequeno grupo) e o grande grupo (internos ou internados), há uma distância social entre os grupos assim constituídos, sendo sua comunicação muito restrita, o que intensifica os conflitos. O grupo pequeno (dirigentes) se

apresenta sempre como superiores e corretos e o grande grupo dos internos ou internados se veem como inferiores, fracos e culpados.

A denúncia de Sofia quanto à desvalorização deles (internos) como seres humanos de direito está diretamente relacionado com o que Goffman ([1961] 2015) nos apontou. Os representantes da instituição sempre como superiores e corretos em comparação às crianças/adolescentes como inferiores, fracos e culpados.

Bierrenbach (1987), que atuou como presidente da FEBEM-SP no período de 14.12.1983 à 20/03/1986, afirma que há a “necessidade de as crianças e adolescentes terem os referenciais cognitivos e afetivos voltados a valorizar o intenso potencial de cada um deles” (p.72-73), e destaca que sem isso haverá dificuldade no processo de socialização e no aprendizado.

Se as crianças e os adolescentes têm reconhecidos os seus direitos e individualidade, essas diferenças existentes na hierarquia das instituições serão consideravelmente diminuídas, porque sentirão um melhor grau de autoestima e confiança no que são, no que se constituem e são constituídos enquanto identidade.

Almeida (2005, p.52 apud GONÇALVES NETO; LIMA, 2010, p. 93) considera que:

A identidade resulta da dialética entre os modos como nos representamos e de como somos representados, ou, dito de outro modo, a identidade deriva dos modos como nos (re) conhecemos e de como somos (re) conhecidos.

A narradora, neste período em que esteve na instituição fechada, passou por muitas experiências, muitas delas inaceitáveis e questionadas por ela. Percebemos que Sofia vem se transformando a cada nova situação imposta, muitas metamorfoses, muitos aprendizados que lhe indicam novos sentidos e nexos.

Sua incessante determinação de que respeitem seus direitos e individualidade, remete-nos a dizer que Sofia, na busca por reconhecimento, caminha para chegar a “identidade do eu”. Está sinalizando ser outra Sofia, que não é mais a Sofia-abandonada que aceita as normas e regras impostas, está reinventando outra forma de ser adolescente ao desempenhar seus papéis sociais.

Sofia nos conta que inicialmente não pensava em se despedir do padre coordenador por entender que ele iria “dar-lhe patadas”, expressão utilizada por ela, ao se referir ao fato de não ter pedido perdão à educadora. Contudo, por insistência de um dos funcionários da casa, acabou cedendo e foi se despedir dele. Desse encontro destacamos algumas das palavras mencionadas por ele:

Aí eu falei: - Padre me dá a benção, que eu vou embora. Aí ele falou: - Filha... vai com Deus. Você é uma ótima criança. Uma ótima pessoa. Tem um futuro brilhante. Porém, você é muito orgulhosa. E esse seu orgulho... Às vezes, você vai perder muita coisa por causa desse seu orgulho.

Lembremos que as instituições, como representações sociais, determinam e são determinadas pela ideologia dominante, segundo Lane (2012). É através das instituições que são naturalizados os comportamentos e posturas na sociedade, nos diversos territórios.

A ideologia dominante na sociedade moderna está representada, segundo Souza (2009), pelas instituições impessoais (Estado centralizado e Mercado competitivo capitalista). Todas as demais instituições, de forma inconsciente, trabalham para que Estado e Mercado mantenham seu poder e controle.

A “fala” expressa pelo padre, portanto, respondia ao que a ideologia dominante impõe. O que está sendo narrado por Sofia revela o que a instituição exige dos internos, “reproduzir como natural” e sem questionamentos o que era determinado.

De alguma forma, a postura de “orgulhosa” atribuída à Sofia a impedia de responder ao que lhe era exigido, porque a colocava em uma posição de questionadora das normas pré-existentes na instituição. Ela pontuou, por várias vezes, que isso gera um incômodo à instituição aqui representada pelo padre-coordenador.

Vamos acompanhar mais uma passagem desse momento de Sofia:

Aí eu falei que quando eu tava com o orgulho ferido, né. Tava com o orgulho lá em cima e é real isso. Tava mesmo. (respirou fundo)

Na sequência, Sofia nos aponta o porquê de ela ser “orgulhosa”, qual o sentido que ela dava para essa “qualidade”:

E eu... com todo o meu orgulho né. Que às vezes, eu sou um pouco... ORGULHOSA. Porque eu passei a vida inteiraaa... a (dá uma parada) Na verdade sendo esmagada... na verdade criando mais mágoa. Mais

mágoa. Então... pra mim era... todo mundo estava pisando em mim.
Todo mundo.

Sofia, na verdade, está atribuindo ao fato de “ser orgulhosa” a condição possível para ela se manter firme, como forma de manter sua dignidade e de alguma forma sua autoestima diante de todas as adversidades e imposições objetivadas por todos os lugares pela qual passou e também naqueles em que ela nunca quis estar.

Ciampa (2002) assinala que as políticas de identidade se constituem em uma categoria de análise nos estudos de identidade. Elas estão relacionadas ao processo de socialização, mostrando o conflito entre autonomia e heteronomia (Ciampa, 2002).

As “políticas de identidade”, segundo Ciampa (2002), constituem-se nas normas e regras internas que atuam nas instituições. Elas podem, na maioria das vezes, adquirir caráter “normativo da identidade” esperada como imposição “dada e regulatória”, assim como serem emancipatórias, no sentido de atribuírem noções de progresso e desenvolvimento nos quais os indivíduos buscam pelo reconhecimento de suas identidades pessoais.

Elas revelam quais são os impedimentos dados coercitivamente pelas instituições, que impossibilitam o indivíduo de atingir sua autonomia e concretizar seu processo de individuação, caso sua visão esteja centrada na instituição, enquanto opressão e/ou exploração dos indivíduos, conforme narrado por Sofia.

Segundo Poker (2014):

As políticas de identidade instituídas no acolhimento institucional foram desveladas de forma a impedirem as possibilidades de autonomia pela concepção de sujeito obediente - incapaz de uma capacidade reflexiva e críticas sobre a heterogestão normativa (p. 07).

Sofia, nessa despedida, não perde a oportunidade de, antes de sair, apresentar seu posicionamento do que ela presenciava no cotidiano da instituição:

[...] eu não queria ficar mais aqui. [...] Eu nunca gostei daqui. Eu fiquei porque eu não tinha escolha. (Deu uma breve pausa) “Essas coisas não me agrada”, nunca vai me agradar. Por aqui não é o lugar... Esse lugar não é para mim. Por mais que a minha vida foi difícil, não é... eu não gosto daqui. (dá outra pausa) “As tias maltrata aqui”... (nova pausa se fez) “são ruim”. Aqui “elas bate”... Porque eu já presenciei várias... (mais um instante de silêncio) E sempre é assim, a criança já é

DIFÍCIL... Pode ter tantas crianças lá, e eu via crianças apanhando. (outro silêncio se fez)... Apanhando... E isso para mim é o cúmulo... É o cúmulo. A criança pode ter várias coisas, mas uma criança que vai num abrigo. Não dá, não dá. Aí falei e fui embora.

Ciampa (2002) traz, como referência histórica, as políticas de identidade no primeiro autor que trata desse tema: Goffman.

O referido autor ([1963] 2013) atribui a qualidade de “estigmatizado” àqueles indivíduos que se afastam do que é esperado deles no grupo, instituição e/ou sociedade. Ademais, o caráter de estigmatizado lhe é dado por este não adotar uma linha correta de atuação, conforme apresentado pela instituição ou aquele que o represente.

Assim, seguindo a linha de raciocínio de Goffman ([1963] 2013), aqueles que se adéquam perfeitamente às regras e normas são apresentados como “normais”, como destacado por Ciampa (2002) na frase: “se ele adotar uma linha correta [...] ele terá boas relações consigo e será um homem completo, um adulto com dignidade e auto-respeito”. (p.3)

O que vale destacar, é que Sofia, a todo o momento, está buscando ser reconhecida, com isso tenta exatamente quebrar as regras impostas como normalidade, de apenas reproduzir o que é dado.

Observemos que, o mais importante para Sofia naquela ocasião, era ir embora. Ela não estava preocupada com o que o padre pensava a seu respeito, haja vista a sua resposta “tá bom padre, amém”, logo depois de ouvi-lo falar de seu orgulho. Ela não perde a oportunidade de falar sobre seus sentimentos e ressentimentos por tudo o que passou ali dentro.

Suas últimas palavras têm caráter de denúncia do que ocorre nas instituições. O quanto elas são reguladoras de comportamento e exigem que os internos sigam estritamente o que é determinado, seja pelas atividades impostas, seja pela resposta comportamental.

Nas suas palavras, observamos sua preocupação com as crianças adolescentes que são obrigadas a passarem pelo acolhimento e que, nessa condição vulnerável, necessitam de reconhecimento e acolhida, contrário do que a instituição tem oferecido.

Sofia traz sua opinião e o sentido que ela atribui a esse tipo de atitude para com crianças/adolescentes que já passaram por tanta violência e são

obrigadas a deixarem suas famílias para estarem ali. Era inconcebível para a narradora essa postura.

Vale lembrar que a capacidade reflexiva, bem como a posterior individuação, aparece como possibilidade ao adolescente. Quantos tantos adolescentes acabam sendo apenas reprodutores da ideologia imposta, sendo-lhes negada a possibilidade de autonomia e de pensarem por si.

A Sofia-de-hoje fala da Sofia-de ontem e revela as marcas deixadas pela instituição. Denuncia a obrigatoriedade em várias das atividades que tinha que fazer. De não deixarem a criança “ser criança no seu tempo certo”.

Ela faz até um trocadilho de palavras: a criança que vive a vida de adulta para o adulto viver a vida de criança, no sentido de que o adulto posteriormente viverá a fase criança que não pode viver na infância.

A Sofia-de-hoje se apresenta como aquela que não aceita que a vida se restrinja a regras, muito provavelmente devido ao contexto vivido e controlado.

Porque criança nada mais é do que querer brincar, ter seus afazeres, na época. Eu estou falando, na época. Não ficar lixando madeira pra vender. Né... Eu não sei... ou você tem que ser, na verdade a gente tem que ser criança no tempo certo. E na verdade naquela época você é adulto e hoje você quer ser criança. A criança tem que brincar. Era muito estranho lá. Mas, cuidar... é tipo regra mesmo. Acordar de manhã, rezar, ficar em artesanato, ir para a escola. E o que você fazia? Nada de divertimento. Nada... Era essa a vida... pra mim foi isso, o que pegou muito foi essa parte de regras até hoje. Eu acho muito pesado essa palavra “regras”, regras na vida. Aí você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo...

A alegria de Sofia em sair da instituição e retornar a São Paulo foi tanta, que vale destacar a forma como ela sinalizou este momento:

Demorei duas horas pra chegar aqui em São Paulo... Com um sorriso deste tamanho (sinaliza com as mãos abrindo os braços).

3.14. A personagem adolescente que retorna à casa da avó, contudo, ainda é Sofia-abandonada

Assim prossegue a narrativa, a Sofia-adolescente-abandonada retorna a casa da avó. Muito embora ela destaque que a avó não rejeitava recebê-los de volta, Sofia sabia que, de certa forma, aquele tempo era transitório.

Cheguei do nada na casa da minha avó. Minha avó... Minha avó ficou... tipo: - *O que aconteceu?* Aí contamos mais ou menos a história... O educador só deixou a gente lá e falou: - *Olha, infelizmente teve que voltar... Já deu o tempo*, e tal. A Sofia não quer ficar lá, são quatro anos, assim. E [...] A minha avó aceitou. A minha avó nunca colocou, falou assim: - *Vai pra fora, aqui vocês não vão ficar... Não!* (respirou fundo) Aí se passaram... Mais um tempinho. (fez um silêncio) Aí eu fiquei... Não lembro quanto tempo, acho que uns cinco meses... com a minha avó.

Sofia, sendo adolescente e por tudo o que já havia passado, estava consciente de que aquele seria mais um momento intermediário entre outra vaga, em outra instituição. Nesse período de cinco meses, a narradora não deixou de ser a personagem Sofia-abandonada, apenas deixou de manifestar-se revoltada por não aceitar as regras e normas como condição preexistente.

Minha avó procurou a assistente social de novo. O Fórum. (se fez outro silêncio) Aí a minha avó foi no Fórum do Felix, né. E... (mais um breve silêncio) a gente sabia, porque ela sumia do nada, né. Aí eu estava mais madura. Falei: - *Carla, avó foi no fórum*. Foi em algum lugar no fórum, né. Aí ela falava: - *Foi*. Aí daqui a pouco, vai vim outra pessoa buscar a gente aqui. (para um instante) Aí... já era uma outra fase.

3.15. A Sofia-abandonada que ao ser encaminhada ao acolhimento descobre outro tipo de instituição e passa a gostar de ser acolhida

Sofia chama esse período de sua história de uma “outra fase”. Chega novamente o dia que ela temia. Sofia nos relata que certa tarde, quando havia ido à casa de uma colega, vizinha de sua avó, a assistente social chegou por lá. Sabendo que ela estava na casa dessa amiga, alguém foi ao seu encontro pedir que retornasse para casa porque a avó assim pedia. Vamos ouvir da própria Sofia:

Aí a gente voltou. Eu e o meu irmão. (respira fundo e novamente o nariz se faz úmido) No... que a gente voltou. (respira fundo) é... (para mais um instante) No que eu estava voltando, (deu outra pausa e respirou fundo) [...] Eu já vi que o carro do... Fórum lá que tem um... desenho, né. Eu falei: - *Putz! Agora vão me levar de novo...* Aí eu já tava mais madura.

E Sofia destaca a forma pela qual novamente apresentam o acolhimento institucional para onde eles serão levados. Utilizar-se de “adjetivos” para atrair a criança/adolescente:

E falou assim: - *Olha, a gente vai te levar pra uma casa. Aqui na Vila Prado*. (uma rápida parada) E é uma casa onde tem um monte de criança, tem piscina. Vai ter palhaço. Nossa! Vai ter um monte de coisa

pra você. Pra você e pro seu irmão. Estão te esperando lá. Você vai morar pra lá, você vai estudar.

A Sofia que novamente é obrigada a viver sua condição de abandonada em um acolhimento institucional, reage contrária. Sobretudo, porque estava reconhecendo que a levariam para a mesma casa em que estivera antes.

E eu falava: - *Não vou. Eu não quero ir! Eu não quero ir! Vocês vão me levar para uma casa de passagem? Naquela casa lá que eu já fui?* (deu uma pausa) Ela (assistente social) falou: - *Não, não é essa casa de passagem, que você já passou por ela. É uma outra casa.* Porque ela... Ela não sabia que eu já tinha ido pra essa casa na V. Prado.... Porque na minha memória estava ... guardado o que eu passei numa casa... numaaa... (engole seco) numa casa de passagem. Ela falou: - *Vou te levar pra um abrigo, que na época esse abrigo São Lucas, era a casa de passagem.* Eu falei, mas... eu já fui para uma casa de passagem. Lá eu apanhei... dos tio. Apanhei na cara. E nunca ninguém acreditou em mim. E ele me bateu na cara. (fez um silêncio)

A assistente social responde à Sofia que os educadores não podem bater, mas a narradora insiste que ele bateu nela sim.

Eu falei: - *Bate! Bate sim... tia. Lá bateu ni mim. Ele bateu ni mim!*

Apesar de toda a insistência de Sofia em ter apanhado e da denúncia feita à assistente social, não houve resposta em favor de Sofia. A narradora e o irmão acabaram entrando no carro e se dirigiram ao acolhimento institucional. Conforme o carro seguia o percurso, Sofia ia reconhecendo o caminho e ficando cada vez mais angustiada. Sua narrativa é interrompida por várias respirações profundas e momentos de silêncio.

As frases mais repetidas pela narradora neste percurso foram: *Eu não quero! Eu já fiquei nessa casa! Eu não quero ficar!* Nisso começa a chorar dentro do carro. Acompanhemos mais um pouco a narrativa:

Quando eu chego lá.... Era o abrigo São Lucas, que era a antiga casa de passagem... Aonde o tio... (mais um instante de silêncio) me bateu na cara... lá.

A antiga casa de passagem, agora foi apresentada como acolhimento institucional. Sofia reluta em entrar. A assistente social os deixou no portão com os educadores da casa e foi embora, sem esperar Sofia e seu irmão entrarem. Vamos acompanhar mais uma passagem da narrativa:

E eu não entrava [...] eu não entrava no abrigo. (fez uma breve pausa) Ela falou assim: - *Entra Sofia! Entra Sofia!* Eu falei: - *Não, não vou*

entrar. Essa casa aí eles me bateram. O tio daí bate. Qual que é o nome do tio? (eles perguntaram) - Casa Nova. (respondeu Sofia)

Sofia continuou insistindo em não entrar e repetindo várias vezes que o “tio Casa Nova” havia lhe batido. As educadoras que estavam de plantão continuaram conversando com Sofia pedindo para que entrasse. Uma delas afirmou à narradora que ele não trabalhava mais ali. Sofia insistia na afirmativa. Depois pergunta pela coordenadora Lila, obtendo a mesma resposta de que não estava mais ali. Esse processo para ela entrar no acolhimento, segundo a narradora, levou umas três horas.

Acompanhemos mais um pouco:

Aí foi quando a tia Luiza veio e ... falou: - Entra Sofia, já tá tarde, não fica aí fora. Aí eu lembro que ligaram pra Roberta. E a Roberta falou no telefone... comigo. E falou: - Entra, não é mais elas... E tal, não sei o quê... Aí foi quando eu entrei.

A Sofia-de-hoje aponta um detalhe importante neste diálogo. A narradora destaca que em nenhum momento eles a obrigaram a entrar. Apenas conversavam com ela tentando convencê-la de entrar.

Observamos que Sofia nos trouxe um dado importante que indica aspectos constitutivos do novo acolhimento. Porém, ainda é cedo para nossas reflexões.

Temos que seguir com a história de Sofia para obtermos mais elementos que nos digam quem é ela hoje, no que se constitui o acolhimento e o quanto essa estrutura pode trazer de novas possibilidades identitárias à narradora.

Aí foi quando a Roberta, veio no outro dia. Conversou com a gente... Aí eu comecei a me acostumar. Eu comecei a entender.... outras coisas. Porque [...] elas... eram os mesmos educadores, mas... naquela época, alguns educadores a gente, acaba pegando afinidade, né. Que era a tia Luiza, a tia Nice [...] A tia Cida, que era meia sargentão, mas ela era uma ótima educadora. E a... (faz uma pausa) Lola. Mas Lola... ela... (faz uma pausa) Era uma tia legal. Era tipo uma tia pro jovens mesmo. Na época, porém, ela meio que de [...] colocar intriga entre os adolescente. (fez outra pausa) Né... intriga [...] Eu quero dizer [...] (para um tempo pensando) Vamos supor que pra eu poder sair, eu tinha que fazer tudo certinho lá. E aí... Fazia meio como um paredão. (outra pausa se fez) Se eu tinha que sair... com as crianças e... alguns adolescentes, falava sim ou não. Meio que fazer intriga. Ela era... pra conversar... pra dar risada, mas como... educadora, não [...] Acho que de todas as educadoras que tavam ali naquele período... eu acho que eu posso dizer [...] Questão de carinho, de [...] de carinho mesmo, como se fosse mãe. Era a Roberta. (parou um tempo como que pensando) A Roberta é uma educadora. A Roberta é diretora. Mas você via, que ela tava ali.... Era como a família dela, sabe? A família mesmo. Não eraa [...] Você vê ela tratando todo mundo bem. Carinho, a todo mundo. Às vezes, ela não podia estar lá no abrigo, né. Os

horários nossa! Era diferente! Porque eu estudava e fazia cursinho, né... (respira fundo) E eu, tipo [...] ficava muito brava. Quando não via a Roberta. Que às vezes, eu contava as coisas pra Roberta... E era bom eu falar. Porque ela me escutava. E você via a diferença, né... Por mais que ela não tomava uma providência, porque todos [...] Tem os lados, e tem que provar. E às vezes, a gente provava algumas coisas ali no abrigo [...] Que tem educador e educadores, né. Quee... dão o sangue... Gostam da profissão e tá ali [...] não por um salário [...] (respira fundo, pigarreja um pouco e segue) Aí eu fiquei no abrigo. A gente começou a estudar... Que aí eu comecei a ver, a diferença. Que a gente podia ir para “a escola sozinho”. E na época... os educadores tinham que levar a gente na escola.... Levar e buscar. E [...] a gente começou a ter uma certa liberdade [...] pra escola, ter horário... da gente voltar. A gente tem atividades, a gente podia ter amigos. Né... a gente não podia ficar na rua, mas podia ficar pelo menos... no quintal. Porque tinha “dois quintal”. Tinha uma garagem que era aberta... E o corredor que era grandão, né. Então a gente... antes a gente podia só ficar dali prá lá. (mostra com as mãos) [...] a parte da lavanderia, lá atrás. Não na época, (mas) depois [...] a gente começou a ficar ali, ter amigos, o amigo da escola podia visitar o abrigo [...] Então eu comecei a ver que era diferente.

Observa-se, na narrativa de Sofia, que este acolhimento não era uma instituição total. As crianças e adolescentes tinham a possibilidade de estudar fora e com acesso à comunidade. Aos adolescentes era “dada” certa autonomia, a liberdade de irem sozinhos para a escola, em ter e fazer amigos com os colegas da escola, até poder levá-los ao acolhimento. Havia flexibilidade de horários, aspecto muito diferente do que Sofia viveu na instituição anterior.

Um ponto primordial para que Sofia entendesse as diferenças deste acolhimento institucional foram as relações lá estabelecidas, dando ênfase a relação da coordenação para com as crianças/adolescentes, em especial no que tange a “ter escuta e ser reconhecida”. Estas relações permitiram que a narradora afirmasse: “eu comecei a ver que era diferente, comecei a me acostumar”.

A Sofia-adolescente-abandonada começa a ver outra realidade social. Enquanto adolescente, ainda se expressa como questionadora quando vê algo que considere errado, segundo sua consciência. Todavia, ela aprende a reconhecer que há diferenças entre os educadores, enfatizando aqueles que têm amor pela profissão e a exercem como tal.

Essa realidade que se configurou para Sofia, permite a ela ser e se constituir diferente. Uma nova personagem pode surgir neste contexto histórico social, mas temos que acompanhar mais um pouco da história para apreender esse momento.

Sofia vai adquirindo confiança neste novo ambiente, em especial com a coordenadora Roberta, que se torna sua principal referência com quem ela quer compartilhar suas questões. Assim, Sofia resolve conversar com ela sobre o dia em que chegou ali, das inseguranças, dos medos e do trauma:

Aí eu contei para Roberta (dá uma rápida pausa) ... Roberta, eu não entro... (para novamente) não entrei no abrigo porque (uma pausa novamente) eu... porque aconteceu isso e isso. Aí foi quando as tias me contaram lá depois... né. Contou. Falou: - *Olha!* (para e engole seco) *Pode ficar tranquila, esse tio não tá mais aqui.... REALMENTE, naquela época, ele batia.* (respira fundo novamente) ele... foi feito uma denúncia, né.... dentro do abrigo pra esse educador...(para por um instante) que bateu em “*outras criança*”. E acho que uma, visitante... pegou e fez essa denúncia. E provaram (nova rápida pausa) que ele fazia isso. (fez uma pausa mais prolongada e seguiu) Eu falei assim: - *Mas na época... todo mundo achou que [...] que eu tava mentindo, que uma porção de coisas [...]* Então acabou criando trauma em mim. E eu ainda falei: - *Criou trauma em mim....* (nova pausa como que pensando) E a Vivian nunca tava aqui. Eu achei que era a Lila. E a Lila e a Vita ela PUCHA! É General!

Sofia fala do trauma e dos fatos que ocorreram na gestão anterior, sobretudo o de não ser escutada e tampouco acreditarem no que contava da casa de passagem. Termina concluindo:

Eu jamais achei que o abrigo poderia ser isso.

E tendo a resposta de Roberta:

- *Não, hoje a estrutura é diferente.*

3.16. A personagem abandonada vai se permitindo ser a Sofia-acolhida-institucionalmente que pode aprontar como adolescente

Ao ser acolhida e reconhecida em suas necessidades, a narradora se permite ser a “acolhida institucionalmente”.

Ao narrar sobre sua vida na nova instituição, Sofia revela outras possibilidades identitárias.

A Roberta era bem mãezona. Às vezes, ela ia de sábado lá. Porque de sábado, às vezes a gente fazia a limpeza [...] todo mundo, né. E a Roberta de sábado e [...] quando tinha feriado, ela também aparecia do NADA. (respira fundo) Aí ela falava: - *Nossa como é bom ver todo mundo aqui.* Porque nos horários que ela ia, às vezes, ela resolvia coisas do fórum [...] Fora tudo [...] (respira fundo novamente) e [...] E não pegava a gente que chegava as seis horas da tarde, lá. E [...] (Faz uma pausa e respira fundo) Muitas vezes ela chegava lá de sábado e falava: - *É [...] que era bom encontrar todo mundo lá. A casa cheia, né.* Porque ela via algumas pessoas... outras não. Outras tavam no

cursinho. E os horários era... flexível. E eu lembro que... (parou um instante) eu gostava. Eu comecei a gostar do abrigo. Comecei a ter carinho pelo abrigo e [...] pelas crianças que estavam lá. (parou mais uma vez) Que acredito que [...] nossa turma (para novamente) ... A gente lembra muitas coisas, porque eu comecei a brincar lá. (para por um instante) Brincar... tipo eu aprontei muito no abrigo. Ich! Já menti várias vezes. Tinha mentido várias vezes [...] assim, né. Coisa de adolescente. (para novamente) prá Roberta... Às vezes, vinha reclamação da escola. Pra turma do abrigo, que estava na escola. A gente tacava papelzinho, fazia guerra. Pegava o extintor... Uma das meninas pegou o (começa a rir) extintor... (Respira fundo e fala em tom de riso). Era pó, que era a Rita, né... Que essa menina era tentada. Nossa! Tudo de... criança arteira ela fazia. Sabe aquele tipo.... Denis o pimentinha? (dá uma parada como que pensando) Era ela... Não sei da onde ela inventava aquelas coisas, ela conseguia fazer... Pegava Extintor e xuuuuxiiiiiii (imitando o som do pó saindo). Uma vez, ela pegou o extintor e jogou na cara do meu irmão, lá na escola. E ele não podia falar que foi ela. Aí a gente combinou [...] Combinava com a sala toda, pra não falar [...] (nova pausa) E TODO mundo levava, mas ninguém falava. E tipo [...] a gente era coisa do [...] abrigo lá, né.

Sofia relata que a liberdade conseguida por ela no acolhimento foi um trabalho pessoal seu, que não foi “algo dado” quando de sua chegada à instituição. Afirma que teve que conquistar a confiança da coordenadora e das educadoras (chamava-as de “tias”) para conseguir a liberdade de sair. Mesmo assim, deveria seguir os combinados: sair e chegar no horário, dando satisfação de onde ia e com quem ia.

[...] eu tive que ir [...] conquistar a confiança da Roberta, a confiança das tias [...] e “*podia ter as minhas liberdades*” [...] e podia sair.

É preciso prestar atenção na forma como Sofia nos relata os fatos, seu comportamento e forma de narrar. Observamos a ênfase dada por Sofia em seu papel pessoal, quando ela fala que a conquista da confiança foi algo batalhado por ela.

Temos que ver o sentido disso, quando nos reportamos aos aspectos constitutivos da sociedade em que vivemos. O processo de socialização a que somos submetidos, independentemente de ser no seio familiar e/ou acolhimento institucional está permeado pela ideologia, que aparece camuflado nos comportamentos que a sociedade contemporânea naturalizou.

Afirma Souza (2009) que a ideologia mais importante do mundo moderno é a do liberalismo que “determina que as escolhas são individuais e que cabe a cada um meritocraticamente os resultados obtidos” (p.390).

Podemos apenas reproduzir o que aprendemos na socialização, ou seja, ao seguir as determinações da instituição, recebemos os benefícios pelo realizado. Como afirma Habermas (1983), quando aborda os níveis de consciência moral. O indivíduo no “nível convencional” atua apenas para respeitar as expectativas exigidas pelos papéis sociais contidas no universo simbólico.

Neste sentido, estamos nos referindo ao “acolhimento institucional” como um universo simbólico, que tem na base as suas normas com todos os significados socialmente objetivados e reais.

A diferença, neste caso, está na estrutura da instituição. Este Serviço de Acolhimento Institucional à Criança e ao Adolescente (SAICA) em suas normas internas se constitui diferente, é mais flexível, seguindo de forma mais próxima às determinações do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) bem como, este acolhimento especificamente, representado por esta equipe de coordenação, colabora para que estas normas se cumpram.

Porém, nem por isso deixou de estar e ser representado como uma instituição. Lembramos Souza (2009): “as instituições constituem os indivíduos modernos, é ela que cria os indivíduos como eles são” (p.106). E Ciampa (2012) quando afirma que “o homem deixa de ser verbo para ser substantivo” (p. 72), ou seja, não é mais “ação, atividade”, apenas “reprodutor/reflexo” do que a sociedade predica.

Podemos afirmar que, ao ser reconhecida na instituição e adquirir a confiança de seus representantes, Sofia também confiou nas relações que se constituíam naquele espaço. Como destaca Ciampa ([1987] 2011):

Esse jogo de reflexões múltiplas que estrutura as relações sociais é mantido pela atividade dos indivíduos, de tal forma que é lícito dizer que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social, ao mesmo tempo que reagem sobre ela, conservando-a ou transformando-a (p. 178).

A Sofia-de-hoje se apresenta diferente. Começou a ter carinho pelas crianças e adolescentes moradores do acolhimento, começou a gostar do lugar no qual se encontra.

Contudo, os aspectos destacados não constituem tudo o que é Sofia. Enquanto parte de um processo sócio-histórico sob o olhar do materialismo

dialético, a Sofia-de-hoje se constitui como unidade, se tivermos em conta suas múltiplas determinações. Segundo Ciampa ([1987] 2011):

Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. (p.177).

Vamos seguir com a narrativa de Sofia. A narradora nos apresenta os parceiros do acolhimento. Eram empresas que faziam parceria com o acolhimento para dar treinamento profissionalizante aos adolescentes, preparando-os para o mercado de trabalho. Este tipo de serviço acontecia no tempo em que Sofia esteve por lá, quando a Roberta era coordenadora. Acompanhemos esta passagem narrada por Sofia:

Que tinha muita gente que ajudou o abrigo, né [...] Aaaa... (para novamente mais um tempo) tem uma empresa, que é uma multinacional. Que é a S. E. E ela tem um projeto social, dentro da empresa. Que era o “Jovem Parceiro”. Né...que (para um instante) foi logo... A nossa turma foi a segunda turma a participar do Jovem Parceiro, dentro da empresa. (respira fundo) E eu lembro até hoje que a gente passou por uma entrevista. Como se fosse uma entrevista de emprego. E a gente tinha que... ver aquele projeto social... como uma entrevista de emprego. (respira fundo) E ali eu fui várias ... Foi seísss. Acho que “foi seis etapas”. (faz uma pausa) E ali eu, onde tinha oito vagas para mulher (para novamente um instante) E oito vagas pra (pigarreia, limpando a garganta) pra meninos. E era só turma de abrigo. (pausa novamente) [...] Da D. Fabio que tem ... (para novamente) no Batuta. Toda a turma que decidiu ir no projeto era abrigado em cada lugar. E os abrigos eram “totalmente diferente”. Então [...] as vezes eu achava o abrigo do outro bem melhor do que o meu, (para novamente) pelas oportunidades... né. Então eu falava... *ah! Esse abrigo é melhor do que o meu... nessa parte.* O meu abrigo tem isso... *ah, o seu abrigo tem o quê?* Então a gente meio que... comparava. Né... mas assim, os diretores dos abrigos sempre estavam presente. Né... A gente tinha acompanhamento de... várias...várias coisas lá.

3.17. A Sofia-acolhida-institucionalmente se vê obrigada a competir com o irmão, por um emprego

Sofia fica muito emocionada quando se vê obrigada a competir com o irmão por um emprego oferecido por essa instituição parceira do acolhimento institucional. Seu nariz úmido e respiração profunda sinalizam sua emoção, atrelado a sua narrativa:

Nossa aquilo pra mim... foi... Foi demais. Porque eu falei. Eu queria entrar. E ele também... (nova pausa) E eu... falava... Se ficar entre [...] E se não pegarem é porque a gente... porque a gente é irmão? Ia atrapalhar o nosso desenvolvimento, eu falava pra ele. E agora? Agora não sei... (respira fundo) E aí eu passava pelo processo seletivo (respira fundo novamente) e eu recebia a ligação. *Oh, Sofia! Você passou lá no projeto da S.E.* Porque todo mundo queria entrar. Né... E a gente recebia um salário... (respira fundo novamente) Que naquela época pra gente era... ohhh! Um dinheirão! Acho que era duzentos reais, não sei... trezentos reais... pra gente... NOSSA! O DINHEIRO... (respira fundo novamente) Né [...] Eu falei. *Aí caramba e agora?* E tal... (faz uma pausa) Aí eu... fui. Aí eu recebi... E falava. E recebeu outra ligação, que o Dinho também passou. E foram... E a gente foi. E não fazia... éeeee... integra... éeee. A gente não.... Competia junto ali, na mesma sala. Tipo, quando você está competindo. Você tem que ser melhor que ele. Então as vezes, eu falava... eu...euu... o meu irmão... E se ele não passar, eu vou ficar chateada. Eu vou ficar triste.... Porque eu tenho que ser melhor do que ele. E eu quero entrar... e ele também. E a gente ficava naquele pensamento. Não! Vai dar certo, a gente vai entrar. Eu falava: - Tá bom, seja o que Deus quiser. E ali eu fazia o meu melhor e ele fazia.

A narradora prossegue contando esse processo, sentindo-se mal por ter que competir com o próprio irmão. Ela queria esse emprego e ele também. Tudo isso a deixava muito chateada, ficando mais apreensiva ainda na entrevista com a psicóloga.

Aí chegou numa parte que a gente teve que passar pela psicóloga. Né... com a Bartira, que era a psicóloga. Lá do projeto. Que foi uma das fundadoras deste projeto “*Jovem Parceiro*”. E eu... Caramba! Ela falou... Eu nunca esqueço. A pergunta que eu nunca esqueço. Eu não esqueço. Ela falou: - *Olha! Como você seria dentro de uma empresa junto com o teu irmão?* Aí pra mim. Eu tive que... Meu Deus! Aí eu... A única coisa que eu respondi.... Eu falei pra ela. Eu falei assim: - *Aqui vai ser profissional... eu lembro. Eu falei, né. E o meu irmão... é... E o meu irmão que é o Dinho, vai ter que saber separar... Porque ali eu... Eu sei que ele é minha família... Mas... (para por um instante) Cada um... no seu quadrado, eu falei pra ela. A gente depende do... Isso até competindo. Eu tenho que ser melhor que ele. (dá uma risada e diz): - Infelizmente, a vida é assim. É competição. Não passar por cima. De nada. De NINGUÉM... Mas eu vou ter que seguir, se eu tiver que... Dar bronca, por exemplo, nele... Dentro... Não é por que é meu irmão que eu vou passar... a mão na cabeça porque futuramente... O quê que ele vai ser?* Aí acabou ali.

Sofia tem clareza do quanto era importante aquele emprego para ambos. Percebemos que todo o processo gerou muita ansiedade na narradora.

Ciampa ([1987] 2011) afirma que “para entendermos a identidade, precisamos entender o próprio processo de produção da identidade” (p.165).

Compreender quem é a Sofia de hoje implica em um processo contínuo de regressão ao passado com visão para o futuro, ou seja, segundo Ciampa

([1987] 2011) se constitui em um processo atemporal. Implica em olharmos também histórica e socialmente para a sociedade em que se está inserido.

Importante se faz, neste momento, para compreender aspectos do processo identitário de Sofia, um breve debate sobre as características do mundo contemporâneo.

Para Habermas (1983), a sociedade é entendida como um complexo dialético formado pelo mundo da vida e o mundo sistêmico.

Segundo Siebeneichler (2003), o mundo da vida, examinado por Habermas, constitui-se em um conjunto de referências de horizonte e/ou lugar, no qual os participantes, por meio da linguagem, formam seus processos de entendimento intersubjetivamente. A solidariedade aparece como recurso mediador.

Ainda no mesmo autor (2003, p.127), o conceito de mundo sistêmico dado por Habermas consiste em “modos estratégicos de ordenar as consequências da ação”, com a finalidade de atingir um objetivo específico. No mundo sistêmico, o desenvolvimento dos indivíduos caminha em direção a um nível cada vez mais alto de racionalidade técnica. O poder e o dinheiro aparecem como o recurso mediador, assim, a evolução do sistema é medida pelo aumento da capacidade de comando.

Habermas (1983) nos apresenta dois tipos de conhecimento como aprendizagem: (1) aquela aprendizagem técnica e organizada do agir instrumental, identificada por Marx em relação às forças produtivas do saber prático e (2) aquela aprendizagem do agir comunicativo e da regulamentação consensual dos conflitos, para o autor como as únicas, a tornar possíveis as novas forças produtivas e o emprego.

O agir comunicativo se tornou uma de suas premissas mais importantes, constituindo-se na teoria da ação comunicativa (HABERMAS, 1983).

Segundo Freitag (1993), a Teoria da Ação Comunicativa desenvolvida por Habermas trabalha com a transparência das relações sociais e a intersubjetividade mediada pela linguagem tendo como campo de atuação a intersecção dos três mundos: o mundo objetivo das coisas, o mundo social das normas e o mundo subjetivo dos afetos.

Afirma Habermas (1983) que:

[...] o agir comunicativo orienta-se, entre outras coisas, no sentido do respeito de normas intersubjetivamente válidas [...] pode ser racionalizado apenas sob o aspecto prático-moral da capacidade de entender e de coordenar do sujeito da ação (p.33).

A Teoria Sistêmica de Habermas (apud FREITAG, 1993) trabalha mais especificamente com dois mundos: o econômico, relacionado ao capital e ao dinheiro assegurando lucro, e o mundo político, regido pelo poder e manutenção deste para um grupo dominante detentor do capital e lucro.

Esta luta pela supremacia da teoria sistêmica sobre o mundo da vida é classificada por Habermas (apud FREITAG, 1993) como colonização do mundo da vida. Em favor de manter a razão instrumental, tecnocrática e preservar o poder nas mãos das classes dominantes do mundo capitalista, o mundo sistêmico procura destruir ou ocultar as possibilidades comunicativas.

Todos os territórios na sociedade contemporânea estão sob a influência do mundo sistêmico, regidos pelo dinheiro e pelo poder. Assim sendo, a colonização do mundo da vida influencia diretamente os indivíduos, impossibilitando-os, muitas vezes, de concretizarem seus projetos de vida.

Segundo Ciampa ([1987] 2011), vivemos em um mundo capitalista. Nossa sociedade e relações são constituídas sob este prisma.

Considera o autor (2012) que:

O fato de vivermos sob o capitalismo e a complexidade crescente da sociedade moderna impedem-nos de sermos verdadeiros sujeitos. A tendência geral do capitalismo é constituir o homem como mero suporte do capital, que o determina, negando-o enquanto homem, já que se torna algo coisificado (p.72).

Compreender a ação de Sofia, neste momento da qual narrou, requer que dialeticamente inter-relacionemos estes conceitos: mundo da vida e mundo sistêmico com a teoria da ação comunicativa e o agir comunicativo; assim como o mundo da vida e mundo sistêmico com a teoria sistêmica e o agir instrumental apresentados por Habermas.

A única certeza de Sofia, ao ser chamada para a seleção, juntamente com seu irmão Dinho, era a de que ambos queriam o emprego.

A empresa (S.E), parceira do acolhimento institucional, visava preparar os indivíduos para o mercado de trabalho. Suas regras são estritamente instrumentais e de racionalidade técnica, como apresentamos acima nos conceitos de teoria sistêmica e mundo sistêmico.

Ao ser chamada para a entrevista, o objetivo da empresa era entender o pensamento de Sofia, se este se adequava, ou não, ao que o sistema exige. Por isso a pergunta estratégica, sabendo que o irmão também estava na seleção de candidatos. O objetivo era saber em quais regras Sofia iria se apoiar: se na relação instrumental e técnica do profissional ou se nas relações familiares, constitutivas do “mundo da vida”, identificar qual seria a mais evidenciada.

Ciampa (1977) destaca que é na socialização secundária que a pessoa adquire os conhecimentos especializados, é o momento em que interioriza o contexto institucional, a instituição escola, o mundo do trabalho, ou qualquer outro que tenha contato.

Portanto, o que a sociedade predica, de forma subliminar no próprio processo de socialização, é preparar os indivíduos para competirem, neste caso, para o mercado de trabalho. Ainda que envolva a relação do mundo da vida, como aconteceu com Sofia, o que prevalece é o mundo sistêmico. O “sujeito oculto” da ação na atividade ao qual Sofia está colocada - o “Projeto Jovem Parceiro” é o capital e o mundo sistêmico, mediado pelo poder e pelo dinheiro.

A Sofia-abandonada de ontem que teve uma história marcada por não reconhecimento, apresenta-se hoje como Sofia-acolhida institucionalmente, que sonha com um projeto de futuro e ingressar no mercado de trabalho. A narradora, na condição de adolescente, ficou muito incomodada com o fato de ter que “competir com o irmão”.

Porém, a Sofia de então, ao ser acolhida institucionalmente e se ver “reconhecida” em suas necessidades, está mais confiante para atingir seus objetivos, embora ainda manifeste medo, principalmente do irmão não conseguir a vaga.

A Sofia, durante a entrevista, vê como única possibilidade ter o emprego, apresentar-se exclusivamente como uma profissional que visa apenas as relações estratégicas de trabalho em detrimento da relação familiar com o irmão. Acreditamos que esta foi a possibilidade que Sofia visualizou ao responder à pergunta da psicóloga na entrevista.

A adolescente reflexiva e questionadora tinha um objetivo e usou das estratégias que conhecia para conseguir alcançar seu sonho visado.

3.18. A personagem acolhida, que se permite questionar e refletir começa a pensar no futuro, ao ingressar no mercado de trabalho

Sofia acolhida institucionalmente, ao receber a notícia de que havia passado na seleção, começa a pensar no futuro. Saber que, agora, todo o mês teria seu salário, significava muito para ela. Acompanhemos:

Aí depois de... quinze dias, a gente recebeu a notícia que a gente tinha passado [...] que a gente ia fazer parte do projeto. Eu e meu irmão. A gente passou na seleção. E eu falei: - *Caramba!* E tinha um.... Um tempo de projeto [...] você podia ficar no projeto Jovem Parceiro. E ali você tinha... várias atividades, várias. Aí todo o quinto dia útil você recebia o seu dinheirinho [...] Tinha uma conta salário. Era tipo o jovem aprendiz que é hoje. Na época era... o aprendiz.

Conta-nos Sofia que, assim como eles, outros adolescentes daquele acolhimento institucional também foram aprovados no projeto.

Sofia está começando a vislumbrar planos para o futuro. Percebemos em sua narrativa que novas transformações-metamorfoses ocorrem com a narradora. Prossegue sua narrativa contando que, no período da manhã, eles estudavam na escola e que às 13h30minh tinham que estar no trabalho.

E a gente começou a aprender várias coisas ali dentro: aula de matemática, reforço, aula de português, costura... Um dia na semana, que a gente costurava e colocava [...] esse projeto de costura, dentro da empresa. Que os próprios funcionários vinham as roupas e pagavam pra gente... costurar pra eles. Fazer uma barra... Era uma forma de ajudar o projeto e [...] ele era mantido pelo... pelo próprio dono. Então [...] estimular, trabalhar, ter responsabilidades. E ali... A gente foi criando responsabilidade. Abrindo vagas... e dentro da S. E., pra funcionário, tipo estagiário. Entrava como estagiário. [...] Então, foi isso que aconteceu. O meu irmão, Dinho chegou num topo. Num topo qualik da S.E. Porque ele entrava dentro da sala do diretor. Ele (deu uma parada) se destacou bastante dentro da S. E. Ele conversava com o [...] diretor. O diretor do projeto e o diretor da S.E. Ele se chamava Peter na época. Eu não sei nem se ele está hoje dentro da S.E. (respira fundo) [...] Eu aprendia várias coisas...Aulas de engenharia porque [...] os professores da gente era só os... (respira fundo e busca ar) os TOP Mesmo. Só engenheiro... Engenheiro elétrico... que ensinava a gente a ligar um Led. Fazia [...] Ética, estatística de matemática. Uma porção de coisas você começa a aprender lá dentro. Falar o português... É isso [...] Depois voltava pra casa.

Na época em que eles recebiam o vale transporte, o sistema de transporte ainda era feito em bilhete de papel. Sofia narra que, às vezes, para economizar um dinheiro, eles voltavam a pé um bom trecho quando saíam às cinco da tarde, a fim de sobrar bilhete para saírem no final de semana. Esse procedimento era adotado não só por ela e o irmão, como por outros adolescentes do mesmo acolhimento que estavam no projeto.

A narradora prossegue sua história descrevendo situações do cotidiano, desde as ocorridas dentro do acolhimento até na escola, no período noturno:

Eu acho que eu fiquei uns quatro anos também no abrigo, quatro anos. Aí eu conquistei a liberdade dentro do abrigo, né. A responsabilidade. Aí eu comecei a estudar, fazer o primeiro ano... no Morgana, que é atrás do antigo São Lucas, o abrigo [...] Eu comecei a estudar a fazer o primeiro ano, quando na verdade eu já estudava no Machado de Assis. Que é ali perto da V. Iara. (respira fundo) Aí... (faz uma pausa) com a Roberta eu tinha mais liberdade. Eu lembro que eu chegava as seis horas, tomava meu banho e me arrumava. E as vezes, encontrava a Roberta lá as seis horas. Aí ela falava assim: - Ei Sofia, você não vai jantar não? Eu falava, aí Rô... Me dá um dinheiro pra mim comprar um lanchinho lá na escola. Na verdade, eu queria guardar, né. Pra mim poder fazer outra coisa no outro dia. (respira fundo) E aí ela falava: - *Ah, tá bom*. Aí ela pegava da carteira dela assim e me dava. Dois reais. Aí eu chegava na escola e aí comprava salgadinho. Aí todo mundo da sala comia. Porque eu tinha bastante gente... que eu era do povo para o povo. (respira fundo novamente) e [...] comprava um salgadinho Fofura... Não dava pra mim... pra eu comer sozinha. Eu tinha que dividir com todo o mundo. Meu, era muito engraçado... muito, muito, muito. Aí, pô caramba! Nem pra comprar um lanche... Sozinha que... Eu conheço a escola inteira. Vai vir todo mundo... que não era aquela coisa que só eu e uma pessoa comia. Era eu e seis, sete pessoas.

Um destaque ao seu relacionamento com Roberta, coordenadora do acolhimento, pois merece nosso olhar. Percebe-se que a cada dia essa relação de amizade e confiança se fortalece. Sofia relata ter mais intimidade com ela. Assim, traz detalhes desse relacionamento:

Aí eu lembro... lembro [...] a Roberta, várias vezes, esquentava a comida no micro-ondas. E eu falava: - *Ai, mamãe... esquentava a comida pra mim*. Aí ela ia lá, porque a tia sempre deixava nos tupperware, né... da cozinha. Pra poder esquentar. E dar pra gente de noite. E eu tinha que comer antes, porque se eu quisesse comer na volta, eu comia. Aí tudo bem. (respirou fundo novamente) Aí eu resolvi que ia comer antes. Que às vezes, eu comia depois na escola e eu não queria [...] Chegava onze horas e não queria comer [...] Aí a Roberta sempre esquentava a comida pra mim, sempre.

A confiança estabelecida na relação permitia a Sofia trazer, abertamente, questionamentos do que observava no cotidiano da casa, até sobre atitudes erradas que percebia da parte de algum educador.

Embora a instituição fosse diferente, muito mais próxima do que predica o *Estatuto da Criança e do Adolescente* - ECA – art. 101 (BRASIL, 2012), ainda assim havia problemas internos de condutas “erradas” de alguns educadores foram percebidos e comentados por Sofia à coordenação. Sofia, neste sentido, continua questionando e denunciando aquilo que percebe contraditório aos seus princípios.

E às vezes, tinha uma discussão com a Roberta, sempre que eu falava... ia [...] Falava... Tinha uma tia lá, eu não lembro o nome. Não sei se o nome dela era [...] Ai, não sei se era Rose... Não lembro o nome dela. Ela pegava as coisas do abrigo e ia roubava, levava pra casa dela. A gente recebia várias bolachas, sabe [...] Essas coisas? E ela levava. Porque eu já peguei... Peguei ela várias vezes... ela colocando na bolsa dela. Bolinho... Que tinha várias doações de bolinho. Que tinha um negocinho dentro.... E ela levava... embora. E eu falava pra Roberta: - *Rô, ela tá aa...tia está pegando as coisas lá embaixo.* E às vezes, acreditava, mas fechava o olho. Falava: *Rô! Ela tá fazendo isso, tá fazendo aquilo...* E achava que era implicância nossa. Implicância nossa. Porque a gente também era arteiro. Muito arteiro no abrigo. (respira fundo) Muito, mas assim... Não que... ia desrespeitar o mundo, mas assim de falar... *Rô!.. tá errado, olha aqui ó...* A tia tá fazendo isso... a tia me fez isso no final de semana. E eu não fiz nada. Porque achei eles fazem um relatório né... Todo o dia, eles fazem um relatório. O pessoal da manhã. E o pessoal a tarde. Porque dava continuidade. Se a criança tava de castigo. Tinha que deixar de castigo. Aí eles conversavam entre eles e deixava de castigo. Ou de castigo de.... não ver filme... ou de assistir televisão. Mas nunca assim... Depois que eu fiquei lá... Eles levantavam a mão ou... me bateram, nem nada. Pelo contrário. A gente começou a criar carinho.

A narradora segue sua história relatando sobre os procedimentos adotados pelo acolhimento em vários aspectos do cotidiano. Desde os relatórios efetuados diariamente pelos educadores para mencionar quem estava de castigo por um erro cometido, sendo privado de algum passeio, até a nunca ter presenciado qualquer ato de violência dentro daquela instituição, naquele período.

Uma frase que merece destaque é o momento em que ela fala que “*a gente começou a criar carinho*”. Isso denota o quanto a instituição estava contribuindo positivamente para a narradora nesta fase.

Outro ponto que ganha notoriedade é quando ela destaca como foram importantes as experiências vividas, tanto no trabalho, quanto neste acolhimento institucional no que tange ao aspecto de “criar responsabilidades”.

Observemos que é indicado nas *Orientações Técnicas* (BRASIL, 2009) a importância de “proporcionar o crescimento gradativo da autonomia”, de forma condizente às diferentes faixas etárias, no qual a “liberdade deve ser vista como parceira da responsabilidade” (p.22). Neste aspecto, é importante acrescentar ainda, as referências de “favorecer a construção de projetos de vida e o fortalecimento do protagonismo” (p.54).

Para Elkonin (1960 apud ANJOS e DUARTE, 2016), “as exigências do meio social impostas aos adolescentes bem como as novas responsabilidades a ele confiadas, são fatores determinantes no desenvolvimento psíquico nessa idade” (p. 203).

É nesse período também que Sofia nos conta sobre a sua primeira balada:

A primeira vez que eu fui pra uma balada na minha vida foi no abrigo. Eu tava no abrigo (deu uma risada) né. Que a tia deixava sabe aquelas matinêzinhas? E a primeira balada que eu fui... posso dizer né... eu tinha dezesseis anos. A primeira vez que eu dei um beijo na verdade, né [...] Fui para o Cabral. Que tem ali na Pedra Bonita. Que era na tarde de domingo.

Para Sofia foi importante essa balada, sobretudo, por toda a história de repressão vivida na instituição total, onde o acesso a comunidade lhe era negado. Estabelecer relações com seus pares, conhecer novos espaços e novas experiências só vem a enriquecer seu universo simbólico.

3.19. Sofia-adolescente descobre que é possível sonhar com o futuro profissional e vai se descobrindo na atividade que realiza

Sofia, depois de ficar um tempo no Projeto Jovem Parceiro, recebe o convite de estagiar em um hospital. Assim, ela não perde a oportunidade de ganhar novas experiências. Entretanto, vamos deixar ela própria nos contar.

Por que eu recebi uma proposta dentro de um hospital, o Hospital Martins, de estagiar lá. Mas eu sabia que lá era concursado. Só o pessoal concursado. E eu sempre tive na cabeça que... o pessoal do abrigo era... Era do estado. É do governo... Na verdade, não era [...] Eu sai da S. E. [...] Eu sai antes de terminar o projeto. Porque eu recebi uma proposta para trabalhar dentro do RH, como um estagiário. Porque é tipo um projeto social. E ali eu ganhei um pouco mais. Era

uma outra... eu comecei a ter uma outra visão [...] Aí a Roberta veio e conversou, falou se eu queria... Eu falei: - É uma outra oportunidade, né. Não vou perder. Aí eu peguei e fiquei... lá... no RH do Hospital Martins. O hospital de doido né... Deeee... só Jesus! Aí eu fiquei... eu gostava, por que acho que aí que eu comecei e nunca mais larguei. Eu queria sempre fazer RH. Que aí eu comecei a querer cuidar das pessoas... cuidar da folha... Como que... é paga... A porcentagem e faz conta... e como sai o salário da pessoa... Então aí aquele pessoal ali... Me acolheu como umm... uma filha. Sabe? Sabiam da minha história real, sabia que eu era de um abrigo, que ali era um trabalho social deles também. Era tipo um projeto Eu aprendiz, né? E ali... Aí eu... Eu fui indo, aprendendo, aprendendo.

Por meio da atividade que desempenha no trabalho, Sofia se metamorfoseia, isto é, ao se reconhecer na atividade, identificando-se com ela, ao mesmo tempo vai criando condições que possibilitam a aquisição de autonomia.

Novamente, em evidência à importância da “atividade” no processo identitário, o quanto esta ganha notoriedade no processo de constituição do ser.

Segundo Leontiev (1978, p.173 apud LEAL e MASCAGNA, 2016):

Na própria organização corporal dos indivíduos está implícita a necessidade de estabelecer um contato com o mundo exterior, para subsistir devem atuar, produzir os meios de que necessitam para a vida. Ao influir sobre o mundo exterior, o transformam, e com isto, eles se transformam também. Por isso, tudo o que são está determinado por sua atividade, que por sua vez está condicionada pelo nível de desenvolvimento que alcançaram seus meios e formas de organização (p.223).

Para Ciampa ([1987] 2011), a atividade do homem se constitui no seu trabalho. É no trabalho que o homem gera seu próprio sustento e constrói o meio histórico e social do qual faz parte. Enquanto processo dialético, permite ao indivíduo adquirir autonomia de ser, constituir-se e existir. O trabalho é condição para o processo de humanização.

A despeito de seu contexto histórico social, permeado por muitos períodos em que não houve “reconhecimento”, Sofia evidencia pela narrativa, a importância desse momento, revelado no trabalho que realizava.

Neste contexto, destaca a comemoração de seu aniversário promovido pelas pessoas que trabalhavam com ela no RH (setor este que ela referendou como muito grande dentro do hospital) naquele período.

Eu tinha feito só um aniversário na minha vida. Que foi na casa da minha avó. Foi quando eu descobri a minha idade, que eu não sabia.

E ali eu... tive o meu aniversário (começou a mudar a sua voz por ficar emocionada). Tipo... as meninas, a diretora do RH era a maior brava, mas ela gostava de mim [...] Cheguei de manhã... e as meninas falaram: - Oh, Sofia! Acho que Cleusa o nome dela [...] a Cleusa pediu pra você subir na sala dela. Que era uma morenona alta, eu morria de medo dela. (respira fundo) *Aí... Caramba... o quê? Mas eu não fiz nada gente [...] Eu não fiz nada dessa vez.* Eu tipo entregava documento lá na sala... na clínica médica na psiquiatria... Uma coisa de louco. Ummm... Naquelas... UTI que tinha que ver... Nossa! Era forte [...] *Ah, mas eu não entreguei o documento errado! Ah, mas está te chamando [...]* *Aí no que eu subi lá, eu fiquei umas duas horas conversando com ela. Ela falava isso, isso, aquilo... não sei o quê...* *Aí elas falaram assim: - Então tá bom. Agora pode ir... eu não lembro o assunto que ela abordou comigo na época. Aí eu descí. Aí quando eu... descí eu falei: Nossa! Gente aí que medo, só tá eu sozinha aqui. Onde está todo mundo? Aí eu falei: - Tá tudo escuro... Nossa! E fui. Aí as portas estavam fechadas que na época no hospital lá... antigo, né. Abria assim né, e mostrou com as mãos (o gesto de como abria a porta). Não era porta normal [...] Quando eu abri a porta assim. Tava todo mundo do RH, [...] bexiga para tudo quanto é lado e aí eu comecei a chorar. Aí eu falei: - *Ai gente, eu nunca tive um aniversário!* O pessoal falava: - *Não chora, não sei o quê.* É que eu nunca tive aniversário, tive festa na minha vida. Eu não sei nem o que é isso... Então vocês... fizeram pra mim? Fez e eu... (respira fundo e emocionada) Eu só chorando por causa disso. Agradei e tal... Pela oportunidade. E aí eu falo, que ali eu também gostei muito de estar.*

É notório em sua narrativa a importância que Sofia atribui aquela comemoração. Assim como a emoção vivida e revelada não somente pelo choro narrado, como pela voz embargada ao narrar o episódio. Em seu relato evidencia-se também a gratidão atribuída ao grupo de companheiros de trabalho pela atitude e gesto de carinho dedicados a ela com esta festa de aniversário. Para ela, essa comemoração tinha o sentido de “ser reconhecida” enquanto ser humano, colega de trabalho e profissional.

Sofia narra a respeito das atividades e relações vividas no interior da instituição, tanto as quebras de regras, quanto as repreensões. Destaca esse momento como uma fase boa dentro do acolhimento.

É tem a... tem a fase boa. Que a gente leva bronca, que a gente jogava as folhas... as revistas, brincava de chinelo, de guerra de chinelo. Eu, o Guga, não lembro se a Safira tava... O Milton, o meu irmão, a Soraiá. Eu lembro dessas pessoas que a gente fazia muita bagunça. Guerra de comida. A Rita, a Lara, a gente fazia muita bagunça. E a Roberta chamava a atenção da gente... muito, muito, muito (deu risada).

Embora Sofia tenha boas recordações do acolhimento institucional em que se encontrava, em especial da sua relação com a coordenadora, ela também traz na narrativa algumas queixas do que é ser institucionalizada.

Assim, revela-nos que a própria Roberta, em alguns momentos, tinha seus “pitis”. Destaca, porém, que embora a Roberta chamasse a atenção deles

pelos erros cometidos, sempre era muito educada e carinhosa na forma de falar, nunca humilhou ou maltratou ninguém.

Sua atitude propiciava que as crianças e adolescentes gostassem dela e por ela tivessem muito respeito, apesar das broncas e castigos imputados, privando-os de alguma atividade.

Enfatiza, a narradora de hoje, que eles, na condição de adolescentes, aprontavam muitas coisas consideradas erradas dentro do acolhimento, por isso a equipe de profissionais obrigatoriamente tinha que se manifestar.

O tempo passou, Sofia ficou quatro anos neste acolhimento, extrapolando o tempo permitido pelo *Estatuto da Criança e do Adolescente*, que é o de sair ao completar 18 anos. Diz-nos a narradora que permaneceu lá até os 19 anos. Nesse intervalo de um ano a mais, segundo a narradora, a Roberta teve uns seis meses para adaptar... arrumar a sua casa, a casa que era de sua mãe, a casa onde Sofia passou sua infância.

Ao observarmos o ECA (BRASIL, 2012), art. 101, lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990, o acolhimento institucional é destinado, como medida provisória, às crianças e aos adolescentes entre zero e 18 anos incompletos e que, por necessidades específicas, foram destituídas de sua família de origem.

Após completar os 18 anos, conforme as *Orientações Técnicas* (BRASIL, 2009), o estado disponibiliza as Repúblicas, espaços estes destinados ao atendimento de jovens que atingem a maioridade em serviços de acolhimento para crianças e adolescentes e que ainda precisam de apoio no período de transição.

Está destacado no mesmo documento (BRASIL, 2009) que:

[...] devem ser organizados serviços de acolhimento em Repúblicas, como uma forma de transição entre o serviço de acolhimento para crianças e adolescentes e a aquisição da autonomia (p. 54).

Bem como, para jovens que:

[...] em processo de desligamento de instituições de acolhimento, não tenham possibilidade de retorno à família de origem ou de colocação em família substituta e que não possuam meios para auto-sustentação (p.85).

3.20. A Sofia-que-gostou-de-ser-acolhida vê seus sonhos de futuro ameaçados por ser obrigada a sair do acolhimento

Sofia segue sua história dizendo o quanto foi difícil o momento de ter que sair do acolhimento institucional, quantas dúvidas e incertezas para o futuro.

Foi difícil pra mim...sair do abrigo, foi muito difícil. Se eu pudesse falar. Eu queria morar aqui eternamente. Hoje eu queria morar eternamente. Tipo... porque você acaba criando um vínculo... com as crianças do abrigo. Então pra mim é difícil, porque quando eu sai de lá, (respirou fundo) eu pensei: Como... O quê que eu vou fazer? O quê que vai ser da minha vida agora? Né... O que eu vou fazer? Aí passava várias coisas na minha cabeça, né. Eu falei: - Eu não tenho família... Não tenho ninguém pra me apoiar. O quê que eu vou ser agora? Então foi difícil você... E eu ter que ir. Cada dia adiava. Cada dia aparecia uma coisa que não dava pra sair. Minha casa não estava pronta. Né... que a gente teve que... (respira fundo) éeee hummmm Meio que mexer umas coisas lá, né. Ai a gente juntou um dinheiro, né. Existia uma conta bancárias no juiz, eu e meu irmão. Onde cada um tinha a sua.

Sofia reconhece que neste acolhimento recebeu carinho, atenção e escuta. Por isso sua afirmativa de “querer morar ali eternamente”, ainda mais evidenciado pela insegurança do que seria o seu futuro ao sair dali.

Uma frase importante desta narrativa a destacar está em forma de pergunta: O quê que vai ser da minha vida agora, o que eu vou fazer?

Todos estes anos, da infância à adolescência, sua vida foi intercalada por períodos institucionalizada e outros não, porém, todos foram marcados por muitas dificuldades, deixando marcas profundas para a Sofia que está sendo hoje. Ela não se sente preparada para essa emancipação, pois tem medo do futuro. Ela tem autonomia suficiente para esta mudança?

As incertezas para o futuro aparecem como decorrência de seu processo de socialização e das políticas de identidade das instituições pelas quais transitou. As novas configurações reunidas em seu entorno lhe possibilitam novas metamorfoses. Apesar dessas transformações estarem na direção do desejado – ter sua casa e morar o com irmão, implica em perdas – as relações na instituição lhe proporcionavam segurança e afeição. Como bem fala Ciampa ([1987] 2011), todo processo de metamorfose significa uma relação dialética de morte e vida, certamente isso gera conflitos e sentimento de vulnerabilidade em Sofia.

Desde sua infância seu processo de socialização foi permeado por incertezas e inseguranças. Aqueles que eram seus significativos, em muitas das circunstâncias, não lhe davam ouvidos (familiares).

Na continuidade desse processo, na socialização secundária, a escola como ponto fundamental a dar suporte para a constituição de seu futuro foi permeada por várias interrupções, como consequência da transitoriedade nas instituições intercaladas com curtos períodos na casa da avó. Neste sentido, a segurança e confiança que poderiam ter sido efetivadas e garantidas ano a ano, não se concretizaram.

Em seu contexto histórico e social, podemos dizer que as instituições pelas quais Sofia passou conseguiram propiciar a narradora as possibilidades para uma boa autoestima e confiança em si e no futuro a sua frente?

Diante das possibilidades oferecidas à Sofia, ela internalizou aquilo que seu entorno lhe permitiu. Podemos dizer que nesta última instituição Sofia se permitiu estar sendo diferente, por reconhecer na realidade social objetivada outras possibilidades e, sobretudo, ver-se reconhecida e escutada.

Assim, neste período, a narradora teve muito aprendizado e metamorfoses. Contudo, e seu projeto de futuro?

Aí surgiu. Uma outra oportunidade. Aonde foi eu trabalhar aqui na Cepa. Em um restaurante. Porque eu tinha que ter um emprego fixo, pra poder sair do abrigo. Pra ter como me manter, né. Tinha que fazer isso daí. Aí eu tinha feito uma entrevista lá... Mas era para ser balconista. Pra trabalhar de segunda a sábado [...] Na época, eu falei: - *Caramba! O quê que eu vou fazer?* Porque eu só consegui estágio. Eu sei que não vou ser contratada porque é só quem faz concurso. Então eu tinha isso na minha cabeça. Talvez se eu tivesse... lá. (no hospital) Eu acho que eu teria... como me encaixar. Porque [...] a gente fala que não, que é só concurso. Mas sempre tem um jeitinho. E eu trabalhava dentro do RH, né. Então eu sempre tenho contatos. O pessoal tem contatos lá, então podia fazer alguma coisa para me encaixar. E até hoje eu falo, se eu tivesse ficado lá, eu tinhaaa... entrado naquele meio. Podia até fazer uma provinha ali... Mas iam me encaixar. Aí eu fui... Fui eu, a Soraia e o Milton. E a Soraia e o "*Milton passou*". Eu não passei. Aí tá bom. Aí Soraia não quis, né porque a Soraia tem as diferenças dela lá...né... Eu ia... Aí falava para o outro. Nunca esqueço o que ela falou (começou a rir). Que o Vini falou aqui: *Eu morria de fome, mas não trabalhava lá.*

3.21. Diante das incertezas do futuro, surge a personagem trabalhadora na luta para manter o sonho

Sofia relata sobre a importância que dava às oportunidades que surgiam. Faz as suas escolhas pensando no futuro e se revolta com a companheira do acolhimento por não aceitar o emprego. A narradora não vê problema em trabalhar nos finais de semana, porque entende que a oportunidade lhe trará as condições de que necessita para se manter e ter garantido o seu sustento após a saída do acolhimento.

Aí eu vivi... aquilo ali me revoltou. Meu você é... Eu não sei nem o quê é a palavra [...] Eu falei: *aí você é ridícula, você prefere morrer de fome, mas é uma oportunidade...* É difícil. Mas ela: *não!... Não vou trabalhar de sábado e domingo! Ah... domingo eu quero descansar.* Eu falei: *tá bom.* Aí eles resolveram me chamar. Aí o Milton foi.

Segue Sofia sua história destacando outras oportunidades.

Aí depois de um tempo... Eles abriram outra oportunidade. Porque na verdade... É assim. Eles ajuda, mas é uma... forma tipo de você... Puxar mais, sabe? Você poder exigir um pouco mais. Tipo ali eu não trabalhava de graça. Eu trabalhava e tinha um salário [...] Era acho que... uns quatrocentos e cinquenta reais na época. Só pra mim. Quatrocentos e cinquenta reais! E eu falava: - *Aí! Eu vou sair do abrigo. E pra onde eu vou sem...* (para por um instante) *sem trabalho.* Eu tive que aceitar. Aí fiquei [...] Eu e o Milton. O Milton ficou um bom tempo lá.

Ao contar sobre as oportunidades emergidas no seu cotidiano, observam-se os valores socialmente construídos que foram internalizados por Sofia. A questão do esforço pessoal de cada um e que, mediante seu empenho, as oportunidades irão surgindo. É dessa forma que a ideologia dominante naturaliza também o mundo do trabalho e as oportunidades de crescimento profissional.

Segundo Souza (2009), a “legitimação do mundo moderno como “justo” está fundamentada na meritocracia [...] na crença de que [...] se leva em conta o “desempenho diferencial dos indivíduos” (p.22).

Esta crença ideologizada de que as oportunidades vêm mediante nosso esforço pessoal, está naturalizada na sociedade contemporânea e internalizada nas individualidades pelo processo de socialização. A narrativa, aqui em questão, expressa fortemente a ideologia dominante que controla o trabalhador.

Sofia prossegue sua narrativa nos contando como era seu cotidiano, nesse período em que trabalhou no restaurante. Ela ainda não havia saído do acolhimento institucional.

Apesar de trabalhar direto, tendo apenas uma folga por semana, que geralmente era às segundas-feiras, nem por isso deixava de sair com os amigos

quando era convidada. Ficava cansada, porém saía com eles sempre que possível. Relata, contudo, que nem sempre aguentava, porque era uma rotina puxada de entrar às 8 horas da manhã, sair às 16:30h e depois ir para a escola à noite e trabalhando também nos finais de semana.

[...] eu já cheguei a trabalhar doze horas lá. Doze horas e aí era puxado Era puxado. Eu também gostava. Eu só ia porque... porque eles precisava.

Não sabemos, ao certo, se Sofia tem consciência do que afirmou nessa frase, entretanto, podemos arriscar algumas suposições. A primeira se refere à Sofia estar visando seu futuro e, na condição de precisar de um emprego para garantir sua saída do acolhimento, sujeita-se a atender a necessidade do empregador. A segunda, como também mencionou gostar do trabalho, Sofia a faz sem perceber que idealiza a função que desempenha, vendo-a como natural. Em ambas as perspectivas se evidencia a personagem com características de submissão – a escrava. Na concepção de Lane (2012), é a alienação da ideologia dominante sempre presente, porém não a percebemos.

Afirma Markus (1974 apud LEAL e MASCAGNA, 2016) que:

A alienação presente no processo produtivo transforma o trabalho em atividade que esvazia o homem, que deve submeter-se cada vez mais à exploração para garantir sua existência, sem poder, por via de regra, dedicar-se às atividades enriquecedoras de seu desenvolvimento psíquico (p.223).

Para Ciampa (1977), a alienação surge devido à existência de distintos universos simbólicos (muitos divergentes) daquele que predomina sobre os demais, chamado pelo autor de oficial. Este universo simbólico, chamado de oficial, representa-se por ter mais poder de produzir a realidade e até de controlar a socialização no papel da escola, no trabalho e em distintos territórios.

Segundo o autor (1977), faz-se necessário compreender que, a partir da existência de distintos universos simbólicos, uma classe dominante no mundo capitalista financeiro atual e globalizado luta pela defesa e manutenção do poder, a favor de seus interesses. A configuração, enquanto ideologia dominante, ocorre exatamente quando essa concepção se transforma em absoluta, isto é, quando são impostas às outras camadas sociais e naturalizadas por estas.

A partir destas concepções, observa-se que Sofia, ao assumir o papel social de trabalhadora, vive-o sob as regras sociais já internalizadas no processo de socialização.

3.22. A trabalhadora que adquire poder de compra e de ir e vir

Sofia traz na lembrança a compra do primeiro celular. Acompanhemos:

Foi a primeira vez que comprei um celular. (respira fundo e depois da risada prossequindo) Não tinha nada naquele celular. Era "O CELULAR". Teve uma vez que eu cheguei 08 horas, e a gente estava cansado... Eu...(fez uma pausa) nunca me esqueço desse dia em que eu cheguei e os meus amigos ligou: - *Onde você tá? Eu acabei de chegar do trabalho, né.* Eles convidando pra sair. E eu falei: *Não! Não vou não.* Aí falaram assim: - *Se arruma que a gente tá chegando aí pra sair. Vê se você pode sair?* Eu falei: - *Eu não posso. A tia não vai deixar.* Aí tia: *posso sair?... pode.* Então: *Mas a que horas você vai chegar? Eu vou chegar no outro dia.* Não podia, mas a tia deixava. A Rô sabia sempre. Aí tá bom. Eu sempre avisava onde estava. E o que estava fazendo e a hora que iria chegar no lugar... tinha que estar lá. Então está [...] *Eu volto só de manhã.* Aí eu tinha um pouco dessa liberdade.

Assim, ao ser reconhecida como trabalhadora, adquire também o poder de ir e vir com restrição: pedir autorização e prestar conta.

Sofia relata vários episódios dessa fase no acolhimento. Das saídas com os amigos, dos pedidos de autorização para sair e dos consentimentos dados pela equipe gestora.

Merece destaque o relato da primeira viagem que realiza:

Aí teve uma vez que... eu nunca tinha ido viajar. Nunca. Aí eu... ele estudava lá no Morgana e eu, o Milton e a Soraia. Era sempre a gente que fazia as coisas. Aí ela já tinha pedido pra Roberta. Mas ela não ia deixar... a gente viajar... Não podia... Né, o abrigo não liberava. Não podia.... as normas [...] Aí eu peguei e falei: *já sei.* Aí eu falo que eu vou trabalhar. Aí eu menti lá no serviço. Falei que ia ficar em casa. Ia ser feriado e que eu ia ficar em casa.... Ia pegar esse feriado e passar com a minha avó. O Milton também falou que ia ficar com a mãe dele. Aí só tinha o meu patrão era amigo da Roberta né. E sempre conversava para saber como estava o nosso comportamento [...] Eu falei: *Rô, esse final de semana eu posso ficar na casa da minha avó?* Aí eles falaram assim: - *Tá pode ir.* Que eu falei: - *Eu vou na sexta, depois da aula. Ou antes para não ficar tarde pra ficar na rua.* Aí...então tá bom. *Na verdade Rô, eu vou no sábado porque trabalho na sexta, no sábado e já vou direto.* Aí no... Era em um dia, na segunda, Terça era feriado... Na segunda-feira. Aí um menino na minha sala, que era o maior amigo.... Hoje é um dos meus melhores amigos, que é o Valdo. (respirou fundo) Que estudava com a gente.... E ele falou assim: - *Vamos pra minha casa de praia, que é na Praia do Forte, na V. Tupi.* Aí eu falei: - *eu?* Convidou, achei o maior legal... tá. Aí tá bom. Eu falei: - Então eu vou pedir pra tia, que ele conhecia a Soraia né... Aí eu falei:

- *Então eu vou pedir. Ai... Não vamos pedir. Cada um faz isso... e a Soraia fala que vai pra outro lugar porque a Soraia não tinha família. Pra onde que ela ia? O que ela ia inventar? Eu sei que... não lembro a história que ela inventou pra Roberta...*

Eles foram viajar para a praia e eram todos menores de idade. Foram em quinze pessoas e ficaram no apartamento do seu amigo Valdo. Para Sofia, foi a melhor experiência. Contou-nos que foi tudo muito legal, porém o pior foi quando retornaram. A coordenação e todos do acolhimento já estavam cientes de que eles haviam mentido para viajarem. Ao retornarem, levaram a maior bronca da equipe da instituição. Segundo Sofia, ficaram um mês de castigo, um mês sem poder sair, sem nada.

Aí eu falei: - Ai, Rô, se a gente falasse a verdade você não ia deixar. Ela falou: - E se acontece alguma coisa com vocês lá? O abrigo é responsável. Eu falei: - É mas não aconteceu... E a gente está aqui [...] A gente falou: - É Rô... a gente falou: você não ia deixar a gente... mas valeu a pena [...] A gente ter ido. Porque o que a gente aproveitou lá [...] Ai todo mundo ficou sabendo... e tal.

Percebemos nesse episódio que, apesar da submissão, Sofia burla a regra. Na busca de viver novas experiências, ela adquire características peculiares que expressam outra personagem, mais fortalecida na sua relação com os pares.

Destacam Anjos e Duarte (2016) que, para o adolescente, a opinião de seus pares sobre si e suas qualidades tem mais valor do que a opinião dos adultos. Neste sentido, a relação grupal prevalece e a opinião do grupo tem mais peso. As novas experiências com seus pares possibilitam novas identificações e reconhecimento fundamentais no processo de identidade.

A narradora nos traz outro episódio que evidencia a metamorfose: A trabalhadora submissa, ao ser reconhecida pelos pares do convívio institucional, revela-se como revolucionária.

Aí teve uma vez, dentro do abrigo. Que... tinha uma tia lá que chamava tia Ana. Ela era muito legal. Ela não pegava no nosso pé. Mas também quando ela falava, tinha que obedecer. Ela era São Paulina, amava jogo. E teve uma vez que eles mandaram ela embora. Estava tendo corte na época. Ou fizeram alguma mentirinha, queimaram ela na casa. E ela era antiga... ou... não lembro se ela pediu as contas pra trabalhar em outro lugar, não lembro. Acho que foi... não. Ou mandaram ela embora, não lembro se foi. (fez uma pausa, parecia pensando no assunto) Eu sei que a gente fez uma rebelião naquele abrigo... mas uma... acho que a tia Eva, que mandaram embora, ou foi tia Ana. A gente fez uma rebelião... e a gente fez uns cartaz bem grandão. E escrevemos: PCC. Uma coisa que a gente nem sabia o quê que era...

PCC. Comando Vermelho... sabe... A gente entende que é coisa do mal... coisa que rouba, mas a gente não sabia mesmo... na pratica aí de colocar... Aí a gente ficou fazendo greve lá no abrigo... E as vezes batia nas portas. E gritava: - Queremos a tia Eva. Queremos a tia Eva. Que era uma tia da noite. Ela era muito brava, mas era muito legal.

Sofia prossegue contanto este fato e a repercussão do ocorrido:

[...] eles mandaram ela embora e a gente fez uma rebelião. Mas uma rebelião que até o seu Madeira²⁶ foi lá. (fez uma pausa e respirou fundo) A Roberta ficou tão brava, mas TÃO brava, que [...] seu Madeira foi lá pra dar tipo um... um gelo na gente. Que a gente não sabia nem o que era o PCC e nem o que era nada pra ficar falando essas coisas. Que a gente podia sim ir pra FEBEM e ser punido. Aí... ele chamou a gente, lá, fez o maior drama. E a Roberta também ficou tipo de “mal da gente”. Aí ele foi lá que ele era o presidente, né. Aí a gente falou: - *Ah, seu Madeira a gente gosta dela e a gente contou um monte de coisa pra ele.* (respirou fundo) sem saber quem era ele na verdade, né. Aí a gente ficou... Ficamos de castigo. Fomos quase expulsos do abrigo. (respirou fundo) Falou que ia expulsar eu, a Soraia o Milton, a Rita, a Lara que a gente era os maiores e... levava os menores pra fazer a mesma coisa. (respira fundo) Mas... A gente fez muita bagunça no abrigo.

Outra contradição posta, que deve ser tratada com cuidado, é a adolescência enquanto fase de grandes descobertas, que se representa nas próprias vivências e relações que estabelecem com seu grupo, seus pares e também com o mundo ao seu redor. Neste aspecto, faz parte deste universo vivido por eles o contexto sócio-histórico da sociedade em que vivemos.

Os meios de comunicação costumam apresentar como natural várias questões referentes aos presídios brasileiros e à antiga FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), enfatizando a violência e estigmatizando ainda mais os que neles se encontram. A questão da violência é naturalizada nos meios midiáticos.

Segundo Souza (2017), nas sociedades contemporâneas, existe uma hierarquia moral que nos é apresentada naturalizada. Essa hierarquia é exposta na ação midiática, especialmente quando separam homens e mulheres de primeira e segunda classe, ao estigmatizar raças e classes sociais.

Nesta separação encontramos homens, mulheres, crianças e adolescentes pobres, em sua maioria negros, estigmatizados como delinquentes naturais. Impossibilitados pela própria segregação imposta socialmente, de

²⁶ Sr. Madeira era o responsável pela ONG que fazia parceria com a Prefeitura de São Paulo. E era ele quem administrava, “presidia” a ONG, como relatado pela Sofia de hoje. Pela narrativa, na época, percebe-se que eles não sabiam quem era ele.

serem portadores de direitos. As rebeliões e manifestações por reivindicação de direitos, acabam na mídia de forma naturalizada.

Ao serem naturalizados, acabam sendo compreendidos assim até mesmo pelas próprias crianças/adolescentes do acolhimento institucional. Como destacado por Elkonin (1987 apud ANJOS; DUARTE, 2016), os adolescentes reproduzem com seus pares as ações vividas por adultos. Não foi diferente neste contexto, muito embora, sem mesmo entenderem direito de quem se tratavam, quando citaram fazer rebelião e mencionaram o PCC²⁷ (Primeiro Comando da Capital).

Por outro lado, a sociedade brasileira atual tem em seu contexto histórico as rebeliões ocorridas com adolescentes da antiga FEBEM, esse aspecto é muito presente e forte na história.

A FEBEM era uma instituição total. Segundo observações de Bierrenbach (1987), as instituições totais têm dois lados: para as classes populares atua como instrumento de opressão e para as elites hegemônicas dão amparo e foro de respeitabilidade e garantem a própria segurança.

Estar em um cenário no qual este antagonismo está presente o tempo todo, a produção de conflitos e insegurança por parte dos internos tenderá a ser constante, mesmo que os conflitos sejam subjetivos, criando fatalmente possibilidades da legitimação de realidades ou situações marginais.

Como destacam Berger e Luckmann (2014):

[...] as realidades de situações marginais têm grande importância na vida cotidiana porque constituem a mais aguda ameaça à existência naturalmente aceita e rotinizada na sociedade (p. 129).

Atualmente, após a constituição do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (BRASIL, 2012) - ECA, art. 101 de 13 de julho de 1990, esta tensão diminuiu porque foi claramente delimitado a separação nos dois tipos de serviços, cabendo à Fundação Casa receber os adolescentes que cometeram algum ato infracional (art. 103 e 104 do ECA, 1990) submetido às medidas socioeducativas.

²⁷ Primeiro Comando da Capital – PCC – Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma facção criminosa nascida em São Paulo, mas que hoje está presente em mais de 20 estados brasileiros e em outros países próximos do Brasil, como Paraguai e Bolívia. (fonte de referência – internet – disponível em <<https://www.estudopratico.com.br/o-que-significa-pcc-no-crime-saiba-mais-sobre-essa-facciao/>>)

Não nos cabe, neste momento, dissertar sobre esse serviço, entretanto não podemos deixar de mencionar.

Enquanto instituição, o acolhimento apresentou seu olhar sob o ponto de vista das instituições e suas respectivas normas internas, ou como menciona Ciampa (2002), indicado pelas políticas de identidade.

Podemos observar que a ideologia dominante para manter a ordem e a harmonia interna na instituição prevalece, como também já foi observado, quando falamos da família. O objetivo ideológico é quebrar qualquer intento de alterar essa harmonia, como afirmado por Reis (2012). Ainda mais em uma ação coletiva, como está sendo relatado pela narradora.

Ciampa (2002) em oposição as políticas de identidade, nos apresenta no contraponto, as identidades políticas conceituadas como menciona (DANTAS, 2014) citando (CIAMPA,2002): “lutas pela emancipação de diferentes grupos sociais, que, em sua coletiva revelam velhas ou novas opressões” (p. 139), identidades essas que buscam viver os seus direitos baseados em princípios éticos, nos valores que acreditam importantes para suas vidas.

A experiência da rebelião e sua repercussão dentro do acolhimento institucional, com certeza, permitiu a narradora internalizar novos significados, assim como aos demais moradores.

O relato de Sofia nos possibilita identificar que a rebelião ocorrida pode ser compreendida para além de uma rebeldia e/ou uma forma de requisitar direitos, e sim como expressão de identidades em processo de autonomia. Reinventando o desempenho de seus papéis sociais ao negar o imposto e determinado, como bem nos apresenta Habermas (1983). O referencial de quem estão sendo adquirir princípios próprios.

3.23. A personagem acolhida institucionalmente, trabalhadora, teme a proximidade de ser “desabrigada”

A história de Sofia está prestes a ter outra mudança muito significativa. Conta-nos a narradora que ela ficava desesperada ao pensar que se aproximava sua saída do acolhimento.

Aí antes de sair, eu ficava desesperada porque eu chegava na escola... eu tinha... parecia que eu tinha data pra sair. Falava pra Rô. – Você precisa... precisa ir e tal... Conversando né. E eu chorava, chorava.

Chorava, chorava, chorava. Eu tava no terceiro ano (respira fundo) no Morgana. Eu tava pra terminar. E eu falava: - *Caramba!*

Sofia nos conta que sua saída do acolhimento ocorreu exatamente no ano em que estava cursando o 3.º ano do ensino médio. Lembremo-nos que Sofia saiu do acolhimento com 19 anos. Observamos em sua narrativa que a preocupação para o momento de sua saída começou desde que completou os 18 anos, ano esse em que cursava o 2.º ano do ensino médio.

Assim, vamos destacar alguns aspectos importantes deste respectivo ano, que irão contribuir fundamentalmente para a constituição de quem Sofia está sendo.

Ela narra fatos de sua história relacionados ao seu ambiente escolar, das relações estabelecidas com os amigos de sua classe.

Na minha sala [...] eu sempre brinquei com todo mundo, sempre fui do fundo, na verdade [...] Que eu gostava de conversar... estudar pra mim era... só tempo de prova mesmo. Estudar...tudo. E [...] bagunçar. Aí eu comecei a criar vários amigos (dá uma risada)

Ela nos apresenta uma amiga do segundo ano que passou a ser uma referência importante na sua vida, a partir de então.

Teve uma vez que eu tava no segundo ano. Eu conheci uma menina que ela entrou no meio do ano na minha sala. Ela chama Alana, né. E... ela sempre sentava sozinha, no canto da parede. Fazia as coisas dela e tal... E eu sempre tive vontade de conversar com ela. Sabe quando você olha pra cara da pessoa e fala assim: - *Nossa! Eu quero falar com você.* Mas... alguma coisa... E eu olhava pra cara dela e falava: - *Oi Lana... Eu conheço você de algum lugar. Só que eu não lembro da onde é* [...] Ela dava um Sorriso e falava assim: - *Sério?* E eu falava: - *É, mas eu não sei te falar de onde. É uma coisa diferente... E eu sinto um carinho por você que nem conversando com você nem sabendo quem você é, eu já sinto.* Ela falou: - *Nossa! Legal!* Aí eu comecei a andar só com ela. Falar com ela, sentar com ela. A fazer as minhas atividades perto dela [...] Sair do fundo. Fiquei no meio.

Sofia prossegue a narrativa dizendo que as suas quatro amigas do fundão foram se afastando dela devido à proximidade com a nova amiga Lana e pararam de falar com ela. Alegaram que Sofia havia se esquecido delas, por isso se afastaram. Sofia questionou afirmando que estavam com ciúmes e também se afastou, passando a andar apenas com Lana.

A narradora trará mais detalhes desta amizade que foi se fortalecendo aos poucos.

E... essa Lana, ela falava de mim na casa dela. Sem eu saber...E ela falava: - *Mãe! Conheci uma menina assim, assim, assim.* Aí... só que

ela não sabia da minha história. E ela conversa comigo, fala que conhece eu de algum lugar. E a mãe dela é evangélica... Ela é evangélica... (pausa por um instante)

3.24. A adolescente institucionalizada apresenta críticas à condição do estigmatizado

Com críticas aos estigmas, criados socialmente acerca da criança e do adolescente institucionalizado, Sofia explica quem ela é, o que sente e porque o silêncio, muitas vezes, marcou sua relação com o outro não institucionalizado.

[...] Não é pra todo mundo que você podia falar que você era do abrigo... você tinha que... porque [...] às vezes [...] É excluída. As pessoas acham que um abrigado é... marginal, é da FEBEM. Né, pode até ter passado pela FEBEM, e tá numa... né. Mas a gente... eu tinha meio que um preconceito, na verdade... né, comigo mesma. Por... eu num... não era uma criança... não roubava nem nada [...] Só... a minha história, a minha vida, foi... diferente. Diferente pra quem tinha um pai e uma mãe. Né... a minha [...] E eu sempre achei que eu... (respira fundo) eu... era menos ali [...] pra aquelas pessoas que tinham pai e mãe. (para por um instante) Então... eu não falava.

Afirma Goffman ([1961] 2015), ao falar de instituição fechada e posterior análise da constituição do “eu”, que as: “[...] instituições fechadas são exemplos de desfiguração e de profanação do ‘eu’” (p.31). Neste sentido, ao observarmos a história de Sofia, não é por acaso que os internos se sintam como inferiores, fracos e culpados.

Embora Sofia tenha, em seu percurso histórico, a experiência de outras instituições que “não totais” e ainda períodos em que ficou fora da instituição, ainda assim, revela a marca interiorizada de adolescente inferior, estigmatizada por não ter sua história constituída em um lar com pai/mãe, uma família.

Segundo Goffman ([1961] 2015), o “eu é sistematicamente mortificado” (pp. 24-25) ocorrendo mudanças significativas para o indivíduo, mudanças essas que são muitas vezes consideradas irreparáveis e irrecuperáveis.

O mesmo autor ([1963] 2013), ao discutir sobre o que se constitui como uma carreira moral, ele a relaciona às pessoas que tem um estigma, destacando que:

As pessoas que tem um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativas à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu [...] com uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais (p. 41).

Goffman ([1963] 2011) complementa que este processo se dá em duas fases: A primeira sendo aquela em que o sujeito incorpora para si o ponto de vista dos normais, adquirindo as crenças da sociedade mais ampla e uma ideia do que significa ter um estigma particular. A segunda fase em que ele aprende com mais propriedade o que significa ter um estigma e, posteriormente sincroniza as duas fases, construindo para si as bases do que significa ser estigmatizado em uma sociedade e as possíveis consequências.

Os vínculos mais fortalecidos permitiram a narradora se abrir e contar sua história de adolescente acolhida institucionalmente para a nova amiga. Acompanhemos essa passagem:

Aí eu falei: - Lana, eu não sei se você conhece algumas pessoas daqui da sala... Ela falava: - E sua mãe? Aí eu não conseguia mentir... né. E pra ela eu falei (respira fundo) A Lana eu vou... falar uma coisa pra você. Tem algumas pessoas aqui na sala, que elas são de abrigo. Calma... mas, a gente não é nenhum... bicho do mato. A gente convive normal... todo mundo. E tem algumas pessoas daqui que já conhecem a gente. Aí eu comecei a contar a história pra ela... (engoliu seco)

Conta, ademais, sobre seus medos e inseguranças por estar saindo do acolhimento.

Aí eu falei: - Lana! Euuuu... Tô saindo do abrigo. Eu tô... Fico perdida, eu tenho meedo... Eu tenho medo [...] eu falei que eu tinha medo de... tipo... virar qualquer mendiga, sabe? Tipo... não tem estrutura. Você já passou uma vida... não tem ninguém [...] ou o meu medo era... de virar uma menina (suspira) de rua...de (fala bem baixinho) catar papelão, sabe... Eu tinha muito medo disso. Muito medo. A vidaaa... me deu muito. É... era muito tapa na cara, mas eu sabia que eu não ia... Mas que estrutura eu ia ter? (respira fundo) Minha avó não podia me dar. Eu sei queee... Era difícil, néé. Aí eu [...] falei pra ela. Ela falou: - Não Sofia, calma! Eu sei que Deus pode mudar a sua história. Olha que história bonita... você tem [...] né. (Ela) me... colocava de pé. Sempre! [...] Aí no outro dia ela me levava um bombom e assim ela ia me conquistando. Ia conquistando mais... e as meninas iam se afastando e as meninas me criticando... E assim foi.

Neste relato, repleto de emoção, Sofia nos apresenta abertamente sua angústia de se transformar em algo que ela nunca quis ser. Confirma o quanto se sentia inferior aos demais colegas de sua sala, que não haviam passado pela mesma condição dela. Revela seus medos em relação àqueles que lhe são significativos (sua avó) não poderem dar o suporte que necessita.

Recorremos aqui a Santos e Boucinha (2011, p.36) na tentativa de compreender o que a narradora nos diz:

As marcas da institucionalização e transitoriedade habitam suas vidas e possuem dificuldades de concluir ou fixar-se em atividades, em construir histórias diferentes das prescritas nas experiências de abrigados.

Segundo as autoras, todos levam uma experiência da institucionalização. Sofia está insegura quanto ao futuro, mesmo nos momentos que permitiram alguma segurança afetiva, esta era cortada pela transitoriedade de retornar a uma instituição.

3.25. A saída do acolhimento institucional faz surgir a personagem “Sofia-mulher”

A narradora traz informações importantes sobre o seu período de transição para a saída do acolhimento. Fala-nos das pessoas que a ajudaram a arrumar sua casa para o seu retorno. Inclusive sobre o período de adaptação para o novo lar dali por diante. Conta-nos que esta já era outra fase, a da Sofia-mulher, quando completou 19 anos e tinha que sair do abrigo. Não era mais possível estender o prazo.

Eu tive que sair do abrigo. (faz uma rápida pausa) E porque minha casa já tava mais ou menos reformada né. [...] O meu chefe lá dá... desse restaurante, que tem ainda, ele que ajudou. Doou alguns valores. O pedreiro ele pagou, que era o pedreiro dele. (uma rápida pausa, respirando fundo) Ele pagou. Ajudou a gente na casa, tudo. Doou as coisas. Doaram “os piso”, né. Que é uma casa simples, mas ele ajudou. Doou. A Roberta foi junto comigo escolher o piso, escolher algumas coisas que eu pude colocar lá. (respira fundo) E essa fase aí.

Nesse período da adaptação, após concluída a reforma de sua casa, Sofia passou inicialmente a ir aos finais de semana para casa, enquanto durante a semana ficava no acolhimento. O objetivo era ter um período de adaptação para a saída definitiva. A narradora relata que, aos poucos, começaram a ser mais frequentes suas idas para casa, até que acabou se efetivando a mudança.

Sofia, porém, nos conta que não ficava propriamente na sua casa, mas na casa de sua avó. Desse período de transição à definitiva mudança, a narradora apresenta seu cotidiano e a relação com a avó.

Eu ficavaaa.... na (engole seco) casa da minha avó. Mas minha avó, achava que eu não estava na escola. Que eu estava fazendo coisa errada. Sabe aquela coisa de idoso... Idoso assim né... de gente antiga? Acha que a gente está fazendo errado... Então ela achava isso.... Então era todo dia, eu chegava era meia noite e meia. Saía da escola onze horas, chegava meia-noite e meia... Quinze para a meia-noite. E ela achava que eu tava naaa... nas coisas da vida. E nada... Porque eu acordava às quatro da manhã pra tá a sete ou oito horas lá na Cepa. Que é um inferno a Av. São José de manhã.... E ela sempre achava, trancava a porta. Eu... tinha que ficar lá, várias vezes chamando ela, porque ela não podia me esperar até eu me expor. Porque ela achava, que eu tava...não tô.... E batia lá na porta e às vezes, não abria porque tinha dia que não escutava. Assim nessa fase foi difícil. Eu só criei um pouco de mágoa.... também depois dessa fase da (respira fundo puxando o ar) da minha avó.

Como nos relata Sofia, este foi um período muito difícil em que ela criou mágoas pela forma como sua avó agia. Em nenhum momento a narradora nos trouxe algum diálogo com a avó sobre esse fato, apenas o entendimento que ela própria tinha da situação.

Sofia revela porque não ficou na sua casa, na verdade não conseguia ficar devido às lembranças.

Mas, eu não consegui entrar dentro da minha casa. Porqueee... A minha casa, (respira fundo) minha mãe passou... Aí [...] é toda a minha história, a minha infância. (respira fundo) A [...] doença da minha mãe.... Ela ficou lá, né. Dentro da minha casa. Mesmo que eu reformasse ela, (respira fundo novamente) [...] Eu ganhei alguns móveis, algumas doações [...] uns móveis eram tipo de escritório. Sabe assim... num guarda-roupinha. Um [...] eu sentia feliz com tudo o que eu tinha. Tinha uma cama que a Rô me deu lá... (respira fundo mais uma vez) Não é dos melhores, mas era um básico que eu poderia ter [...] que o abrigo poderia me oferecer... na época. (respira fundo novamente) E [...] Eu não ficava... Eu demorei MUITO prá ficar, prá me adaptar lá. Adaptar a aquela casa, porque eu lembrava muito aquela casa, as coisas que minha mãe passou... toda a história da minha mãe. (para por um instante) [...] E não tava do jeito, que eu queria as vezes. Eu olhava..., tinha que ficar sozinha. Naquela casa. (respira fundo) E foi... foi difícil.

Seu processo sócio-histórico, sua história toda constituída ali naquela casa. As lembranças falavam mais alto e dificultavam a sua adaptação.

Conta-nos Sofia que a situação se agravou mais ainda depois que seu irmão foi passar um final de semana com ela e ele acabou passando muito mal. O fato assustou muito a narradora e lhe trouxe a lembrança de que seu irmão, em tempos anteriores, havia passado por uma cirurgia cardíaca.

Esse fato ocorreu quando Sofia ainda se encontrava no acolhimento São Lucas, sob a coordenação da Roberta, e eles trabalhavam no projeto “Jovem Parceiro”. Tínhamos um convênio médico, o melhor da época, e ambos foram fazer um *check-up*. Fizeram um teste ergométrico e, no teste do Dinho apareceu que ele tinha arritmia cardíaca e que era necessário operar. Segundo Sofia, era necessário pedir autorização para a família por ser uma cirurgia de risco, porém ele ainda era menor de idade.

Eles tinham que operar.... E como ele era de menor. E tinha que pedir autorização pra família. (ao irmão mais velho) A gente tinha que ir saber... o quê que estava acontecendo que talvez o meu irmão não podia [...] a cirurgia era de risco muito grande. Ele poderia sobreviver ou não. Mas ele era um adolescente normal.

Sofia relata que, nesse processo, ela e a Roberta acompanharam todo o procedimento.

[...] ele chegou lá no Hospital Conceição, acho que era seis horas da manhã e ele só entrou pra fazer a cirurgia, (respira fundo) acho que era meio dia. E ele só saiu da sala de cirurgia, eram umas dez pras seis... Porque era uma cirurgia de risco, né. Aí, a Rô foi dar uma volta, foi resolver umas coisas e falou: - *Ó Sofia, por enquanto que ele está lá, você fica aqui no quarto, né. Porque às vezes, precisa de um familiar e você está aqui. E eu vou fazer... qualquer coisa você me liga.* Aí eu lembro que a enfermeira abriu a porta com tudo, assim e falou: - *Quem é a família de Dinho?* Aí eu falei: - *Eu. O quê que você é irmã?* Eu falei: - *Sou irmã dele...* E eu sem estrutura nenhuma... assim toma outro baque né. Eu falei: - *Mas o que aconteceu com meu irmão?* Ela falou: - *Vem aqui na sala, vem aqui na sala, vamos...* Ele está na UTI. A gente subiu pra UTI porque o... remédio tinha pipocado todo o corpo dele. E ele estava se batendo. E os médicos entendeu o quê? Que foi alguma reação de alguma medicação. Mas que... se a família estivesse ali por perto, ele escutar a voz, ele poderia se acalmar. E ele não conseguia.

Sofia ficou muito angustiada com o que ocorria e conta que ligou para a Roberta no celular.

Eu falei: *Rô, vem pra cá, o Dinho tá passando mal. Tá se batendo e os médicos...Eu vim no telefone e o médico ficou ligando pro cirurgião, falando que a... a cirurgia dele não foi 100% do que eles esperavam. E provavelmente ele vai ter que usar um marca-passo. Ele tinha apenas dezesseis anos na época. Aí a Roberta veio, me chamou de lado. Eu estava desesperada. Agora o meu irmão vai morrer, agora só falta ele morrer. Eu falei: *Rô, ele vai morrer!* Ai a Roberta falou: *Não, calma! Calma!* Eu falei: - *Vai porque a cirurgia não foi 100% e o médico falando que o meu irmão pode ter qualquer parada cardíaca.* Eles estavam com medo de ter parada cardíaca (respirou fundo).*

Sofia se sentia impotente para ajudar o irmão doente, o desespero dela era grande e perceptível na própria narrativa.

Aí tiraram ele de perto de mim e levaram ele lá pra UTI e ficou lá [...] tentaram reanimar ele. Aí ele ficou calmo e... (deu uma rápida pausa) voltou. E os médicos explicaram pra gente que não foi 100% a cirurgia do que eles esperavam [...] Por ele ser jovem... não vai precisar usar o marca passo. Porque ele teria que trocar não sei em quantos anos. E, talvez, ele podia ter qualquer outra reação.

Após essa cirurgia, Sofia tem grande preocupação com o irmão. A narradora conta que depois que ele passou por essa intervenção cirúrgica, ele passou a reagir diferente às situações.

[...] ele começou a ter (para por um instante) eééé... reações, que era... de... segurar. Sabe não ter emoção? A maioria das pessoas que tem problema de coração, eu sei é que segura, né? Guarda pra si, às vezes, a gente acha que não, mas isso ajuda.

Os sentidos atribuídos por Sofia para a atitude do irmão o ajudavam a lidar melhor com as emoções e isso para ela era o suficiente.

Entretanto, voltemos ao ponto em que tínhamos parado, que fez Sofia lembrar da cirurgia do irmão. Sofia estava indo para casa em um final de semana e Dinho, seu irmão, acompanhava-a.

Sofia levou suas queixas ao irmão, porque para ela estava muito difícil a fase que vivia de desligamento da instituição e a atitude da avó naquele período. Assim, chegou a ele certo dia:

E eu falei: - *Dinho vamos comigo, que eu estou com medo, eu não quero ir sozinha...* (para por um instante) – *Vamos comigo?* Ele falou: - *Vamos.* Aí ligou pra tia do abrigo e falou: *ó tia eu vou ficar esse final de semana, lá na casa da minha avó, com a Sofia, tá?* Ai a tia falou: *então tá bom.* E fui. (respirou fundo...) Quando eu cheguei lá... O portão tava fechado...Os “*dois portão*”. Tava tudo escuro. (respirou fundo novamente) [...] Tava começando a garoar e eu comecei a chorar, né. Eu falei: - *Dinho, a vó não acredita que a gente tá...* Eu falei: - *Que a gente estava na escola.* Eu falei: - *É humilhação.* Eu contei pra ele, todo o dia eu passo por isso. Aí ele falou: - *Calma! A vó não está escutando.* Eu falei: - *Não!* Às vezes eu vejo ela, o vultinho... dá pra ver, pela porta assim. Às vezes, a vó está acordada, a luz está acesa. (dá uma pausa). Aí ele falou: - *Calma Sofia!* Aí eu acho que ele já ficou... ruim. E ele estava tentando controlar. Aí o neto da minha avó veio e abriu o portão. Ele falou: - *Entra!* Que a casa dele é na frente da minha avó é atrás. Aí a gente entrou e minha avó demorou pra abrir a porta. Porque a gente via a luz do quarto dela acesa... Demorou, demorou. Aí ela veio abriu a porta, colocou a chave na mesa e foi pro quarto. E nem falou com a gente.

Então Sofia propôs fazer um Miojo para eles comerem, enquanto isso Dinho ficou no quarto se arrumando e Sofia foi tomar um banho. Só que antes de ir ao banheiro, retornou ao quarto, primeiro para lhe oferecer uma banana e depois para pegar sua toalha. Foi quando ela o pegou chorando. Vamos deixar Sofia contar essa parte:

Aí tava assim (faz um movimento com a cabeça, abrindo a boca) chorando. Chorando... sabe aquele choro de... guardado? Que fica soluçando assim bem... (imita com a voz o soluçar). Assim que não consegue respirar e... Ele tava assim. Aí eu falei: *O quê foi?* E ele falou: - *Nada, e aqui nele* (aponta no peito dele) *acelerando, acelerando*. Aí eu botei a mão nele aqui assim óh! E (aponta novamente no peito) e falei: - *Calma, calma!* Que eu não podia chamar a minha avó, né. Que ela não sabia... Aí eu ficava passando a mão no peito dele (esfrega as duas mãos para imitar o som de esfregar o peito) assim e falava: *Calma, Dinho a vó... a vó não entende, as vezes...* Ele falou: *Porque que a gente tem que ficar passando isso aí?* Aí começava a chorar. E eu passava a mão no peito dele, aqui assim (demonstra passando a mão no seu próprio peito) e falava: - *Calma Dinho, você não vai morrer*. Eu não queria que ele visse que eu tava nervosa. Ele não poderia ver isso em mim, porque se não ia ficar mais assustado.

Todavia, o desespero de Sofia aumentou e ela não se conteve e chamou pela avó, que veio em seguida, toda preocupada perguntando o que havia acontecido. Dinho, porém, respondeu apenas que estava triste e deu vontade de chorar e só. Não falaram mais nada sobre o ocorrido. Tudo isso abalou ainda mais Sofia, deixando-lhe mais uma lembrança ruim ocorrida na mesma casa. Para a narradora, o que aconteceu com o irmão foi, segundo ela, “a gota d’água” para dificultar ainda mais a sua adaptação à casa.

A Sofia-de-hoje se constitui em uma adolescente fragilizada, incapaz de ajudar o irmão e as vésperas de ter que seguir sua vida sozinha, obrigatoriamente fora do acolhimento.

Sigamos com a narrativa. Sofia havia contado sua história para a amiga Lana. Esta, por sua vez, sempre com palavras de apoio e conforto, levantando o ânimo da narradora.

Aí teve um dia que ela falou: *Oi Sofia, tudo bem?* Eu falei: - *Tudo Lana*. Ela falou assim: - *Aí, vamos lá falar com a minha mãe*. Do nada ela falou. A mãe dela... Só que ela chegou pra mim e falou: - *Vamos falar com a mãe!* Eu falei: - *Mãe???* (deu uma pausa) Eu falei: - *Filha! Eu nunca... Eu nunca... eu não conheço sua mãe. A MÃE é SUA. Não é minha. Eu não tenho mãe*. Ela falou: - *Eu não sei nem porque eu falei isso...* Ai eu falei: - *Mas a mãe é sua. Então ela é minha tia*. Eu vou conversar com ela [...] Aí eu falei pra ela: *Aí Lana, eu tô com vergonha.... Tô com vergonha*. (respirou fundo) Ela falou: - *Não!* Então ela ligou: - *Oi mãe tudo bem... quero saber só como estava aí...* A gente estava na escola e tal. Ela falou: - *Mãe, você não sabe quem tá aqui,*

comigo do meu lado... (respira fundo) Ela falou: - A Sofia.(engoliu seco) Aí ela falou... aí deixa eu falar com ela [...] A minha mãe quer falar com você. E eu falei: Eicchhiiii.... Aí eu falei: - Oi tia! Ela: Oi filha tudo bem? Tipo... é o tratamento, né. Eu falei: - Oi, tudo... Ela falou: - Aí quando você vai vir me conhecer? A Lana fala bastante de você. Eu falei: - Fala??? (fez uma pausa) Eu falei: Ah! Essa menina nem me falou nada.... Eu falei: - Aí tia pode deixar que um dia eu vou. Qualquer dia eu vou. A Lana que não me convida, mas... Se a senhora me convidar, convidando eu vou [...] Que o nome da mãe dela é Berenice. Aí tá bom. Recebi vários convites, mas nunca dava certo porque eu estava sempre cansada... sempre. Aí ela falou: - O Sofia, vamos na minha casa hoje? Aí eu falei: Ah...Lana, vamos. Aí aaa... casa dela estava cheia de gente lá. Aí a gente foi ela passou na minha casa, que ela veio do serviço e a gente foi na V. Carlota. Que ela morava lá. E eu morava ali na V. Pires, no abrigo, né... Aí eu falei: - "Vamo". Aí peguei e fui. Quando cheguei lá, todas as irmãs dela... Ela tem um... cinco, quatro meninas e um menino, com ela né. Aí todo mundo me esperando. Aí eu falei: - NOSSA!

Sofia narra que quando chegou à casa de Lana, havia outras pessoas lá. Lana explicou que essas pessoas eram da igreja e que, às vezes, elas davam cela na casa dela. Não explicou mais nada a Sofia sobre o significado de “dar cela”. Mencionou apenas que, mais para frente, Sofia iria entender o que isso significava. Conta-nos Sofia que acabou a cela e elas ficaram lá.

Aí a mãe dela começou ... contou, (que) desde o momento que você foi falar com a Lana, né... minha filha. No outro dia ela chegava aqui... Ela só sabia falar de você [...] da sua história. Aí começou a perguntar do abrigo, né. (respirou fundo) [...] Aí eu falei, eu comecei a contar a história do abrigo pra ela, tal... Ela falou: - NOSSA! É a primeira vez que eu conheço uma pessoa de abrigo... ela falou. Aí elaaa... começou a ter carinho. Ela [...] ela falou: - A Lana falou que você está saindo do abrigo, né.... E tal... (respirou fundo) Aí eu falei: - tô.

Sofia traz uma frase nessa passagem que pode nos indicar algum aspecto “muito significativo” à narradora: “*aí ela (Berenice) começou a ter carinho*”. Sofia nos dá indícios que uma relação mais forte se configura para elas. Temos que acompanhar a história para desvelarmos o sentido atribuído a essa frase.

A narradora prossegue falando o quanto foi difícil todo esse período, pois era muito cansativo os horários que tinha que enfrentar diariamente. Desde o acordar às quatro horas da manhã, até chegar da escola depois da meia-noite. Sofia começou a falar para Lana o que estava vivendo e sentindo.

Ai Lana, estou cansada... às vezes a minha avó nem acredita que eu tô indo trabalha... E eu nem [...] Trabalho entro as quatro e chego (respira fundo) meia noite e meia.... Você acha? Que eu ia chegar meia noite e meia... a semana inteira entrando às quatro? Eu não aguento. Eu falei: - Aí, Lana só que [...] tá difícil.

Sofia relata que Berenice, mãe de Lana, vinha buscar a filha na escola todos os dias. Certo dia falou com Sofia.

Aí ela falava assim... você vai embora sozinha essa hora... Você é uma moça. Não dá pra ficar até onze e meia na rua, né. É ruim, tem tanta gente ruim, e onde você mora não é tão assim [...] Eu falei: - Não Berenice, mas eu chego rapidinho... Minha avó fica lá esperando, né...

Depois desse dia, Sofia diz que a mãe de Lana começou a ficar preocupada, e começou a insistir para Sofia que fosse ficar na casa dela.

Fica na minha casa. É mais perto pra você trabalhar [...] Aí sabe quando você quer e não quer. Você não quer dar trabalho pra pessoa. Aí eu falei assim. Então eu vou [...] Aí eu falei: - Eu vou, mas eu não vou ficar dormindo na sua casa não. Eu não quero atrapalhar.

Até que a narradora acabou aceitando dormir lá. Conforme nos contou, ela chegou a dormir uns quatro dias seguidos na casa de Lana. Após isso, a insistência para Sofia morar com elas foi cada vez maior, até que Lana falou:

- Sofia! Sofia, vem morar com a gente. As minhas irmãs já até separaram um... Uma parte do armário delas. Aí eu falei assim: Para Lana! Eu não vou. Eu tenho casa, pra quê que eu vou ficar morando na sua casa? [...] na verdade. Ela falou assim: - Não! Minha mãe falou pra você vir morar com a gente. Você não quer? Pelo menos de final de semana você pode dormir na minha casa. Aí eu falei assim: - Ah, de final de semana até durmo na sua casa, mas eu não vou morar aí.

E Sofia se recusa morar com elas por entender que estaria dando trabalho e também como relata, porque na casa já “eram cinco pessoas”. Lana tinha três irmãs e um irmão, um total de cinco filhos. Dado o contexto histórico de onde Sofia partiu, a presença dela ali seria, no seu entender, mais um gasto para a família que já era grande.

Aí eu falei assim: - Ah, Lana, eu não sei se eu vou. Aí eu tava indo assim no final de semana. Aí quando chegava lá. Ela falava: traz roupa, deixa aí, as meninas já separam até uma parte do armário. Aí dividiram entre elas uma parte pra cada uma. E deixaram uma parte pra mim no guarda roupa com duas gavetas. Aí foi assim...

Assim, a narradora prossegue sua história nos dizendo que mais uma vez foi Deus que colocou elas no seu caminho.

[...] mais uma vez colocou no momento difícil aonde eu não tinha estrutura nenhuma... familiar. Porque minha avó ajudou a gente... muito. Mas de família, de família irmã... eu não tive. Passei dezoito anos da minha vida, mas não tinha esse conhecimento de família, né... de irmão brigar com irmão, de ter uma mãe. Aí ela passou... a me

acolher, como filha. Então na medida dela eu era filha, como [...] filha dela.

A partir desse momento, Sofia aceitou morar ali com elas e passou a entender o que era uma família.

Aí eu fiquei morando com ela quatro anos. Depois que eu decidi morar com elas [...] Aí eu entendi o que é amor, o que é ter irmão, o que é ter uma família, porque Deus me deu.

Sua visão de família começa a adquirir outro significado. O cotidiano, as relações e interações estabelecidas com os moradores, tudo é novo para a narradora. Este processo vai trazendo à Sofia outra configuração de ser e se constituir. Tudo indica que metamorfoses importantes poderão ocorrer a partir da nova relação familiar.

3.26. A Sofia que outrora foi a “abandonada”, hoje começa a vislumbrar outras possibilidades ao ser recebida com carinho por uma família

As lembranças que Sofia tinha do acolhimento do interior fizeram com que ela, naquele momento, não quisesse saber de religião. Não queria ser obrigada a fazer nada como acontecia na experiência anterior. Nas palavras dela “eu não queria sentir essa obrigação, eu queria ter dentro de mim a vontade de ir lá”. Um dia, entretanto, acabou aceitando o convite e foi conhecer a igreja.

Aí eu comecei a ter (vontade de estar lá). Ela (Berenice) ter esse carinho por mim. Porque [...] ela... (engoliu seco) passou a ser meu porto seguro, na verdade [...] não que ela tomasse o lugar da minha vó, mas nem da minha mãe.

Percebemos, em sua narrativa, que Berenice passou a ser o “outro significativo” importante, uma referência para a vida da narradora. Esse período de convívio familiar permitiu à Sofia internalizar novos aspectos significativos, presentes em um novo universo simbólico, retomando aqui um conceito apresentado por Ciampa (1977).

Nesse momento de sua história, Sofia estava muito fragilizada, não visualizava possibilidades de crescimento, inclusive profissional. A presença de

Berenice começou a fazer diferença para ela. Vamos acompanhar pela própria Sofia:

Mas ela veio pra somar na minha vida. Pra falar: Ah, Sofia tem chance pra você ainda. Porque eu vivia dizendo [...] Eu vou ficar uma balconista pro resto da vida? Eu não quero. Eu sempre quis ser uma auxiliar administrativa. Eu nunca quis ser uma balconista. E eu falava – *mas eu não tenho estudo, não tenho nada. Como é que eu vou? Eu não tenho conhecimento de nada...* E ela: *não!* Ela sempre insistindo pra mim: *Você vai sim. Você vai mudar sua história.* E ela falava: - *Deus vai mudar sua história.*

A força que Sofia buscava para acreditar ser possível, passou a vir dos incentivos de Berenice e também dos encontros na igreja. Do apoio de Berenice podemos destacar essa passagem:

Ai ela sempre dizia: - Eu quero ver você na faculdade, você vai terminar seus estudos. Você vai à faculdade, você vai estudar, você vai se formar. Aí eu... falava. Eu, pra faculdade? Me formar? Eu não me via assim. E ela sempre... colocava isso pra mim. Sempre.

Em relação à igreja, Sofia nos conta que foi conhecer o ministério e passou a ter outra visão da vida. Acompanhemos mais um trecho:

Porque antes [...] Eu me sentia... Eu não sei se eu posso usar essa palavra. COI [...] Eu nunca quis ouvir essa palavra, que eu “era uma coitada”. Eu sempre falava assim: - *Não gosto que me vejam como uma coitada, não faz pra mim como seu eu fosse uma coitadinha.* Uma pessoa que passou sim dificuldades na vida, mas tenho saúde, e vou seguir em frente, independente de [...] se eu tenho gênio forte... (novamente emocionada com o nariz umedecido respira fundo buscando ar) ou sou um pouco estressada... eu gosto das coisas certa. Independente, mas nunca me vê como uma coitada, que eu detesto.

3.27. A personagem abandonada vai se transformando na acolhida-em-casa-de-família, o que lhe permite tornar-se a filha-de-família que sempre quis ser

Observando os fatos, podemos dizer que Sofia está assimilando novos conceitos e formas de ver a vida, mas, as experiências e marcas de tudo o que viveu ainda são muito vivas em sua memória. Novos valores e crenças estão sendo objetivados na realidade social. Novas possibilidades de ser e de existir.

Sofia está fazendo as escolhas significativas para ela naquele momento. Isso denota adquirir autonomia, um fator importante ao processo de individuação.

Para fazer suas escolhas a narradora faz também comparações com o ontem e o hoje. Com as pessoas de ontem e as pessoas de hoje que fizeram e fazem parte de sua história, que se relacionaram e se relacionam com ela no cotidiano.

Nesse sentido, Sofia traz para a narrativa o que foi seu relacionamento com sua avó ontem, e o que está sendo com Berenice hoje.

Ela me ensinou o que é gostar de dividir as coisas em família, ter amor de mãe [...] AMOR DE MÃE. Porque na minha avó, não tinha esse amor que é MÃE. MÃE e FILHA, por exemplo. Por mais que ela tenha as dificuldades dela, as diferenças dela. Ninguém é perfeito. (puxa mais uma vez pelo ar, respirando fundo) E ali eu tive [...] Ela (Berenice) foi me mostrando o cuidado, o carinho de você chegar, e às vezes, não estar bem. E ela ficar madrugadas e madrugadas comigo. É (para um pouco, engole seco a voz embargada, não consegue seguir por um instante e chora, depois segue com a narrativa com voz chorosa) Aí tem um dia que você não tá bem... e você fala: - *Oh! Eu não tô bem*. O quê que aconteceu... De ela olhar pra você... Porque mãe sabe... quando o filho não tá bem [...] É olhar e bater o olho e falar: - *Você não tá bem, o quê que foi?* Ah, mãe não foi nada. (se recompõe emocionalmente e prossegue) Eu chamava ela de mãe. Por que as meninas acabavaa... tendo ciúmes, né. Então eu chamava ela de Bê. Até hoje eu chamo. Aí quando não, eu mando uma mensagem de mãe. Falo: - *Mãe!*

A narrativa revela o quanto foi significativa a relação que estabeleceu com Berenice e a cumplicidade que passou existir entre elas, em uma relação de “mãe e filha”. Ter uma pessoa disponível para acolhê-la em qualquer hora do dia, suas queixas, seus medos, inseguranças, enfim, tudo o que Sofia não tinha vivido até ali. O fato de ser reconhecida como filha fez toda a diferença.

Sofia prossegue falando da relação que tinha com os “irmãos” naquela família. A narradora traz, na narrativa, o quanto eles dividiram as coisas com ela, o tempo da “mãe”, a casa, as camas, os armários etc. Da época, lembra-se de sentarem-se à mesa para comerem juntos, de brigar, bater porta e até de reclamar como: - “ah, sai que eu vou tomar banho”. A Sofia diz que, atualmente, eles têm as suas diferenças, brigas e, às vezes, ficam sem se falar.

Destaca, contudo, que o mais importante segundo ela foi o amor.

[...] eu aprendi (respira fundo) a AMAR de VERDADE. A ter uma família, por que é difícil pra mim... hoje. Era difícil [...] Quando logo que eu a conheci, era difícil eu confiar. (respira fundo puxando o ar) Tipo amar, tipo abrir a minha... abrir e falar assim: - *eu vou acreditar ou não no que você está falando*.

Novamente Sofia compara o hoje com o ontem ao dizer:

Mas sempre ficar com o pé atrás. Porque eu não sei [...] Eu vou me apegar a você e daqui a pouco você vai embora. Destino [...] né, eu falo o destino separar. Porque a minha vida inteira [...] foi isso. Eu acostumava com as pessoas e... vinha o destino e separava. Então eu... até hoje eu tenho um pouco dessa dificuldade. (respira fundo e dá uma rápida parada) [...] Não é qualquer pessoa que eu confio... sabe? Confiar de... acho que é muito difícil. Talvez criou um... bloqueio [...] Eu acredito que (dá uma parada) sim.

Sofia tem internalizado as mágoas e marcas de muitos abandonos. Isso é difícil de mudar, sobretudo, quando estas referências vêm desde a infância.

Berger e Luckmann (2014), ao debaterem a primeira socialização, destacam que o indivíduo internaliza valores e conceitos éticos que farão parte de sua vida, acrescentando que estes são muito difíceis de serem abandonados. Depois, quando o indivíduo chega na segunda socialização (secundária), os conhecimentos e elementos são menos carregados de emoção e, portanto, a pessoa tem mais facilidade de descartá-los a qualquer momento, trocando-os por outros, sem maiores dificuldades.

Para se constituir na Sofia de hoje, a narradora precisa rever a Sofia de ontem e, desse retorno, surgem novas argumentações, questionamentos, reflexões e revelações oriundas do movimento de ir e vir. É o caminho dialético do materialismo histórico, indicando os movimentos da metamorfose.

Sofia recorda os períodos intercalados entre estar com a avó e em uma instituição. Afirma a narradora que “eu nunca sabia quanto tempo ainda ficaria com minha avó”. Ao falar do hoje, da Berenice, ela enfatiza as palavras de apoio e conforto como apresentadas a seguir.

[...] ela (Berenice) sempre conversava, ela falava: - *Eu tô aqui pra somar junto com você.* É de você sentar, de chegar três horas da manhã a gente estar tomando café. (faz uma parada) É duas horas, ela fala: - Ah, vamos tomar um café?

Na continuidade da narrativa, Sofia traz outros aspectos que foram internalizados como constitutivos de quem ela é. A narradora tem clareza que, embora tivesse total liberdade na casa, dentro dela (Sofia) essa liberdade não era sentida. Ela atribui esse pensamento à necessidade de respeitar o espaço delas (família). Até em momentos como assistir um programa na televisão. As diferenças apareciam entre os irmãos e Sofia respeitava e não insistia no seu desejo.

Mas, nunca é a mesma COISA. Que você... ter a sua casa [...] eu ficava pensando dentro de mim [...] Elas estão certas. A casa é delas...né. É a mãe/pai delas. É, a televisão é dela, o sofá é dela.

Para Sofia, havia algumas diferenças quando se tratava da relação entre os irmãos, considerando ela também como irmã nesta família, como nos revela nesta passagem:

Mas, entre irmãos é diferente, né. Às vezes você xingava, eu queria assistir uma coisa. Aí não podia assistir aquilo que eu queria. E chegar eee... igual [...] eles podiam discutir entre eles, às vezes de falar, pegar o controle e assistir o que queria. (dá uma parada) Eu não! Eu até podia falaaaa... eu queria ... *deixa eu assistir lá. Não! Eu vou assistir isso. Ai você já para...né, então.* (respira fundo)

Apesar dessas diferenças, o mais importante para a narradora é que ela pode ter uma família, seu desejo de criança se concretizou agora na fase adulta. Como revelado na narrativa a seguir:

Eu aprendi... O MAIS BONITO disso TUDO, foi [...] Deus me deu uma família. Uma família, que eu sempre desejei. (respira puxando ar e se emociona novamente) sempre ter. Que era pelo menos, que Deus me desse um tempo, para eu saber o quê que é uma família, né. O quê que é você ter um lar, de pai e mãe e irmãos.

3.28. A Sofia-acolhida-em-casa-de-família descobre que não existe a família perfeita que ela sempre idealizou desde a infância, o que a faz rever sua história

A narradora começa a revelar os contrapontos do que é viver em família. Pontos estes que nem sempre concordava.

Isso porque irmão briga, mas também ama. Mãe briga porque ama. Mãe briga porque quer o melhor. E muita das vezes, a gente não entende isso. Aí elas falam: - Quando você for mãe, você vai saber o quê que é o cuidado de uma mãe [...] Porque ela sempre fala isso pra mim, e às vezes, tem coisas que eu não concordo. Que eu vejo totalmente diferente. Que mãe faz uma tempe... Não faz tempestade, né... Ela faz um dilúvio. (começa a rir) Um dilúvio né, um dilúvio em um copo [...] Fazer uma tempestade, tudo bem... mas não, elas fazem um DILÚVIO. De uma coisa, então você ficaaa... é muito difícil às vezes. E... Ali eu morei quatro anos. (puxa pelo ar, novamente e emocionada)

A narradora que idealizou a família perfeita percebe que, na realidade, toda a família tem suas diferenças, pontos de vista que se distinguem uns dos outros e as divergências aparecem.

Que às vezes, a gente acha que a família, é perfeita, né. E eu tinha isso na minha cabeça. Deus me deu uma família. Com todas as diferenças, mas eu achava que ela era perfeita. A gente saia junto, a gente não podia ficar na rua. Era toda... eu e as meninas, a gente fez tantas coisas engraçadas... que era meio que... visada assim. É a mãe

coruja, sabe... aquela mãe que [...] assim, aquela mãe que cria os filhos. Porque a gente cria os filhos pro mundo, ela não... pra ela, ela cria o filho pra ela, prá ela, na verdade... Ela é muito protetora, na verdade. Protege até demais. Chega a ser... (dá uma parada) irritante, chega a ser difícil. Porque às vezes, tem coisas que... os filhos têm que passar. Que não vai poder ficar na aba da... da mãe.

A narradora prossegue sua história destacando a importância de se dar autonomia para que “o outro” saiba resolver as dificuldades e caminhar por si.

E o dia da dificuldade [...] como que ela vai ir? Vai lutar contra isso? Vai saber sair da situação? Porque... quando você ficava [...].

Sofia relembra de uma conversa que teve com Berenice:

Eu tava num período muito difícil [...] ela tava tendo que ser forte né... (dá uma parada) pra mostrar que você é forte. Porque ela avisava muito eu. Ela falava: - *Deus te colocou dentro da minha casa [...] Poder te dar uma família.* Na verdade, ela não usou essa palavra: *E eu não posso... ser fraca. A minha família não vai ser fraca.* (faz uma parada) E... eu questionei ela, por esse momento. Eu falei assim: - *Caramba! Deus me deu uma família, e eu entrei logo na família com tudo isso!* (fez uma pausa como que pensando).

Assim, a narradora vai apontando situações do cotidiano na família que eram diferentes da sua forma de pensar. Essas situações acabavam sendo repetições do que tinha vivido nos acolhimentos.

E ali, eu falo. Já vinha de ambientes que eu tinha que ficar presa, né. Então eu nunca fui SOLTA assim. Nunca. E aí eu saí dali e fui pra uma família aonde a mãe faz isso. (faz nova pausa) Não deixa sair pra nada. Nada... assim, pra baladas... as meninas nunca saíram. Hoje elas têm vinte e poucos anos e... a mãe prende. E... assim da mesma forma a educação é pra mim também. (faz uma pausa breve) Entendeu... Aí eu peguei e... fui né, me adaptando a isso. Mas nunca com isso [...] fiquei infeliz. Porque a gente pode muito bem, se divertir. É... sem beber, sem... drogas, sem... mostrar uma felicidade naquela que... não é o nosso dia a dia. E ali eu aprendi... que eu poderia passar por tudo isso, porque ela falou: - *Minha filha não sai... minha filha não vai pra balada. Minha filha é isso, minha filha são assim.* (faz uma breve pausa) E eu falava: - *impossível* [...] Ela falava assim: - *minha filha nunca ficou com ninguém...* a mais velha. Eu falei: - *impossível! Como?* [...] Aí, ela foi contando a história dos relacionamentos dela... né, aí eu falei: *Caramba!*

Sofia prossegue falando de como ela (Berenice) agia no cotidiano não só com a própria narradora, mas com as outras filhas. Ela relembra as condições vividas nos acolhimentos e compara com o que estava presenciando ali na família:

O que eu tinha no abrigo fui ter na casa dela... Não podia sair, por exemplo. Foi difícil, mas eu, eu me submeti porque ali era uma família. Né... a gente... *“Eles nunca foi”* de... (respira fundo emocionada) de

balada [...] Assim, foi só numa fase, da adolescência mesmo, mas não era o meu... principal.

Dessa forma, a narradora de hoje nos apresenta como vê a Berenice:

... ela hoje, ela pra mim é tipo uma mãe, uma mãe que corrige a to... Se [...] tem trinta dias no mês, é quase os trinta dias no mês. Em cada mensagem. Onde você tá?

Depois desse trecho da narrativa, Sofia retrocede mais uma vez no tempo e fala de seus sonhos que teve quando completou dezoito anos:

Eu sempre achava que eu ia viajar o mundo. Sempre quis viajar o mundo.... Sempre, sempre. Sempre falava: - *Vou viver viajando*. O que eu mais amo na vida é viajar, o que eu mais gosto. Se eu pudesse, eu faria uma viagem todo o final de semana, ou a cada quinze dias. Né, eu sempre tive isso, desde quando eu completei dezoito.

3.29. A Sofia de hoje percebe que não mais se manifesta enquanto personagem acolhida-em-casa-de-família e tão pouco repõe a Sofia abandonada, porque esta foi superada

Sofia ao ser acolhida por Berenice e sua família se depara com a realidade vivida no cotidiano familiar. Com essa nova experiência, ela desfaz o seu ideal de família e reinventa a forma de estar sendo filha. O importante para ela é conquistar autonomia no processo de estar sendo, isto é, transformar-se na Sofia que deseja e não na Sofia que os outros desejam.

Eu já vim de uma família... desestruturada né... DIFÍCIL. Onde a gente não tinha nada, então eu aprendi. E eu coloquei na minha cabeça quando eu fizesse dezoito anos, eu ia viver a minha vida. Eu não ia... obedecer ninguém. Porque a minha vida sempre foi de regras. REGRAS, REGRAS, REGRAS. E hoje eu falo: - *Quebra as regras, vou quebrar as regras*. Porqueeee... eu sempre tive que fazer as coisas que as pessoas mandavam. Eu nunca tive opinião, poder opinar: *eu não quero fazer isso, eu queria fazer isso*. Eu sempre tive REGRAS, REGRAS, REGRAS. E não é de uma regra BOA. Era [...] tipo... uma regra que... machucava sabe... Uma regra que... que tudo o que me ensinavam era [...] pra me machucar. Era tudo pra me machucar. NADA foi bom pra mim, nesse período.

A Sofia-de-hoje fala como foi viver em família e do seu processo de adaptação:

Né... foi tudo muito difícil, então... até a eu me adaptar a uma família, (engole seco) foi difícil. Porque você tem que se adaptar [...] àquela família, que você tá, né. Aí você começa a criar diferentes hábitos (respira fundo).

Viver na família sob a mesma condição dos acolhimentos não era mais possível para a narradora, porque a Sofia-de-hoje é outra, constitui-se diferente.

Ao selecionar aquilo com que se identifica, a narradora está expressando sua autonomia de “ser para si” no seu processo de individuação.

Habermas (1983) destaca como parte importante ao desenvolvimento humano atingir a “identidade do eu”. Segundo o autor, ela pode ser adquirida a partir da adolescência, quando a pessoa aprende a refletir sobre as ações que permeiam suas relações com a sociedade e com os quais interage, entretanto, aparece apenas como possibilidade.

Há de se observar o contexto histórico e social no qual a pessoa está inserida. Faz-se necessário reunir possibilidades em seu entorno que permitam a ela chegar a “identidade do eu”.

Para Habermas (1983), o processo de formação da “identidade do eu” se realiza de modo descontínuo, sendo marcado por uma crescente autonomia.

Segundo o autor (1983), ao se deparar com os conflitos a pessoa:

[...] deve recuar o seu Eu para trás da linha demarcada por todos os papéis e normas particulares, e estabilizá-lo unicamente com base na abstrata capacidade de representar com credibilidade a si mesmo, em todas as situações, como alguém que pode satisfazer às exigências de consistência mesmo diante de expectativas de papel inconciliáveis e mesmo quando atravessa uma série de fases contraditórias da vida (p.64).

Somente nesse momento, destaca Habermas (1983), é que a pessoa tem formada a “identidade do eu”.

Ao analisarmos o contexto histórico social revelado por Sofia nesta fase, é notória essa mudança na narradora. A autonomia crescente e reflexão revelam que Sofia deixou de representar os papéis sociais impostos a ela para ser a Sofia que ela quer ser, portanto, caminhando na direção da “identidade do eu”, na concepção de Habermas (1983).

Ciampa ([1987] 2011), por outro aspecto, fala das metamorfoses existentes na realidade do sujeito no seu cotidiano, atribuindo à identidade a possibilidade do movimento de concretização de si, ao ser para si.

As possibilidades apresentadas à Sofia, estão lhe permitindo superar as adversidades. A Sofia-de-hoje sente necessidade de integrar o que pensa com

o que faz. Para ela, o seu mundo externo (objetividade) deve estar integrado com o que pensa e com o que deseja internamente (subjetividade).

Ao estudarmos a identidade em Ciampa ([1987] 2011), vimos que a determinação permite ao indivíduo superar as adversidades, fazendo com que as possibilidades (potencialidades) possam tornar-se realidade, concretude da identidade-metamorfose. Afirma o autor ([1987] 2011) que: “Podemos definir a realidade como uma possibilidade já realizada e a possibilidade como a realidade em potencial”. (p.156)

Para Ciampa, ([1987] 2011) essas mudanças (transformações) na identidade devem ocorrer ao mesmo tempo na consciência e também na atividade, ou seja, dialeticamente estas três categorias (identidade, consciência e atividade) são e estão emparelhadas.

Considerando a necessidade de integrar a objetividade com a subjetividade, Sofia resolve ir morar em sua casa.

E aí eu resolvi. Eu falei: - *Ah, eu vou sair, eu vou morar na minha casa.* Foi difícil [...] como ela era meu porto seguro... (dá uma pausa) É como se... falasse agora você vai caminhar sozinha daqui pra lá.... Daqui pra cá eu já tive o alimento suficiente pra você ter estrutura pra isso. Só que agora... você tem que caminhar. Agora você é uma mulher. Agora é sua vida. (dá uma pausa) É a sua vida, não que você vai ser largada, não é isso. Mas você precisa crescer agora. Porque eu já te dei o combustível. Então uma fase da vida que você tem que caminhar... E ali foi difícil... é difícil, é difícil.

Ela percebeu que para crescer enquanto individualidade, ela precisa caminhar sozinha. Tem consciência que não é uma escolha fácil, mas é a única possível para aquele momento.

Observamos que, ao narrar este período em que esteve morando com Berenice, Sofia para se transformar no que é hoje, sentiu necessidade de fazer várias comparações com o ontem. Fez retrocessos em sua história, revendo valores e crenças que lhe foram imputados coercitivamente, comparou-os com os de seu momento atual.

Sua autodeterminação a fez tornar-se, hoje, uma Sofia que “sabe o que quer ser”, tendo em seus planos a certeza de não querer repetir as personagens que representou.

Ciampa ([1987] 2011) enfatiza que:

[...] podemos dizer que as personagens são momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam

sobre si em um movimento ao mesmo tempo, de progressão e de regressão (p. 205).

Segundo o autor ([1987] 2011), a identidade aparece sempre como metamorfose em busca de emancipação e “como concreto está sempre se concretizando” (p.205).

Ainda em Ciampa ([1987] 2011), destacamos que os modos de produção da identidade são indicados pelas diferentes maneiras de se estruturar as personagens. Assim, “são múltiplas personagens que ora se conservam ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam” (p.162).

Sabemos que a história de Sofia foi marcada por muitos abandonos que fizeram com que a narradora conservasse, por um longo período, a única possibilidade de ser e existir por meio da personagem Sofia-abandonada. Houve, porém, momentos em que as personagens passaram a ser alternadas entre Sofia-abandonada e Sofia-escrava. Havendo também integração das duas como Sofia abandonada-escrava.

No entanto, as perspectivas dadas à narradora fizeram com que a representação de Sofia abandonada fosse uma constante re-posição e, enquanto mesmice, chegou a condição de má-infinidade, indicada pela não superação da identidade “dada e posta” a ela.

Sua história tem continuidade com novos abandonos e Sofia se vê novamente na condição de ter que alternar as personagens entre a Sofia-acolhida na casa da avó e a Sofia-abandonada nos acolhimentos institucionais.

Na constituição de uma história de múltiplos abandonos, Sofia vai interiorizando outras características à personagem abandonada, entre elas a de Sofia-abandonada-revoltada.

Seu entorno lhe indica outras oportunidades e a Sofia-abandonada se permite ser a Sofia-acolhida-institucionalmente. Ao se permitir ser acolhida institucionalmente, vai adquirindo outras características quando se encerra obrigatoriamente seu processo de adolescente institucionalizada.

Ciampa ([1987] 2011) destaca que “identidade é história [...] e não há história sem personagens” (p. 163). Para o autor ([1987] 2011), enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens:

[...] quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas; quando se tornam impossíveis tanto novas como velhas

personagens, o ator caminha para a morte, simbólica ou biológica (p.163).

Ao encerrar-se o processo de institucionalizada, a narradora precisou encontrar outra personagem para ela. Assim, Sofia absorveu de seus significativos a possibilidade de tornar-se filha-de-família ao representar a acolhida-em-casa-de-família.

Nesta representação, Sofia apreendeu o sentido de família que ela tanto buscou desde a infância. Período de muito aprendizado e metamorfoses, porém, ao descobrir que na instituição família as condições idealizadas não existem, ao contrário, repetem os mesmos valores e normas que lhe foram imputadas pelas instituições de acolhimento, Sofia compreende que não é mais possível ser a acolhida-em-casa-de-família.

Ao viver o confronto das atividades cotidianas, repletas de perdas e conquistas, Sofia percebe que as regras e proibições existentes no acolhimento institucional se repetem no ambiente familiar, contudo uma diferença se evidencia - neste último ambiente se sente amada e acolhida como filha. Então, o que muda no ambiente familiar? O sentido das regras. Não mais se trata de uma imposição para que as coisas permaneçam sempre as mesmas, mas refere-se ao “cuidar”, atitude característica de quem ama. Observa-se aqui que a narradora se transforma ao atribuir novos sentidos às regras reproduzidas na relação familiar. Essa mudança exige fazer escolhas difíceis (como ela mesma afirma), mas necessárias. Estaria Sofia diante da complexidade da morte e vida que caracteriza a metamorfose?

Neste sentido, lembramos Ciampa ([1987] 2011) quando nos traz o conceito de morte e vida.

[...] o homem vive como um Prometeu moderno que, depois de ter roubado o fogo dos céus, sofre a condenação de ser devorado diariamente pela ave da rapinagem, sem morrer; diariamente, sua vida, sua força de trabalho é reproduzida, para alimentar a águia que o consome impiedosamente; mostrou-nos também que o segredo dessa condenação é o de não nos deixar morrer, para continuarmos sendo mastigados vivos. Morreu. Morrendo, viveu. Encontrou seu esconderijo. Morte-e-vida! (p.244-245).

Mais adiante o mesmo autor considera que:

Mas há aqueles que acham que uma vida que merece ser vivida não é nem a da carniça, nem a da caça que se esconde. Querem deixar de estar acorrentados, libertar-se dos grilhões, da opressão; querem matar a águia no seu desespero, acabar com a rapinagem (p.245).

Nesse sentido, ao atribuir novos sentidos às relações, Sofia escolhe a morte daquela que vivia o desejo idealizado e não real para nascer outra que vive uma vida que merece ser vivida.

3.30. A Sofia de hoje nega todas as determinações que lhe foram dadas e passa a ser representante-de-si-mesma, a Sofia-mulher que adquiriu autonomia de ser-para-si

Vimos que Sofia decidiu ir morar em sua casa. A narradora está passando por uma mudança significativa, superando as personagens e determinações a ela impostas. Neste sentido, diferente das pequenas metamorfoses anteriores, Sofia está atingindo uma qualidade na metamorfose. A essa mudança significativa, Ciampa ([1987] 2011) chama de alteridade.

Carone (s/d), ao examinar a obra de Ciampa ([1987] 2011, p.191), considera que “o que se está considerando como alterização é a conversão de mudanças quantitativas em mudanças qualitativas” (p. 09).

Sofia não se identifica mais com as personagens anteriores. Assim, ao se tornar Sofia-mulher que adquiriu autonomia de “ser para si”, nega todas as determinações que lhe foram imputadas socialmente. Como afirma Ciampa ([1987] 2011), ao “expressar o outro outro que também sou eu”, (p.187) chega a “negação da negação”, ao qual deixa de repor a identidade pressuposta.

O autor ([1987] 2011) chama a esta metamorfose do deixar-se transformar pelo outro e se permitir ser outro, de “mesmidade”.

A metamorfose, com sentido de alterização, significa para Ciampa ([1987] 2011) “mesmidade de pensar e ser”. (p.148)

Esclarecendo este novo conceito ao leitor, diríamos que as três categorias mencionadas (atividade, consciência, identidade) são presentificadas na realidade.

Sem a integração da objetividade (o mundo externo) e da subjetividade (como se expressa para o mundo), segundo Ciampa ([1987] 2011), não há metamorfose com sentido de mesmidade. É necessário integrar o que pensa

com o que faz, o que deseja internamente com o que realiza (concretude das ações).

A Sofia-de-hoje fez suas escolhas baseadas neste propósito de integração. Ao tornar-se para si, pensa e faz o que ela deseja ser.

Fez-se necessária esta longa interrupção na história da narradora para esclarecimentos sobre o seu processo identitário, relacionando-o aos conceitos apresentados nos estudos de identidade. Nomeados os aspectos identitários identificados na narrativa, podemos seguir com sua história.

Vejamos quais novas características serão agregadas à Sofia-mulher que adquiriu autonomia de ser para si.

É difícil pra mim, mas hoje... hoje eu tô aqui. Tenho minhas dificuldades... Sou brava, sou super brava. Eu gosto das minhas coisas em ordem. (faz uma pausa e respira fundo) tipo... gosto de... ter caráter, sabe. Sabe... às vezes, as pessoas não entendem o meu jeito de ser. Acha que [...] talvez porque eu sou firme, sou... é... Como que ela fala?... Que eu quero, que eu penso no crescimento. Penso no futuro, penso em ter a minha família, penso de ter filhos. Com certeza eu vou contar a minha história pra eles, mas.... passar, não! Pra eles... não viverem a vida que eu tive. Não [...] ter (que) passar, pelooo... abrigo, pela instituição lá do interior, pela casa de passagem (faz uma pausa como que pensando).

Nesta passagem, percebemos que a Sofia mulher começa a traçar seus planos para o futuro. Ela fala do que ela quer fazer e ser. Não se esquece, porém, que foi por meio e pela sua história que ela se tornou o que é hoje, quando afirma:

Hoje, eu vejo que pra mim foi crescimento.

3.31. A Sofia mulher que adquiriu autonomia de ser-para-si descobre que pode estudar e resolve entrar na faculdade. Surge a personagem universitária.

A Sofia mulher revela novas metamorfoses ao tornar-se Sofia universitária. Seu plano de crescimento inclui ir para a faculdade, estudar e ter uma profissão.

Aí... teve um certo dia que eu falei: - *Ah, vou estudar.* Ela (Berenice) falou: - *Tá vendo, um dia você estava falando pra mim que não ia estudar. Que você não ia ser ninguém. Olha quem você é hoje? Olha [...] a moça que você se tornou.* E eu [...] eu participei disso. *Porque você era uma bruta monte [...] ela falava. Hoje não. Você é uma moça, você é linda!* Ela falava que eu me acho né... Que às vezes, eu eu...coloquei tanto isso na minha cabeça, que eu as vezes, eu ouço assim. *Aí, eu sou feia...* *Aí eu tenho isso...* eu ficava falando. *Para de*

falar! [...] que as vezes, eu ouço de muitas conhecidas: - Ah, eu tenho isso, eu tenho aquilo... Para! Você é linda, você tem saúde, você tem tudo e você está falando uma coisa que... feia é quem tá doente, está no hospital, tem uma diabetes e não pode comer nada. Essas pessoas que tem que estar reclamando. E as vezes, elas são mais felizes do que você. Uma criança que tem um câncer.... sorri todos os dias, e você?

Ao falar de seus planos de faculdade, a Sofia de hoje recorda conversas que teve com Berenice, as quais contribuíram muito para a escolha de hoje. Os incentivos de Berenice em vários aspectos de levantar a autoestima estão presentes na narrativa.

Eu escolhi RH porque é uma área que eu gosto. Eu gosto de... eu gosto da parte DP. Tipo pagar, fazer as contas, tudo. Não só porque é RH envolve muitas coisas. DP é departamento pessoal. Eu quero me especializar na parte de departamento pessoal que é a área que eu gosto. Que eu acho legal. Porque RH é departamento de seleção, é entrevista e a pessoa contrata. Aí tem a parte de DP, tem a seleção, conhecimento... contratação das pessoas. Então é um movimento que eu gosto de lidar com o público. Então eu escolhi uma área que eu gosto. E futuramente posso dizer que eu também... na área que eu trabalho hoje eu também gosto, porque envolve também gestão de RH. Que é a mesma coisa “entre aspas”. Mas está tudo ali junto.

A partir desses diálogos com Berenice, a Sofia faz novas digressões em sua história para se constituir diferente hoje.

Entre essas digressões, aparecem os seus questionamentos a Deus pelo fato de ter perdido a mãe tão cedo.

Porque se minha mãe estivesse viva, quem eu seria? Talvez eu poderia ser só mais uma aí... Talvez grávida... Com dois, três filhos. Não sei... Talvez Deus quis assim. Né... porque as vezes, muitas das vezes, eu questionei ele. Eu perguntava... perguntava pra ele: - Por que ela? Por que eu fui ter que deixar, ser deixada como um NADA. TÃO nova...tão criança. Jogaram. Eu na verdade acabei sendo jogada. Não por culpa... Não sei se foi de Deus. Talvez o meu destino Deus quis traçar diferente. (faz nova pausa) Então eu tive... Eu sempre questionei... questionava Deus, sabe. Porque minha mãe? Eu as vezes entrava num... banho assim. E eu falava: - Porque que Deus fez isso da minha mãe. Ir tão cedo. Como ela seria hoje? Como... será que eu tava... Eu estaria dando alegria pra ela? Ou ia ser só mais uma... da vida aí? Né... então hoje eu avalio muitas coisas.

Prosseguindo sua história, a narradora segue fazendo regressões às situações anteriores de sua vida, destacando como via os acontecimentos no período citado e como os vê hoje.

Quando a gente é criança ou a adolescente, a gente não... a gente fica revoltado, a gente pensa uma porção de coisa. Por que isso está acontecendo comigo? Será que eu vou... Mais para a frente vai ser a mesma coisa? Será que eu vou ter um futuro? Será que eu vou... conquistar... as coisas que eu sempre sonhei na vida? Ai depois você vê que aquilo é tudo passageiro. Tudo...

A narradora percebe o quanto os acontecimentos são transitórios, porém, sobretudo, a partir dessa afirmativa, ela se identifica de forma diferente, não é a mesma Sofia e sabe que tudo tem seu tempo e depende do foco que se dá as situações as quais vivemos.

Sofia ao adquirir essa certeza de que “tudo é passageiro” (mudança de consciência) nos traz a reflexão para outra categoria de análise em identidade – a consciência, que por sua vez produz mudanças qualitativas, evidenciando suas metamorfoses, revelada na atividade.

Como afirma Ciampa ([1987] 2011), “a nível de consciência, isso parece comprovar um salto qualitativo” (p.192). A partir dessa, outras metamorfoses vão se evidenciando, como observamos a seguir que indicam o quanto Sofia vai se constituindo diferente.

Para a Sofia-de-hoje é importante ter gratidão por tudo na vida, o que não pensava antes. Vamos ouvir da narradora:

Hoje eu dou graças a Deus, mas antes não. Quando você se depara com essa situação e perde a mãe muito cedo. Não tem família por exemplo. Você fica um pouco deslocado da sociedade... Porque você fala: - *Cara! O que que eu vou ser? O quê que eu seria se eu tivesse um pai e uma mãe?* E com os meus irmãos. *Qual seria o valor da minha vida? Da minha história?* Eu não sei.... Eu me pergunto até hoje. Às vezes eu falo: *Deus, como que seria se a minha mãe tivesse viva hoje e a minha história... Talvez eu estava numa faculdade...*

A narradora enfatiza a importância de ser grata a todas as coisas pelas quais passou e se compara com seu irmão Dinho.

Às vezes... a gente é tão ingrato, com a vida... muito ingrato.... (dá uma parada, se emociona e chora seguindo depois com a voz embargada) ingrato, ingrato, ingrato. Que as vezes, (puxa pelo ar, respirando fundo com o nariz ainda umedecido) a não ajudar o próximo porque... eu vejo isso pelo meu irmão, né... que eu moro com ele. Ele... criou várias mágoas dentro dele... várias, várias, várias. E ele não consegue ser assim. Igual a eu, as vezes eu acho que ele tem que ser igual a eu. Sabe... Eu passei por tantas dificuldades, eu vi tudo. Fui parar no abrigo, fui viver com pessoas que eu nunca vi na minha vida... né. Lidar com pessoas que eu nunca imaginei estar (respira fundo).

Sofia relembra quando ele estava no acolhimento, no tempo do Projeto Jovem Parceiro:

A vida deu [...] várias oportunidades pra ele. E ele foi um que sai e que assim... E todo mundo conhecia ele, tinha um carinho muito grande. Ele é um homem carismático, carismático pra caramba. Então todo mundo conhecia o Dinho. É... carinhoso, por mais que eleee... passou por toda essa história, né. Até a chegada do abrigo... (respira fundo) Ele nunca foi AGRESSIVO. Sempre foi uma criança assim... carente, carente. Carente de mãe, carente de pai, carente de tudo. Mas nunca uma criança agressiva.

A Sofia hoje fala da gratidão e das escolhas que se faz na vida, destacando também a necessidade da aceitação quando menciona o destino, referindo-se ao irmão Dinho.

Hoje eu tô num... Nível da vida, eu dou graças a Deus... Na verdade, é escolha [...] Eu não sei se posso dizer que a vida é feita só de escolha, né. Porque às vezes o destino é tão triste, que eu falo: *vida tem... na verdade é feita de escolhas, mas as vezes a gente não aceita, né ela como que ela foi.* Tipo um dos meus irmãos não aceitou nunca a morte da minha mãe. Então ele teve que... olha ele como ele está hoje...né... A dificuldade que ele tem de se erguer.

A Sofia de hoje reinventou uma nova forma de viver e ver a vida. Ela tem objetivos de onde quer chegar e traça planos para isso. A narradora tem consciência de quanto lutou para chegar onde chegou e afirma:

Foi difícil. Mas eu tô firme e forte e... tô bem. Tô graças a Deus com essa... identidade. Eu sou... grata (respira novamente fundo, puxando pelo ar). Grata por pessoas que deixou uma marquinha na minha vida. De boa né... Porque o que não foi bom... (dá uma pausa) eu descartei. Eu descartei. Descartei, é difícil.

Essas mudanças indicam avanços da consciência. É como afirma Ciampa ([1987] 2011):

[...] a medida que vão ocorrendo transformações na identidade, concomitantemente ocorrem transformações na consciência (tanto quanto na atividade) [...] sempre devemos estar considerando as três categorias (p.193-194).

Em contrapartida, pelo que narra Sofia, seu irmão Dinho, pelo fato de não ter aceitado a morte da mãe, não propiciou mudança de consciência. E como ela mesma afirma, “hoje ele tem dificuldade de se erguer”.

Podemos afirmar que ao trazer o exemplo de seu irmão Dinho, Sofia nos revela, pelo contexto histórico de Dinho, o que Ciampa ([1987] 2011) chama de “armadilhas em que podemos cair, tendências ao encobrimento, a aparência, o

velamento, a dissimulação, etc. [...] perigos estes que surgem na atividade, na consciência e na identidade” (p.194).

Armadilhas essas que de metamorfose se inverte como não metamorfose, como fala Ciampa ([1987] 2011), ou seja, ficar preso às determinações e repetir os personagens pela mesmice.

Seguindo sua história, a Sofia de hoje revela o que pensa e como vê sua família de origem, seus irmãos, como se constituem diferentes dela. Pensa como eles seriam se a mãe estivesse viva.

[...] Talvez os meus irmãos estavam todos assim dispersos, como cada um... está hoje. Porque a minha família não tem união [...] Minha família não tem. Que são os meus irmãos. A minha família não tem. Como seria? Mas e depois? Talvez era para ter sido assim. Que a gente questiona né, porque? Por que? Por que? Mas não. Olha o que hoje é... Infelizmente meus irmãos tomaram rumo diferente né. Mas todos tiveram a oportunidade. Uns não, outros, sim. E assim vai a vida. Eu não sei.

3.32. A personagem universitária que consegue falar do passado e dar novo sentido aos fatos vividos

Ao falar do que viveu, Sofia-universitária consegue apreender novos sentidos à sua história.

Não é que eu não era escutada. É que é assim... Na época você não tem família né. Então tudo se torna difícil. E às vezes você quer falar, quer ser ouvida, quer ter carinho. E às vezes, você não tinha isso. No abrigo nem todo mundo era... dos educadores é... afetivo, falam carinhoso com o adolescente. Então quando não tem amor... tipo o amor na verdade é o dinheiro. Porque se você não for trabalhar você não sustenta a sua família. Então... Todo o adolescente que entra dentro de um abrigo né... Ele busca uma família, ali eles são a família. Então é mais ou menos isso daí. Você não ser escutado até hoje. Você não ter alguém para conversar é difícil né. E às vezes, você só quer alguém que te escute. A pessoa não precisa falar nada. Mas você tem um amigo escutando... Hoje eu estou mal. E o amigo é só emprestar o ouvido. Né... porque achar amigo pra isso a gente não tem. Agora amigo para fazer coisa errada... aparece. Mas sabe tipo pra dar um conselho, né. Às vezes você fica sem direção, sem rumo. Aí você toma... é quando muitos adolescentes, muitos jovens mete o pé na vida. E destrói uma... ou faz coisa errada porque não tem ninguém pra orientar... prá ouvir, né... é isso.

A Sofia-de-hoje fala da Sofia-de-ontem e sua queixa é basicamente de que os adolescentes, aqueles que precisam ir para o acolhimento, buscam encontrar nele o apoio como de uma família. O sentido atribuído é de que o

acolhimento irá substituir sua família naquele momento. Assim, o afetivo e a atenção tem papel importante nessa hora.

Nas *Orientações Técnicas* (BRASIL, 2009), recomenda-se que as crianças e adolescentes, não necessariamente no dia da chegada, mas desde o início devam ter os momentos de “contato afetivo”:

[...] nos quais a criança/adolescente possa se expressar e ser ouvido de uma forma sensível e acolhedora. O interlocutor deve mostrar-se disponível e manter postura acolhedora e respeitosa [...] Nessas oportunidades, deve-se esclarecer também que o serviço de acolhimento é organizado para a sua proteção e constitui um direito seu (p.45).

Sofia prossegue sua narrativa, falando como deveria ser essa escuta:

A escuta... acho que na verdade não é...uma escuta. Aí fica parecendo uma conversa. Mas não, é mais [...] É um relacionamento, é no dia a dia. Você percebe quem, com quem você pode conversar, com quem você não pode. Você vê que a pessoa está sendo sincera com você. Eu falo nesse sentido. Porque ouvi todo mundo te ouvir. Mas não é a mesma coisa quando você... Eu falo... o ambiente. Na verdade, estar num ambiente que você sabe que a pessoa está te escutando, e sabe que quer o seu bem. Porque tem pessoas que você pode até falar... porque já aconteceu comigo. Mas você vê que não [...] Mas não é a mesma coisa que você falar para uma pessoa que te entende, que gosta realmente de você. É GOSTAR da PESSOA. Gostar, ter um carinho. Porque se você não tem carinho, não adianta. Não adianta você ouvir... e a pessoa te ouvir e você não.... não ter nada. Eu penso assim né.

Sofia está falando, atribuindo fundamental importância à constituição dos vínculos. Só mediante estes, a segurança e confiança se estabelecem. Como vimos acompanhando ao longo da história de Sofia, é mediante vínculos estabelecidos que as interações com o outro no processo de socialização se constituem.

Sofia afirma que nunca perdeu a esperança. Entendemos que, para a narradora, a esperança foi fundamental para vencer os momentos difíceis pelos quais passou. Contudo, ao dar novamente destaque à contribuição que Berenice deu a sua história, ao rever como pensava e agia antes, quando fala que ajudar o próximo a fez pensar e agir diferente, Sofia está dizendo que a esperança concretiza ações na direção do aprender a fazer as coisas para os outros e sem esperar algo em troca.

O ser humano gosta que a gente demonstra [...] algumas coisas [...] Tipo levantar um troféu [...] e falar: - *Ah! eu fiz*. Porque é uma coisa das coisas que eu aprendi na vida [...] não foi fácil e ela (Berenice) me ensinou [...] você ajudar o seu próximo sem nada em troca. Porque as vezes, você faz algo... Eu fazia algo esperando alguma coisa em troca. Tipo [...] eu faço alguma coisa pra um conhecido meu. Mas quando eu precisar eu vou... bater lá e eu vou dizer... Você precisou e eu estava aqui. Então eu era muito assim [...] Hoje não, hoje, eu vou servir sem nada em troca, sabe? (respira fundo e para por um instante) é... Aprendi bastante. Você servir... sem nada em troca. Sem.... esperar pelo...outro, sabe porque? Porque Deus dá. E eu vou te falar... eu fiz tantas coisas... já na vida... nesse trajeto de vida aqui...que eu tenho que aprender muito mais. Eu passei uma vida inteira, se eu chegasse nessa idade aos vinte e nove anos dizendo que eu sou feia... (muda a entonação da voz, falando mais grave e pesado) aí ninguém me ama. Eu tinha toda essa dificuldade, o quê que eu vou ser? Talvez isso aqui é... Tipo uma autodefesa. Mas eu me sentia assim. Né... com todas as dificuldades que eu passei.

Pela narrativa de Sofia, observamos novamente que os destaques são as mudanças na identidade, que produzem concomitante mudanças na consciência e na atividade, como já elucidamos anteriormente ao citar as concepções de Ciampa ([1987] 2011) sobre essas categorias.

Para ela hoje, o futuro depende da própria pessoa.

Claro, tudo depende de você, né. Como muitas coisas dependem de mim pra tá onde eu tô hoje. Aonde eu desejo chegar, o que eu quero... né. Que a gente faz tantos projetos na vida, que a gente não sabe... como que vai ser.

A Sofia de hoje pensa e age diferente:

Hoje... é uma lição de vida pra mim. Que eu tento passar pra... pros meus amigos. Então eu criei isso pra mim.

Para explicar o sentido de ser diferente, Sofia vai buscar referências em seus amigos, em suas histórias, pelo que passam e compara com a sua. Em alguns pontos ela se predica como “um pouco chata”, mas ela atribui essa atitude à forma diferente de como vê as circunstâncias e problemas que surgem na vida. Porém, vamos ouvir da narradora:

[...] eu vejo com os meus amigos... batendo a cabeça numas coisas e eu quero que eles entenda... como eu entendo. Né, e... às vezes, a gente acha que é um pouco perfeito, por a gente ter passado por tantas coisas na vida e... a gente não passou nada, nada [...] pra mim foi só aprendizado.

Sofia volta a destacar que o importante para ela é o aprendizado que se adquire daquilo que se faz. Ela traz indicações de trajetórias de vida diferentes,

de pessoas que, assim como ela, passaram pelo acolhimento institucional e estão em condições bem difíceis hoje.

Tantos abrigados que já passou [...] lá no abrigo. Porque eu já vi abrigo de gente que fazia... que morava em abrigos... abrigos. (engole seco) catando papelão... né. (dá uma parada) É... catando papelão e olhar aquela... ali e falar: - *Ai meu Deus!* Ou [...] gente... crianças que conviveram comigo no abrigo... passando dificuldade.

Ela segue narrando que há aqueles, entre essas pessoas que hoje estão catando papelão, dizendo que ela (Sofia) é “patricinha”. A eles Sofia de hoje responde:

- *Vocês não sabem um terço da minha história. Eu tinha TUDO para ser uma menina... da vida. Tinha TUDO. Mas não.*

Sofia não só destaca novamente a importância da atividade para constituir-se diferente, como da própria relação de diferença entre ela e os seus pares que, apesar de passarem pela mesma condição - o acolhimento institucional, são diferentes.

A narradora destaca o que foi sendo diferente para ela: o sentido e não os fatos, as dificuldades foram muitas, mas continuar lutando foi a sua meta.

Deixar de comprar alguma coisa que para o momento considere desnecessário e economizar para outras mais importantes etc. Ela conclui com a razão pela qual opta por trocar uma coisa desnecessária por outra mais importante.

Eu não faço... porque eu penso. E eu vejo tantas.... tantas coisas aí que as pessoas não dão o valor.

Vimos que Sofia continua destacando a atividade como característica de como a pessoa é, e nela (atividade) está a diferença. A narradora enfatiza a necessidade de pensar o que se faz e como se faz. O destaque dado por ela é observado na sua luta para construir um futuro diferente, tudo o que fez e faz para que a sua realidade objetiva seja diferente.

Ciampa ([1987] 2011) aponta que quando existe a possibilidade de o indivíduo compreender-se como homem-sujeito, o processo de superar as determinações da sua realidade social poderá se fazer presente e o indivíduo terá a possibilidade de compreender-se como criador de sua própria realidade, mas estas são apenas possibilidades que poderão emergir no seu contexto

sócio-histórico. Contudo, a história de nossa vida, as possibilidades que se apresentam, é uma coautoria, isto é, não é narrada apenas pelo protagonista, e sim pelo conjunto ao seu entorno.

Como vimos, Sofia afirma que “tudo depende da pessoa”, a forma como pensa e age, mas a sua narrativa evidencia que estas escolhas não foram feitas unicamente por ela. A partir da atividade (conjunto de ações encadeadas que entra em contato com o outro) se pode voltar a “ser sujeito da história”, como bem destaca Ciampa (1977) desde seus primeiros estudos sobre identidade.

Entretanto, quantos tantos outros jovens que passaram pela mesma condição que ela, sem que lhes sejam propiciadas outras possibilidades de se verem e se constituírem diferentes. Esses jovens continuam, após a saída dos acolhimentos, nas mesmices, repondo o tempo todo os papéis sociais que lhes foram impostos. Apenas seguindo as determinações dadas ao invés de se autodeterminarem.

Como afirma Ciampa ([1987] 2011), as possibilidades poderão surgir se o reconhecimento do outro se tornar real, nas condições históricas e sociais do sujeito. Sem o reconhecimento do outro, o sujeito não vê condições de enxergar novas possibilidades para superar as suas determinações necessárias a esta nova configuração.

O reconhecimento do outro nas relações é importante para propiciar estas possibilidades, desde que não se constitua como formas de controle e submissão. O processo de socialização e todas as interações objetivadas nas instituições indicam e representam possibilidades de controle social diante de possibilidades emancipatórias.

Sofia reuniu em seu entorno possibilidades para se constituir e ser a pessoa que é hoje. Porém, no exemplo mais próximo à ela, que é seu irmão Dinho, pelo que Sofia narra, o que se revela é outro contexto muito diferente, mediante às possibilidades reunidas ao seu redor.

Sofia lembra-se de seu irmão, sua história, tudo o que teve que passar e fala de seu tio. A narradora, no processo de se constituir hoje, sente a necessidade de falar do ontem. Ela menciona o tio que tanto sofrimento trouxe a eles na infância e destaca a necessidade do perdão. Deixemos a Sofia nos contar:

A gente tem que perdoar... E perdoar não é fácil. Porque o perdão pra mim? Era assim. Perdoei... (engole seco e com a voz embargada prossegue) A outra pessoa no canto dela, e eu na minha. Mas não. Eu sempre achei assim... e eu tenho a maior dificuldade de perdoar alguém. Hoje ainda. Porque perdão pra mim que eu ENTENDO... Perdoar... tem que ser assim. Você tá com a pessoa... pra mim. Você tipo [...] eu vou dar um exemplo. O irmão da minha mãe, que fez tudo o que a gente passou de ruim... (faz uma pausa) é você sentar e olhar pra ele e... dizer: - *olha, a pessoa que eu me tornei hoje. Olha onde Deus me deu a oportunidade de vida. E olha o que eu sou...* A gente passou tantas... tantas coisas. Mas o quê que eu queria, eu sempre sonhei era isso. Infelizmente a vida se encarrega né. Às vezes a gente quer fazer justiça. Mas a vida se encarregou de fazer a justiça com ele, com a família dele. Em um momento eu desejei o mal, desejei mesmo. Que morresse porque ele feriu. Mas depois de um tempo... você vai amadurecendo, você vai entendendo umas coisas... E eu... não tive a oportunidade... e às vezes, nesses dias assim. Eu entrei e falei: *Nossa! Como eu queria ter a oportunidade de dizer pra ele, de olhar pra mim e falar: Que eu tô aqui, tô bem e perdoei.* Mas Deus achou que... não ia precisar disso, porque eu queria dizer que eu não tava perdoadando ele. E... hoje Deus recolheu, da maneira dele, mas recolheu. E lá todos os dias... eu falo, quando eu penso... Ele faleceu... não sei para onde foi. Não posso negar que ainda tem aquele sentimento... quando eu lembro as vezes, dele da história do meu irmão. Porque o meu irmão... É uma outra história. Tem uma outra...fase, né. Que eu não sei se... É... Mas tem outra fase. E o que gerou isso no meu irmão. O que... por ele ter passado por isso... aconteceu algo muito ruim.

Assim Sofia pontua as diferenças entre ela e seu irmão, devido à história que ele Dinho passou com o tio. Ao que tudo indica, as referências constituídas pelo irmão do que representou seu contexto histórico e social deixaram marcas internalizadas que geraram algo muito ruim, porém ela não nos deu mais detalhes.

Como indica Ciampa ([1987] 2011), “identidade é a articulação da diferença e da igualdade” (p.143), Sofia pontua no que sua história é diferente. No que as possibilidades oferecidas a ela a fizeram se constituir diferente do irmão. Lembremos que todo esse processo se dá nas relações do indivíduo com os outros, na dialética do apresentar-se e representar-se, constituídos socialmente nas interações.

A Sofia fala do tempo presente, do futuro muito próximo e do quanto sua história se constitui diferente de seus irmãos. Para falar disso, ela começa lembrando de seu irmão Dinho, o fato dele nunca ter aceitado a morte da mãe e sua história ter sido bem diferente da narradora.

Claro que eu também nunca aceitei, mas nem por isso eu.... Eu tive pessoas que me orientasse. Na verdade, também né. Deus colocou pessoas no meu caminho e está colocando até hoje pra eu ter uma nova história. Minha vida é diferente, não (é igual) da minha mãe. Não (é igual) da minha família, né...Tudo o que eu passei...Foi diferente com a minha família. Porque você vai querer fazer o melhor, né. Você vai lembrando essa história do passado e fala: *Não eu não vou deixar isso acontecer*. Muitas coisas da minha mãe, da genética da minha mãe, eu não quero. Porque são coisas que eu posso trazer dela. Que a gente sempre traz a genética familiar. Bem ou mal você acaba trazendo. E eu não quero. Eu já me identifiquei. Por exemplo, minha mãe nunca se formou. Tipo eu vou me formar... Então eu já sou diferente. Nenhum dos meus irmãos são formados, eu sim. Eu vou ser a primeira a me formar. Então essas coisas você fica pensando. Eu penso muito né... Claro, meu irmão é casado, tenho um casado. Mas nenhum se formou. Todos terminaram, mas ninguém se formou a não ser eu que vou ser a primeira dos meus irmãos. Minha mãe nunca estudou. Eu... vou terminar.

Novamente Sofia fala da relação do constituir-se socialmente diferente do irmão Dinho, assim como dos demais de sua família de origem, ao ter tido a oportunidade de ter pessoas que a orientasse.

Ao falar da mãe e dos irmãos, ela pontua as diferenças de suas histórias, assim como sua constituição identitária. Afirma: “eu já me identifiquei [...] eu não quero a genética da minha família [...] eu não vou deixar isso acontecer [...] eu já sou diferente”, quando sente necessidade de afirmar que ela é a única da família que irá se formar.

3.33. A Sofia-mulher universitária prestes a concluir a faculdade, autodeterminada, traça planos para o futuro

Hoje eu tenho vinte e nove anos. (respira fundo) Hoje eu... Tenho foco né... .. Eu quero me formar né. Eu tenho... eu não vejo a hora de me formar [...] De falar assim: - *eu sou formada, eu conquistei, eu tenho uma profissão*. Fiz aquilo que eu gosto. Tenho um... na verdade eu tenho outros focos também. Eu vou me formar e com certeza construir uma família... mas ainda não é o meu principal. Né... O meu principal é ter estrutura. Ter estrutura financeira, profissional... e eu tenho vontade assim de fazer... intercambio. De viajar... ir pra fora. No momento agora eu não penso em ter... ter uma família. Eu acho que eu tenho mais uns dois anos aí pra... conquistar... chegar na meta de onde eu quero. Quero ter um futuro bom, promissor. Eu penso daqui a dez anos como que eu vou estar, por exemplo. São coisas que pra mim são importantes. Eu tenho essa visão. Foco... Profissão... (dá uma pausa) Daqui a dez anos eu quero estar formada, estar com a minha família. Estar com os meus filhos que aí já está na hora né. Já conquistei, já me formei. Já vou estar bem, estabilizada. Porque esse

é o meu objetivo. Porque a gente precisa ter uma família né. A gente não vive só de sonhos. E os sonhos também daqui a dez anos já vai estar bem estruturado. E quando eu tiver quarenta anos, vai ser outra fase da vida né. Que eu [...] quero viver até os oitenta e seis anos. (faz uma pausa e respira fundo) Que... que... (continua parando) ... a gente não é NADA. NADA... sem Deus por que... ele que dá o fôlego de vida, né... Porque [...] eu posso não tá aqui oh!... falando da minha história. Amanhã, eu já não posso estar aqui... né.

Sofia prossegue sua história nos indicando o quanto é gratificante para ela a proximidade da formatura.

É muito gratificante ser a formada da família, é o maior orgulho. É um orgulho ter no dia da minha colação pegar o canudo e falar: Eu me formei. Né... eu cheguei até aqui. Porque eu não tinha expectativa de estudo nenhum. Eu sempre achei que eu ia ser só mais uma. Igualzinha os meus irmãos. Mas quando chegar o dia, que vai ser esse ano. Falta pouco. Vai ser muito gratificante. Nossa! Eu consegui. Quem... quem imaginava que eu ia chegar até aqui, né. Porque estudar não é fácil. Vou te falar... É difícil. Mas eu tô feliz. Eu tô numa outra fase da minha vida, tô bem. Tô feliz, e isso daí só foi... só agregou. Igual eu falei né... O que foi ruim, o que foi ruim de mais a gente procura nem lembrar. E fazer diferente... É a vida. A vida é uma só. E assim ó... É um sopro (sinaliza com a mão um estalo nos dedos) Hoje a gente está aqui, amanhã a gente não sabe nem onde vai estar. A gente pode nem levantar amanhã se Deus não permitir. Mas como ele é bom, ele vai permitir. (começa a rir)

Sofia faz questão de nos contar a forma diferente de como as pessoas que a conheceram na infância a tratam hoje.

Hoje, as pessoas me olham, até onde eu moro, né. Fala: *Nossa Sofia! Você está diferente*, tal e tudo o que vocês passaram.... E aí um conhecido de criança que conheceu a minha história acompanhou e falou: Eu não tenho nem o que falar, e às vezes a gente julga e olha o filho desse, o filho daquele ali. Como está... Hoje as pessoas olham pra mim totalmente, com respeito sabe... Comigo assim. E eu... fico me sentindo grata com a vida, por mais que a gente passe por tudo isso daí. Por tudo o que eu passei. Por tudo o que eu tenho que passar. Né são novos problemas, novas fases e assim vai...É o que eu penso.

Destaca também a visão que tem das regras hoje para sua vida.

Hoje eu decido o que eu vou fazer. Entendeu? Eu não gosto de regras. Eu não gosto daquela parte que você fala de ter obrigação. Eu ser obrigada. Claro que num serviço é uma coisa. Ali você é obrigado, você está ganhando pra aquilo. Mas na vida... Eu não aceito regras, essa palavra... regras não desce. Talvez porque eu passei uma vida até os dezoito anos. Até hoje... eu tenho regras. Mas antes... Era difícil. Até porque quando eu completei os dezoito anos, eu disse que ninguém iria mandar em mim. E na verdade não é bem assim. Hoje a gente sempre tem um líder. A gente fala assim, mas são coisas que eu que eu posso direcionar com as minhas decisões porque lá na frente elas vão refletir [...] nas minhas decisões. Hoje eu... tenho... capacidade de decidir o que é bom e o que é ruim pra mim. Mas tem coisa na vida que... só a gente tem que passar. E talvez se eu não tivesse passado nada dessa... não tinha passado por um abrigo... Fui descobrir sozinha.

Como observado, para a narradora, as regras no cotidiano ainda não se justificam, mas ela percebeu que na vida sempre nos deparamos com elas, pois cabe a cada um saber lidar diante dos contextos em que estão inseridas. Sofia conclui falando sobre a capacidade de tomar as suas decisões, mas não deixa de mencionar que há coisas que têm que deixar a pessoa passar sozinha, pois é aí que está o aprendizado.

Porque a minha história já foi assim. A vida ensinou e a vida tem ensinado.

Ao falar de seu futuro, a narradora se recorda da fala de um professor na sua faculdade. Sofia encontrou sentido nessa fala para a sua história e fez questão de nos contar. O professor falava aos alunos da decisão de fazerem uma pós-graduação logo após o término da faculdade.

Segundo Sofia, o destaque dado por ele se refere à pessoa pensar, esperar um tempo. Rever se aquela opção é importante para aquele momento. O destaque, na sua argumentação, referia-se à pessoa observar a sua atuação profissional e, só após isso, avaliar se essa escolha agrega algo ao seu desempenho na profissão. Destacamos, deste momento, um trecho narrado por Sofia:

Não tem porque a questão financeira, você ganha mais... Não! E nada mais é do que você agregar valores. Agregar conhecimento. Né, porque você não vai deixar. Porque conhecimento ninguém tira. Tira uma porção de coisas, mas conhecimento ninguém tira de você. E ele colocou essa questão. E essa questão é verdade.

Percebemos nessa passagem a importância dada a ela ao fato de agregar valores, agregar conhecimento. Sobretudo, ela ressalta que este, uma vez adquirido, ninguém tira da pessoa. Deste destaque, vale ressaltar que o conhecimento, ao agregar valores ao indivíduo, dá a este a possibilidade de se constituir diferente, permite um contínuo produzir-se.

Ciampa ([1987] 2011) destaca a identidade como um processo progressivo e contínuo de humanização, onde o tornar-se humano acontece no movimento do contexto histórico e nas interações. O indivíduo vai metamorfoseando-se, mediante às possibilidades oferecidas a ele.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o processo de identidade dos jovens que passaram pelos serviços do acolhimento institucional – conhecido também por SAICA -, o sintagma-identidade-metamorfose-emancipação de Ciampa ([1987] 2011) foi utilizado como referência teórica e metodológica.

Na realidade brasileira, muitas crianças e adolescentes, por motivos diversos, são encaminhados ao serviço de acolhimento institucional. Os motivos que os levam a este tipo de instituição são diversos, mas todos marcados pelo abandono, seja ele intencional ou em decorrência de doença ou morte dos pais, violência doméstica, ou mesmo abandono destes.

O contexto social vivido por estas crianças e adolescentes possibilitam um processo de socialização com valores de exclusão, que não permite a eles sentirem-se como pessoas de direitos, que não cria possibilidades para serem diferentes e, pelo contrário, produzem e aumentam a desigualdade social.

Sob o olhar estigmatizado, esta socialização produz, em muitos dos jovens que transitam/transitaram pelos acolhimentos institucionais, a “internalização da coerção social” (CIAMPA, 1997, p. 01), gerando dificuldades para elaborarem projetos de futuro. Ao nosso olhar, uma forma muito grave de aniquilamento da subjetividade, enquanto individualidades e seres de direitos, conduz, como diz Habermas (1987), à colonização do mundo da vida, bem como do mundo futuro.

Santos e Boucinha (2011), ao pesquisarem as experiências de jovens que moraram em acolhimentos institucionais, destacaram que “o jovem pobre é muito marcado por identificações com a delinquência, com a marginalidade e como uma ameaça à ordem social” (p.43). Ao verem nestes ambientes brigas, discussões e uso de drogas, as autoras evidenciaram o paradoxo existente que ora acolhe, ora aprisiona, no qual muitos ainda operam com a mesma lógica da disciplina vigente nos antigos institutos de menores.

O relato de Sofia neste estudo identifica várias questões que são reunidas entorno da criança e do adolescente que impedem um processo de metamorfose com fragmentos emancipatórios.

Na sua narrativa, várias questões são denunciadas que prejudicaram o processo de “estar sendo”. Nas diversas fases de sua história, Sofia destacou o quanto não foi escutada e/ou atendida em suas necessidades, desde a infância, por parte de seus familiares (tio, irmãos), depois por educadores e coordenadores, quando passou a viver a realidade dos acolhimentos institucionais.

Sua história foi permeada por uma sequência de abandonos, desde o momento em que descobriu que sua mãe estava doente e não podia ficar/cuidar deles (filhos). Essa circunstância fez Sofia sentir-se não querida, amada e atendida quanto as suas queixas/aflições.

Apesar de sua história ser intercalada por períodos vividos na instituição e outros no ambiente familiar com a avó (vizinha de sua mãe, que ela passou a chamar de avó de consideração), sua trajetória foi delineada com o sentido internalizado do abandono.

Com estes sentidos apreendidos, a mesmice perdurou um bom tempo na história narrada por ela, na qual repunha e/ou alternava personagens que representavam essas condições de má infinidade, como a de abandonada e escrava.

Embora seu processo de metamorfose tenha sido prejudicado, neste período, pelo movimento de mesmice na condição de abandonada/escrava, essa mesma atividade possibilitou reunir, no seu entorno, condições para a superação se configurar em metamorfose, permitindo-a ser diferente em cada um deles.

Contudo, nem por isso ela deixou de pontuar os problemas existentes dentro dos acolhimentos institucionais, denunciando-os, com destaque às questões de violência e falta de relações afetivas por parte de educadores e coordenadores. Para isso, ela se apoiava nos valores e crenças que havia internalizado em seu processo de socialização e individuação. Foi um período marcado por resistências e lutas.

Na narrativa de Sofia foi possível evidenciar personagens repostas em um processo de mesmice e a superação para a metamorfose por meio de personagens que se sucedem. A personagem abandonada-escrava que dá espaço à acolhida que, ao proteger o irmão, percebe que não pode e sofre novo abandono; a acolhida-abandonada que repõe características da abandonada ao ser encaminhada para o serviço de acolhimento institucional; a abandonada que

reage denunciando a violência sofrida revela novas questões de sua história; a abandonada que reage denunciando a violência e adquire a característica de órfã; a órfã que retorna à casa da avó; e repõe a abandonada ao ser encaminhada à uma instituição total, confirmando o círculo de má-infinidade. A Sofia-abandonada-órfã, ao começar a fazer escolhas e se recusar a determinadas tarefas, manifesta-se como abandonada-revoltada que vai dando lugar à Sofia-reflexiva capaz de julgar segundo seus princípios. Mas, a personagem adolescente que retorna à casa da avó ainda se sente abandonada.

Neste período, Sofia foi percebendo as contradições presentes em seu entorno e refletia sobre elas segundo seus princípios. Estas reflexões estimularam Sofia à determinação de continuar lutando e resistindo.

As metamorfoses com sentidos emancipatórios só começaram a acontecer na vida de Sofia quando ela passou a ser escutada e reconhecida em seus direitos. Estas novas possibilidades geradas ao seu entorno, em especial no último acolhimento institucional, permitiram que ela fosse se transformando, expressando carinho e afeto nas relações com os moradores do acolhimento e, em especial, com a coordenadora deste espaço.

Os vínculos afetivos estabelecidos propiciaram a narradora estar sendo diferente. Foi nesta fase que obrigatoriamente se encerrou o seu período de institucionalizada, quando completou dezenove anos de idade, ficando além do tempo permitido na instituição.

São desta fase as seguintes personagens: a Sofia-abandonada que ao ser encaminhada ao acolhimento descobre outro tipo de instituição e passa a gostar de ser acolhida; a personagem abandonada vai se permitindo ser a Sofia-acolhida-institucionalmente que pode aprontar como adolescente; a Sofia-acolhida-institucionalmente se vê obrigada a competir com o irmão, por um emprego; a personagem acolhida que se permite questionar e refletir começa a pensar no futuro ao ingressar no mercado de trabalho; a Sofia-adolescente descobre que é possível sonhar com o futuro profissional e vai se descobrindo na atividade que realiza; a Sofia-que-gostou-de-ser-acolhida vê seus sonhos de futuro ameaçados por ser obrigada a sair do acolhimento; diante das incertezas do futuro, surge a personagem trabalhadora na luta para manter o sonho; a trabalhadora que adquire poder de compra e de ir e vir; a personagem acolhida institucionalmente, trabalhadora, teme a proximidade de ser “desabrigada”;

adolescente institucionalizada apresenta críticas à condição do estigmatizado; e, por fim, a saída do acolhimento institucional faz surgir a personagem “Sofia-mulher”.

O fechamento do período de institucionalizada trouxe à Sofia outras possibilidades. Seu processo identitário, marcado por um movimento contínuo de metamorfoses, por meio de personagens híbridas, foi se constituindo diferente, na medida em que seu entorno oportunizou que ela pudesse experimentar a família idealizada.

Ao ser acolhida e amada por uma família, vivenciou grandes aprendizados que lhe permitiu apreender novos sentidos à concepção do que é viver em família. A partir desta percepção, um salto qualitativo na metamorfose ocorreu, conforme Ciampa ([1987] 2011), com sentido de mesmidade. Sofia negou todas as determinações que lhe foram dadas. Para isso, foi necessário integrar o que pensava com o que fazia, o que desejava internamente com o que realizava. A partir desse movimento, ela teve que fazer escolhas do que queria estar-sendo.

São dessa fase as personagens: A Sofia que outrora foi a “abandonada”, hoje começa a vislumbrar outras possibilidades ao ser recebida com carinho por uma família; a abandonada vai se transformando na acolhida-em-casa-de-família, o que lhe permite tornar-se a filha-de-família que sempre quis ser; a Sofia-acolhida-em-casa-de-família descobre que não existe a família perfeita que ela sempre idealizou desde a infância, o que a faz rever sua história; a Sofia-de-hoje percebe que não mais se manifesta enquanto personagem acolhida-em-casa-de-família e tão pouco repõe a Sofia abandonada, porque esta foi superada; a Sofia-de-hoje nega todas as determinações que lhe foram dadas e passa a ser representante-de-si-mesma com a Sofia-mulher que adquiriu autonomia de ser-para-si; a Sofia-mulher que adquiriu autonomia de ser-para-si descobre que pode estudar e resolve entrar na faculdade. Surge a personagem universitária que consegue falar do passado e dar novo sentido aos fatos vividos; e, finalmente, a Sofia-mulher universitária prestes a concluir a faculdade, autodeterminada, traça planos para o futuro.

Essa é uma leitura, porém outras podem ser feitas. Ainda assim, essa é a leitura que fiz da história narrada por Sofia.

Deste estudo podemos apontar algumas proposições: Sofia em vários momentos de sua narrativa destacou que sempre, nos períodos mais difíceis de

sua vida, Deus colocava alguém em seu caminho para atender as necessidades que buscava nas distintas situações. Essa fala aparece em vários pontos de sua história.

Ciampa (1997) e Habermas (1987) apontam caminhos pela necessidade de uma autêntica comunicação humana. A razão comunicativa permite ao sujeito uma relação dialógica, indicada como relações autenticamente humanas.

O pensamento utópico apontado por Habermas (1987) aparece como alternativa de ação para projetarem “novas possibilidades sobre as continuidades históricas” (p. 104), criando alternativas para o “novo” diante da “falta sentida”, denominadas pelos autores de utopias emancipatórias.

As utopias emancipatórias, neste sentido, representadas sempre pela ajuda de alguém de fora, na história de Sofia constituíram, segundo ela, a força que precisava para acreditar e continuar lutando.

Sua história mostrou que é possível vencer as adversidades de ser institucionalizada, se forem reunidas condições para isso no entorno do sujeito. As metamorfoses vividas por ela indicam a importância do reconhecimento dos “outros significativos”, destacando esse olhar como fundamental das/nas atividades que faz/realiza. Conforme Ciampa ([1987] 2011), a atividade é apresentada como fundante no processo identitário, revelando “quem eu sou”.

Consideramos importante destacar algumas proposições, da própria narradora, quanto ao acolhimento institucional das observações sobre os educadores sociais.

Ela apontou a postura do educador que ela chamou de “educador ruim”, que se preocupava apenas com o seu salário no final do mês, trazia seus problemas de casa para o ambiente de trabalho e “não estava nem aí” com as relações que estabeleciam com as crianças/adolescentes, alegando que estavam fazendo a sua parte apenas “olhando”.

É fundamental que profissionais que atuem nestes espaços não sejam seduzidos pelas relações de poder e dinheiro. As consequências destas atitudes, muitas das vezes, poderão ser irreparáveis no futuro.

Ganha relevância a importância de um bom trabalho de formação e atualização para todos os que trabalham e se relacionam com crianças e adolescentes. Só assim poderemos disponibilizar outras realidades e sentidos com caráter emancipatório que visem o sujeito e não a instituição.

A importância de políticas públicas para melhoria dos serviços sociais prestados é prioridade para a mudança nos quadros de violência e desigualdade existentes em nosso país, que em sua maioria atingem pobres e negros. Portanto, faz-se necessário um olhar especial quando se tratar de instituições sendo palco para receber crianças e adolescentes.

Encerrando estas considerações, apresentamos o olhar de Sofia sobre o estudo que desenvolvemos e da qual ela foi protagonista.

Ela destaca sua ansiedade em ver nosso texto concluído. Aspecto esse apontado nas frases: “Eu não vejo a hora de ver como vai ficar... É tão difícil... escrever um livro”.

A narradora relata o motivo que a levou a ser colaboradora em nossa pesquisa. Ela enfatiza a necessidade de ajudar o outro, realçando a importância social deste tema, quando nos diz que é “porque fala dos educadores e da instituição”.

Sofia evidencia a significância da formação dos educadores para que tenham estrutura emocional ao lidarem com crianças/adolescentes. Segundo ela, lidar com pessoas é difícil, sobretudo com adolescentes que, dependendo das relações estabelecidas, podem criar “uma magoa ali dentro”, na medida em que estas crianças/adolescentes vêm de uma “estrutura emocional bagunçada”.

Certamente, a investigação deste tema não se encerra com este trabalho. Esperamos que nossa contribuição sirva de motivação para outras pessoas que desejem realizar suas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. P. de. Para uma caracterização da Psicologia social brasileira. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 32, n. spe, p. 124-137, 2012. Disponível em: “http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500009&lng=en&nrm=iso”. Acesso em 21 de junho de 2016.

ALVES, C. P. *Eu nunca vou parar de buscar nada. Emancipação frente à colonização e as políticas de identidade na adolescência*. 1997. 202 f. 1997. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - PUCSP, São Paulo.

_____. Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade, *Textos e Debates*, Boa Vista, n. 31, p.33-41, jan 2017.

_____. *Quem sou eu?: o processo de identidade de uma jovem adolescente*. 1989. 126f. Dissertação de mestrado - PUCSP, São Paulo, 1989.

ANJOS, R. E. dos S; DUARTE, N. (2016). A adolescência inicial: comunicação íntima pessoal, atividade de estudo e formação de conceitos, p. 195-219. In: MARTINS, L.M., ABRANTES, A. A. e FACCI, M. G.D. (orgs.) *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores Associados, 2016 (coleção educação contemporânea).

BAZILLI, C.; et al. *Interacionismo simbólico e teoria dos papéis: uma aproximação para a psicologia social*. São Paulo: EDUC, 1998.

BERGER, P, L; LUCKMANN, T.. *A construção social da realidade*. Tratado de Sociologia do conhecimento. 36ª. edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

_____, *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*, tradução de Edgar Orth, Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BIERRENBACH, M.. I.. *Instituição fechada e violência: uma visão de dentro*. In BIERRENBACH, M. I; SADER, E; FIGUEIREDO, C. P.. *Fogo no Pavilhão: uma proposta de liberdade para o menor*. São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.

BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília-DF: CNAS, 2009.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988 Cap. VII, Art. 227. Disponível em ["https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_227 .asp](https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_227.asp). Acesso em 26 de dezembro de 2017.

_____. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e IPEA. *Atlas da violência 2017*. Rio de Janeiro, 2017

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. 9ª. Edição, 2012. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. <<http://bd.camara.gov.br>>

_____. *Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. (Série legislação; n. 83)*

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro, ed. atualizada, 2017. Disponível em: https://cedecarj.files.wordpress.com/2018/02/livroeca2017_022018.pdf. Acesso em: 18/07/2018.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal. 1988.

_____. Lei Federal n.12.010, de 3 de agosto de 2009. (2009). Alteração do termo abrigo para acolhimento institucional. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm

CARONE, I. *Análise Epistemológica da tese de doutoramento de Antonio da Costa Ciampa: A estória do Severino e a história da Severina*. s/d. Mimeo.

CIAMPA, A. C. *A estória de Severino e a história de Severina: um ensaio em psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, [1987] 2011, 10ª. Edição.

_____. *A Identidade Social e suas relações com a Ideologia*.147f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), PUC SP, São Paulo, 1977.

_____. As metamorfoses da 'metamorfose humana': uma utopia emancipatória ainda é possível hoje? Comunicação apresentada no Simpósio "Metamorfoses da Identidade no mundo contemporâneo" do XXVI Congresso Interamericano da SIP. In: *XXVI Congresso Interamericano da SIP*. 1997. p. 1-5.

_____. Identidade. In: LANE, S. T. M. e CODO, W.. (orgs.) *Psicologia Social: O Homem em movimento*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 58-75.

_____. Políticas de identidade e identidades políticas, 2002, texto elaborado a partir de apresentação em mesa redonda no I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão, realizada em 03/09/2002 publicado como capítulo do livro. In: DUNKER, C.I.L.; PASSOS, M.C., *Uma Psicologia que se interroga – Ensaio*. São Paulo: Edicon, 2002, p.133-144.

_____. Sílvia Lane: o homem em movimento. *Revista Psicologia e Sociedade*. v.19 n. spe2. p. 17-18. Porto Alegre, 2007

CIAMPA, A. C; DANTAS, S. S. Projeto de vida e Identidade política: Um caminho para a emancipação. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 5 – n. 2, p. 138-152, jul./dez. 2014. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/psicologiaufc/article/download/1482/1380>

CIAMPA, A. C., GERGEN, SCHEIBE, ZAVALONI. Metamorfose da identidade no mundo contemporâneo, 1997. *Apresentação de trabalho/Simpósio no Encontro Nacional da ABRAPSO*, 1997.

FERREIRA, A. B. de H.. *Dicionário da Língua Portuguesa*. (meio eletrônico), disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/identidade>>. Acesso em: 01 de Julho de 2017.

FREITAG, B.. *A Teoria Crítica: ontem e hoje*. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ª ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

_____. *Manicômios, prisões e conventos*. 9.^a edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GONÇALVES NETO, J. U; LIMA, A. F. Reconhecimento Social, Identidade e Linguagem: Primeiros Fragmentos de uma Pesquisa Sobre Perspectivas Teóricas Atuais no Contexto da Psicologia Social, Programa de Mestrado em Psicologia, UCDB - Campo Grande, MS. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 2, n.1, p.90-97, 2010.. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/viewFile/40/77>. Acesso em: 13 de julho de 2017

HABERMAS, J. A nova intransparência: A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos CEBRAPE*, n.18, p.103-114, setembro, 1987. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br>. Acesso em: 09 de agosto de 2017

_____. Individuação através de Socialização, sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead. In: *Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*, trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA, São Paulo, *A formação dos profissionais em serviços de acolhimento*, 2.^a ed., 2012. Disponível em https://fazendohistoria.squarespace.com/s/Formacao_web.pdf. Acesso em: 26 de dezembro de 2017.

LANE, S. T. M. (1989a). A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (orgs.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 10-19.

_____. Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (orgs.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 40-47.

_____. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (orgs.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.32-39.

_____. *O que é Psicologia Social* (Coleção Primeiros Passos), São Paulo: Brasiliense, 2014.

LEAL, Z. F. de R. G; MASCAGNA, G. C. Adolescência: trabalho, educação e formação omnilateral, In: MARTINS, L. M., ABRANTES, A. A; FACCI, M. G. D. (orgs.) *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice* (coleção educação contemporânea). Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 221-237

LIMA, A. F. de; JUNIOR, N. L. (orgs). *Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2014

LIMA, A. F. de; SILVA, M.. A Teoria Crítica de Axel Honneth: uma (breve) discussão sobre a Teoria do Reconhecimento e seus desdobramentos. In: LIMA, A. F.de. (org.) *Psicologia Social Crítica: Paralaxes do Contemporâneo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

MARCÍLIO, M. L.. *História Social da Criança abandonada*. 2.ª ed.. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

MAUAD, A. M.. A vida das crianças de elite durante o império. In: PRIORE, M. D.. *História das Crianças no Brasil*. 7.ª ed., 2.ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. pp.137-176.

MORAES, M. L. Q. de. As origens do feminismo marxista (e da Revolução de 1917). In: *Dossiê Feminismo, Marxismo e a Revolução Russa. Revista Margem Esquerda*, n. 28, p.25-37. São Paulo: Boitempo, maio de 2017.

NASCIMENTO, A.. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1.ª reimpressão da 2.ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PASSETTI, E.. *Crianças Carentes e Políticas Públicas*. In: PRIORE, M. D.. (org.) *História das Crianças no Brasil*, 7.ª ed., 2.ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. pp. 347-375.

POKER, C. T. D. *O que eu fiz com o que as instituições fizeram de mim? A história de Molly e sua luta por emancipação frente às políticas de identidade no acolhimento institucional*. 2014, 237p. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

PRIORE, M, D.. (org.) *História das Crianças no Brasil*, 7.^a ed., 2.^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, O. (org.) *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

REIS, J. R. T.. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (orgs.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 99-124.

RIZZINI, I. *O Século Perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. 3^a Edição. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da assistência pública até a Era Vargas. In: RIZZINI, I. PILLOTTI, F. (orgs.) VOGEL et al. (colabs.) *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência a infância no Brasil*. 3.^a. ed.. São Paulo: Cortez, 2011b. pp. 225-286.

SANTOS, N. I. S. dos, BOUCINHA, I. A. A Experiência de morar em Abrigos. Em *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, n.4, p.36-49, jan-jun, 2011

SARBIN, T. R; SCHEIBE, K. E. *The Transvaluation of Social Identity*, 1969, Ed. Mimeo. apud CIAMPA, A. C; 1977.

SASS, O.. *Crítica da Razão Solitária: A Psicologia Social Segundo George Herbert Mead*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

SCARANO, J.. *Criança esquecida das Minas Gerais*. In: PRIORE, M. D.. *História das Crianças no Brasil*. 7.^a ed., 2.^a Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.p.107-136.

SHEIBE, K. E. *Beliefs and Values*, New York: Praeger Publishers, 1970, apud CIAMPA, A. C. 1977.

SIEBENEICHLER, F. B. *Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

SOUZA, J.J. F. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato..* Rio de Janeiro: Leya, 2017.

_____. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. GRILLO, A. et al. (colabs.). Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

SOUZA, R. F.. *George Herbert Mead: Contribuições para a Psicologia Social*. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2006, São Paulo.

SPERBER, M. C. (org). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. v. I. (Coleção Ideias Dicionários). Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 1957.

STANISLAVSKI, C. *A construção da personagem*. 8.^a ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da Guerra. In: PRIORE, M. D. *História das Crianças no Brasil*. 7.^a ed., 2.^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.p.192-209.

VOGEL, A.. Do Estado ao Estatuto. Propostas e vicissitudes da política de atendimento à infância e adolescência no Brasil contemporâneo. In: RIZZINI, I. PILLOTTI, F. (orgs.) VOGEL et al. (colabs.) *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência a infância no Brasil*. 3.^a ed.. São Paulo: Cortez, 2011b.p.287-321.

ANEXO A - COMPROVANTE DE RECEPÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O Processo de Identidade de Jovens que viveram em Abrigo
Pesquisador: Maristela Sousa e Freitas
Versão: 1
CAAE: 57954216.8.0000.5482
Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 070448/2016
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto O Processo de Identidade de Jovens que viveram em Abrigo que tem como pesquisador responsável Maristela Sousa e Freitas, foi recebido para análise ética no CEP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP em 19/07/2016 às 17:08.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@puensp.br

ANEXO B – OFÍCIO DE APRESENTAÇÃO



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa
Sede Campus Monte Alegre

São Paulo, 10 de junho de 2016.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/-SP – Sede Campus Monte Alegre

Ref.: **Ofício de Apresentação** do Projeto de Pesquisa ao CEP da PUC/SP

Eu (nós), Antonio da Costa Ciampa, orientador(a)(es)(as) do projeto de pesquisa intitulado Identidade de jovens que viveram em Abrigo, de autoria do(a)(os)(as) pesquisador(a)(es)(as) Maristela Sousa e Freitas, pertencente(s) ao curso de Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, venho(vimos), por meio deste, submetê-lo à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

- Trata-se de projeto de:
 Trabalho de Conclusão de Curso.
 Iniciação Científica.
 Monografia para Conclusão de Curso de Especialização.
 Dissertação de Mestrado.
 Tese de Doutorado.
 Outros:

*Atenção!!! Não é necessário imprimir, nem tampouco assinar!
 Apenas preencha no computador.
 Concluído o preenchimento, salve
 e anexe a Plataforma Brasil, conforme orientação do Manual Ilustrado.*

Nome: <u>Maristela Sousa e Freitas</u> CPF nº <u>063.074.848-96</u> Link do LATTES http://lattes.cnpq.br/588544355682727 (Exemplo: http://lattes.cnpq.br/96847557411881711)	Perfil: <u>Pesquisador</u>
---	----------------------------

Nome: <u>Antonio da Costa Ciampa</u> CPF nº Link do LATTES http://lattes.cnpq.br/9300664232564183	Perfil: <u>Docente Orientador</u>
--	-----------------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: <u>Selecione:</u>
-----------------------------------	---------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: <u>Selecione:</u>
-----------------------------------	---------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: <u>Selecione:</u>
-----------------------------------	---------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: <u>Selecione:</u>
-----------------------------------	---------------------------

Nome: CPF nº Link do LATTES	Perfil: <u>Selecione:</u>
-----------------------------------	---------------------------

ANEXO C – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Processo de Identidade de Jovens que viveram em Abrigo

Pesquisador: Maristela Sousa e Freitas

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57954216.8.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.681.850

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social (PEPG em PSO), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Maristela Sousa e Freitas, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa.

"(...) Este estudo pretende discutir a identidade humana através das narrativas de história de vida, de jovens que viveram em abrigamento na infância e adolescência, à luz do sintagma identidade, metamorfose emancipação desenvolvido pelo prof. Dr. Ciampa. Faz parte do estudo, identificar nas narrativas como os jovens que viveram no abrigo compreendem o tempo e a temporalidade no "processo" do movimento de metamorfose. Pretende-se entender como lidaram com as relações, frente as políticas de identidade apresentadas, e apreender o sentido atribuído as relações vividas na dinâmica do cotidiano da instituição. O problema da pesquisa vem de um outro trabalho desenvolvido anteriormente, quando da conclusão do curso de especialização, no qual foram utilizadas vivências musicoterápicas. Da época ficaram alguns questionamentos sobre como seguiram suas histórias e constituíram suas identidades? Qual o significado de ter vivido um tempo na instituição? Até que ponto pode-se considerar a instituição como elemento identitário

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO-
PUC/SP



Continuação do Parecer: 1.681.850

central? Todos se sentem ex-institucionalizados, da mesma forma? Pretende-se com esse estudo não só identificar e compreender os sentidos desvelados no conteúdo das narrativas, como também oferecer material para posteriores estudos.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo principal

- Estudar, entender e compreender a constituição identitária destes jovens que viveram em acolhimento institucional à luz do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação, se configura nossa principal ação. Queremos identificar como se apresentam e representam suas realidades sociais (objetividade) inter-relacionadas a subjetividade de suas particularidades e suas possibilidades (como potencial) de emancipação.

Objetivo Secundário:

Objetivos secundários - O ser humano compreende a si mesmo e o seu significado no mundo, através de seu contexto histórico. Ele vai construindo este significado por meio das relações que desenvolve com o ambiente sócio histórico cultural. As interrelações estabelecidas constituem tudo o que ele vai representando e se desvela em seus múltiplos papéis encenados nas suas histórias. Levando em conta o tempo histórico e cronológico decorrido, queremos entender e compreender como estes jovens captam este processo do tempo e temporalidade como possibilidades de revelar algo novo e importante em suas histórias. Identificar e compreender o sentido que atribuíram às políticas de identidade reveladas pela memória (na sua dimensão-tempo/temporalidade) referentes à exclusão social, ao abandono, às ausências, à negligência vividas e frente às ideologias como exinstitucionalizados. Queremos observar se as políticas de identidade reveladas na ideologia da instituição interferiram na construção e reconstrução de suas identidades e se o tempo e a temporalidade podem caracterizar-se como processo para o desvelar da identidade-metamorfose. Pretendemos compreender a realidade social que se descortinou neste contexto histórico e se esta foi produtora de fetichismo e/ou alterização.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estão de acordo com a Resolução Nacional de Ética em Pesquisa vigente, a saber, res. CNS/MS nº 466/2012 e também, a resolução específica das áreas de Ciências Humanas e Sociais, a saber, res. CNS/MS nº 510/2016.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@puccsp.br



Continuação do Parecer: 1.681.850

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_735599.pdf	15/06/2016 13:05:12		Aceito
Outros	Parecer_2.pdf	15/06/2016 12:46:02	Maristela Sousa e Freitas	Aceito
Outros	Parecer_1.pdf	15/06/2016 12:45:27	Maristela Sousa e Freitas	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	15/06/2016 12:41:02	Maristela Sousa e Freitas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	FORMULARIO_PARA_OBTENCAO_DO_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.docx	15/06/2016 09:57:16	Maristela Sousa e Freitas	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_O_Processo_de_Identidade_de_Jovens_que_viveram_em_Abrigo.docx	10/06/2016 16:53:48	Maristela Sousa e Freitas	Aceito
Outros	oficio_de_apresentacao.docx	10/06/2016 16:48:48	Maristela Sousa e Freitas	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 16 de Agosto de 2016

Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@puccsp.br

ANEXO D - FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO ÉTICO

Este formulário de consentimento tem por objetivo informar-lhe sobre o que se trata a pesquisa, bem como, a partir de seu entendimento, obter a sua autorização explícita para realizá-la. Espera-se, através deste, possibilitar-lhe uma ideia básica sobre a pesquisa e o que a sua participação envolverá.

Se você desejar obter mais detalhes sobre algo mencionado, ou informações não incluídas, sinta-se à vontade para perguntar. Por favor, leia cuidadosamente este formulário e as informações aqui contidas.

Tema do projeto de Pesquisa

“O Processo de Identidade de Jovens que viveram em Abrigo”

Pesquisadora

Maristela Sousa e Freitas, mestranda do programa de Pós-graduação em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, portadora do CPF 063.074.848-96 e RG 13.980.419-5, estabelecida profissionalmente na Rua Ministro de Godói, 696 Bloco A sala 4E-10, CEP 05015-901, na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é 11 3670-8520 (institucional).

Objetivos da Pesquisa

Compreender, através de uma reflexão crítica na perspectiva da Psicologia Social, a trajetória de crianças e adolescentes que viveram acolhidas institucionalmente em abrigo de uma ONG em parceria com a Prefeitura de São Paulo e identificar como se constitui a identidade-metamorfose-emancipação, configurada como um sintagma, na teoria desenvolvida por Ciampa, e compreender o tempo e a temporalidade no “processo” do movimento de metamorfose.

Recrutamento e Seleção dos participantes

Foram escolhidos por acessibilidade quatro jovens, hoje adultos, entre aquelas crianças e adolescentes que experienciaram, as vivências musicoterápicas por mim desenvolvidas no ano 2000. Por lidarmos na ocasião, com faixas etárias distintas e com necessidades e características específicas de cada faixa etária, avaliamos para este estudo recolher entre eles, representantes das faixas etárias distintas (Crianças e Adolescentes), bem como a questão de gênero.

Procedimento

Pretende-se realizar aproximadamente 3 entrevistas de história de vida com cada um dos participantes. Estima-se a duração de cada entrevista de até 2 horas. Serão gravadas para permitir um registro mais preciso das informações e posteriormente transcritas.

Aspectos Éticos

Em relação aos aspectos éticos é importante ressaltar que o foco do presente estudo é a história de vida, portanto, só serão apresentados casos, cuja autorização prévia seja obtida.

Pretendemos que sua participação possa contribuir para o esclarecimento sobre as conquistas provenientes das políticas identitárias voltadas a jovens que vivem em abrigo social, independente do tempo que por lá permaneçam ou permaneceram. Terão liberdade de decisão sobre participação no estudo, assim como também lhes será garantido o anonimato.

Necessito de sua permissão para a realização das entrevistas que terão como foco sua história de vida, ou seja, será pedido que narre sobre sua vida, reconstruindo os acontecimentos que consideram significativos.

Risco ou desconforto

A sua participação é voluntária e a pesquisa não determina qualquer risco. Por se tratar de entrevista de história de vida, caso o participante se sinta, em algum momento, solicitar a interrupção da entrevista ou até mesmo, o encerramento de sua participação na pesquisa.

Sigilo

Os nomes dos participantes serão mantidos em absoluto sigilo. As informações que possibilitam identificar o depoente serão retiradas na transcrição. Informo que você tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas ou reposicionamentos quanto a sua narrativa. Após a transcrição as narrativas gravadas serão apagadas.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para a pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a sua identificação.

Despesas ou compensações

Não haverá despesas ou compensações pessoais para o (a) participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento de pesquisa.

Consentimento

A sua assinatura neste formulário indica que você leu e entendeu as informações contidas, que você concorda em participar da pesquisa e ser entrevistado. Você é livre para se recusar a responder a itens específicos ou

questões durante a entrevista. Você é livre para desistir de ser participante do estudo em qualquer momento sem nenhuma penalidade. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre o caráter ético desta pesquisa, por favor, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, situado no Campus Monte Alegre, andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, sala 63-C, Rua Ministro Godói, 969, Perdizes – SP, CEP 05015-001 – Tel./FAX 11 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br e meus contatos: 11 99221-3154 e e-mail: maristela.soufreitas@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito do estudo que tem por título: “O Processo de Identidade de Jovens que viveram em Abrigo”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas ou compensações financeiras e que tenho a garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do (a) Informante

Nome:

Endereço:

RG:

Fone:

_____ Data ____/____/____

Assinatura da pesquisadora/Testemunha